

Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**O contributo do kimbundu no português em Angola
(aspetos lexicais)**

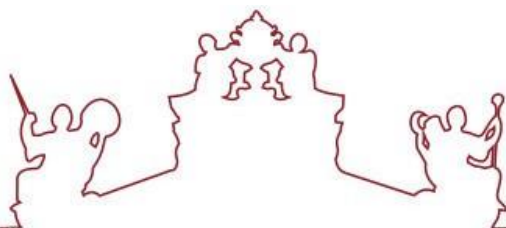
Victoriano Armindo

Orientador(es) / Alexandre Mavungo Chicuna
Maria do Céu Brás da Fonseca
Olga Maria Tabaco Pereira Mateus Baptista Gonçalves

Évora 2020

Esta tese de doutoramento não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.





Universidade de Évora - Instituto de Investigação e Formação Avançada

Programa de Doutoramento em Linguística

Tese de Doutoramento

**O contributo do kimbundu no português em Angola
(aspetos lexicais)**

Victoriano Armindo

Orientador(es) / Alexandre Mavungo Chicuna

Maria do Céu Brás da Fonseca

Olga Maria Tabaco Pereira Mateus Baptista Gonçalves

Évora 2020

Esta tese de doutoramento não inclui as críticas e as sugestões feitas pelo júri.



AGRADECIMENTO

A concretização do presente trabalho representa o apogeu do nosso percurso académico pela Universidade de Évora, apesar de constituir a consolidação, em parte, do resultado das aprendizagens anteriores.

Em primeiro lugar, cabe-nos o dever de manifestar o nosso agradecimento ao poderoso Deus, pelas insondáveis bênçãos que nos tem derramado, exaltado seja o seu santo nome.

À Prof^a doutora Maria do Céu Fonseca, manifestamos o mais profundo reconhecimento pela paciência, zelo e dedicação com que sempre nos tratou, desde os nossos primeiros momentos na Universidade de Évora; essa forma inegável, com que nos tratou, constitui, sem dúvida, em nós, uma marca indestrutível. Agradecemos, ainda, pela orientação; apesar de inúmeras peripécias que nos surgiram, durante a nossa formação, nunca deixou de dar seu incentivo e apoio, mesmo quando o desânimo nos assaltou.

À Prof^a doutora Olga Gonçalves e ao Prof^o doutor Alexandre Chicuna, um agradecimento especial, pela coorientação, pelas sugestões, pela paciência e incentivos.

A todos os professores Curso do doutoramento em linguística da Universidade de Évora, com particular realce às Prof^{as} doutoras Ana Alexandra da Silva e Maria João Marçalo, pelo incentivo.

Aos Drs. Afonso Miguel, Agnaldo Jaca e Timóteo Muhongo, pela consideração, amizade e pelo apoio incondicional, um agradecimento especial.

À minha família, aos meus correligionários, à família Mota, em Estremoz, aos irmãos Pedro Conceição, Jetro Lima e Hiltom Castro, em Montijo, pela generosidade em pôr um dos apartamentos da congregação cristã, sito na rua Neves Ferreira/ Lisboa, à nossa inteira disposição.

Ao Ministério do Ensino Superior por nos ter confiado a nobre missão de frequentar esta formação em Portugal, ao Instituto Superior de Ciências da Educação e outras entidades, sem cuja contribuição e apoio não nos seria possível a conclusão deste sonho.

Ao Dr. Ferreira Manuel Fragoso, pela consideração e apoio irrefragável, expressamos os mais sinceros agradecimentos.

Finalmente pela bolsa que nos foi disponibilizada pelo Instituto de Gestão de Bolsas de Estudos (INAGBE); sem esta ajuda financeira não nos seria possível superar as diversas barreiras surgidas ao longo da nossa formação, sobretudo, num momento de extrema crise económica e financeira.

RESUMO

O presente trabalho resulta de uma pesquisa sobre o contributo do kimbundu no português em Angola. Considerando que o kimbundu coabita com a língua portuguesa há séculos, procurou-se verificar por via historiográfica e linguística, como esse contacto permanente entre uma língua latina com as línguas bantu, particularmente com o kimbundu, deu origem a uma variante do português em Angola diferente da norma europeia.

Ao longo da coabitação entre o português e as línguas bantu, em Angola, a língua portuguesa incorporou alguns empréstimos dessas línguas, por um lado, e, por outro lado, as línguas bantu, sobretudo o kimbundu adaptou muitos lexemas portugueses como forma de estabelecer equivalências lexicais e designar novas realidades. Acresce que essas adaptações deram origem a várias alterações e mudanças ao nível fonológico, morfológico, lexical e sintático.

Sabe-se que por meio da língua os seres humanos estão em constante interação. Assim, na medida em que convivem, surgem diversos interesses entre si, comerciais, culturais, religiosos políticos e sociais (casamento). Desta forma, os sistemas linguísticos de cada comunidade em interação são, por um lado, afetados por elementos estranhos da língua em contacto, e por outro lado, ganham novas palavras que podem de certa forma enriquecer as suas estruturas lexicais. Reiteramos que o veloz desenvolvimento tecnológico das sociedades, hoje, obriga as línguas a uma adequação do seu léxico, criando novas palavras ou adaptando-as a novos significados de acordo com a sua realidade. Verificou-se que a língua portuguesa ao longo da sua existência tem sofrido muitas alterações ou mudanças que visam enriquecer o seu léxico. Durante a convivência com as línguas bantu, os dois sistemas linguísticos têm interagido reciprocamente, incorporando unidades lexicais de uma língua para outra.

ABSTRACT

Kimbundu contribution to Angolan Portuguese (lexical aspects)

The present dissertation focuses on the contribution of Kimbundu to the Portuguese language in Angola. Considering that Kimbundu has cohabited with the Portuguese language for centuries, the research carried out aims at verifying, by means of historiography and linguistics, how this longstanding contact between a Latin and Bantu languages, especially Kimbundu, gave origin to a variant of Portuguese in Angola, which differs from the Standard European Portuguese language.

The cohabitation between Portuguese and the Bantu languages, in Angola, has allowed the former to incorporate some loan words from the latter; the Bantu languages, especially Kimbundu, have adapted many Portuguese words as a way of establishing lexical equivalences and of naming new realities. Furthermore, such adaptations originated several phonological, morphological, lexical and syntactic changes.

Language plays an important role in social interaction, in its many facets: commercial, cultural, religious, political. The linguistic systems involved in this process are, therefore, affected by elements proper of the languages in contact, gaining new words that somehow may enrich their lexical structures.

The rapid technological development of societies today makes languages to adapt their lexicon, through the creation of new words or of their adaptation to new meanings according to the reality in which they evolve. The Portuguese language throughout its existence has undergone many lexical changes. During the coexistence with the Bantu languages, the two linguistic systems have interacted with each other, incorporating lexical units from one another.

ÍNDICE

AGRADECIMENTO	I
RESUMO.....	III
ABSTRACT	IV
LISTA DE ABREVIATURAS.....	XIII
INTRODUÇÃO	1
0.1. Enquadramento de Conceitos-chave	5
0.2. Contacto de línguas	5
0.3. Linguística contrastiva e Linguística comparada	9
0.4. Norma linguística	11
0.5. Léxico	13
0.5.1. Lexicologia	14
CAPÍTULO I.....	16
KIMBUNDU, UMA DAS LÍNGUAS BANTU DE ANGOLA.....	16
SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE ANGOLA	17
1.1. Densidade populacional de Angola	17
1.2. Famílias linguísticas e sua caracterização	18
1.3. Situação Linguística Angolana.....	19
1.4. Classificação genética das línguas bantu.....	21
1.5. Famílias de línguas africanas.....	24
1.5.1. Origem, extensão e localização das línguas bantu	25
1.5.2. Classificação das línguas bantu	28
1.5.3. Línguas bantu e não bantu em Angola	29
1.6. Breve história do kimbundu, sua localização e extensão geográfica.....	32
1.6.1. Usos e costumes.....	34
1.6.2. Situação geolinguística e demográfica dos kimbundu.....	35
1.6.3. Classes nominais do kimbundu ou prefixos concordantes	37
1.6.4. Inexistência do artigo em kimbundu	46
1.6.5. Posição dos interrogativos em kimbundu.....	47
1.6.7. Uso do pronome demonstrativo em kimbundu	50
1.6.8. Uso do pronome pessoal em Kimbundu.....	50
1.7. Convergência fonética e fonológica em Kimbundu	51
1.8. Os Verbos do Kimbundu	53
1.8.1. Tema.....	53
1.8.2. Flexão Verbal em kimbundu	54
1.8.3. Os Modos verbais	57
1.8.4. Tempos Verbais.....	58
1.8.5. Influência dos verbos kimbundu no português em Angola	65
1.9. Sintagma nominal em kimbundu.....	68
CAPÍTULO II.....	72
O CONTACTO DE LÍNGUAS: KIMBUNDU E PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA.....	72
2.1. Interação Linguística	73

2.2. A chegada dos primeiros portugueses ao reino do Congo e o contacto com os ambundu	73
2.3. Breve sumário historiográfico	77
2.3.1. O catecismo no contexto da difusão das línguas	81
2.3.2. Línguas bantu no Brasil	90
2.4. Vestígios do kimbundu no português brasileiro	97
2.5. Línguas bantu em contacto com o português em Angola.....	102
2.5.1. Distribuição de Línguas Bantu em Angola.....	102
2.5.2. Marcas de português na oralidade do kimbundu (fenómeno de kimbundu-guês)	104
2.5.3. Marcas morfológicas do português no kimbundu	105
2.5.4. Marcas sintáticas.....	107
2.5.5. Marcas fonéticas e fonológicas.....	107
2.5.6. Marcas lexicais	109
CAPÍTULO III.....	111
O PORTUGUÊS EM ANGOLA: ASPETOS MORFOSSINTÁTICOS E LEXICAIS.....	111
3.1. Breve resenha histórica sobre o português em Angola.....	112
3.2. O português no período colonial	114
3.3. Peculiaridades do Português em Angola (marcas das línguas bantu na oralidade do português).....	116
3.3.1. Nível morfofossintático	120
3.3.2. Ausência de marcação de número no núcleo de sintagma	122
3.3.3 Substituição dos possessivos por preposição “de” mais o pronome pessoal “ele”	125
3.4. Nível Sintático	126
3.4.1. Substituição dos pronomes clíticos de objeto direto por pronomes pessoais ...	126
3.4.2. Substituição do pronome clítico de objeto direto por pronome complemento indireto.....	127
3.4.3. O emprego da preposição	129
3.5. Formas de tratamento	130
3.6. Nível lexical.....	131
3.6.1. Vocábulo kimbundu no Português (kimbundismo)	133
3.6.2. Topónimos Bantu (kimbundu) na Administração Pública	134
3.7. Estrutura morfológica dos nomes: classificação dos morfemas	141
3.7.1. Formação de palavras e processo de enriquecimento do léxico	143
3.7.2. Dimensões neológicas	145
CAPÍTULO IV.....	150
ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS	150
4.1. O ensino do português como L2.....	152
4.1.1. Percurso metodológico	155
Inquérito Linguístico	156
4.2. Nacionalização da língua portuguesa em Angola: um facto necessário	172
CONCLUSÃO.....	175

BIBLIOGRAFIA	179
ANEXOS	191
Anexo – A.....	192
Anexo – B.....	205
Anexo – C.....	236

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura nº 1: Mapa de principais línguas africanas	25
Figura nº 2: Mapa de espaço geográfico das línguas Congo-cordofanianas	28
Figura nº 3: Mapa de classificação e distribuição das línguas bantu por zonas	29
Figura nº 4: Mapa de distribuição de grupos linguísticos africanos no Brasil	91

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro nº 1: Habitantes por províncias.....	17
Quadro nº 2: Algumas línguas de família bantu.....	19
Quadro nº 3: Línguas aparentadas.....	21
Quadro nº 4: Representação das consoantes e alterações dos fonemas.....	22
Quadro nº 5: Povos de Angola e suas respetivas línguas.....	30
Quadro nº 6: extensão do kimbundu por províncias.....	37
Quadro nº 7: Classes nominais do kimbundu.....	38
Quadro nº 8: Relação de oposição entre as classes 1ª e a classe 2ª.....	38
Quadro nº 9: Relação de oposição entre classes.....	39
Quadro nº 10: Diversos nomes.....	39
Quadro nº 11: Prefixos concordantes ou dependentes.....	41
Quadro nº 12: palavras monoclasses.....	42
Quadro nº 13: classes nominais do singular.....	43
Quadro nº 14: Classes nominais do plural.....	44
Quadro nº 15: Classe 15ª ku- como prefixo que se associa apenas aos lexemas verbais.....	45
Quadro nº 16: Prefixos que veiculam uma noção de superfície, de contacto e de aproximação.....	45
Quadro nº 17: Pronomes interrogativos.....	48
Quadro nº 18: Pronomes interrogativos.....	48
Quadro nº 19: Frases interrogativas.....	49
Quadro nº 20: Pronomes demonstrativos.....	50
Quadro nº 21: Grau de abertura e ponto de articulação das vogais.....	52
Quadro nº 22: Representação fonética dos sons consonânticos Kimbundu.....	52
Quadro nº 23: Representação das cinco conjugações em Kimbundu.....	53
Quadro nº 24: Vogais temáticas e radicais.....	56
Quadro nº 25: Pronominalização recíproca.....	66
Quadro nº 26: Verbos reflexos kimbundu.....	67
Quadro nº 27: Distribuição de línguas bantu por províncias.....	103
Quadro nº 28: Marcas de português na oralidade do kimbundu.....	105
Quadro nº 29: Marcas sintáticas do português no Kimbundu.....	107
Quadro nº 30: Traços fónicos portugueses.....	108
Quadro nº 31: Lexemas portugueses adaptados em kimbundu.....	109
Quadro nº 32: Perda de consonantização, dando lugar a vocalização.....	137
Quadro nº 33: Desnasalização do grupo consonântico pré-nasal.....	137
Quadro nº 34: Duplicação de /s/ intervocálico.....	138
Quadro nº 35: Pluralização dos topónimos e gentílicos bantu ao serem incorporados na língua portuguesa.....	138
Quadro nº 36: Uso de /g/ intervocálico ao invés de /j/ em conformidade com a grafia.....	140
Quadro nº 37: Morfemas flexionais ou gramaticais.....	142
Quadro nº 38: Topónimos prefixados.....	142

Quadro nº 39: Composição de palavras em kimbundu.....	144
---	-----

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela nº 1: População (universo)	159
Tabela nº 2: Frequência / Cuanza Norte	159
Tabela nº 3: Frequência / Luanda	159
Tabela nº 4: Frequência / Malanje	160
Tabela nº 5: Frases interrogativas	160
Tabela nº 6: Tempos verbais.....	161
Tabela nº 7: Regência preposicional.....	163
Tabela nº 8: Uso de pronome.....	164
Tabela nº 9: Grafia do léxico bantu (topónimos).....	165
Tabela nº 10: Línguas maternas dos inquiridos	166
Tabela nº 11: Resultados de dados por género	166
Tabela nº 12: Dados linguísticos da província de Cuanza-Norte	167
Tabela nº 13: Dados linguísticos da província de Luanda.....	167
Tabela nº 14: Dados linguísticos da província de Malanje.....	168
Tabela nº 15: Dados por género, província de Cuanza-Norte	169
Tabela nº 16: Dados por género, província de Luanda.....	170
Tabela nº 17: Dados por género, província de Malanje.....	170

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico nº 1: Dados lingüísticos de Cuanza-Norte.....	167
Gráfico nº 2: Dados Linguísticos de Luanda.....	168
Gráfico nº 3: Dados Linguísticos de Malanje.....	169
Gráfico nº 4: Dados por género, província de Cuanza-Norte.....	169
Gráfico nº 5: Dados por género, província de Luanda.....	170
Gráfico nº 6: Dados por género, província de Malanje.....	170

LISTA DE ABREVIATURAS

D- Determinante

F- Frase

LC- Linguística contrastiva

L1- Língua primeira/materna

L 2- Língua segunda

N- Nome

PE- Português europeu

PB- Português brasileiro

PVA- Português da variante angolana

S- Sintagma

SN- Sintagma nominal

SV- Sintagma verbal

SP- Sintagma preposicional

SADJ- Sintagma adjetival

V- Verbo

P- Preposição

ADJ- Adjetivo

INTRODUÇÃO

Esta tese apresenta um pendor contrastivo, na medida em que versa a coabitação entre línguas, nomeadamente o contacto entre o português e o kimbundu em Angola.

O presente trabalho visa dar também um contributo para os estudos lexicais, fazendo uma reflexão sobre alguns topónimos de línguas bantu de Angola, particularmente os de kimbundu que apresentam mais do que uma grafia. Atendendo à dimensão e à divisão administrativa e geográfica de Angola, esta diversidade ortográfica de topónimos nem sempre reflete e interpreta corretamente o verdadeiro significado, bem como os seus aspetos históricos, etnolinguísticos e socioculturais.

A escolha do tema resulta, por um lado, da necessidade de analisar o contributo do kimbundu no português em Angola e, por outro lado, do interesse das diversas grafias toponímicas e das dificuldades na sua escrita, quer no contexto político-administrativo, quer no âmbito académico.

Pretende-se também apresentar uma vertente historiográfica das línguas, isto é, uma abordagem virada para a expansão linguística por meio da evangelização cristã. É ainda nossa pretensão contribuir para a formação de uma norma do português angolano, que venha demarcar a fronteira entre a norma padrão europeia e a angolana, sobretudo no que diz respeito aos campos do léxico, da morfossintaxe e da fonética.

Na verdade, o nosso intuito é apresentar uma reflexão sobre a influência do kimbundu no português em Angola, partindo do pressuposto de que, apesar de existirem várias línguas em Angola, o kimbundu é, ainda, a língua que mais empréstimos fornece à língua portuguesa. Atendendo ao contexto histórico angolano, o kimbundu desde cedo conviveu com o português.

A coabitação entre o português, língua neolatina, e as variadíssimas línguas angolanas de origem bantu, produziu uma variedade linguística do português com traços que o diferenciam das demais normas do português, europeu, brasileiro, moçambicano e de outros países africanos de expressão portuguesa.

Assim, destacaremos alguns fenómenos linguísticos relevantes, nomeadamente o bantuísmo, kimbundismo, kimbunduguês e portuguesismos. Denominamos por bantuísmo o fenómeno de incorporação lexical das línguas bantu na língua portuguesa, de que um epifenómeno é o kimbundismo (léxico do kimbundu presente no sistema

linguístico da variante do português de Angola). Ao fenómeno inverso, isto é, conjunto de todas as unidades lexicais de línguas neolatinas incorporadas nas línguas bantu, chamamos portuguesismos. Kimbunduguês¹ consiste na construção frásica híbrida, isto é, frases constituídas por elementos do kimbundu e do português.

Como sustenta Miguel (2003: 22), a situação linguística de Angola caracteriza-se por um acentuado multilinguismo e, na maior parte dos casos, a língua materna não é a língua oficial, mas uma língua nacional. Convictos desta situação, partimos do pressuposto de que o português falado em Angola não resulta somente de kimbundismos, embora o nosso trabalho foque apenas o kimbundu, língua que mais contacto teve com o português por razões que veremos adiante.

Quanto ao problema linguístico em Angola, Jean-Pierre Chavagne (2005: 20) sustenta o seguinte: “outre ces langues, l’espagnol a également été langue de superstrat en Angola de 1976 à 1990 avec la présence de nombreux Cubains, ainsi que le créole capverdien pendant la période coloniale”. De facto, o espanhol foi língua de comunicação sobretudo no seio das forças armadas, cujo forte contingente militar cubano deu origem a uma variedade de portunhol.

Procuramos identificar diversos aspetos do português que, por se diferenciarem ou se assemelharem aos do kimbundu, causam dificuldades aos falantes do português em Angola. Assim sendo, a nossa pretensão é abrir caminho para o estudo das demais línguas de Angola e analisar o seu contributo em situação de coabitação com o português.

Atendendo aos aspetos acima, formulamos as seguintes questões:

- Que contributo a língua kimbundu tem dado ao português ao longo da sua coabitação?
- Que relações há entre as estruturas morfossintáticas de ambas as línguas?
- Que procedimentos se devem tomar para que a língua portuguesa seja ensinada na diversidade, atendendo às particularidades linguísticas de cada país que a tem como um património cultural?

Dada a profundidade de investigação, recorreremos a diversos estudos, com particular realce para os relativos a línguas bantu de Angola. Por um lado, recenseámos algumas obras sobre a língua kimbundu, nomeadamente: Costa (2006), Chicuna (2015), Fernandes e Ntondo (2002), Kukanda, V. (1988), Lopes (1961), Maia (1957), Mingas (2000), Miguel (2003) e Pedro (1987).

¹ Kimbunduguês é um neologismo criado por nós para designar as frases híbridas, conforme a definição acima.

Por outro lado, recorreremos, ainda, a diferentes autores que têm apresentado diversas temáticas relacionadas com a interação linguística, a ciência do léxico e os aspetos funcionais da língua, com maior destaque para as linguistas Dulce Pereira (1996), que se debruça sobre o crioulo e o português em Cabo Verde e Perpétua Gonçalves (2013), que se centra na interação das línguas bantu com a língua portuguesa em Moçambique.

Conforme sublinhámos, o português em Angola assume características próprias em função do seu contexto geolinguístico. As constantes interferências das línguas bantu, sobretudo as do kimbundu, motivaram-nos a investigar os fenómenos linguísticos que ocorrem nessa parcela territorial. Propomos, como objetivo geral do trabalho, demonstrar e fundamentar as vantagens e desvantagens da coabitação linguística do português e do kimbundu. Quanto aos objetivos específicos, traçámos os seguintes:

- Diferenciar o português, língua neolatina, do kimbundu, língua angolana de origem bantu, para o estudo da sua relação.
- Caracterizar aspetos das estruturas morfossintáticas do português e Kimbundu que dão origem a fenómenos de kimbunduguês.
- Identificar bantuísmos, kimbundismos e portuguesismos.
- Apresentar propostas para um ensino / aprendizagem do português na diversidade, atendendo ao meio e ao espaço geolinguístico.

Tendo em conta a dimensão geográfica do Kimbundu e sem pretender esgotar a investigação, restringimos o nosso estudo apenas a três províncias, nomeadamente Luanda, Cuanza-Norte e Malanje. O êxodo migratório causou maior concentração populacional em Luanda do que noutras regiões linguísticas do kimbundu. Não seria possível analisar todos os aspetos linguísticos que de forma direta ou indireta influenciam o funcionamento da língua portuguesa em Angola, cujo plurilinguismo justifica a necessária compartimentação de todas as investigações.

De acordo com os objetivos preconizados, apresentamos as seguintes hipóteses:

- Existência do léxico kimbundu no português em Angola.
- Os elementos que compõem as estruturas morfossintáticas de ambas as línguas são totalmente diferentes. Por exemplo, no que tange à estrutura dos verbos, já podemos notar esta dissemelhança. A característica do infinitivo dos verbos portugueses é marcada por “r” final; em kimbundu, a característica do infinitivo é marcada pelo prefixo “ku”.
- Interferência do kimbundu no português em Angola.

Quanto ao procedimento metodológico, efetuámos um levantamento de alguns dados linguísticos em Mingas (2000), Miguel (2003) e Pedro (1987) que demonstram influência do kimbundu no português em Angola; organizámos um conjunto de dados do registo escrito e oral, nomeadamente inquérito linguístico e registos de nascimentos de onde extraímos topónimos, antropónimos, kimbunduguês, bantucismos e romancismos.

Quanto à estrutura, o trabalho está organizado em quatro capítulos. No primeiro capítulo, destacamos a origem da língua kimbundu, uma das línguas nativas de Angola. Ainda no mesmo capítulo, abordamos a situação geográfica de Angola e seu contexto sociolinguístico e administrativo. No segundo capítulo, apresentamos uma perspetiva sobre línguas em contacto, particularmente o convívio do kimbundu com o português em Angola, desde a chegada dos primeiros portugueses ao reino do Congo, em 1482, até à sua fixação.

No que concerne ao terceiro capítulo, ocupamo-nos do português em Angola, sua expansão, evolução e características linguísticas, fruto da coabitação com línguas bantu e particularmente com o kimbundu. Ainda neste capítulo analisamos o contributo do kimbundu no léxico do português em Angola. Focamos a nossa atenção nos topónimos, antropónimos, gentílicos ou adjetivos pátrios bantu, no seu uso e contribuição para a evolução lexical da língua portuguesa em Angola. Apresentamos elementos sobre o fenómeno de bantuísmo nas línguas europeias, que sofre grande descaso.

Finalmente, no quarto capítulo apresentamos a análise e o tratamento de dados, o percurso metodológico, bem como propostas didático-metodológicas.

0.1. Enquadramento de Conceitos-chave

Os conceitos-chave servem como pressupostos básicos, constituem um conjunto de princípios relacionados ao objecto de estudo.

Parafraseando Marconi e Lakatos (2010: 99), os conceitos ou marcos teóricos englobam tanto as observações científicas, quanto um quadro de referência teórica conhecido. Na mesma perspetiva, Marconi e Lakatos (2010: 106), baseando-se em Kaplan (1975: 302), definem teoria como “um meio para se interpretar, criticar e unificar leis estabelecidas, modificando-as para se adequarem a dados não previstos quando de sua formulação e para orientar a tarefa de descobrir generalizações novas e mais amplas”.

Como é sabido, cada ciência estuda determinados aspetos da realidade. Assim sendo, é necessário que se reúnam alguns pressupostos teóricos que expressem os fenómenos de cada área do saber. Para o estudo do tema a que os propusemos apresentar, reunimos um conjunto de conceitos fundamentais no âmbito da nossa temática.

0.2. Contacto de línguas

A existência de milhares de línguas no mundo explica o contacto entre as mesmas. As investigações levadas a cabo por Calvet (2002: 35) mostram existirem na superfície do globo entre 4000 a 5000 línguas diferentes e cerca de 150 países, teoricamente cada um com cerca de 30 línguas. Moreno Cabrera (2004: 16-17) afirma que no mundo existe um total de 6.809 línguas distribuídas da seguinte forma: América, 1.013; África, 2.058; Europa, 230; Ásia, 2.197 e Pacífico, 1.311 línguas². Como se pode observar, este plurilinguismo faz com que as línguas estejam em constantes contactos.

Baily e Sechehaye (2009: 255) afirmam:

Lo que sorprende ante todo en el estudio de las lenguas es su diversidad, las diferencias lingüísticas que aparecen cuando se pasa de una región a otra, o incluso de un distrito a otro. Si las divergencias en el tiempo escapan a menudo al observador, las divergencias en el espacio saltan inmediatamente a la vista; los mismos salvajes las captan gracias a los contactos con otras tribus que hablan otra lengua. Incluso es mediante estas comparaciones como un pueblo toma conciencia de su idioma.

² A este respeito, veja-se também o site *Ethnologue: languages of the world*, <http://www.ethnologue.com>, consultado em 2019.

Segundo Garmadi (1983: 141), é difícil evitar a interferência entre sistemas muito diferentes um do outro, entre sistemas aparentados ou entre variedades de um mesmo sistema. Quando há sistemas linguísticos em contacto, a interferência pode dar-se a todos os níveis: tanto ao nível débil da estrutura que é o léxico como ao nível gramatical, em que a sintaxe estará tão implicada como os inventários de formas e em que a sua estreita estruturação já não protegerá o nível fonológico.

Reguera (1999: 2) afirma:

O contacto de línguas tem-se dado em inúmeras ocasiões ao longo da história, desde o instante em que um povo invadiu ou dominou outro impondo a nação submetida o seu idioma. Já estes fenómenos ocorreram quando o latim começa a ser falado nas províncias do Império Romano por pessoas que empregavam inicialmente os falares locais, pessoas que aprendem a língua do Império ensinada muitas vezes por quem, além disso, falavam uma variante não culta do latim. O resultado foi a deformação dos idiomas locais e o seu posterior desaparecimento, e a deformação do latim, contribuindo para o surgimento das actuais línguas neolatinas.

O contacto entre as línguas constitui um veículo para o desenvolvimento do léxico das línguas. A título de exemplo, destacamos a língua portuguesa que ao longo da sua história entrou em contacto com outras línguas de diferentes grupos linguísticos, registando-se um desenvolvimento e enriquecimento do seu léxico, bem como o surgimento de novas línguas, os crioulos.

Segundo Mota (1996: 509), “para que haja contacto, são necessárias pelo menos duas línguas, uma língua e um dialecto ou dois dialectos em presença”. Na mesma perspectiva, a autora (1996: 513) diz que “o contacto deixa, sem dúvida, marcas em ambas as gramáticas”.

Para Calvet (2002: 55), o contacto entre uma língua nativa e uma língua estrangeira permite a criação de outras línguas. Essa língua nova é um crioulo, possuindo um vocabulário e uma estrutura fonética e gramatical própria. É uma língua de formação rápida que nasce da necessidade de comunicação plena entre falantes de comunidade plurilingues.

Parafraseando Mota (1996: 524), o contacto de línguas provoca diversos problemas linguísticos, como a morte de línguas e a criação de novas línguas. Essas novas línguas são os pidgins e crioulos. Como afirma a autora (1996: 24), “essas novas línguas – pidgins e crioulos – têm, de facto, sido objeto de estudo desde o século passado e estão na base da criação de um novo ramo de Linguística, a Crioulização”.

Assim, o crioulo é uma língua que nasce da necessidade de comunicação entre falantes de comunidade plurilingues, ou seja, é a consequência da composição de elementos da língua nativa com os da metrópole, provocando diversas alterações nas

suas estruturas básicas fonológicas, morfológicas, lexicais e sintáticas. Como recentemente mostraram Cardoso, Tjerk Hagemeyer e Alexandre (2015: 670-692) a propósito dos crioulos de base lexical portuguesa.

Na perspectiva de Mota (1996: 525),

O crioulo, termo registado desde o século XVI deriva de uma extensão do significado do nome português cria (de criar); designava, originalmente, «animal criado em casa» tendo sido depois aplicado aos escravos nascidos e criados numa colónia da América, por oposição aos nascidos em África. Posteriormente, passou a denominar qualquer indivíduo mestiço nascido naquele tipo de sociedade (caracterizada pela existência de escravatura, diferentemente do que acontece com o enquadramento social que proporciona a ocorrência de pidgins).

Segundo John M. Lipski (2009: 13) “um pidgin é uma variedade reduzida duma língua, empregada entre falantes não nativos da língua alvo”. Assim, a autora apresenta alguns exemplos dos primeiros pidgins afro-lusitanos, numa dimensão fonética:

“Deus> dioso, senhor> sioro”.

Para Alan Baxter (1996: 535), “a palavra pidgin refere-se a um género especial de língua reduzida que se forma quando grupos de falantes de línguas diversas mantêm um contacto prolongado e precisam de comunicar dentro de um domínio restrito.”

Tarallo e Alkmin (*apud* Mota, 1996: 524)

O pidgin é um termo cuja origem é discutida: há quem defenda que vem do inglês business, com origem no pidgin Inglês falado no litoral da China; do Português ocupação (transformada em *pasang* pelos chineses) ou pequeno (transformado em *piken* pelos africanos); do Hebreu *pidjom* (troca, comércio), etc. A primeira atestação do termo data de 1850 e refere-se ao resultado do contacto entre Inglês e Chinês.

Os estudos levados a cabo pelos nossos precursores indicam que pidgin, apesar de o ser uma língua de comércio ou de um ambiente restrito, pode evoluir para uma língua nacional. Alan Baxter (1996: 535-536) fundamenta que “embora numa primeira fase o pidgin seja limitado a um determinado domínio – o comércio, por exemplo –, as condições sociais podem estendê-lo a outros domínios”. O autor dá o exemplo do *Tok Pisin*, um pidgin de base inglês da Nova Guiné, que passou a ser uma língua nacional do território.

Uma língua em contacto é sempre sujeita a diversas mudanças linguísticas lentas e imperceptíveis aos falantes. Neste contexto, Mota (1996: 510-511) assevera:

A mudança linguística é um fenómeno que afecta as línguas no seu porvir histórico. A mudança que ocorre em situações de contacto linguístico não se confunde com a mudança inerente a qualquer língua; trata-se de um processo do mesmo tipo mas com origem diferente e consequências diversas.

Em certas regiões africanas, nomeadamente Cabo Verde, Guiné-Bissau e São Tomé, o contacto do português com as populações indígenas gerou uma nova língua. Parafraseando Dulce Pereira (1996: 553), o contacto doméstico entre escravos e senhores terá propiciado a formação de uma pidginação do português, que posteriormente se transformou numa língua crioula.

No que concerne à coabitação do português, em Angola, com as demais línguas do ramo bantu, não há registo de crioulição, mas apenas de uma variante sociolinguística diferente; os empréstimos registados entre o português e as línguas bantu deram origem a um português da variante Angolana (PVA) diferente do PE.

Relativamente aos crioulos africanos, sobretudo o da Guiné Bissau, Hildo Honório do Couto (2009: 60) diz que “além do léxico, as maiores influências do crioulo no português se dão no nível semântico, que tem muito a ver com a visão de mundo diferente, e no fonético”.

Na perspectiva de Reguera (1999: 2), o crioulo resulta da má aprendizagem do idioma do colonizador pelo colonizado, isto é, o que realmente o nativo aprende é uma variante deste tão fluida pela sua fala nativa, que faz a língua do colonizador ficar totalmente desfigurada e alterada nas suas linhas estruturas fundamentais (ao nível da fonologia, morfologia, léxico e sintaxe).

Segundo Mota (1996: 511):

(convém lembrar que a maioria das línguas está exposta a influências exógenas – excepto se se tratar de casos de isolamento total, raros – por simples proximidade ou por interesse nomeadamente tecnológico e /ou cultural, podendo essa influência contribuir para pequenas mudanças estruturais; a maior parte das vezes, porém, essa influência limita-se ao léxico).

Não se pode confundir os pidgins dos crioulos, são nitidamente diferentes, apesar de ambas as línguas terem nascido num espaço de emergência para dar resposta às necessidades de momento. Mota (1996: 526) salienta:

Pidgins e crioulos constituem dois aspectos de mesmo processo linguístico, distinguindo-se, em termos muito gerais, pelo facto de um pidgin ser uma língua segunda enquanto um crioulo é uma língua primeira, ou seja, tem falantes nativos, é a língua que estes falantes melhor dominam; por outro lado, um crioulo é geneticamente um decente de um pidgin. A capacidade para cobrir todas as necessidades comunicativas é, por vezes, também evocada como um parâmetro a considerar, na distinção entre pidgins e crioulos.

Alan Baxter (1996: 541) afirma que “um crioulo é uma língua nativa que surge em circunstâncias especiais que conduzem à aquisição de uma primeira língua com base num modelo de segunda língua defectiva, tipo pré-pidgin ou pidgin”.

As condições que os escravos enfrentavam favoreceram o surgimento de uma língua mista fragmentada, tal como afirma Faria (1996: 31):

Todas as línguas estão sujeitas a variação interna e à subsequente mudança linguística. Uma grande parte delas tem transmissão directa, isto é, tem uma história genética «simples», com um progenitor bem determinado que lhe garante a filiação em dada família linguística (românica, germânica, etc.). Muitas outras línguas, porém, conhecem um percurso mais complexo, com vários progenitores que representam diferentes pesos na sua formação – diz-se, então, que são línguas de origem não-genética, línguas mistas.

0.3. Linguística contrastiva e Linguística comparada

Em torno da linguística, Bally e Sechehaye (1971: 24) chamam a atenção para diversos linguistas: Bopp e August Pott, cujas investigações etimológicas disponibilizaram uma soma considerável de materiais linguísticos; Kuhn, cujos trabalhos focaram simultaneamente a Linguística e a mitologia comparada; os indianistas Benfey e Aufrecht e, finalmente, entre os últimos representantes dessa escola comparativista, destacam-se Max Muller, G. Curtius e August Schleicher. Max Muller popularizou-se em brilhantes conferências (*Lições sobre a ciência da Linguagem, 1861 em inglês*); Curtius, filólogo distinto, conhecido sobretudo pelos seus princípios de etimologia Grega (1879), foi um dos primeiros a conciliar a gramática comparativa com a filologia clássica; finalmente, Schleicher foi quem primeiro tentou codificar os resultados das investigações de pormenor com o *Seu Compêndio de Gramática Comparada das Línguas indo-germânicas* (1861), livro que sistematizou, durante muito tempo, a investigação sobre linguística comparada iniciada por Bopp.

Como vimos acima, o ser humano sempre procurou entender os fenómenos que ocorrem nas diversas línguas existentes no mundo. Em face disso, os estudos linguísticos organizaram-se em diferentes ramos, como a linguística comparada ou histórica, linguística aplicada, etc., sendo esta última a que dá origem à linguística contrastiva ou diferencial, o objeto de análise neste trabalho.

A Linguística Contrastiva é uma subdisciplina da Linguística Aplicada, que parte do princípio de que é possível comparar duas ou mais línguas, ou seja, é uma disciplina que tem como objetivo contrastar sincronicamente dois ou mais sistemas linguísticos, descrevendo-os e analisando-os, para verificar as semelhanças e diferenças entre elas.

Segundo Costa (2006: 31), Análise Diferencial ou Linguística Contrastiva é a expressão de uma disciplina ligada ao problema do ensino e aprendizagem da língua segunda ou estrangeiras.

Para Vilela (1994: 10-11),

A análise contrastiva consiste na aproximação de duas ou mais línguas para as confrontar entre si e verificar as semelhanças e as diferenças; por isso surge actualmente a designação “análise confrontativa” em vez de “análise contrastiva”. As designações dadas a este ramo da linguística aplicada mostram as possíveis orientações dadas a este género de estudos: análise contrastiva, gramática contrastiva e linguística contrastiva.

A linguística contrastiva começou a ter relevância a partir das investigações levadas a cabo por Robert Lado, em 1957, com o objetivo de encontrar as diferenças e semelhanças existentes entre duas línguas e registar como os aprendizes tendem a transferir e distribuir as formas e significados da língua materna para a língua estrangeira. Essas investigações tinham como objetivo definir quais os elementos da língua estrangeira causavam dificuldades na aprendizagem e quais os que ofereciam facilidades atendendo à semelhança com a língua materna.

A Linguística Contrastiva serve para confrontar e comparar estruturas de línguas diferentes. Daí a designação de Análise Confrontativa, como afirma Vilela (1994: 123):

Ao fazermos o levantamento e descrição de formas e construções, ao identificarmos os conteúdos dessas formas temos a determinar a tipologia (de algumas) das línguas românicas mas tão-somente a determinar, quer as estruturas quer os seus possíveis conteúdos. Isto é, estamos a situar-nos apenas no domínio da linguística confrontativa.

Ainda, para o autor acima (1994: 13), “aprender ou ensinar uma língua têm muito a ver com «traduzir» e «contrastar/comparar» adequadamente”.

Tratando-se de um contraste, importa definir língua primeira (L1) e língua segunda (L2). A língua primeira pode ser considerada como língua materna, ou seja, a primeira que uma criança aprende: “Língua com a qual um falante entra em contacto na infância, e que adquire em ambiente natural” (*Dicionário Terminológico online*). Em certos casos, quando a criança é educada por pais que falem línguas diferentes, é possível adquirir simultaneamente, o domínio de duas línguas. A segunda língua (L2) refere-se a qualquer língua que é aprendida subsequentemente à LM: “Língua materna de uma comunidade que, sobretudo por razões de imigração ou de multilinguismo, é aprendida por outros falantes da mesma comunidade a um nível secundário em relação à sua primeira língua” (*Dicionário Terminológico online*). O termo *segunda* não se restringe apenas às línguas estrangeiras aprendidas em consequência de uma vivência no exterior, ou seja, no país onde aquela língua é língua primeira L1; L2 remete

genericamente a qualquer língua estrangeira, mesmo as que aprendemos por meio de educação formal em sala de aula. Pode-se definir aquisição de L2 como a forma pela qual as pessoas aprendem outras línguas que não a sua L1, dentro ou fora de sala de aula.

0.4. Norma linguística.

Para Ferdinand de Saussure (1916), o conceito de língua (*langue*) opõe-se ao conceito da fala ou discurso (*parole*). Segundo esse autor, a língua é um sistema de sinais posto à disposição da comunidade, mas ao mesmo tempo, exterior aos indivíduos tomados isoladamente, os quais não podem, por si, criá-lo ou modificá-lo. Sendo uma realidade de carácter social, pertence a cada falante, ou seja, é um meio que serve para manter o contacto entre os membros de uma comunidade. Partindo do ponto de vista saussuriano, segundo o qual a língua é um meio coletivo, a necessidade de se estabelecer regras para o seu bom funcionamento é imperativa. Aliás, como se diz, não há nenhuma sociedade que viva sem regras, e a língua, enquanto meio de socialização entre os seres humanos, deve observar certas normas para o seu bom funcionamento.

Socialmente, a norma abarca um grau de pragmatismo por aqueles que estão diretamente envolvidos na sociedade. Do ponto de vista linguístico, Coseriu (1979: 49) entende a norma como parte intermediária entre os conceitos saussurianos de *langue* e *parole*. Para ele é importante distinguir o que é simples ou normal e o que é oposicional, funcional ou sistemático.

Faraco (2005: 37-40) caracteriza a norma linguística como o uso rotineiro da língua nos diversos grupos sociais, isto é, cada grupo social tem a sua norma linguística, o que permite dizer que não existe apenas uma norma linguística, mas sim várias normas que caracterizam a diversidade de grupos sociais num determinado espaço territorial.

A norma é a variedade da língua usada oficialmente e ensinada nas escolas, ou seja, é a língua aceite convencionalmente com o objetivo de estabelecer um paradigma que possa ser entendido por todos os seus utentes. A norma serve como referência para evitar muitos desvios que podem deformar a língua, contudo, enquanto meio de socialização, as interferências linguísticas são inevitáveis; e ainda que se defina um padrão, será difícil criar uma norma perfeita.

Na mesma perspectiva, acrescenta Matoso (2003: 194), norma-padrão diz-se de nível de linguagem, nem baixa nem elevada, entre a cuidada e familiar. Aproxima-se de um certo ideal de correção “de bom uso”, impossível de determinar concretamente, mas que os falantes sentem intuitivamente. Deve sobrepor-se a regionalismos e estilos literários e preocupar-se com o cumprimento das regras definidas pelos gramáticos. É o nível de linguagem recomendado pela imprensa, em que a clareza tem prioridade sobre a beleza.

Lucchesi (1998: 18) diz:

A norma comporta dois conceitos distintos expressos pela língua por meio de duas derivações possíveis de substantivo norma, que resultam nos adjetivos “normal” e “normativo”. O normal será o habitual, o costumeiro, tradicional dentro de uma comunidade; o normativo, por seu turno, vai remeter para o sistema ideal de valores que, não raro, é imposto dentro de uma comunidade.

Parafraseando Costa (2006: 49), uma norma é uma variante linguística existente de tendência homogeneizante, em torno da qual se estrutura a língua-padrão, a variante do prestígio, instrumento de comunicação oficial, língua de escolarização, variante dialetal dos que têm o português como língua materna e queira-se ou não, fator de peso na ascensão social do indivíduo, na presente fase da evolução histórico-social.

Como vimos nas linhas anteriores, não podemos falar da norma linguística sem fazer uma resenha sobre a gramática normativa. O objetivo principal da gramática normativa é não permitir desvios linguísticos. Como diz Lima (2010: 38), “a gramática normativa está relacionada com as normas que, em determinada época, representam o ideal da expressão correta constituindo-se, por excelência, uma disciplina didática”.

Para Castilho (2002: 27), a norma pode ser vista de forma restrita e ampla. De forma restrita considera como os usos, as atitudes de uma classe social de prestígio distinguindo-se como norma objetiva, isto é, a norma prescritiva, a norma difundida pela escola como sendo a representação única e exata da língua. Para o autor essa norma é explícita ou padrão real como língua praticada pela classe social de prestígio; norma subjetiva, implícita ou padrão ideal.

Quanto à norma, Gallisson e Coste (1983: 513) entendem o seguinte:

Norma é um conjunto de prescrições consignadas em gramáticas e dicionários classificados de “normativos” e que corresponde ao que se deve e ao que se não deve dizer para se estar em conformidade com o perfeito uso linguístico da boa sociedade («a parte mais sã da corte»... do tempo de VAUGELAS). Representa uma escolha *a priori*, baseada em preconceitos sócio-culturais e na noção de níveis de língua hierarquizados: as classes dominantes (cultas, prestigiadas, ...) e os «bons autores» empregam uma língua «de qualidade», que é necessário considerar modelo e imitar, enquanto as classes baixas utilizam uma «má», que tem que se proscriver.

Voltando, ainda, a Galisson e Coste (1983:513), a norma equivale à normalidade, isto é, ao emprego corrente observado em determinada comunidade linguística. Representa então a língua mais ouvida, esperada, portanto menos marcada, a que permite tomar consciência do normal, do não corrente e de dar conta da noção de desvio.

Quanto à norma, Mota (1996:514) realça que “O conhecimento do investigador não deverá limitar-se à língua padrão mas indispensavelmente abarcar as variedades regionais”.

0.5. Léxico

Para o estudo das palavras ou lexemas, destacam-se dois grandes ramos da linguística, nomeadamente a etimologia, que estuda a origem das palavras, e a semântica, que estuda os significados das palavras.

O léxico é um conjunto de termos próprios de uma profissão ou de uma área de saber. Deve-se perceber que as palavras que compõem o léxico são sujeitas a constantes transformações ou alterações, em função do dinamismo da própria língua falada e escrita. Fazem parte desse dinamismo de língua os neologismos que são a criação de novas palavras, ou a inovação de palavras antigas dando-lhes novas significações e diferentes sentidos; e os estrangeirismos, termos técnicos ou enquadramento de palavras estrangeiras numa língua. Parafraseando Vilela (1979:34), o léxico de qualquer língua natural é articulado em campos lexicais.

O léxico é constituído por unidades virtuais, os lexemas. Segundo Gallisson e Costa (1983: 433), “quando os lexemas se actualizam no discurso, tornam-se vocábulos. O conjunto dos *vocábulos* é o *vocabulário*”. “O vocabulário está necessariamente ligado a um texto, escrito ou falado, curto ou extenso, homogéneo ou composto, enquanto o léxico, transcendendo o texto, está ligado a um ou vários locutores”.

Vilela (1994: 141-142) diz:

O léxico é, em grande medida, sancionado pela tradução, a que o lexicógrafo tira ou acrescenta algo, de acordo com os seus fins e seus meios, e corresponde a um certo «sentir» de todos os falantes duma língua, incluindo o próprio «sentir» do lexicográfico acerca dos limites duma língua ou dum domínio, como por exemplo o «português» que se opõe ao «não-português»; as palavras entram para um dicionário desde que elas se socializem: isto é, desde que sejam usadas por um certo número de falantes e as suas definições sejam mais ou menos válidas para todos os contextos em que possam ocorrer.

O léxico é um conjunto de elementos linguísticos que mais facilmente emerge na consciência dos indivíduos de uma comunidade está intimamente ligado ao mundo que nos circunda. O léxico é um conjunto ou sistema devidamente estruturado, composto por elementos autónomos. Desses elementos destaca-se um agrupado de palavras que desempenha um papel fundamental na comunicação humana. A comunicação torna-se mais modelada, usando palavras quer seja oralmente, quer seja na escrita. As palavras numa língua não se confinam apenas nos seus significados, mas também à forma como elas estão interligadas sintaticamente. Segundo Aragão (2011: 9), “o léxico, enquanto descrição de uma cultura está no seio da sociedade, reflete a ideologia dominante, mas, também, as lutas e decadências dessa sociedade.”

Para Raposo (1992: 89), “o léxico é a componente do modelo gramatical onde se encontram as informações de natureza fonológica, sintáctica e semântica sobre os itens lexicais individuais”. Segundo Vilela (1979:5), “o léxico é uma parte fundamental das línguas particulares. A heterogeneidade, a irregularidade, a produtividade, o peso da norma, etc, fazem com que o léxico se escape a uma sistematização de regras ou dados”.

0.5.1. Lexicologia

Lexicologia é o ramo da Linguística que se ocupa do estudo do léxico, em todas as suas estruturas, nomeadamente no que respeita àquilo a que alguns autores chamam unidades de primeira articulação, dotadas de significado e significante.

Assim sendo, Lino (1979: 12) afirma que “a partir dos trabalhos realizados nos domínios da dialectologia e da linguística histórica ou comparada, vai-se desenvolver uma nova ciência, a lexicologia descritiva, preliminar indispensável para uma teoria lexicológica”.

A Lexicologia tem como objetivo analisar as estruturas morfossemânticas e morfossintáticas das unidades lexicais; identifica e classifica as unidades lexicais; determina a origem e as condições da denominação, da transmissão e dos valores de significação existentes nas diferentes polissemias (Chicuna, 2015:46). A lexicologia, enquanto ramo do léxico, estuda a ciência do dicionário e procura determinar a origem e significados de diversas unidades lexicais das línguas bantu incorporadas no léxico da língua portuguesa. Assim, ao longo do nosso trabalho, veremos algumas unidades lexicais do Kimbundu no português falado em Angola.

Vilela (1979:121) diz que “a lexicografia tem por isso a ver mais com textos do que com palavras isoladas”. Isto quer dizer que, a escrita é um processo linguístico que está ligado à tradição lexicográfica, isto é, qualquer utente de uma língua, para entender certos contextos, procura no dicionário o significado do léxico.

Sobre lexicografia, Vilela (1994: 141) diz o seguinte:

Há noções do domínio léxico gráfico que representam dados adquiridos e tidos como pontos de partida na reflexão lexicográfica: o dicionário não é um «tesouro» de todas as palavras de um texto ou de uma série de textos, pois apenas representa uma imagem mais ou menos exaustiva duma língua no seu lado ou numa área especializada.

Vilela (1979: 200) acrescenta ainda:

A lexicografia multilingue não tem de justificar apenas as divergências linguísticas como a comparação contrastiva da língua ao procurar uma possibilidade de aplicação com fins didáticos, mas antes tem de produzir, contrastar e codificar, numa comparação confrontativa da língua as macro- e micro-estruturas lexicais no seu (isto é, as divergências e analogias lexicais) nas línguas de partida e de chegada.

A lexicologia abarca a Lexemática uma disciplina que apenas surgiu nos anos 60, como afirma Vilela (1979:30), “é uma disciplina relativamente recente: iniciada, como ramo autónomo da investigação semântica e como forma especial da lexicologia”. A Lexemática estuda a semântica do léxico das diferentes línguas em contacto.

CAPÍTULO I

KIMBUNDU, UMA DAS LÍNGUAS BANTU DE ANGOLA

SITUAÇÃO GEOGRÁFICA DE ANGOLA

Antes de focarmos aspetos linguísticos, começamos por uma breve resenha da situação geográfica de Angola, país situado na África austral, com uma superfície de 1.246.700 km², limitado a norte pelas Repúblicas do Congo e do Congo Democrático, a sul pela República da Namíbia, a oeste pelo oceano Atlântico, e a leste faz fronteira com as Repúblicas Democrática do Congo e da Zâmbia.

Administrativamente, Angola tem dezoito províncias, sendo Luanda a capital política e económica. O território a que hoje se chama Angola era constituído por um conjunto de reinos, que se foram desmoronando pouco a pouco durante a colonização portuguesa e na sequência da partilha territorial, determinada pela Conferência de Berlim (1884). Segundo Armindo (2012: 57), “o nome do Angola provém da representação do antigo reino de Ngola”, a que se acrescentou o prefixo *a*. Na verdade, em kimbundu, o termo Ngola significa “majestade, reverendíssimo”, atributo usado para todos os reis (Ngola Kilwanji, Ngola Asamba, Ngola Mbande, etc.), à semelhança das designações de “imperador” ou “Rei”.

1.1. Densidade populacional de Angola

Segundo dados do censo populacional de 2014, o país tem 24.383.301 de habitantes, sendo onze milhões oitocentos e três mil e quatrocentos e oitenta e oito (11.803.488) do sexo masculino e doze milhões quinhentos e setenta e nove mil e oitocentos e treze (12. 579. 813) do sexo feminino.

Quadro nº1: Habitantes por províncias

Nº	Províncias	Nº de habitantes
01	Bengo	351 579
02	Benguela	2 036 662
03	Bié	1 338 923
04	Cabinda	688 285
05	Cunene	965 288
06	Huambo	1 896 147
07	Huíla	2 354 398

08	Cuando Cubango	510 369
09	Cuanza-Norte	427 971
10	Cuanza-Sul	1 793 787
11	Luanda	6 542 944
12	Lunda-Norte	799 950
13	Lunda-Sul	516 077
14	Malanje	968 135
15	Namibe	471 613
16	Moxico	727 594
17	Uíge	1 426 354
18	Zaire	567 225
Total		24.383.301

Fonte: Resultados definitivos do recenseamento geral populacional e da habitação de Angola, 2014, Instituto Nacional de Estatística (INE).

Os dados obtidos do censo populacional 2014 apontam Luanda como a cidade mais habitada no país, com uma percentagem de 27% da população nacional³. A seguir temos as províncias de: Huíla, 10%; Benguela, 8%; Huambo, 8%; Cuanza-Sul, 7%; Bié, 6%; e Uíge, 6%, totalizando 72% da população residente nessas sete províncias. Como veremos mais adiante, estes dados revelam quão influente é a cidade de Luanda, quer no contexto sociopolítico, económico, e, sobretudo, no seu contexto linguístico. O kimbundu, língua materna dessa região, terá maior impacto no português falado no país, dado o maior fluxo populacional que nela se encontra.

1.2. Famílias linguísticas e sua caracterização

Por se tratar duma abordagem muito vasta, no que concerne às famílias linguísticas, apenas nos limitaremos a apresentar algumas, sobretudo a família bantu.

Para Gleason (1985: 465) a linguística descritiva ocupa-se de duas tarefas muito diferentes, embora intimamente ligadas:

A primeira consiste em descrever línguas ou dialectos em si, e em termos da sua estrutura característica. Para cada uma das numerosas formas de linguagem há uma tarefa à parte, não tendo aí relevância a estrutura de nenhuma outra língua. Os linguistas e todos os que aproveitam dos seus resultados estão naturalmente interessados em saber

³ www.ffaangola.org/AngolaCensus2014-ResultadosDefinitivos-Mar2016.pdf... Acedido em 25-04-2019.

como é que esse trabalho tem progredido, e quanto está ainda por fazer. O que nos põe a questão de saber quantas línguas existem.

A segunda tarefa da linguística descritiva é a elaboração duma teoria geral da estrutura linguística – ou seja, o estabelecimento dum quadro conceptual dentro do qual um investigador possa trabalhar ao tentar compreender uma língua específica.

Nesta perspetiva, compreendemos que caracterizar uma língua não é uma tarefa fácil, sobretudo quando se trata de estabelecer diferenças entre uma língua e um dialeto, ou de estabelecer entre diversas línguas, elementos comuns que as tornam familiares. Todavia, o método comparativo aplicado por vários investigadores permite-nos estudar e diferenciar as diversas línguas existentes no mundo, e agrupá-las por subgrupos ou grupos de famílias linguísticas.

Mostraremos em seguida a família linguística de África, com maior destaque para a niro-congolesa que ocupa grande parte da África Ocidental e, dum modo geral, no sul do equador. Dentre os ramos desta família linguística, destacamos a bantu, atendendo ao seu convívio com a língua portuguesa.

Quadro nº2: Algumas línguas de família bantu

Família bantu	Lingala (Zaire, Congo, Angola), Herero (Angola, Namíbia), Suahili (Tanzânia, Kénia, Uganda, Ruanda, Burundi, Zaire), Luganda (Uganda), kikuyu (Kénia), Ruanda (Rwanda), Macua (Tanzânia, Moçambique), Soto (Lesoto), Suati (Suazilândia), Josa e zulu (África do Sul).
---------------	--

Fonte: Moreno Cabrera (2004: 46)

1. 3. Situação Linguística Angolana

Angola é um país plurilingue, considerando as suas várias línguas, sejam do mesmo tronco linguístico, sejam de troncos linguísticos diferentes. Existem no país três famílias linguísticas: a bantu, a não bantu e a língua portuguesa da família neolatina.

Mingas (2000: 30) diz que “Angola é um país plurilingue, porque ele integra línguas estruturadamente muito diferentes umas das outras”. Assim sendo, coabitam, no país, línguas pertencentes à família linguística bantu como kimbundu, kikongo umbundu, cokwe, ngangela e nyaneka humbi, kwanyama; e as línguas não bantu como khoisan e vatwa. Todas essas línguas convivem com o português há séculos, sendo esta a única língua oficial no país.

Segundo Miguel (2003: 25), “a situação linguística de Angola, tal como a da maioria dos países africanos, caracteriza-se por uma grande heterogeneidade. A maior parte das línguas é de origem bantu e tem uma localização territorial mais ou menos limitada e definida”.

Embora tais línguas não sejam usadas na administração pública, são um veículo de comunicação entre as populações e até certo ponto algumas línguas nacionais (que não o kimbundu nem o umbundu, mas sobretudo as transfronteiriças) facilitam o intercâmbio comercial, já que são também faladas nas repúblicas vizinhas.

Conforme demonstramos no ponto anterior, Angola está limitada a norte por países de expressão francesa, a leste por países anglófonos e francófonos, e a sul por um país de língua oficial inglesa. Este envolvimento linguístico é fator de inevitáveis interferências na língua portuguesa falada em Angola.

Angola é um verdadeiro mosaico de diversidade linguística. Para além do português que constitui a língua prestigiada por ser a língua de trabalho, existem várias línguas angolanas, umas mais conhecidas e outras consideradas variantes das mais difundidas. Contudo, os falantes dessas línguas tidas como variantes, não aceitam isto com agrado e reclamam sua autonomia linguística.

De modo a aclararmos o que dissemos acima, gostaríamos de recorrer à realidade linguística das províncias de Cuanza-Sul e Malanje. Na verdade, a situação linguística dessas duas províncias carece de um estudo muito aprofundado, do ponto de vista de conceitos de línguas autónomas e variantes.

Quanto à situação linguística da província do Cuanza-Sul, torna-se necessário remetermos à origem da sua população. Segundo dados históricos, a população dessa província tem dupla proveniência. A população da parte norte dessa região é proveniente da região Ambundu (kimbundu), enquanto a população da parte sul da mesma tem sua origem na região ovimbundu (umbundu). A fusão dessas duas línguas deu origem a duas grandes variantes linguísticas, uma pertencente ao kimbundu e outra pertencente ao umbundu. Todavia, o que mais queremos relevar neste aspeto é a falta de consenso sobre o nome “Ngoya” atribuído como língua dessa província. Esta designação tem suscitado controvérsia entre os naturais da província.

Entre os habitantes da província do Cuanza-Sul não existe nenhum subgrupo ou uma etnia que se identifique pelo nome “ngoya”. O termo ngoya é pejorativo, significa gulosos, ociosos, obstinados, invejosos enfim, uma série de palavras com sentido

negativo em torno desse nome. Por não se rever nele, a população reclama pela sua mudança.

No tocante à província de Malanje, importa referirmos que a sua situação linguística nos leva a crer que o kimbundu não é a única língua autónoma nessa parcela territorial, pois uma variante da mesma (o songo) tem espaço de antena diferente na rádio Ngola yetu.

1.4. Classificação genética das línguas bantu

As línguas podem ser classificadas de acordo com a sua genealogia ou genética, a sua estrutura ou distribuição política ou geográfica. Moreno Cabrera (2004:45), baseando-se em Greenberg (1966), aponta esses três critérios como fundamentais para a classificação de qualquer língua.

▫ Classificação genética:

Consiste no estudo comparativo das línguas, isto é, comparam-se as suas palavras de forma a encontrar os elementos comuns. É também conhecido por filologia comparada. No que tange à genética podemos dar o exemplo das línguas bantu abaixo, por pertencerem ao mesmo subgrupo.

Quadro nº 3: Línguas aparentadas

Palavras aparentadas (Línguas Bantu)		
Línguas		
Kimundu	Umbundu	Kicongo
Puku (“rato”)	Muku	Puku
Inzo (“casa”)	Njo	Nzo
Hombo (“cabra”)	Hombo	Hombo
Ngombe (“boi”)	Ngombe	Ngombe
Imbwa (“cão”)	Mbwa	Mbwa
Nzala (“fome”)	Njala	Nzala
Mona (“criança”)	Mōla	Mwana
Mukaji (“fêmea”)	Mukai	Munkazi
Luwengo (“espécie de ameixa”)	Lwengo	Lwengo

Fonte: Palavras recolhidas por via oral, escritas e traduzidas por nós.

Nota-se que as línguas acima são aparentadas, apesar de se verificar uma diferença a nível fonético. Por exemplo, as palavras *puku* e *muku* diferem, apenas, ao modo de articulação: /p/ consoante surda oral e /mu/ consoante sonora nasal; assim como as palavras *nzo*, *nzala* e *njo*, *njala*, *mukaji*, *mukazi* diferem apenas no ponto de articulação. Nas línguas kimbundu e kicongo, estas palavras começam por uma consoante pré-nasal alveolar /nz/, ao passo que, em umbundu, as mesmas palavras apresentam uma consoante pré-nasal palatal /nj/.

Apesar de existir uma diferença fonética, qualquer falante dessas línguas pode notar a similitude das palavras acima, o que demonstra a origem comum dessas línguas, ou seja, revela a proveniência do mesmo ramo linguístico ou protolíngua.

Embora não seja nossa pretensão fazer um estudo aprofundado sobre fonética, julgamos conveniente demonstrar as palavras acima, por meio de um quadro representativo de consoantes.

Quadro nº 4: Representação das consoantes e alterações dos fonemas

Quanto ao modo de articulação		Oclusivas				Constritivas				Palavras
Quanto ao papel das cordas vocais		Surdas		Sonoras		Surdas		Sonoras		
Quanto à cavidade bucal e nasal		Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais	Orais	Nasais	
Quanto ao ponto de articulação	Bilabiais	P			m					
	Labiodentais									
	Alveolares				n			l, z	nz	<i>mona</i> , <i>muana</i> <i>mōla</i> , <i>nzo</i> , <i>nzala</i> , <i>mukazi</i>
	Palatais							j	nj	<i>mukaji</i> , <i>njo</i> , <i>njala</i>
	Velares			ng						<i>ngombe</i>

Sobre este assunto, Moreno Cabrera (2004: 45) diz:

La clasificación genética tiene por base la evolución de las lenguas. Sabemos que con el paso del tiempo las lenguas van cambiando y se van diversificando. En diferentes lugares, una lengua puede realizarse de diversos modos denominados dialectos; esos dialectos pueden ir evolucionando con el paso de los años hasta convertirse en lenguas independientes.

▫ **Classificação tipológica:**

Consiste em classificar as línguas segundo o seu tipo de estrutura, sem preocupação com a relação genética. Esta classificação permite reunir as línguas da seguinte maneira:

- Isolantes são línguas cujas palavras tendem a ser invariáveis e nas quais, por conseguinte, não se distingue o radical dos elementos gramaticais. O chinês, o vietnamita e outras línguas do Sudeste asiático estão inseridos nesta classe;
- Flexionais são todas as línguas cujas palavras possuem morfemas gramaticais, indicando a função gramatical e suas respectivas categorias. Por exemplo, diversas línguas no mundo usam processos distintos para destacarem as relações das palavras nas frases. O mesmo não acontece com o português que obedece à ordem de palavras e à flexão. Por exemplo, em português, o verbo *falar* no presente do indicativo apresenta as seguintes formas: fal-o; fal-as; fal-a; fal-amos; fal-ais; fal-am.
- Línguas aglutinantes, nessa classe encontram-se as línguas que acumulam depois dos radicais afixos distintos para exprimir as diversas relações gramaticais. As palavras de uma língua aglutinante são analisáveis numa sequência de morfemas distintos. Nestas encontra-se o turco que, por exemplo, a partir de *-ler* (marca do plural) e o *-i* (marca do possessivo) formar-se o singular com o radical *ev-*.

Exemplos:

ev- “casa”:

-evler = casas;

-evi = minha casa (possessivo singular);

-evleri = as nossas casas (possessivo plural).

▫ **Classificação política:**

A classificação das línguas por via política implica uma escolha no sentido de atribuir a uma ou mais línguas existentes num determinado espaço territorial, um estatuto que lhes permita funcionar como línguas institucionais. Por exemplo, a institucionalização de uma língua oficial, cooficial ou nacional depende do poder político ou executivo.

▫ Classificação geográfica e territorial:

Esta classificação consiste em localizar as línguas, cada uma na sua área de difusão. Neste caso, apontam-se as línguas nacionais em países plurilingues.

1.5. Famílias de línguas africanas

Em África existem numerosas línguas de diferentes origens. As potências coloniais introduziram as suas línguas, que continuam a ser utilizadas, nomeadamente o português, o francês, o espanhol, o inglês, para além do afrikaans, língua falada por descendentes de holandeses, alemães e franceses da África do Sul e da Namíbia. Como se não bastasse, estas línguas coabitam com diversas famílias de línguas africanas, tais como:

▫ Congo-cordofaniana, sobretudo a sua subfamília Niro-congolesa, que é a maior família das línguas africanas, tanto quanto ao número de falantes, quanto à área geográfica que ocupa. Gleason (1985: 492-493) diz que quase todos os idiomas da África Subshariana pertencem a este grupo;

▫ Afro-asiática, conhecida também por camito-semítica, é uma família de línguas faladas pelo norte e leste da África, a região de Sahel sudoeste da Ásia. Os seus principais subgrupos são: berbers, tchádicas ou egípcias, semíticas, cuchíticas e omóticas.

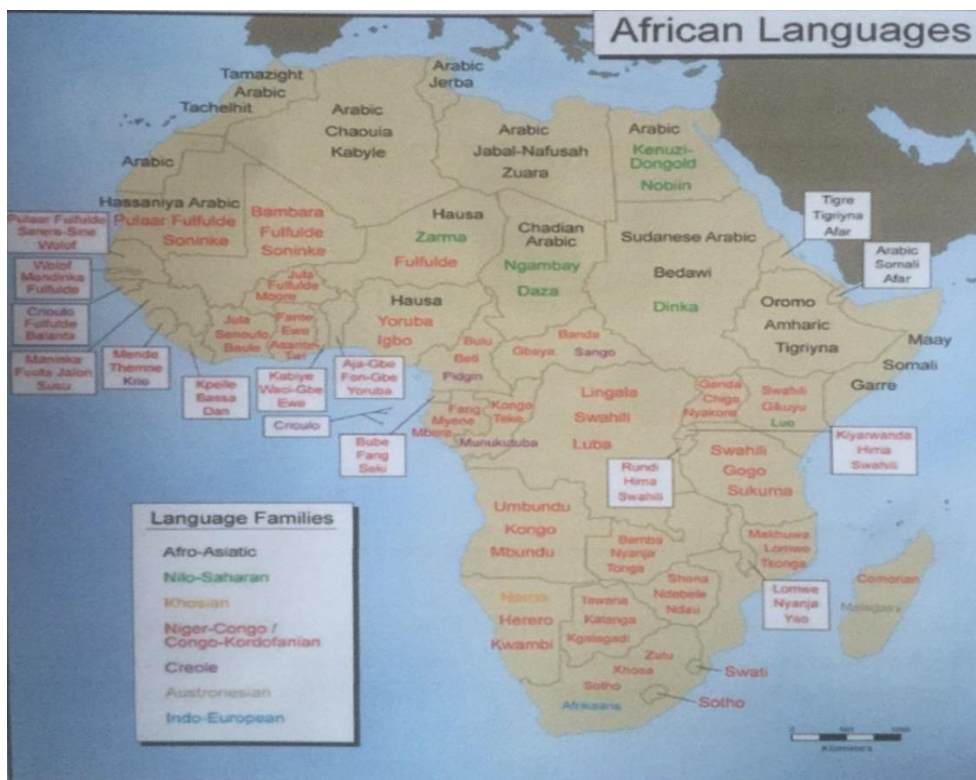
▫ Nilo-saharianas, família que se desenvolveu na região do atual deserto de Saara, a região do sul do vale do rio Nilo até aos grandes lagos. Os povos que falam as línguas nilóticas encontram-se em vários países da África Ocidental e África Oriental.

▫ Khoisan que forma uma das maiores famílias linguísticas do Sul da África. Os povos khoisan são constituídos pelos hotentotes que se designam entre si por khoi ou koin e os vakankala, conhecidos também por San. Literalmente, «khoisan» significa «língua do povo»; deriva do nome «koi-koi», grupo étnico da região e do nome San. Esse grupo nómada, em Angola, pode ser encontrado no sul do país, concretamente, na região fronteira com a república da Namíbia.

Segundo alguns estudos arqueológicos, essa família linguística teria surgido há cerca de 60 mil anos. As suas línguas situam-se entre as mais antigas das civilizações humanas. Atualmente as línguas khoisan são faladas somente no sudoeste do continente africano, na região do deserto do Calaári, estendendo-se de Angola até uma pequena

área da República da Tanzânia. Essas estão cada vez mais raras; algumas delas possuem poucos falantes, correndo o risco de extinção.

Figura nº 1: Mapa de principais línguas africanas



Fonte: Sóstenes Valente Rego (2012: 51) (African Languages at Michigan State University (MSU), African Studies Center, <http://www.isp.msu.edu/AfrLang/AfrLangMap.htm>)

1.5.1. Origem, extensão e localização das línguas bantu

A abordagem sobre as línguas bantu é sempre problemática, tendo em conta as divergentes opiniões em torno da sua origem. Muitos autores atribuem a sua origem a um proto-bantu, isto é, uma língua hipotética que se considera ter sido falada na região dos Grandes Lagos africanos, sendo o ponto de partida dos povos que falavam essas línguas durante a sua imigração pela região sul do continente. Quipungo (2003: 24) é de opinião de que os bantu terão vindo da Ásia Ocidental, tendo penetrado em África pelo nordeste afixando-se durante muito tempo na região dos Grandes Lagos, da África Ocidental. Dali irradiaram posteriormente para várias direções, até chegar a quase todos os cantos da África Austral.

Carl Meinhof (*apud* Mendonça 2012:65), nas suas pesquisas sobre línguas bantu, apresentou uma ortografia a ser usada e desenvolveu a teoria da língua ancestral

da qual as demais seriam derivadas. Para esse autor, existiu há cerca de 2.500 anos uma língua que se chamava proto-bantu.

William Bleek (*apud* Rego 2012: 66) fez um estudo a partir do termo bantu, com o significado de «pessoas» «indivíduos», «ente», «povo», demonstrando que os idiomas dessas famílias com o mesmo nome “ntu” são semelhantes, havendo pequenas dissemelhanças fonéticas aceitáveis em qualquer língua viva. Outros investigadores dizem que os bantu terão emigrado da Polinésia e das ilhas do Pacífico, antes da submersão do continente Indo-Malayo, que desapareceu em tempos remotos e que se chamava *Lumuria*, tendo dado origem à expressão lemurianos para designar os ancestrais dos bantu (Quipungo, 2003: 24).

Todas as iniciativas em torno da origem da família bantu contribuem para a afirmação da linguística, mas a nomenclatura dada pelo teólogo alemão Bleek entre 1861 a 1862, tendo como ponto de partida a existência de semelhanças lexicais e regularidades nos padrões flexionais em muitas línguas da África Subsariana, que o levou a conceber um sistema comum de concordância por meio de prefixos e a pensar tratar-se de línguas relacionadas umas com as outras, designando-as “bantu”, parece-nos a mais consensual entre os investigadores da linguística.

As línguas bantu estendem-se desde o sul dos Camarões até à África do Sul e do Atlântico ao Índico. Fazem parte dessa família linguística todas as línguas africanas que usam o radical gramatical “Ntu” ou “nthu” para designar “pessoa”. Como se pode ver, as línguas bantu ocupam um vasto espaço territorial, estendem-se por toda África Subsariana, onde convivem com diversas línguas de origens distintas.

Parafraseando Rego (2004: 50), o número das línguas bantu oscila entre 500 a 600; a mesma opinião é partilhada por Derek Nurse (2008: 401), que diz existirem entre 250 e 600. Embora estas línguas convivam no mesmo espaço geográfico com a minoria das línguas não bantu, na verdade, constituem o grupo mais numeroso no continente.

Segundo Ngunga (2004: 30), estima-se haver aproximadamente 240 milhões de falantes das línguas bantu espalhados por cerca de 30 países africanos, nomeadamente África do Sul, Angola, Botswana, Burundi, Camarões, Congo, Gabão, Guiné-Equatorial, Ilhas Comores, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Maiote, Moçambique, Namíbia, Nigéria, Quênia, República Centro Africana, República Democrática do Congo, Ruanda, Somália, Sudão, Suazilândia, Tanzânia, Uganda, Zâmbia e Zimbábwe.

*Subgrupos das línguas Nigero-congolesas:

▫ O adamawa-ubangi e o ngbandi, falados na República Centro Africana;

- O fulani, falado pela tribo Fula e o wolof, falado no Senegal;
- O mandé e o kru, falados na África Ocidental que inclui, entre outros, o bambara falado no Mali, e o mandinga;
- O gur, falado na Costa de Marfim, Togo, Burkina Faso e Mali; incluindo, por exemplo, o mòore, principal língua de Burkina Faso, o bassa, falado na Libéria;
- O kwa, o akan, falados em Gana, o baoulé e bété, falados na Costa do Marfim, o éwé principal língua do Togo e o fon, principal língua do Benim; o falado;
- O benue-congolês, pertence à família linguística das nigero-congolesas que incluem, por exemplo: o igbo, ijoeiorubá, falados na Nigéria e o bem, grande ramo das línguas bantu, de que faz parte o kimbundu, base da nossa análise diferencial.

Sobre a localização e extensão das línguas bantu, Gleason (1985: 477) diz que “as línguas bantu têm um parentesco muito estreito e revelam numerosas características comuns, marcadas tanto na gramática como no vocabulário. Além disso, ocupam uma área em geral compacta, desde o Equador até quase ao Cabo”. Na mesma perspectiva, continua o mesmo autor (Gleason, 1985: 478):

Dos estudos feitos sobre a classificação das línguas africanas foram seleccionados vários grupos de línguas sudanesas, encontrando-se o seu estreito parentesco. Depois, provou-se que diversos destes grupos tinham uma descendência comum, e apontam-se as várias semelhanças entre o maior grupo desta e o bantu.

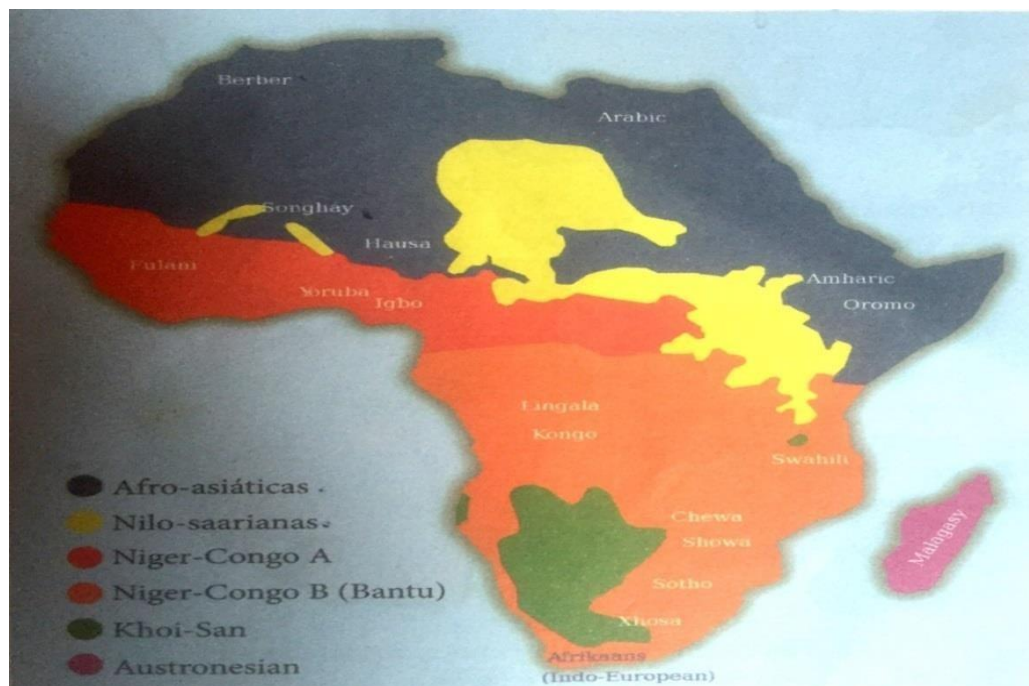
Estas evidências fazem com que constássemos algumas regiões antes não consideradas não bantu como, por exemplo, o Sudão e Somália.

No que diz respeito à localização e extensão das línguas bantu, Chicuna (2015: 28-29) entende que as línguas bantu com maior número de locutores são as seguintes:

O zulu (9 milhões), *o xhosa* (7 milhões), *o sotho* (5 milhões), *o tswana* (4,4 milhões) ambas na África do Sul, *o makwa* (4 milhões) em Moçambique, *o nyanja ou chichewa* (9,3 milhões) em Malawi, *o shona* (8 milhões) em Zimbabwe e em Moçambique, *o bamba* (3 milhões) e *o tonga* (1,5 milhão) na Zâmbia, *mbundu* ou *kimbundu* (3 milhões) e *o umbundu* (4 milhões) ambas em Angola, *o swahili* (773 mil) e *o sukuma* (3,2 milhões) na Tânzania⁴; *o kikuyu* (6 milhões) no Quênia, *o lunganda* (4 milhões) no Uganda, *o kinyarwanda* (7,2 milhões) em Rwanda, *o kirundi* (4,8 milhões) no Burundi, *olingala* (2,1 milhões), *luba* ou *tchiluba* (7 milhões) e o kikongo (4 milhões) na República do Congo e na República Democrática do Congo, *o fang* (450 mil) e *o bulu* (175mil) nos Camarões, *o ndebele* (1,5 milhão) na África do Sul e Zimbabwe.

Figura nº 2: Mapa de espaço geográfico das línguas Congo-cordofanianas

⁴ Para além desse país, o swahili é utilizado por mais de 30 milhões de locutores como L2 no Quênia, República Democrática do Congo, e em Uganda.



Fonte: Heine & Nurse (*apud* Rego 2000: 52).

1.5.2. Classificação das línguas bantu

As línguas bantu apresentam traços comuns que as caracterizam como parentes, desde o sistema de classes, prefixos concordantes, sistemas consonânticos que comportam consoantes pré-nasais, inexistência de determinantes e gêneros.

Ngunga (2004: 29), para comprovar a familiaridade das línguas, investigou a palavra “ntu” ou “nthu” em mais de oito línguas de diferentes países, e chegou à conclusão de que ambas as línguas usam o mesmo radical para designar “pessoa”, com ligeiras variações fonéticas. Vejamos os seguintes exemplos: wantu (nyungwe e nyanja), vanhu (shona, changana), vaandu (yao), vanu (makonde), athu (makhuwa), watu (swahili), banthu (tonga). O mesmo radical é comum nas línguas angolanas: ntu/nthu, athu (kimbundu), muntu, bantu (kikongo), ómunu, ómanu (umbundu).

Guthrie (1948: 50) agrupou as línguas bantu em zonas distintas, por meio de 15 letras do alfabeto romano: A, B, C, D, E, F, G, H, K, L, M, N, P, R, S. Esse linguista afirma que entre as línguas da mesma zona, existem relações de parentesco e entre línguas de zonas diferentes há princípios de proporcionalidade, tendo concluído que as línguas da zona A têm maior proximidade com as da zona B do que duma outra zona distanciada, por exemplo, as da zona R.

Relativamente à classificação das línguas bantu feita por Malcolm Guthrie (1948), Chicuna (2015: 28) acrescenta:

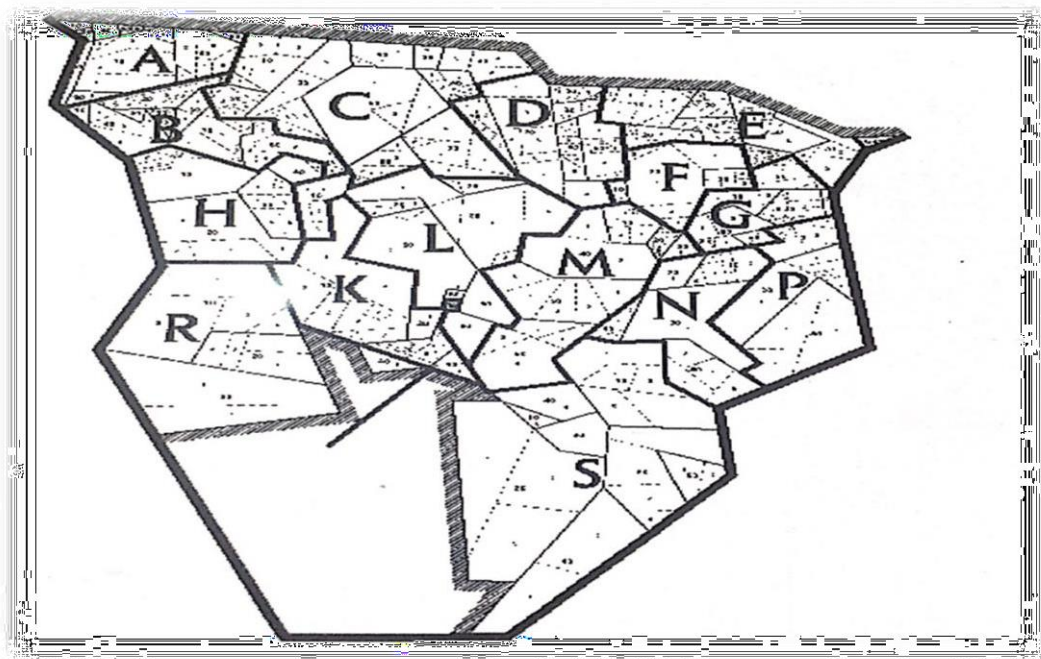
Cada Zona linguística representa vários grupos de línguas, estabelecidos conforme critérios de proximidade/distanciamento linguístico e geográfico, reflectindo um certo grau de proximidade genealógica. Desta forma, cada grupo é codificado por um número decimal sufixado à letra do código da respectiva zona.

Segundo Cole (*apud* Chicuna 2015: 28):

Zonas são agregados de línguas que têm uma certa uniformidade ou similaridade de fenómenos linguísticos. As Zonas são subdivididas em Grupos cujas línguas têm traços fonéticos e gramaticais comuns, e são tão similares que chegam a ser em grande medida mutuamente inteligíveis.

De acordo com esta perspectiva, as línguas podem ser divididas em dialetos e estes são inteligíveis, mesmo se geograficamente afastados. Para melhor compreensão, o mapa a seguir mostra como as línguas bantu estão classificadas e distribuídas por zonas.

Figura nº 3: Mapa de classificação e distribuição das línguas bantu por zonas



Fonte: Malcolm Guthrie (1967: 71).

1.5.3. Línguas bantu e não bantu em Angola

Vários estudos culturais apontam para a existência de dois grupos linguísticos, o bantu e o não bantu. O bantu é o grupo de maior contacto com a cultura portuguesa. Os

não bantu subsistem no sul do país alguns residuais de khoisan. Gleason (1985: 494) confirma a existência da maior parte dos não bantu na África do Sul, onde “ocupam uma extensa área de deserto e savana, escassamente povoada”. Dada a proximidade de Angola com a África do Sul, sobretudo pela ligação com a República da Namíbia, justifica-se a existência desses na região sul de Angola.

Quadro nº 5: Povos de Angola e suas respectivas línguas

Grupos	Divisões etnolinguísticas	Línguas e famílias de línguas
Bantu	Ambundu	Kimbundu
	Ovimbundu	Umbundu
	Bakongo	Kikongo
	Lunda-cokwe	Cokwe
	Vangangela	Ngangela
	Herero	Nyaneka Humbi
	Ovambo / oshiwambo	Oshikwanyama Oshindonga Oshikolonkadhi Oshimbalantu Oshikwaluudhi Oshingandjera
	Okavango	Okavango
Não bantu	Khoisan	Vakankala Kamusekele / bochimanes Hotentotes (kede)
	Vátwa ou kuroka	Ovakwando ou kwisi Ovakwepe ou kwepe

Fonte: Helena Mesquita da Silva (2008: 22). Nossa adaptação.

Não é nossa pretensão apresentar todas as línguas angolanas; todavia, faremos a enumeração das principais línguas bantu, tendo em conta a sua evolução histórica e cultural no contexto territorial angolano.

- Os ambundu têm o kimbundu como língua materna, constituída por muitas variantes que mais adiante veremos precisamente. Segundo dados históricos,

calcula-se que os kimbundu até meados de 1960 andavam à volta de um milhão de habitantes, sendo o segundo maior grupo linguístico de Angola. Atualmente, segundo o censo geral da população realizado em 2014, a língua kimbundu assim como a língua kikongo ocupam a segunda posição como as mais faladas línguas bantu em Angola, correspondendo a cada uma 8% de falantes.

- Grupo bacongo tem como língua o kikongo. Foi o primeiro grupo a ser conhecido pelos europeus, pela simples razão de ter recebido pela primeira vez os portugueses na foz do rio Zaire, em 1482. Até 1960, o número dos bacongo andava à volta de 500.000 em Angola, correspondendo apenas a 25% da população total desse grupo etnolinguístico. A maior parte residia na bacia do rio Zaire e nos territórios vizinhos da República do Congo e da República Democrática do Congo (ex-Congo Kinshasa). A sua capital cultural é, em Angola, na cidade de Mbanza Congo, antiga capital do Reino do Kongo. Esse reino partia da atual República de Angola, os dois Congos até à República gabonesa.

- Grupo ovimbundu tem como língua o umbundu. É o grupo mais numeroso dentre os grupos etnolinguísticos angolanos. Ocupa um vasto território nacional de aproximadamente 8 províncias do centro e sul do país. Segundo dados do manual de censo populacional realizado em 2014, a língua umbundu é a língua bantu mais falada em Angola, correspondendo a 23% da população total do país.

- Grupo Lunda-cokwe tem como língua materna o cokwe, predomina no Nordeste de Angola, sobretudo nas províncias da Lunda-Norte, Lunda-Sul, Moxico, estende-se até a província da Huíla e transcende o espaço territorial angolano.

- Grupo Vangangela: é um grupo heterogéneo, tem como língua o nganguela, aproximadamente 20 povos isolados uns dos outros: Ambwela, Aviko, Bunda, Cangala, Camachi, Yahuma, Lwena, Lwimbe, Lutchazi, Luvale, Mbande, Nkóia, Nyemba, Ndungu, Ngangela, etc. A sua língua materna é o ngangela. Os Ngangelas ocupam certas regiões das Lundas, Moxico, Huíla até Cuando Cubango.

- Os Herero são os mais conservadores de Angola, situam-se entre as províncias da Huíla Benguela e Namibe. A sua língua materna é o Nyaneka-humbi. Atualmente, em Angola, são conhecidos por mumwila os da província da Huíla e por mukubaji, os herero da província do Namibe, que são nómadas, dificilmente aceitam fixar-se em zonas rurais e urbanas, e vivem isoladamente nas encostas das montanhas e no deserto de Namibe.

- Grupo Ovambo ou Ochiwambo tem como língua materna o Kwanyama. Situam-se entre o Sul de Angola e o Norte da República da Namíbia. Trata-se de um povo minoritário, que na era colonial rondava os 63 mil habitantes. De acordo com o Instituto Nacional de Estatística, no seu caderno sobre os resultados do censo realizado em 2014, na sua página 27, a língua nyaneka corresponde apenas a 3,4 % de falantes em Angola.

1.6. Breve história do kimbundu, sua localização e extensão geográfica

Como já foi dito, a nomenclatura bantu não pode constituir uma etnia, mas sim um tronco linguístico que deu origem a diversas línguas africanas. Neste trabalho, apenas nos cingiremos ao estudo da sub-família bantu, e em particular à língua kimbundu, uma das línguas com influência lexical, fonética e semântica no português falado em Angola.

Reafirmando as ideias anteriores, Angola é um país que possui vários grupos linguísticos e culturais, sendo a maioria de origem bantu. As línguas bantu possuem características comuns. Segundo estudos feitos, muitos investigadores afirmam que esse subgrupo linguístico tem a sua origem na zona onde hoje ficam a República dos Camarões e a Nigéria, na África Ocidental por volta do século I a.C.; tendo iniciado sua expansão a leste e sul, povoando territórios desocupados e efetuando guerras, expulsando, misturando-se aos povos menos numerosos que ali se encontravam. Assim sendo, as línguas das populações nativas, por serem minoritárias, assimilaram-se à dos imigrantes ou invasores, passando a ser consideradas todas como línguas bantu. Os bantu eram cultivadores e caçadores e nas suas deslocções levaram consigo as técnicas que já dominavam, como a agricultura e a arte de trabalhar o ferro.

Esse movimento migratório facilitou a deslocação de vários povos, tendo-se fixado alguns deles no atual território de Angola; e entre os quais se destacam os kimbundu. Como vimos, a língua kimbundu pertence à grande família linguística “bantu”. Para boa compreensão, o termo “bantu” significa, em kimbundu, “atu/athu” (pl.) “mutu” (sg.).

Em português, bantu tem como equivalente “as pessoas”, isto é, o “ba”, “a” é o prefixo que indica pl. e corresponde ao morfema flexional português -s; o sg. é identificado por *mu*; *ntu* é o radical que designa “pessoa”. Por esta razão é que muitos linguistas africanos rejeitam o uso das palavras “banto(s)” ou “banta(s)”.

Conforme dissemos, o termo “bantu” é atributo linguístico que foi usado pela primeira vez pelo alemão Wilhelm Bleek, em 1861, comparando o sistema de classes de quatro línguas localizadas no sul de África, a saber: o Herero, o Sotho, o Tswana e o Whoso foram denominadas “bantu”. Esse investigador chegou à conclusão de que existia uma estreita semelhança entre os seus sistemas de classes (núcleo de classes, formas de prefixos, acasalamento das classes e seu conteúdo).

O kimbundu apresenta, tal como as demais línguas desta família, características próprias, sendo a principal o sistema de concordância que se processa por classes, por meio do correspondente relativo de classe ou do pronome conjugativo.

O kimbundu é uma língua puramente angolana, não transpõe fronteiras nacionais, como acontece com muitas línguas que compõem o mosaico linguístico angolano. Segundo Chicuna (2015: 28), o kimbundu é falado por cerca de 3 milhões de pessoas. Estes dados são superiores aos apresentados por vários estudiosos que apontavam 1 milhão de falantes do kimbundu. Ainda nesta senda, segundo dados do Instituto Nacional de Estatística, a língua kimbundu ocupa 8% do número total população angolana.

De acordo com João Fernandes e Zavoni Ntondo (2002: 44), os kimbundu partem do interior para o litoral e dominam as províncias de Malanje, Cuanza-Norte, Cuanza-Sul, Bengo, Luanda entre outras zonas do território. O grupo vive numa grande extensão do território Nacional que se estende do mar ao rio Cuango, ultrapassando o curso para o Leste. O mesmo seguiu para Sul, atingindo o baixo e o médio Cuanza.

Como já referido, o kimbundu é uma das primeiras línguas a ser estudada e traduzida pelos europeus, pelo facto de representar o antigo reino de Ngola, e é este nome “Ngola” que deu origem ao nome do país.

Segundo Quipungo (2003: 25), os kimbundu são originários dos Grandes Lagos, donde partiram em 989, século X, d.C. Caminharam como peregrinos pelo sertão de África, do Nordeste ao Oeste, tendo atracado, com o nascimento de Ngola, na região Centro Norte- Kazanga, no Kianda Kia ana Zanga-Luanda.

Segundo a classificação feita por Guthrie, o kimbundu pertence à zona H, tendo maior afinidade ao kicongo por pertencer à mesma zona e o umbundu por relação de vizinhança.

1.6.1. Usos e costumes

Não é nossa intenção fazer um levantamento exaustivo sobre usos e costumes do povo ambundu, uma vez que não recorreremos a todas as comunidades da região ambundu, no entanto, cingir-nos-emos a linhagem e parentesco por ser um costume genérico a todo o povo ambundu. A comunidade ambundu é essencialmente matrilinear, os filhos pertencem mais à família materna; o tio é o responsável máximo (dono) da vida dos sobrinhos. O pai não tem o mesmo poder que um tio perante os filhos da sua irmã.

Quanto aos usos e costumes, Armindo (2008:11) diz:

No tocante à liderança familiar, o chefe da família (dilemba)⁵ resolve os conflitos e responsabiliza-se pelo bem-estar familiar. O conselho de família (divumu)⁶, no qual actuaam todos maiores de idade, admite a sua autoridade suprema porque lhe reconhece a responsabilidade de estirpe, mas controla as suas decisões e opina em assuntos importantes.

Os tios, irmãos uterinos da mãe, são sempre pais grandes (malemba, jisekulu)⁷ distinguem com um nome especial, respeitoso e paternal os mais velhos, os que detêm o poder pátrio. Os primos, diretos filhos de irmãos uterinos, são chamados irmãos; e embora conheçam a palavra primo, não a usam para este parentesco. Por influência europeia hoje, vai generalizando-se nesta nomenclatura. Algumas línguas bantu desconhecem a palavra “primo”. Todos os membros matrilineares se consideram pertencentes à mesma casa, à mesma mãe.

Os mais velhos da comunidade ambundu têm igualmente a obrigação de orientar os sobrinhos a terem conhecimentos profundos dos acontecimentos mais marcantes no seio da tribo. Segundo os princípios da comunidade, os mais jovens devem ter o domínio e conhecimento dos ideais familiares, para que em caso de desaparecimento físico do líder familiar (dilemba) os poderes sejam assumidos pelo sobrinho.

Esses usos e costumes ainda vigoram, mas ocorrem com maior incidência nas zonas rurais ou nas regiões mais recônditas, ao passo que as comunidades suburbanas e urbanas já ganharam a cultura ocidental, onde as heranças são propriedades dos filhos. Contudo, o reinado ou a soberania ainda é pertença de sobrinhos, dificilmente passa de pai para filhos; é um dever consagrado aos sobrinhos maternos. Como vimos, só é

⁵ Líder familiar/ autoridade máxima da família.

⁶ Conselho familiar.

⁷ Tios, irmãos uterinos da mãe.

sobrinho o filho da irmã, o do irmão é considerado como filho biológico. Contudo, na falta de um sobrinho, o irmão ou a irmã assumem o reinado.

A chefia familiar e o reinado passam para os filhos caso na família do falecido não exista nenhuma pessoa com requisitos necessários. Porém, o filho ao substituir o reino paterno estará consciente de que a qualquer momento estará sujeito a abandoná-lo, tão logo surja um dos descendentes da linhagem do pai, os proprietários legais da soberania.

No tocante à herança, Altuna (1993:108) diz que a herança passa ao ramo uterino; os filhos não herdam diretamente do pai. A herança do tio materno passa para o sobrinho primogénito de sua irmã uterina mais velha ou para o seu irmão uterino, e as chefias para o sobrinho do chefe falecido, o primogénito da irmã mais velha. Este sobrinho tem de certeza o sangue nobre que corria no chefe.

As comunidades kimbundu estreitam-se numa solidariedade característica, cheia de calor humano e inquebrantável a partir da vivência da união vital. Ali conseguem a sua máxima explicitação. Em qualquer localidade kimbundu entende-se por participação vital, uma relação de ser e de vida de cada um com os seus descendentes, sua família, seus irmãos e irmãs de clã.

Francisco Lerma Martínez (2003:37) na sua abordagem sobre os hábitos e cultura do povo bantu, diz que a cultura pertence à comunidade, ao grupo social de que o indivíduo é membro, ela não depende do indivíduo, mas sim da coletividade. É um modo de vida total e não apenas um conjunto parcial e superficial de usos e costumes. Ela condiciona em grande parte o sentimento, o comportamento e a forma de ver do homem à medida que se adapta ao seu mundo.

1.6.2. Situação geolinguística e demográfica dos ambundu

A região ambundu está localizada no centro norte de Angola, faz fronteira ao norte com as províncias do Uíge, e Zaire; ao sul com as províncias do Bié, Huambo e Benguela; ao leste com as províncias da Lunda-Norte, Lunda-Sul e a República Democrática do Congo; ao oeste faz fronteira com o oceano Atlântico.

O espaço territorial ambundu faz parte dos antigos reinos do Ndongo, Matamba e Casanje que na época limitava, como já vimos, ao norte com o reino do Congo, ao Leste com o antigo império Lunda Cokwe junto das margens do rio Cuango e ao Sul com os

reinos de Andulu, Benguela e Bailundu. A região dos ambundu é, atualmente, a mais habitada do país com cerca de 11 milhões de habitantes, fruto da aglomeração populacional na província de Luanda, a capital de Angola⁸.

De acordo com a divisão geográfica e étnica, as línguas vizinhas do Kimbundu são: a Norte, o Kikongo; a Este, o Cokwe e a Sul, o Umbundu. Como vimos acima, o kimbundu é a língua materna da etnia ambundu; todavia, a sua manutenção e preservação remetem-nos a uma profunda reflexão. A existência de muitos grupos linguísticos atrofia o desenvolvimento do kimbundu como língua natural da região. A diversidade de línguas, em Luanda, característica de todas as cidades metrópoles, faz do kimbundu uma língua menos falada.

Miguel (2003: 53), na sua abordagem à situação linguística de Luanda, diz que o kimbundu, língua natural da região, constitui um substrato do português. A autora ressalta a existência de inúmeras comunidades etnolinguísticas oriundas das diferentes províncias. Facto que, naturalmente, vai-se repercutir não só no português, como também na depreciação do kimbundu, língua nativa da região.

Para além das razões expostas, a maior parte da população rural dessa região domina duas línguas, o kimbundu e o português, facto que a caracteriza como bilingue. Aliás, segundo o Instituto Nacional de Estatística, no seu caderno sobre os resultados do censo realizado em 2014, na sua página 27, indica que 8% da população total de Angola fala kimbundu, sendo o kimbundu, uma das segundas línguas bantu mais falada no país, a par do kikongo.

Como vimos, em termos de importância numérica, o kimbundu é o segundo grupo que representa cerca da quarta parte da população. O kimbundu legou muitas palavras à língua portuguesa e importou desta, também, muitos vocábulos.

Quadro nº 6: Extensão do kimbundu por províncias

Províncias	Capitais	Língua
-------------------	-----------------	---------------

⁸ Cf. Quadro nº1: habitantes por províncias.

Malanje	Malanje	Kimbundu
Cuanza-Norte	Ndalatando	Kimbundu
Cuanza-Sul (somente a parte Norte)	Sumbe	Kimbundu
Bengo	Caxito	Kimbundu
Luanda	Luanda	Kimbundu
Lunda-Norte (Xamuteba)	Dundo	Kimbundu
Uíge (Cangola, Dimuca/Negage)	Uíge	Kimbundu

Como se pode ver, o kimbundu é falado, principalmente, nas províncias de Luanda, Bengo Cuanza-Norte, Malanje, Cuanza-Sul e, falado, parcialmente, nas fronteiras com as províncias de Uíge e Lunda-Norte.

Conforme afirmámos, o kimbundu constitui o substrato do português dessa parcela territorial. Para além das diversas formas que esta língua apresenta (variantes).

Como qualquer língua, o Kimbundu tem as suas variedades regionais, sócio-culturais, particularmente a nível fonético e lexical. Segundo João Fernandes e Zavoni Ntondo (2002: 44), a língua kimbundu tem as seguintes variantes linguísticas: “*Holo; kambondo/mbondo, kisama; lenge/kadi; mbaca; mbangala; mbolo; minungu; ndembu; ndongo; ngola/jinga; ngoya; ntemo; puna; songo; xinji*”. Na mesma perspectiva, Pélissier e Wheeler (2013:34) consideram essas variantes linguísticas como tribos. Segundo os autores, “as principais tribos neste grupo são os *mbaka, os ndongo e os quimbundo*”.

1.6.3. Classes nominais do kimbundu ou prefixos concordantes

Em kimbundu, a posição entre singular e plural é marcada por um prefixo concordante. De acordo com Malcom Guthrie (1948: 11), os nomes nas línguas bantu estão num sistema de géneros. De igual modo, António Costa (2006: 120) diz:

A categoria equivalente ao género, em quimbundo, nada tem a ver com a contraposição masculina/feminina e nem mesmo com binarismo oposicional macho/fêmea. O género é caracterizado pelos traços formais que a estrutura nominal impõe aos elementos que a ela se vinculam, na frase, as referidas classes pelas quais os nomes se repartem, em quimbundo, são correspondentes aos géneros.

Tal como acontece nas demais línguas bantu, no kimbundu, os prefixos estão reunidos em classes. Cada classe tem um prefixo dependente. E no que concerne ao género binário, em kimbundu existem dois prefixos, o singular e o plural. Quanto ao

género, em kimbundu está ligado ao número e não ao sexo (masculino e feminino), isto é, o género, em kimbundu, não tem a ver com sexo, mas, sim, com o número singular e plural. Para além do género pluralizante, também é notório o género monoclasses, isto é, palavras com um único prefixo. As monoclasses só se juntam à base, conforme o quadro que se segue.

Quadro nº 7: Classes nominais do Kimbundu

Prefixos				Exemplos Kimbundu		Exemplos Português	
Classe	Sing.	Classe	Plural	Sing.	Plural	Sing.	Plural
1 ^a	<i>Mu</i>	2 ^a	<i>A</i>	<i>Muhatu</i>	<i>Ahatsu</i>	Mulher	Mulheres
3 ^a	<i>Mu</i>	4 ^a	<i>Mi</i>	<i>Mutwe</i>	<i>Mitwe</i>	Cabeça	Cabeças
5 ^a	<i>Di</i>	6 ^a	<i>Ma</i>	<i>Diyala</i>	<i>Mayala</i>	Homem	Homens
7 ^a	<i>Ki</i>	8 ^a	<i>I</i>	<i>Kihaku</i>	<i>Ihaku</i>	Animal	Animais
9 ^a	<i>I / ∅</i>	10 ^a	<i>Ji</i>	<i>Inzo</i>	<i>Jinzo</i>	Casa	Casas
11 ^a	<i>Lu</i>	10 ^a	<i>Ji</i>	<i>Lufongo</i>	<i>Jifongo</i>	Ameixa	Ameixas
12 ^a	<i>Ka</i>	13 ^a	<i>Tu</i>	<i>Kaphuku</i>	<i>Tuphuku</i>	Ratinho	Ratinhos
14 ^a	<i>U</i>	6 ^a	<i>Ma</i>	<i>Usuku</i>	<i>Mausuku</i>	Noite	Noites
15 ^a	<i>Ku</i>	6 ^a	<i>Ma</i>	<i>Kudya</i>	<i>Makudya</i>	Alimento	Alimentos
16 ^a	<i>Bu</i>						
17 ^a	<i>Ku</i>						
18 ^a	<i>Mu</i>						

Para aclararmos o que salientamos acima, em Kimbundu, os prefixos desenvolvem uma relação de oposição numérica.

Vejamos como ocorre o agrupamento por géneros e classe em Kimbundu.

Quadro nº 8: Relação de oposição entre a classe 1^a *mu* e a classe 2^a, designando todos os seres humanos

Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português

Muhatu	Mulher	Ahatu	Mulheres
Mutudi	Viúvo(a)	Atudi	Viúvos ou viúvas
Muthu	Pessoa	Athu	Pessoas
Mùlòji	Guerrilheiro	Alòji	Guerrilheiros
Mùlójì	Feiticeiro	Alóji	Feiticeiros

Quadro nº 9: Relação de oposição entre classes

Oposição entre a classe 3 <i>mu</i> e a classe 4 <i>mi</i>			
Singular		Plural	
Kimbudu	Português	Kimbundu	Português
Muxitu	Floresta	Mixitu	Florestas
Mutwe	Cabeça	Mitwe	Cabeças
Muxi	Árvore	Mixi	Árvores
Muvo	Ano	Mivo	Anos
Muxima	Coração	Mixima	Corações
Oposição entre a classe 5 <i>di</i> e a classe 6 <i>ma</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Dijina	Nome	Majina	Nomes
Dikamba	Amigo	Makamba	Amigos
Ditwi	Orelha	Matwi	Orelhas
Diyaki	Ovo	Mayaki	Ovos
Oposição entre a classe 7 <i>ki</i> e a classe 8 <i>i</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Kinama	Perna	Inama	Pernas
Kikeletu	Cartilagem	Ikeletu	Cartilagens
Kifuba	Ossos	Ifuba	Ossos

Quadro nº 10: Diversos nomes

Oposição entre a classe 9 <i>i</i> ou (Ø) e a classe 10 <i>ji</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português

Mbolo	Pão	Jimbolo	Pães
Njila	Pássaro	Jinjila	Pássaros
Inzo	Casa	Jinzo	Casas
Nyoka	Cobra	Jinyoka	Cabras
Mbudi	Ovelha	Jimbudi	Ovelhas
Oposição entre a classe 11 <i>lu</i> e a classe 6 <i>ma</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Lukwaku	Mão	Maku ⁹	Mãos
Lumwenu	Espelho	Malumwenu	Espelhos
Oposição entre a classe 12 <i>ka</i> e a classe 13 <i>tu</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Kazola	Amado(a)	Túzòlà	Amados
Kandenge	Criança	Tundenge	Crianças
Oposição entre a classes 14 <i>u</i> e 6 <i>ma</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Uta	Arma	Mawuta	Armas
Utadi	Ferro	Mawutadi	Ferros
Usuku	Noite	Mawusuku	Noites
Oposição entre a classes 15 <i>ku</i> e 6 <i>ma</i>			
Singular		Plural	
Kimbundu	Português	Kimbundu	Português
Kubinga	Pedido	Makubinga	Pedidos

As classes 16 e 17 têm os seguintes itens:

Classe 16; bu

Exemplo: bu bhoxi “ao chão”

Classe 17; ku

(1) Exemplo: *ku dibya* (“na lavra”)

⁹ Neste caso, houve ocorrência de síncope: *makuákù* > *maúáku* > *maáku* > *maku*.

a. *Tata (papá) wai ku mabya*. “O pai foi à lavra”.

↓ ↓ ↓ ↓
 Pai foi na lavra

Classe 18; mu

(2) Exemplo: *mu menya* (“na água”)

Como vimos, uma parte dos substantivos kimbundu não se presta à comutação de prefixos para marcar a oposição singular/plural, mas funciona unicamente na classe do prefixo que lhe é associado.

Em kimbundu, todos os nomes, independentemente das suas funções sintáticas que assumem, são, necessariamente, marcados por um nominante prefixado à base. Este nominante está organizado em sistemas, isto porque o kimbundu faz parte do que designamos, habitualmente, por língua a classe¹⁰. O sistema dos nominantes é um sistema de relações onde se integram todos os nomes da língua, independente das funções sintáticas assumidas.

Quadro nº11: Prefixos concordantes ou dependentes

Classes nominais	Singular		Plural		
	Prefixos concordantes	Exemplos	Classes nominais	Prefixos concordantes	Exemplos
1 ^a mu	U	<i>muhatu umoxi</i>	2 ^a a	a	<i>ahatu atatu</i>
3 ^a mu	U	<i>muxi umoxi</i>	4 ^a mi	i	<i>mitwe itatu</i>
5 ^a di	Di	<i>dyala dimoxi</i>	6 ^a ma	a	<i>mayala atatu</i>
7 ^a ki	Ki	<i>Kima kimoxi</i>	8 ^a i	i	<i>ima itatu</i>
9 ^a i	I	<i>inzo imoxi</i>	10 ^a ji	ji	<i>jino jítatu</i>
11 ^a lu	Lu	<i>lufongo lumoxi</i>	10 ^a ji	ji	<i>jifongo jítatu</i>
12 ^a ka	Ka	<i>kaphuku kamoxi</i>	13 ^a tu	tu	<i>tuphuku tutatu</i>
14 ^a u	U	<i>usuku umoxi</i>	6 ^a ma	a	<i>mawsuku atatu</i>
15 ^a ku	Ku	<i>kudya kumoxi</i>	6 ^a ma	a	<i>makudya atatu</i>

Fonte: Armindo (2012: 60)

Quanto aos prefixos de acordos, parece existir uma divergência entre as classes nominais e os prefixos concordantes apresentados no quadro acima. Todavia, gostaríamos de deixar claro que houve ocorrência de aférese, nos seguintes prefixos

¹⁰ Língua composta por prefixos concordantes.

substantivos: muhatu > (m)umoxi > umoxi; mutwe > (m) umoxi > umoxi; mayala > (m)atatu > atatu; mitwe > (m)itatu > itatu; mawsuku > (m)atatu > atatu.

Quadro nº12: Palavras monoclasses

Nomes Kimbundu	Classes	Nomes portugueses	Singular	Plural
Maninga	6 ^a ma	Sangue		_____
Mbundu	9 ^{ai}	Nevoeiro	_____	
Thuku	13 ^a tu	Pó, poeira		_____
Maka	6 ^a ma	Assunto, problema		_____
Makutu	6 ^a ma	Falsidade, mentira		_____
Kidi	7 ^a ki	Verdade	_____	
Makanya	6 ^a ma	Tabaco		_____
Jyayu	10 ^a ji	Alho		_____
Miteta	4 ^a mi	Semente de abóbora	_____	_____
Kitadi	7 ^a ki	Dinheiro	_____	
Kingombo	7 ^a ki	Quiabo	_____	
Dimume	5 ^a di	Orvalho	_____	
Mvula	9 ^{ai}	Chuva	_____	
Malowa	6 ^a ma	Lama		_____
Mavu	6 ^a ma	Barro		_____
Museke	3 ^a mu	Areia		_____

Tal como vimos no quadro anterior, os substantivos monoclasses são todos os nomes que, nas línguas bantu, possuem somente um prefixo podendo ser pluralizante ou singularizante. Assim, o princípio de sistema de classes nominais, em kimbundu, obedece a alguns pressupostos, a sua formação depende de um prefixo mais uma base, isto é, o sistema de classes nominais é igual a prefixo mais a base. Estes prefixos, por sua vez, determinam o género singular e plural. Tal como assinalámos, o género não identifica o sexo, mas sim o número.

Na perspetiva de Ntongo (2006: 50), os substantivos simples são formados, de uma maneira geral, por um lexema, ao qual se junta um prefixo apto a assumir uma função sintática num enunciado. A maioria dos lexemas substantivais aceita a presença

de dois prefixos, indicando um o singular e outro o plural; outros, pelo contrário, admitem somente um prefixo que pode ser do singular ou do plural.

Quadro nº13: Classes nominais do singular

Kimbundu	Português
Classe 3ª: mu-	
Mongwa	Sal
Mwanya	Sol
Mwenyu	Vida
Muzonge	Molho
Classe 5ª: di-	
Dikanga	Distante
Dyulu	Céu
Disanga	Náusea
Dixi	Fumo
Dizumba	Cheiro
Divwa	Nove
Classe 7ª: ki-	
Kitadi	Dinheiro
Kidi	Verdade
Kilu	Sono
Kitanu	Cinco
Kitembwe	Ar
Kilunji	Discernimento
Classe 9ª: i- Ø-	
Mbeji	Lua
Lwanya	Sol
Wembu	Paz
Nzala	Fome
Wiki (wemba)	Mel
Njinda	Raiva
Classe 11ª: lu-	
Lumbi	Inveja
Lungoji	Cordão

Lusolo	Rapidez
Classe 12ª: ka-	
Kavanza	Confusão
Kabwalala	Diarreia
Kalunga	Morte
Classe 14ª: u-	
Usuku	Noite
Ufusa	Sujeira
Unguma	Inveja (ressentimento)
Wadyama	Miséria (pobreza)
Ungumba	Solidão
Wongo	Cérebro

Quadro nº14: Classes nominais do plural

Kimbundu	Português
Classe 6ª: ma-	
Menya	Água
Manyinga	Sangue
Makutu	Mentira
Makala	Carvão
Matuji	Fezes
Maji	Óleo
Classe 8ª: i-	
Ita	Combate
Ima	Coisas
Yangu	Vegetação
Classe 10ª: ji-	
Jinguba	Amendoins
Jindende	Desdêns
Classe 13ª: tu-	
Tubya/thuya	Fogo

Quadro nº 15: Classe 15ª ku- como prefixo que se associa apenas aos lexemas verbais

Kimbundu	Português
Kudila	Chorar
Kufùndá	Sepultamento (sepultar)
Kufúndà	Julgamento (julgar)
Kulàmbà	Cozinhar
Kulámbá,	Enterrar

Quadro nº16: Prefixos que veiculam uma noção de superfície, de contacto e de aproximação

Kimbundu	Português
Classe 16ª: bu-	
Bu kyangu	no capim
Bu dyulu	no céu
Bu boxi	no chão
Classe 17ª: ku-	
Kimbundu	Português
Ku Luanda	para, a, em Luanda
Ku xikola	na, à escola
Ku jiphitale	no, ao hospital
Classe 18ª: mu-	
Mu inzu	em casa
Mu alunga	no mar
Mu kilombo, mbanza	na cidade, na corte real

O kimbundu apresenta 18 classes segundo nos mostra o quadro de prefixos apresentado nas linhas anteriores. Todavia, as classes 16, 17 e 18 desempenham funções específicas¹¹. Segundo Ntongo (2006: 37- 44), o prefixo de classe 1ª associa-se aos lexemas que designam pessoas humanas.

¹¹ Os prefixos das classes 16ª (bu-), 17ª (ku-) e 18ª (mu-) têm a particularidade de indicar o lugar, sempre prepostos aos substantivos, marcando quer a superfície, quer a direção, quer ainda a interioridade, respetivamente.

1.6.4. Inexistência do artigo em kimbundu

Na língua portuguesa, o artigo serve como determinante de um nome para indicar ou tomar um sentido definido ou indefinido e é marca do substantivo. A frase a que se antepõe um artigo fica, automaticamente, substantivada.

O mesmo não acontece na língua kimbundu, pois os substantivos não são precedidos por qualquer partícula articular, salvo em situações opcionais, onde se regista a ocorrência do determinante *ó*, que, às vezes, equivale ao artigo definido.

Costa (2006: 71) diz que para além da ausência de correspondência do artigo *um*, em kimbundu, outro diferencial fundamental em relação ao português é o fato de o determinante *ó* do kimbundu ser opcional, ou seja, ocorre em variação livre, em certas configurações frásicas.

(3) Ex. : *Nga soneka mukanda*¹². (“Escrevi uma carta”)

↓ ↓
Escrevi carta

Observando a frase acima, a sua tradução direta não corresponde à tradução lógica da frase. Isto quer dizer que, em kimbundu, o substantivo não aparece ladeado por qualquer partícula à sua esquerda que equivale ao artigo indefinido.

- a. Escrevi carta.
- b. Escrevi uma carta.

O que observamos na frase a., é a inexistência do artigo indefinido; ao passo que na frase b., o artigo está presente.

Como dissemos atrás, o determinante *ó*, certas vezes, corresponde ao artigo definido. Mas comumente, a construção frásica, em kimbundu, aparece sempre sem nenhum equivalente articular.

Vejamos os seguintes exemplos:

- (4) a. *Nga sònèkà mukándà*. (“Escrevi a carta”).
- b. *Nga sonèkà ó mukàndà!* (“Escrevi a carta”)!

Na frase a., ocorre uma intensidade de voz; enquanto na frase b., denota-se um abrandamento de voz. Ocorre uma certa musicalidade com todos os tons graves. Mas, conforme dissemos, quer seja numa forma, quer seja da outra, a frase não perde o seu sentido real.

¹² A partícula *nga* é um elemento que faz parte da estrutura verbal, em Kimbundu; é correspondente ao pronome pessoal, ou seja, corresponde à primeira pessoa pronominal.

(5) *Ó mònàwadibàlè!* (“O filho caiu”).

↓ ↓ ↓
O filho caiu

a. *Mònà wadibále.* (“O filho caiu”).

↓ ↓
Filho caiu

Agora, observemos nos seguintes exemplos a ligeira diferença que neles ocorre:

b. *Ó mònà wadibále.*

↓ ↓ ↓
D N V

Esquema da estrutura frásica: $S = D + N + V$

c. *Mònà wadibále.*

↓ ↓ ↓
(Ø) N V

Esquema frásico: $S = \emptyset + N + V$

Como se pode ver, em kimbundu não há ocorrência de uma estrutura frásica equivalente ao artigo indefinido *um* do português, o que tem consequências no processo de atualização de substantivos, como na sua quantificação. Apenas ocorre o registo de determinante *ó* como equivalente ao artigo definido do português, mas de forma opcional, não sendo o seu uso obrigatório.

Se se compreenderem os aspetos acima expostos, estaremos em condições de entender alguns fatores linguísticos que estão na origem das discrepâncias que se verificam nas estruturas gramaticais do português falado em Angola, o qual é determinado pela influência do Kimbundu e de outras línguas.

1.6.5. Posição dos interrogativos em kimbundu

Tal como em português, em kimbundu, os morfemas interrogativos servem para fazer interrogações sobre pessoas, animais ou coisas que se distinguem pela espécie, pela qualidade, ou por conteúdo diferente.

Quadro nº17: Pronomes interrogativos (*Wehi, webi/wahi* ou *anhi*: quem, quanto)

Inflexivos	Flexivos	Formas apoclíticas
Seletivos <i>Kuxi</i> : que, qual, quais	Especificativos <i>Wehi (ahi)</i> ou <i>anhi</i> : que, qual, quais	<i>Hi, nhi</i> : que, qual, quais
Ordenativos <i>Kyehi/kehi</i> : qual, quais	Seletivos <i>Ehi/ebi</i> : que, qual, quais	
	Quantitativos <i>Kuxi</i> : quanto, a, o, as, os	

Contrariamente ao português, em kimbundu, o interrogativo fica à direita do nome, ou seja, as partículas interrogativas pospõem-se aos morfemas substantivais.

(6) Exemplos:

- Muhatu webi?* (“Que mulher”)?
- Ana ehi?* (“Quais crianças”)?
- Twana tu kuxi?* (“Quantas crianças”)?

Os interrogativos servem para perguntar sobre pessoas, animais ou coisas que se distinguem pela espécie, pela qualidade, ou por conteúdo diferente. Como em português a entoação varia conforme a intenção da pergunta.

Quadro nº18: Pronomes interrogativos (*mukwahi, kihi, kyebi, inhi, ihi*: donde, quem, qual)

Inflexivos	Flexivos		Formas apoclíticas	
	Formas simples			Forma composta
	Pessoas			
	Singular	Plural		
Pessoas: <i>nani, nê</i> : (quem?)	<i>Mukwahi</i> (quem?, donde?)	<i>akwahi</i> (quem?)	Neutros <i>Kihi, inhi, ihi</i> <i>Kyebi, yebe, i</i> (que é que?)	
Ordenativos <i>kakuxi</i> : (qual?, quais?)	Neutros <i>Kihi</i> <i>Kyebi</i> (que?, quê?, qual?, quais?)	<i>ih</i> <i>Yebi</i>		
	Especificativos <i>Ahi</i> (qual?, quais?)	<i>Ahi</i>		
	Seletivos <i>Ehi/ebi</i> (qual?, quais?)	<i>ehi/ebi</i>		
	Quantitativos <i>Kuxi</i>	<i>Kuxi</i>		

	(quanto?, a, o	(<i>quantos? as, os</i>		
--	----------------	--------------------------	--	--

Regra geral, nas frases constituídas por um sintagma verbal, ocorre a anteposição do verbo, colocando-se o morfema interrogativo na posição final da frase, assim como:

Quadro nº 19: Frases interrogativas

Walu ya kwehi?	Aonde vais?
Watungu kwehi?	Onde moras?
Wambe ihi?	O que fizeste?
Wadi longa ihi?	Que classe frequentas?
Twandu banga ihi?	O que vamos fazer?
Twandu banga jingihu kwehi?	Onde faremos a prova?
Wala kwehi /yala kwehi?	Onde está?
Nganda dilongela ihi?	Para que vou estudar?
Mwalu banga ihi?	O que estão a fazer?
Wandala dibukhu dyehi?	Qual livro preferes?
Ngi futa kikuxi?	Quanto devo?
Walutundakwehi/ kwé?	Donde vens?

1.6.6. Uso do pronome possessivo em Kimbundu

O pronome possessivo é pós-nominal e concorda com o nome através de:

(7) Exemplos:

- yami* = meu
- ye* = teu
- ye* = seu, deles
- yetu* = nosso
- yenu* = vosso
- ya/ yene* = seus, deles

Em kimbundu, a concordância ocorre através da combinação de sons. A marca do pronome possessivo manifesta-se em vários pontos do enunciado, isto é, está presente no princípio de cada um dos nomes do enunciado.

(8) Exemplos:

- a. *Inzu iyi yami, ina ye.* (“Essa casa é minha e aquela é sua”).

- b. *Dikaludidi dyami*. (“Esse carro é meu”).
- c. *Diyembudyami dyazele*. (“O meu bairro é limpo”).
- d. *Dyembe dyami dyo nene*. (“A minha rola (pássaro) é grande”).

1.6.7. Uso do pronome demonstrativo em kimbundu

Pronomes demonstrativos mostram as pessoas, animais. Também são os que determinam o lugar que os objetos ocupam.

Em kimbundu, os pronomes demonstrativos, propriamente ditos, não existem, pois estes são representados por: esse, aquele, mesmo, isto, isso, aquilo.

Há três formas de demonstrativos, correspondentes:

(9) a. *Yu* – próximo do locutor (“este”)

b. *Yo* – próximo do interlocutor (“esse”)

c. *Yuna* – afastado do locutor e do interlocutor “aquele(a)”, para indicar pessoas; *ina*, para indicar animais; *kina*, para indicar coisas.

Quadro nº20: Pronomes demonstrativos

Classes	Prefixos concordantes		Yu – este		Yoyo – esse		Ina – aquele	
	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.	Sing.	Plur.
1 ^a /2 ^a	<i>u</i>	<i>A</i>	Yu	Ya	yo	yo	yuna	yana
3 ^a /4 ^a	<i>u</i>	<i>I</i>	Yu	iyi	yo	yoyo	yuna	ina
5 ^a /6 ^a	<i>di</i>	<i>Ma</i>	Didi	Ya	dyodyo	yo	dina	yana
7 ^a /8 ^a	<i>ki</i>	<i>I</i>	Kiki	iyi	kyokyo	yoyo	kina	ina
9 ^a /10 ^a	<i>i</i>	<i>Ji</i>	Iyi	jiji	yoyo	jyoyyo	ina	jina
11 ^a /6 ^a	<i>lu</i>	<i>Ma</i>	Lulu	Ya	lolo	yo	luna	yana
11 ^a /10 ^a	<i>lu</i>	<i>Ji</i>	Lulu	iyi	lolo	jyoyyo	luna	jina
12 ^a /13 ^a	<i>ka</i>	<i>Tu</i>	Kaka	tute	koko	toto	kana	tuna
14 ^a /6 ^a	<i>u</i>	<i>Ma</i>	Yu	Ya	yo	yo	yuna	yana
15 ^a /6 ^a	<i>ku</i>	<i>Ma</i>	Kuku	Ya	koko	yo	kuna	yana

Fonte: Armindo (2012: 51). Nossa adaptação

1.6.8. Uso do pronome pessoal em Kimbundu

Em kimbundu, os pronomes pessoais correspondem aos prefixos, que determinam o sujeito e se ligam ao verbo. Pela função que exercem, alguns autores denominam-nos de prefixos concordantes do sujeito.

(10) Ex.:

Eme/ami ngì= eu, eye/aye= tu, mwene ù= ele/ela, etu tù =nós, enu mù= vós, ené a= eles/ elas.

ngì- = eu

ù- = tu

ù- = ele

tu- = nós

mú- = vós

a- = eles

Os prefixos concordantes servem também para substituir o verbo *kukala* “ser, estar e ter que”, como verbo simples, que não se emprega na 1ª ou 2ª pessoa do singular ou do plural.

Ex.: *éme ngi – diyala* – eu sou homem.

1.7. Convergência fonética e fonológica em Kimbundu

Em kimbundu, não ocorre nenhuma divergência fonética e fonológica, como acontece na língua portuguesa. Os sons ouvidos coincidem com os grafemas, ou seja, em kimbundu, os fonemas não apresentam várias realizações, cada som corresponde a um fonema. Outra característica desta língua é a inexistência de dígrafos.

Para melhor compreensão apresentamos as seguintes palavras com a sua devida transcrição fonética:

(11)

Kimbundu		Português	
a) <i>Inzo</i>	[ĩzɔ]	Casa	['kazɐ]
b) <i>Kuswika</i>	[ku'swika]	Êxito	['ɛjzitu]
c) <i>Kuxaka</i>	[ku'ʃaka]	Êxodo	['ɛjzudu]

Em kimbundu, as vogais são geralmente pronunciadas abertas, as semiconsoantes têm valor morfológico de consoantes.

O sistema vocálico kimbundu é composto por cinco vogais: uma central *a*, duas anteriores *e*, *i* e duas posteriores *o*, *u*. Em kimbundu, não existem vogais nasais, todas são orais com quatro graus de abertura (Mingas 2000: 36).

Quadro nº 21: Grau de abertura e ponto de articulação das vogais

Grau de abertura	Ponto de articulação		
	Anteriores	Centrais	Posteriores
1º Grau	[i]		[u]
2º Grau	[e]		[o]
3º Grau	[ɛ]		[ɔ]
4º Grau		[a]	

Fonte: Mingas (2000: 36). Nossa adaptação.

As vogais em kimbundu são caracterizadas por dois tons: alto, grafado com o acento agudo (´), como em *njila*: caminho; e baixo, grafado com o acento grave (`), como em *njila*: “pássaro”.

Os tons não devem ser confundidos com os acentos gráficos que, em português, servem para marcar a altura.

Quadro nº 22: Representação fonética dos sons consonânticos Kimbundu

Ponto de articulação		Bilabial	Ápico dental	Lábio dental	Alveolar	palatal	velar	global	
Modo de articulação	Orais	Surda	[p]	[t]			[k]		
		Sonora	[b]	[d]					
		Surda			[f]	[s]	X [ʃ]		
		Sonora			[v]	[z]	J [ʒ]		[h]
	Pré-nasais	Surda		[nt]					
		Sonora	[mb]	[nd]			[nj]	[ng]	
		Surda			[mf]	[ns]			
		Sonora			[mv]	[nz]			
	Nasais	Sonora	[m]	[n]			[ny]	[ñg]	
	Contínuas		[w]	[i]			[y]		

Fonte: Armindo (2012: 47)

Como se pode ver no quadro acima, em kimbundu existem sete consoantes oclusivas: *b, p, ph, t, th, k, kh*; sete consoantes fricativas: *f, v, s, z, x, j, h*; uma lateral: *l*; três nasais: *m, n, ny*; seis pré-nasais: *mb, nd, ng, nj, mv, nt* e duas semivogais: *w, y*.

1.8. Os Verbos do Kimbundu

Tal como em português, em kimbundu, os verbos exprimem os estados, as ações, as qualidades, a existência ou a posse, situados no tempo. De facto, não há frases sem verbos, mas um verbo pode por si só constituir uma frase, como em português.

(12) *Ngadi* (“comi”).

Os verbos, sendo predicados e atributos que caracterizam o sujeito, podem estar expressos ou subentendidos.

1.8.1. Tema

Conforme afirmámos, o tema é constituído por um radical mais a vogal final. No caso do verbo *kubanga* (“fazer”), temos *ku* (infinitivo) + *bang* (radical) + *a* (vogal temática).

Quanto a esta abordagem, gostaríamos de realçar a discrepância existente entre a perspetiva de Moisés Malumbu (2007: 115-116), aquela em que nos baseamos, e a de Domingos Pedro, que considera a vogal final *-a* de todos os verbos kimbundu como característica do infinitivo¹³. Todavia, discordamos dessa proposta de análise. As pesquisas feitas quer por fontes orais, quer por fontes escritas corroboram a abordagem de Moisés Malumbu. Em kimbundu existem cinco formas de conjugações e uma única vogal final em todos os verbos.

Vejamos os verbos apresentados no quadro abaixo.

Quadro nº 23: Representação das cinco conjugações em Kimbundu

Verbos	Pessoas	Prefixos verbais	Tema	Vogal
1ª <i>Kubanga</i> (“fazer”)	<i>eme</i> (“eu”)	<i>ngi</i>	<i>Bang</i>	<i>a</i>
2ª <i>Kubeta</i> (“bater”)	<i>eye</i> (“tu”)	<i>u</i>	<i>Bet</i>	<i>a</i>
3ª <i>Kubita</i> (“passar”)	<i>mwene</i> (“ele/ela”)	<i>u</i>	<i>Bit</i>	<i>a</i>
4ª <i>Kubonga</i> (“apanhar”)			<i>Bong</i>	<i>a</i>

¹³ Cf. Pedro (1987: 214): “la finale *-à* est attestée à l’infinitif de tous les verbes, ainsi que dans toutes les formes de conjugaison sauf au prétérit proche de l’indicatif”.

5 ^a <i>Kubùza</i> (“arrancar”)			<i>Buz</i>	<i>a</i>
1 ^a <i>Kubanga</i> (“fazer”)	<i>etu</i> (“nós”)	<i>tu</i>	<i>Bang</i>	<i>a</i>
2 ^a <i>Kubeta</i> (“bater”)	<i>enu</i> (“vós”)	<i>mu</i>	<i>Bet</i>	<i>a</i>
3 ^a <i>Kubita</i> (“passar”)	<i>ene</i> (“eles/elas”)	<i>a</i>	<i>Bit</i>	<i>a</i>
4 ^a <i>Kubonga</i> (“apanhar”)			<i>Bong</i>	<i>a</i>
5 ^a <i>Kubùza</i> (“arrancar”)			<i>Buz</i>	<i>a</i>

1.8.2. Flexão Verbal em kimbundu

No que concerne à vogal temática, em kimbundu, ocorre de forma inversa, isto é, a mesma aparece depois da partícula “ku”, a característica que indica o infinitivo.

Quanto a esta abordagem, inspiramo-nos do trabalho de Malumbu (2006: 115-116), segundo o qual, em Umbundu existem cinco conjugações: “Estas conjugações podem ser individualizadas em correspondência com as cinco vogais: a, e, i, o, u”. De igual modo, em kimbundu existem cinco conjugações.

Exemplos:

1^a *Kubanga* (“fazer”)

2^a *Kubeta* (“bater”)

3^a *Kubita* (“passar”)

4^a *Kubonga* (“apanhar”)

5^a *Kubuzza* (“arrancar”)

Fazem parte da primeira conjugação os verbos que têm a vogal temática *a*, na sílaba imediatamente a seguir à partícula do infinitivo pessoal:

Kutanga (“ler”)

Kulanga (“cuidar”)

Kutala (“contemplar, verificar, averiguar e ver”)

Kubala (“subir”)

Kubanza (“pensar”)

Kusamba (“rezar”).

São verbos de segunda conjugação os que têm a vogal temática *e*, na sílaba imediatamente a seguir à partícula do infinitivo:

Kwenda (“andar”)
Kweha (“deixar”)
Kwendesa (“conduzir”)
Kubeza (“adorar”)
Kulenga (“correr”)
Kulesa (“lamber”).

Fazem parte da terceira conjugação os verbos que têm a vogal temática *i*, na sílaba imediatamente a seguir à partícula infinitiva:

Kwiza (“vir”)
Kuya (“ir”)
Kwinda (“entrançar”)
Kwimbila (“cantar”)
Kubinga (“pedir”)
Kudingila (“mentir”)
Kudila (“chorar”)
Kudimba (“enrrolar”).

De igual modo, são verbos de quarta conjugação os que têm a vogal temática *o*, na sílaba imediatamente a seguir à partícula de infinitivo:

Kwoza (“moer”)
Kwonga / kutonoka (“brincar”)
Kusota (“procurar”)
Kubonza (“aborrecer”)
Kulonga (“ensinar”)
Kuzola (“amar”).

Fazem parte da quinta conjugação os verbos que têm a vogal temática *u*, na sílaba a seguir ao radical do infinitivo pessoal:

Kusumba (“comprar”)
Kulúnga (“aprovar”)
Kuhuta (“cortar ou ação de cortar o cabelo”)
Kulùnga (“temperar”)
Kususa (“urinar”).

Kutunda (“sair”)

Kufundisa (“julgar”)

Kufuta (“pagar”)

Segundo o que dissemos acima, os verbos kimbundu contrastam com os verbos portugueses: a desinência “r” ligada à vogal caracteriza o infinitivo em português, ao passo que em kimbundu a característica infinitiva é anteposta ao radical. Em todos os verbos kimbundu é visível a vogal final “a”, que não pode ser confundida com a vogal temática, que precede o radical do verbo.

Quadro nº 24: Vogais temáticas e radicais

Verbos	Caraterística do infinitivo	Vogais temáticas	Radicais	Vogal final
<i>Kubanga</i> : fazer	<i>Ku</i>	A	<i>bang</i>	a
<i>Kubeta</i> : bater	<i>Ku</i>	E	<i>bet</i>	a
<i>Kubinga</i> : pedir	<i>Ku</i>	I	<i>bing</i>	a
<i>Kulonga</i> : ensina	<i>Ku</i>	O	<i>bong</i>	a
<i>Kusumba</i> : comprar	<i>Ku</i>	U	<i>sumb</i>	a

Em kimbundu, aparecem em primeiro lugar os temas, a que se juntam, seguidamente, os radicais e as restantes partículas, para a conjugação dos verbos, em todos os seus modos e tempos.

Na mesma perspectiva, Domingos Pedro (1987: 208) afirma que “en kimbundu, le constituant verbal présente une morphologie qui implique la séquence des éléments suivants”:

1. ±*pré-initiale*

2. ±*préfixe verbal*

3. + *verbant*

4. ± *infixe*

5. + *thème*

6. + *finale*

7. ± *post-finale*.

Segundo esse autor, dentro da posição pré-inicial temos os seguintes morfemas: *ngi* (eu), *ù* (tu), *ú* (ele), *tu* (nós), *nù* (vós), *à* (eles).

Em português, a partícula final do verbo é que identifica a pessoa; em kimbundu, o tempo verbal é caracterizado pelas partículas *ngì* (eu), *ù* (tu), *ú* (ele/ela), *tu* (nós), *mù* (vós), *à* (eles/elas), isto é, desinências pessoais mais pronomes pessoais.

Segundo Pedro (1987: 211), trata-se de um prefixo verbal que indica os participantes:

- Emissor sing. *ngì tanga* (“eu leio”); pl. *Tu tanga* (“nós lemos”).
- Recetor sing. *ù tanga* (“tu lêes”); pl. *Mù tanga* (“vós ledes”).

1.8.3. Os Modos verbais

Como vimos, o kimbundu é uma língua de origem bantu, que, como outras, ficou durante muitos anos sem escrita. O kimbundu era somente uma língua oral, que adquiriu forma escrita graças a traduções da bíblia sagrada e outros materiais evangélicos. A partir do momento em que estes materiais foram traduzidos para kimbundu, houve maior preocupação em estudar as estruturas gramaticais dessa língua. Não havendo, contudo, muita informação bibliográfica sobre as línguas angolanas de origem bantu, a escrita do kimbundu passou a apoiar-se no alfabeto português, língua de origem latina.

No que toca à categoria verbal de modo, o kimbundu recorre ao sistema do português, isto é, faz-se uma transferência do português para o kimbundu. Desta forma, os modos podem ser vistos como as diversas maneiras de fazer a afirmação com base na forma verbal. Assim sendo, podem distinguir-se:

a) Indicativo

O indicativo é formado pela simples anteposição dos pronomes pessoais concordantes ao radical do verbo. O indicativo tem formas do presente (exprime afirmação positiva e categórica), do pretérito (exprime afirmação de uma ação passada) e do futuro (exprime uma ação que há-de realizar depois). Esta perspetiva também é corroborada por Maia (1957: 72-73).

b) Imperativo

Tal como em português, em kimbundu, o modo imperativo exprime uma ordem, mandato, admoestação, etc. Forma-se do infinitivo, suprimindo-lhe a partícula “ku” formando assim a 2ª pessoa do singular: *sumbe* (“comprai”), acrescentado a partícula *nù* (*sumbenù*) para a forma “comprem”.

c) Conjuntivo

O conjuntivo exprime a ação dependente e subordinada a outra. O conjuntivo forma-se do presente próximo (pouco remoto) mudando a desinência *a* em *awe*.

Sumbè / sumbawè (“compre”);

Endè / endawè (“ande”).

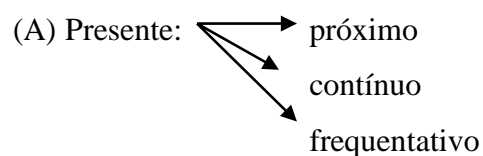
d) Infinitivo

Em kimbundu, todos os verbos são formados pelo prefixo *ku* e por um radical que termina sempre em *-a*.

(13) Ex.: *kubanga* (“fazer”) = a partícula *ku* (prefixo) + *bang* (radical) + *a* (vogal final).

1.8.4. Tempos Verbais

Como já assinalámos, os tempos são as formas dos verbos que exprimem o momento em que se praticou a ação, tal como afirma Domingos Pedro (1987: 215-220). Os tempos são:



- O presente próximo (pouco remoto) emprega-se para uma ação ou estado que principiam no momento da enunciação. Forma-se com as partículas *ngi*, *u*, *tu*, *à*.

(14) *Kuzwela* “falar”

a) *Eme ngi zwela*. “Eu falo”

[*eme* (“eu”) + *ngi* (partícula que indica a 1ª pessoa do singular) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

b) *Eye u zwela*. “Tu falas”

[*eye* (“tu”) + *u* (partícula de presente próximo) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

c) *Mwene u zwela*. “Ele fala”

[*mwene* (“ele”) + *u* (partícula de presente próximo) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

d) *Etu tu zwela*. “Nós falamos”

[*etu* (“nós”) + *Tu* (partícula que indica a 1ª p. do plural de presente próximo) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

e) *Enu mu zwela*. “Vós falais”

[*enu* (“vós”) + *mu* (partícula que indica a 2ª p. do plural de presente próximo) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

f) *Ene à zwela*. “Eles falam”

[*ene* (“eles”) + *à* (partícula que indica a 3ª p. do plural de presente próximo) + *zwel* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

- O presente contínuo emprega-se para a ação em curso. Forma-se com as seguintes partículas: *ngolo/ngala*, *walo/wala*, *twolo*, *mwalo*, *àlò*.

(15) *Kutanga* (“ler”):

a) *Eme ngolo kutanga*. “Eu estou a ler”

[*eme* (“eu”) + *ngolo/ngala* (partícula que indica a 1ª p. do singular de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

b) *Eye walo kutanga*. “Tu estás a ler”

[*eye* (“tu”) + *walo* (partícula que indica a 2ª p. do singular de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

c) *Mwene walo tanga*. “Ele está a ler”

[*mwene* (*ele*) + *walo* (partícula de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

d) *Etu twalo tanga*. “Nós estamos a ler”

[*etu* (*nós*) + *twalo* (partícula de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

e) *Enu mwalo tanga*. “Vós estais a ler”

[*enu* (*vós*) + *mwalo* (partícula que indica a 2ª p. Plural de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

f) *Ene àlò tanga*. “Elas estão a ler”

[*ene* (“eles”) + *àlò* (partícula que indica a 3ª p. Plural de presente contínuo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

- O Presente frequentativo forma-se com as partículas “ngene, wene, twene, mwene, éne”, antepostas ao infinitivo do verbo.

(16) *Kutanga* (“ler”): a)

a) *Eme ngene kutanga*. “Costumo ler”

[*eme* (“eu”) + *ngene* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

b) *Eye wene kutanga*. “Costumas ler”

[*eye* (“tu”) + *wene* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula [que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

c) *Mwene wene kutanga*. “Costuma ler”

[*mwene* (“ele”) + *wene* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

d) *Etu twene kutanga*. “Costumamos ler”

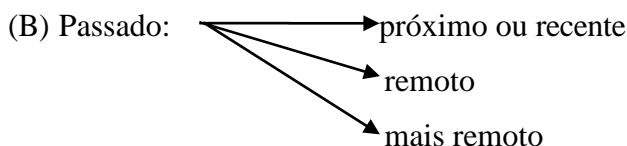
[*etu* (“nós”) + *twene* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

e) *Enu mwene kutanga*. “Costumastes ler”

[*enu* (“vós”) + *mwene* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

f) *Ene éne kutanga*. “Costumam ler”

[*ene* (“eles”) + *éne* (partícula de presente frequentativo) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]



O passado recente emprega-se quando se quer significar uma ação que agora mesmo ou há pouco se completou, por referência ao momento presente da enunciação. Forma-se com as partículas *ngá, wá, twá, mwá, á* + *tang* (o radical do verbo) + *a* (vogal final).

(17) *Kutanga* (“ler”):

a) *Eme ngá tange*. “Eu li”

[*eme* (*eu*) + *ngá* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

b) *Eye wá tange*. “Tu leste”

[*eye* (“tu”) + *wa* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

c) *Mwene wá tange*. “Ele / ela leu”

[*mwene* (“ele”) + *wá* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

d) *Etu twá tange*. “Nós lemos”

[*etu* (“nós”) + *twá* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

e) *Enu mwá tange*. “Vós lestes”

[*enu* (“vós”) + *mwa* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

f) *Ene á tange*: “eles / elas leram”

[*ene* (“eles”) + *à* (partícula de passado recente) + *ku* (partícula que indica o infinitivo) + *tang* (radical verbal) + *a* (vogal final)]

- O passado remoto serve para indicar uma ação que foi inteiramente acabada num tempo mais ou menos passado. As partículas pronominais (*ngá*, *wá*, *twá*, *mwá*, *á*) são as mesmas do pretérito recente. Apenas se acrescenta a partícula “le” no fim do tema verbal. Por exemplo, no verbo *kutanga* “escrever”, coloca-se *-e* mais a partícula *le*, como se pode observar abaixo:

(18) *Kutanga* (“ler”):

a) *Eme ngá tangele*: “Eu lia”

[*eme* (“eu”) + *nga* (infixo de 1ª p. Singular) + *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

b) *Eye wá tangele*. “Tu lias”

[*eye* (“tu”) + *wa* (infixo de 2ª p. Singular) + *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

c) *Mwene wá tangele*. “Ele lia”

[*mwene* (“ele”) + *wa* (infixo de 3ª p. Singular) + *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

d) *Etu twa tangele*. “Nós líamos”

[*etu* (“nós”) + *twa* (infixo de 1ª p. plural) + *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

e) *Enu mwa tangele*. “Vós líeis”

[*enu* (“vós”) + *mwa* (infixo de 2ª p. plural) *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

f) *Ene a tangele*. “Eles liam”

[*ene* (“eles”) + *a* (infixo de 3ª p. plural) *tang* (radical verbal) + *ele* (partícula de passado remoto)]

- Passado mais remoto (mais que perfeito)

Em kimbundu, usa-se o pretérito mais remoto para relembrar os bons momentos vividos no passado. É um tempo que se aplica em situações de precaridade, aflições, angústias e lamentações. Por exemplo, quando um idoso é maltratado pelos seus parentes, ou vive situações difíceis em relação aos tempos da sua juventude, usa-se este tempo verbal, sinónimo de lamentação. Geralmente, é um tempo que se usa mais na primeira pessoa do singular ou plural. Este tempo é formado com as partículas *èlè / èlyami* (1ª pessoa do singular) e *èlè/ èlyetu* (2ª pessoa do plural).

(19) *Kukalakala* (“trabalhar”):

a) *Eme nga kalekèlè / eme nga kalekèlyami nà*. “Eu trabalhara”

[*eme* (“eu”) + *nga* (infixo de 1ª pessoa do singular) + *kal* (radical verbal) + *ekèlè/ ekèlyami nà* (partícula de passado mais remoto)]

b) *Eye wa kalekèlè/ eye wa kalekèlye nà*. “Tu trabalharas”

[*eye* (“tu”) + *wa* (infixo de 2ª pessoa do singular) + *kal* (radical verbal) + *ekèlè/ekèlye nà* (partícula de passado mais remoto)]

c) *Mwene wa kalekèlè/ mwene wa kalekèlye nà*. “Ele trabalhara”

[*mwene* (“ele”) + *wa* (infixo de 3ª pessoa do singular) + *kal* (radical verbal) + *ekèlè/ekèlye nà* (partícula de passado mais remoto)]

d) *Etu twa kalekèlè / etu twa kalekèlyetu nà*. “Nós trabalháramos”

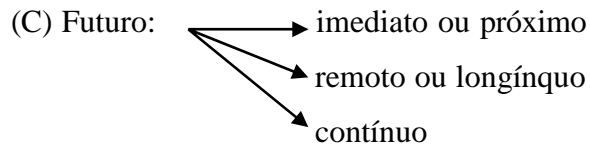
[*etu* (“nós”) + *twa* (infixo de 1ª pessoa do plural) + *kal* (radical verbal) + *èkelè/ èkelyetu nà* (partícula de passado mais remoto)]

e) *Enu mwa kalekèlè/ enu mwa kalekèlyenu nà*. “Vós trabalháreis”

[*enu* (“vós”) + *wa* (infixo de 2ª pessoa do plural) + *kal* (radical verbal) + *ekèlè / ekèlyenu nà* (partícula de passado mais remoto)]

f) *Ene à kalekèlè/ ene à kalekèlya nà.* “Eles trabalharam”

[*ene* (“eles”) + *à* (infixo de 2ª pessoa do plural) + *kal* (radical verbal) + *ekèlè/ ekèlyenu nà* (partícula de passado mais remoto)]



- O futuro imediato exprime uma ação pronta a ser realizada, é uma ação preste a praticar-se. Em kimbundu, é formado através da anteposição da partícula “*anda/ando*” ao verbo.

Na perspetiva de Houaiss (*apud* Pedro 1987: 47), o futuro imediato é a ação próxima a ser realizada.

(20) *Kutanga* (“ler”):

a) *Eme ngando(a) tanga.* “Eu vou ler”

[*eme* (“eu”) + *ngando* (partícula que indica a 1ª p. do singular de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final)]

b) *Eye wendo(a) tanga.* “Tu vais ler”

[*eye* (“tu”) + *wendo* (partícula que indica a 2ª p. do singular de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final)]

c) *Mwene wando(a) tanga.* “Ele vai ler”

[*mwene* (“ele”) + *wando* (partícula que indica a 3ª p. do singular de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final)]

d) *Etu twando(a) tanga.* “Nós vamos ler”

[*etu* (“nós”) + *twando* (partícula que indica a 1ª p. do plural de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final)]

e) *Enu mwando (a) tanga.* “Vós vades ler”

[*enu* (“vós”) + *mwando* (partícula que indica a 2ª p. do plural de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final).]

f) *Ene anda(a) tanga- ene.* “Eles / elas vão ler”

[*ene* (“eles”) + *ando(a)* (partícula que indica a 3ª p. do plural de futuro imediato) + *tang* + (radical verbal) + *a* (vogal final)]

- Futuro remoto

Para conjugar o verbo kimbundu em futuro remoto, adicionam-se os infixos *nga*, *wa*, *twa*, *mwa* aos ligados à partícula *áya* mais o verbo principal.

(21) *Kukalakala* (“trabalhar”):

- a) *Eme nga áya kukalakala*. “Eu hei-de” trabalhar”
[*em* (“eu”) + *nga* (infixo de 1ª pessoa do singular) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]
- b) *Eye wa áya kukalakala*. “Tu há-de trabalhar”
[*eye* (“tu”) + *wa* (infixo de 2ª pessoa do singular) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]
- c) *Mwene wa áya kukalakala*. “Ele há-de trabalhar”
[*mwene* (“ele”) + *wa* (infixo de 3ª pessoa do singular) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]
- d) *Etu twa áya kukalakala*. “Nós havemos ou hemos de trabalhar”
[*etu* (“nós”) + *twa* (infixo de 1ª pessoa do plural) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]
- e) *Enu mwa áya kukalakala*. “Vós haveis ou heis-de trabalhar”
[*enu* (vós) + *mwa* (infixo de 2ª pessoa do singular) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]
- f) *Ene à áya kukalakala*. “Eles hão-de trabalhar”
[*ene* (eles) + *à* (infixo de 3ª pessoa do plural) + *áya* (partícula de futuro remoto) + *ku* (partícula infinitiva) + *kalakala* (verbo principal)]

- Futuro contínuo

O futuro contínuo é conjugado com o auxiliar *kukala* (“estar”), no futuro, seguido do infinitivo do principal.

(22) *Kukalakala* (“trabalhar”):

- a) *Eme ngando kala kukalakala*. “Eu estarei a trabalhar”
[*eme* (“eu”) + *ngando* (partícula que indica a 3ª p. do plural de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]
- b) *Eye wendo kala kukalakala*. “Tu estarás a trabalhar”

- [*eye* (“tu”) + *wendo* (partícula que indica a 2ª p. do singular de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]
- c) *Mwene wendo kala kukalakala*. “Ele/ ela estará a trabalhar”
 [*mwene* (“ele”) + *wendo* (partícula que indica a 3ª p. do singular de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]
- d) *Etu twendo kala kukalakala*. “Nós estaremos a trabalhar”
 [*etu* (“nós”) + *twendo* (partícula que indica a 1ª p. do plural de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]
- e) *Enu mwendo kala kukalakala*. “Vós estareis a trabalhar”
 [*enu* (“vós”) + *mwendo* (partícula que indica a 2ª p. do plural de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]
- f) *Ene endo kala kukalakala*. “Eles estarão a trabalhar”
 [*ene* (“eles”) + *endo* (partícula que indica a 3ª p. do plural de futuro contínuo) + *kala* (verbo auxiliar estar) + *kukalakala* (verbo principal)]

1.8.5. Influência dos verbos kimbundu no português em Angola

O kimbundu tem maior influência na construção frásica do português. Existem muitos traços do kimbundu no português falado em Angola. Por exemplo, no que concerne à morfologia dos verbos, observa-se uma transferência na conjugação dos verbos kimbundu para o português. Esta transferência pode ser encarada em diferentes aspetos, tais como, a supressão do “-r” característica do infinitivo dos verbos da língua portuguesa e a omissão do -s que indica o plural.

Em Kimbundu, a característica infinitiva é pré-verbal, isto é, a partícula que indica o infinitivo aparece prefixada no radical verbal. Por influência desta estrutura morfológica dos verbos das línguas bantu, particularmente do kimbundu, os falantes dessa região transferem estes traços para o português como L2.

A título de exemplo, apresentamos as seguintes frases de oralidade com ocorrência de apócope:

(23) *Kudilonga* (“estudar”):

- a. *Estou estudá* (ao invés de “Estou a *estudar*”).
- b. *Estás estudá muito* (ao invés de “Estás a *estudar* muito”).

Quadro nº 26: Verbos reflexivos kimbundu

Infinitivo		Formas reflexas Kimbundu	Português
Kimbundu	Português		
<i>Kunemana</i>	Ferir	<i>Kudinemeka</i>	Ferir-se
<i>Kubeta</i>	Bater	<i>Kudibeta</i>	Bater-se
<i>Kutondesa</i>	Magoar	<i>Kuditondesa</i>	Magoar-se
<i>Kufwa</i>	Morrer	<i>Kudifila</i>	
<i>Kususa</i>	Urinar	<i>Kudisuxina</i>	Urinar-se
<i>Kulaya</i>	Olhar	<i>Kudilaya</i>	Ver-se
<i>kusukula</i>	Lavar	<i>Kudisukula</i>	Lavar-se
<i>kufetela</i>	Murmurar	<i>Kudifetela</i>	
<i>kuzongola</i>	Espreitar	<i>Kudizongola</i>	
<i>kudya</i>	Comer	<i>Kudidila</i>	
<i>Kuya</i>	Ir	<i>Kudi ila</i>	

De acordo com o quadro ora apresentado, existe uma diferença no que toca à conjugação pronominal reflexa. Em kimbundu, quase todos os verbos são reflexivos, razão pela qual os seus falantes, ao conjugar os verbos portugueses, têm a tendência de pronominalizar todos os verbos: “ingressar”, por exemplo, embora não se tratando de um verbo reflexivo, é usado com esse valor (“Ingressei-me nas forças armadas”).

Se levarmos em consideração tudo quanto já vimos sobre as estruturas fráscas da língua kimbundu, concluiremos, sem dúvidas, que as línguas bantu na sua maior parte são línguas de classes, pois os prefixos de classes concordantes tornam-se a base principal de todos os sintagmas. Não existem estruturas fráscas que não possuam prefixos de classes.

Por exemplo, em kimbundu, o número e género são marcados por meio de prefixos de classes que concordam com todos os elementos fráscos, diferindo, assim, da estrutura gramatical da língua portuguesa, que é marcada por meio de desinências (-s para o número, nomeadamente). Em kimbundu, a noção de género equivale a número, isto é, não há ocorrência de género masculino e feminino. Caso se queira distinguir o sexo, usa-se uma expressão analítica formada por “nome + prefixo + nome”.

(27) *Mona wa diyala.* (“filho”)
 (‘Filho de homem’)

(28) *Moḡa wa muḡatu.* (“filha”)
 (‘Filha de mulher’)

Os exemplos a seguir demonstram a marcação de número em kimbundu.

(29) a. *Langidila twana tutu*. (“Cuide bem dessas crianças”).

b. *Twana twai ku xikola*. (“As crianças foram à escola”).

A respeito desta questão, com base em Marques (1983: 94), a falta de marcação de número no núcleo do sintagma nominal resulta do facto de nas línguas bantu esta categoria ser marcada nos nomes através de prefixos e não de sufixos. Quando o nome ocorre com outros elementos no SN, todos os elementos não nucleares recebem o mesmo prefixo, o qual concorda em número e classe com o prefixo marcado no núcleo.

1.9. Sintagma nominal em kimbundu

Em kimbundu, o sintagma nominal desempenha as mesmas funções sintáticas que em português. Um sintagma nominal pode ter função de sujeito ou objeto, dependendo da sua relação com os outros constituintes, já que, recordemos a lição saussureana, um sintagma é sempre constituído por duas ou mais unidades (Saussure, 1971: 208).

Os sintagmas combinam-se para formar unidades mais extensas, como são as frases ou enunciados, em torno de um núcleo. Dependendo do núcleo, pode-se falar de sintagma nominal (SN) ou sintagma verbal (SV). Quando o núcleo for um nome fala-se de SN e quando for um verbo, SV. Ainda podemos ter o sintagma preposicionado (SP), quando este tem função modificadora sobre um ou outro sintagma, combinando preposições e substantivos.

Os sintagmas são formados por constituintes – palavras ou conjuntos de palavras – em torno de um núcleo, seja nominal (SN), seja verbal (SV).

O sintagma nominal (SN) pode desempenhar a seguintes funções:

1. Sujeito [SN1]:

(30) Kadenge (ue) *kabu*. (“O menino caiu”).

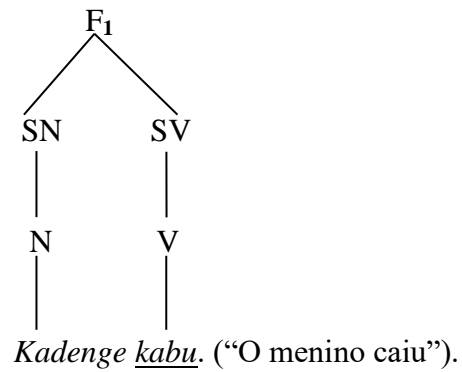
a) Representação linear:

$F_1 = SN + SV$

$SN = N$

$SV = V$

b) Representação arbórea:



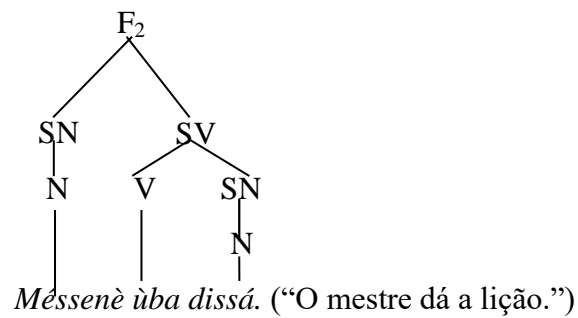
2. Complemento Direto [SN2]:

(31) *Méssenè ùbaná dissá.* (‘O mestre dá a lição.’).

a) Representação linear:

$$\begin{aligned}
 F_2 &= SN + SV \\
 SN_1 &= D \\
 SV &= V + SN_2 \\
 SN_2 &= +N
 \end{aligned}$$

b) Representação arbórea:



3. Complemento Indireto:

(32) *Méssenè ùbaná dissá ku maxibulu.* (‘O mestre dá a lição aos discípulos’)

a) Representação linear:

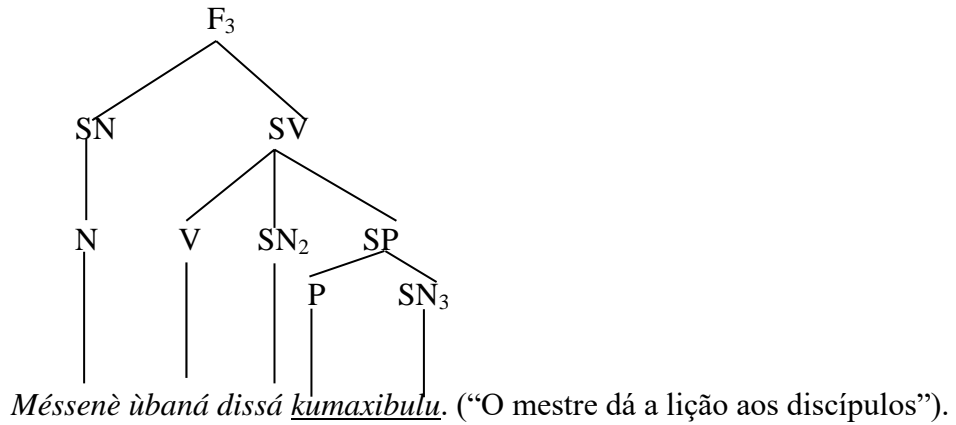
$$\begin{aligned}
 F_3 &= SN_1 + SV \\
 SN &= N \\
 SV &= V + SN_2 + SP
 \end{aligned}$$

SN₂=N

SP=P+SN₃

SN₃=N

b) Representação arbórea:



4. Predicativo do sujeito:

(33) *Méssenè walo sanguluka.* ("O mestre estará satisfeito").

a) Representação linear:

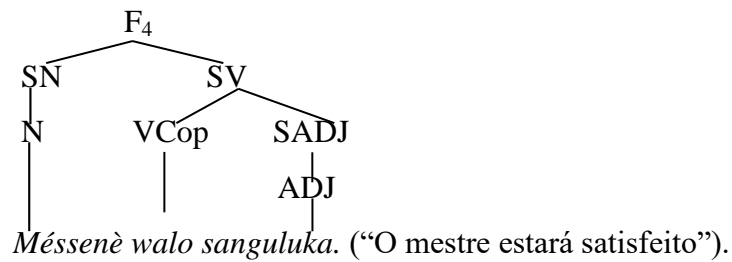
F₄= SN+SV+SADJ

SN=N

SV=Vcop. +SADJ

S ADJ= ADJ

b) Representação arbórea:



5. Nome predicativo do complemento direto:

(34) *Méssenè wambe tinda yi yaube.* ("O mestre acha esta pintura magnífica").

a) Representação linear:

F₅= SN+SV

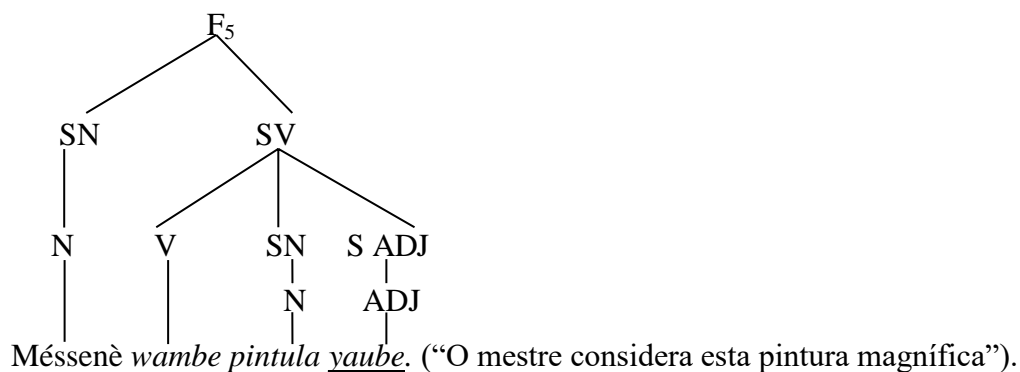
SN=N

SV= +V+ SN+SADJ

SN=N

S ADJ= ADJ

b) Representação arbórea:



Como vimos, o sintagma nominal (SN) é uma unidade sintática constituída por um nome ou pronome. O núcleo pode ser acompanhado por determinantes e modificadores. O sintagma é a combinação de formas mínimas numa unidade linguística, que desempenha uma função na frase.

Neste capítulo, apresentámos uma resenha histórica da origem do kimbundu, sua localização e extensão no país. Entretanto, no próximo capítulo, faremos uma abordagem sobre o contacto das línguas, com particular realce para o kimbundu e português em Angola.

CAPÍTULO II

O CONTACTO DE LÍNGUAS: KIMBUNDU E PORTUGUÊS FALADO EM ANGOLA

2.1. Interação Linguística

As línguas interagem na medida em que os seus utentes estabelecem contactos entre si. Isto quer dizer que não são as línguas que interagem, mas, sim, as pessoas que as usam como meio de comunicação interpessoal. Neste contexto, a interação linguística ocorre enquanto as pessoas de grupos etnolinguísticos diferentes entram em contacto.

A interação entre as línguas produz diversas interferências. Para Calvet (2009: 35),

A palavra interferência designa um remanejamento de estruturas resultante da introdução de elementos estrangeiros nos campos mais fortemente estruturados da língua, como o conjunto do sistema fonológico, uma grande parte da morfologia e da sintaxe e algumas áreas do vocabulário (parentesco, cor, tempo etc.).

Segundo Vic Webb (1998: 81), “o processo de comunicação verbal é basicamente um caso de interação social, os aspetos sociais e culturais do uso da língua para a interação social igualmente inseparáveis do acto de falar e ouvir”.

Quando as pessoas comunicam, não estão ocupadas apenas com a troca de informação, mas também simultaneamente com a interação social, representando identidades socioculturais específicas e pontos de vista, crenças, atitudes, normas e valores específicos.

2.2. A chegada dos primeiros portugueses ao reino do Congo e o contacto com os ambundu

Parafraseando Moisés Kamabaya (2014: 38 – 42), antes da chegada dos europeus, África manteve relações comerciais com o oriente. Os comerciantes islâmicos tinham como fonte de aquisição de ouro o Sudão. Aí trocavam os seus produtos orientais por ouro e outros produtos africanos que eram depois canalizados para os centros comerciais do Norte de África, por meio de caravanas através das rotas sarianas. Isto terá despertado o interesse da Europa em estabelecer contactos comerciais com África.

Com as viagens dos árabes e dos outros comerciantes, chegavam à Europa informações sobre outros produtos no mundo, o que estimulou a Europa, sobretudo Portugal a partir para as aventuras e descoberta de novas terras. Sendo, na altura, a rota

do mediterrâneo controlada por comerciantes muçulmanos, para se evitar a intermediação desses, o percurso mais simples seria o da rota atlântica.

A conquista de Ceuta (cidade muçulmana do Norte de África), em 1415 por Portugal, não deu os resultados económicos esperados, o que provocou a procura de outros caminhos: os das viagens marítimas, através das quais tentou atingir as zonas produtoras do ouro. Dali começou a verdadeira aventura das descobertas, isto é, a recolha de informações sobre terras até então desconhecidas, a fim de desenvolver as suas atividades económicas.

Como é sabido, a expansão marítima europeia perpetrada pelos portugueses deu origem à descoberta do mundo. Na sequência dessas aventuras com o propósito de atingir a Índia, uma expedição comandada por Diogo Cão, passando pelo oceano Atlântico, acabou por descobrir o Reino do Congo em 1482, ao atracar na foz do rio Nzadi¹⁴, hoje, conhecido como rio Zaire. Pélissier e Wheeler (2013:59) afirmam que “os congoleses deram as boas-vindas aos estrangeiros brancos, aceitaram os seus padres e mostraram-se desejosos de aprender os seus costumes e de adoptar a sua religião”.

A chegada dos primeiros portugueses ao Congo era o princípio de mudança de hábitos e costumes. O povo do Congo viria a ser aculturado e adaptar-se à realidade portuguesa. Relativamente a isso, o Padre Anguiano Mateo (1957: IX) diz:

Era en 1482 cuando un ilustre navegante portugués, Diego Çao, arribaba con sus naves a las costas del Congo. Al desembarcar y levantar allí una cruz de piedra para perpetuo recuerdo, tomaba posesión de aquellas tierras africanas en nombre del rey de Portugal, y aquellos pueblos, tan desconocidos como olvidados, comenzaron a entrar en contacto com el mundo civilizado.

Nueve años más tarde, en 1491, se iniciaba la evangelización de aquel país. Diferentes Ordenes religiosas enviaron allá, con emulante celo apostólico, sus misioneros: los Dominicos, los Franciscanos y la Congregación de Canónigos de San Juan Evangelista lo hicieron ya desde esa fecha. Más tarde lo hicieron los jesuítas, en 1547, y los Carmelitas Descalzos, en 1582.

Nessa época, o reino do Congo era poderoso, estendia-se desde a parte norte de Angola a Gabão e vários Sub-reinos e Vassalos. Segundo a história, em 1624, o reino do Congo havia conquistado o território dos ambundu, dominado pelos reis do Ndongo, Matamba e Cassanje (UNESCO, 2010: 647-649). A dependência relativamente ao Congo facilitou a instalação dos portugueses na região ambundu. Essa penetração tornou-se cada vez mais efetiva com a fundação da cidade de Luanda em 1576, por Paulo Dias de Novais. Como se pode calcular, a partir dessa data os contactos entre os

¹⁴ Cf. Chavagne (2005: 21), o nome “Zaire” é um aportuguesamento da palavra Nzadi.

ambundu e os portugueses foram-se enraizando e Luanda passou a ser um dos pontos-chave da colonização portuguesa.

Pélissier e Wheeler (2013: 27) entendem que a região de Luanda foi a primeira área de atividade europeia em Angola, depois dos primeiros contactos portugueses com os povos da área da fronteira do Congo a sul do rio Congo. A localização dessa cidade entre a costa marítima e rio Cuanza favoreceu o contacto comercial, já que se podia navegar quer por via marítima, do norte para sul, quer por via fluvial através do rio Cuanza para o interior da região.

Na mesma senda, Pélissier e Wheeler (2013: 28) acrescentam que o Cuanza era o corredor de migração ocidental dos povos africanos provenientes do leste e do norte. Para os brancos recém-chegados, o Cuanza funcionava como uma autoestrada para o avanço do comércio e da colonização para o leste.

Conforme dissemos no capítulo anterior, o povo ambundu, de língua Kimbundu, está localizado sobretudo na região de Luanda e no vale do Cuanza. Sendo uma zona de maior concentração de portugueses, atendo em conta aos aspetos acima realçados, esse povo foi rapidamente assimilado e passou a viver dentro ou nas proximidades das áreas urbanas. Assim sendo, à medida que os ambundu conviviam com os portugueses, as línguas interagiam entre si.

O contacto entre a língua portuguesa e a língua kimbundu provocou uma nova realidade linguística. Como é óbvio, todo e qualquer contacto entre povos de diferentes origens tem seu impacto cultural. Assim, os ambundu, na qualidade de povo aculturado, tiveram de seguir de certa forma a cultura dos colonizadores.

Petter (2008:15) afirma que “no período da expansão, os portugueses tiveram que promover uma estratégia linguística de abordagem do continente africano, com a finalidade de dar solução ao impasse da comunicação com os habitantes do território invadido”. Na mesma senda, Fonseca (2006: 83) diz que:

A preocupação dos gramáticos em fixar a língua, servia de um instrumento de cultura e expansão. O movimento de promoção cultural da língua portuguesa foi a estratégia dos gramáticos portugueses para acertarem a hora das suas opções formativas pelo relógio da realidade circundante.

Como afirmámos, as relações e o interesse comercial entre os portugueses e os chefes ambundu aceleraram o processo da assimilação do povo ambundu, tendo permitido a facilitação na comunicação entre os portugueses e os diferentes povos. Desde cedo, os ambundu assimilados passaram a exercer o papel de intermediários entre os portugueses e os outros povos que não dominavam o português. Daí, a rápida

interferência linguística em vários aspetos lexicais, fonéticos e fonológicos, para além dos empréstimos recíprocos de diversos vocábulos.

Sobre o contacto da língua portuguesa com as línguas bantu em Angola, Chavagne (2005: 20) apresenta três fases da difusão da língua portuguesa em Angola: a primeira fase, para esse autor, é considerada uma fase da expansão marítima que vai do século XV a XIX; a segunda que o autor considera como fase de exploração e colonização, que começa na segunda metade do século XIX e vai até 1974 e por fim, a terceira fase que vai de 1975 até à atualidade.

Conforme vimos, a expansão marítima europeia abriu novos horizontes no contexto social, político, económico, religioso e linguístico, as descobertas de novos territórios possibilitaram a interação entre os povos nunca antes conhecidos e, acima de tudo, a coabitação entre línguas de diferentes troncos linguísticos.

Se, por um lado, os angolanos viriam a seguir um novo paradigma no seu convívio sociocultural e linguístico, por outro lado, a língua portuguesa em contacto com as línguas bantu, sobretudo o kimbundu falado na região metropolitana de Angola, iria afetar as suas estruturas nos mais diversos domínios.

Embora se diga que os reinos africanos já eram politicamente estabilizados, na verdade, a permanência europeia em África foi impulsionadora do desenvolvimento técnico-científico do continente. Miguel (2003:26) acrescenta:

No momento da colonização, a grande maioria das línguas africanas eram ágrafas. A inexistência de textos escritos pelos africanos nas suas línguas originou a catalogação do continente como “incivilizado” sem história e sem cultura. Isto legitimou a colonização que assim surgia como sinónimo de civilização.

A colonização permitiu a conversão ao cristianismo dos povos de Angola. A esse respeito, Pélissier e Wheeler (2013:68) afirmam:

“Em 1520, vários portugueses receberam ordem, através de decreto real, para visitar e converter ao cristianismo o N’gola do Ndongo. Pouco se sabe acerca da incidência dessa missão, mas daí a pouco tempo já os quimbundo das imediações de Luanda negociavam escravos com os portugueses”.

Miguel (2003:26) argumenta que “ geralmente, a política colonial portuguesa pautou-se pela tentativa de integrar os angolanos na cultura europeia. Para este efeito, o recurso a um dos principais e mais poderosos meios de aculturação – a língua era inevitável”. Segundo Pélissier e Wheeler (2013:62) “a Corte do Congo inspirava-se conscientemente na Corte portuguesa, mesmo nos ínfimos pormenores do vestuário, da cozinha e dos hábitos”.

No que concerne a este aspeto, Vasco Moura (2015:297) acrescenta o seguinte:

No caso do português, mesmo nos países em que este é oficialmente considerado língua veicular, e sem qualquer desrespeito por outras situações sócio-linguísticas, pode dar-se como assente que, sem ele, não seriam possíveis, à escala nacional, a prática política, a prática legislativa, a prática administrativa, a prática jurisdicional, a aprendizagem científica e técnica, a criação cultural praticamente em todos os campos, os contactos internacionais a todos os níveis...

Como prova inequívoca das afirmações acima, após as independências das ex-colónias europeias em África, a maioria dos países adotou as línguas dos colonizadores, como línguas oficiais; por considerarem que essas línguas seriam um meio catapultador para a internacionalização de África.

2.3. Breve sumário historiográfico.

Segundo Hermann Paul (1966:13):

A língua, como todos os produtos da cultura humana, é um objecto da contemplação histórica; mas, assim como cada um dos outros ramos da ciência histórica, também a história da língua tem de ser acompanhada dum ciência que se ocupe das condições gerais da vida do objecto que historicamente se desenvolve, que estude segundo a sua natureza, acção e factores que se mantêm regular dentro de toda a mutação.

Neste ponto, não faremos uma abordagem histórica profunda, mas, sim, uma pequena incursão que nos situe no contacto linguístico entre o português e o kimbundu. Segundo a história, as primeiras relações entre os portugueses e os habitantes do antigo Reino do Congo eram recíprocas, mas com o andar do tempo, essas relações degradaram-se.

As relações entre portugueses e africanos, embora se considerassem recíprocas, na verdade, para os angolanos, implicaram mudanças de hábitos e costumes, nomeadamente pela difusão do cristianismo por via de instalações de Missões cristãs. Para que se consumasse a colonização, um dos melhores métodos era a preparação dos angolanos nas escolas portuguesas, ensinando-os a ler e a escrever a língua portuguesa que viria a facilitar a mobilização da população angolana. Alguns estudos apontam que a missão dos missionários teve um grande impacto na aculturação dos angolanos. A chegada dos missionários era acompanhada de um número de comerciantes, guarnições militares, educadores e de vários portugueses de distintos ofícios. Segundo Chavagne (2005: 21), foi durante a colonização que a língua portuguesa entrou em contacto permanente com o kimbundu e o kikongo.

Ao discorrer sobre as estratégias usadas pelos portugueses para a difusão da sua língua, evidencia-se o pensamento de Petter (2008: 15, 17), quando diz que “para que

haja uma comunicação é necessário um código comum que permita um contacto interativo”. Isto quer dizer que a comunicação está intrinsecamente ligada à linguagem, ou seja, para que os interlocutores se entendam, é necessário um código que permita a compreensão do diálogo em que tomam parte. Em nosso entender, o envio de muitos angolanos para Portugal, nomeadamente para Lisboa, nos primórdios das relações mantidas entre si, teria tido a finalidade de aqueles aprenderem a língua e a cultura portuguesa, o que ajudaria a viabilizar a comunicação entre os portugueses e as populações do atual território angolano.

O mesmo ponto de vista é corroborado por Fonseca (2006: 81), ao revelar as medidas que tinham sido tomadas em prol da difusão da língua portuguesa pela monarquia.

No domínio das relações entre a expansão ultramarina e a língua portuguesa, sabe-se como os gramáticos quinhentistas secundaram o impulso das medidas de D. Manuel em favor do ensino do português, que logo no limiar do século, foi levado para África e para Ásia, antes de chegar à América.

A mesma autora, baseando-se em Góis (1949: 180), afirma o seguinte:

Desde 1504, D. Manuel teria enviado para o reino do Congo, “mestres de ler e screuer”, para cuja acção se destinavam os “muitos liuros de doutrina Christã”, catecismos, devocionários e, com certeza, cartinhas, que, segundo o esquema já descrito destas obras, constituíam manuais de iniciação à leitura e ao dogma católico.

Ora vejamos, se por um lado os portugueses estavam preocupados com a difusão da língua portuguesa por entre as populações indígenas, por outro lado, havia também a necessidade de os portugueses aprenderem as línguas dos colonizados. Relativamente a este contexto, Fonseca (2006: 79) diz que na medida em que a gramaticografia portuguesa se desenvolvia na sombra da latina, assistia-se, durante o século XVII, ao interesse pelas línguas não só desconhecidas, como inteiramente estranhas ao modelo universal greco-latino e mesmo à família indo-europeia: A mesma autora (2006:79) diz que “desde logo, ao nível da lexicografia, ensaiaram os gramáticos portugueses renascentistas as primeiras abordagens de tipo vocabular das novas realidades linguísticas de reinos extra-europeus”.

No decorrer da nossa abordagem poderemos compreender que, embora os portugueses parecessem dispostos a aprender as línguas indígenas, o seu objetivo principal não era a valorização das mesmas, mas sim, servir como um meio para alcançar os seus intentos, pois, falando as línguas dos indígenas, conseguiriam rapidamente atingir as regiões mais recônditas; ao invés de esperar pela alfabetização

dos povos, optaram por aprender as línguas locais, cujo domínio seria uma mais-valia. Assim sendo, os portugueses, que já dominavam as línguas locais, passaram a alfabetizar o povo nas suas próprias línguas, com o objetivo de facilitar o ensino do português, pois quem soubesse ler na sua própria língua, mais facilmente conseguiria aprender a escrever e a ler na língua portuguesa.

Este aspeto foi anotado pelo gramático Amaro de Roboredo, citado por Fonseca (2006: 79):

Reduzindo a língua dos barbaros, que se vão se conquistando, ao mesmo methodo para os domesticar: & comunicando lhes pelo mesmo a nossa, facilmeite se irão introduzindo apos a lingua as leis, & apos as leis os costumes, q̃ per menos tempo aborrecerão; & sobre tudo a doutrina Christaã, q̃ mais importa. Impresa foi tambẽ de Gregos, & Romanos pretenderem perpetuar seu nome, & Imperio não sômẽte pela espada, mas pela lingua, ensinãdo a per arte, & introduzindo a pelas causas judiciais nos seus tribunaes, & dando officios publicos nas províncias conquistadas, a quem a melhor sabia.

Essa dinâmica, usada para várias línguas do Oriente e Brasil, ajudou a difundir algumas línguas angolanas, sendo o kimbundu uma das primeiras a ser escrita e gramaticalizada. A primeira obra que descreve a gramática desta língua foi intitulada *Arte da Língua de Angola*, do Padre Pedro Dias, datada de 1697. Aliás, um ano antes da sua publicação, isto é, em 1696, Antonio Cardoso havia dado um parecer favorável à publicação da obra. Vejamos a seguinte nota, em Pedro Dias (1697: Vi):

Por ordem do P. Alexandre de Gusmaõ Companhia de JESUS, provincial da Porvincia do Brafil, reví este livrinho intitulado, *Arte da língua de Angola*, composto pelo Padre Dias, da mesma Companhia, & não achei em todo elle coufa, que encontre a nojfa Santa Fè, ou bons costumes; antes em regras muito proprias, & conformes ao idioma da dita língua, `q̃ ferão fem dúvida de grande utilidade para os principiantes, & por isso digno de fe imprimir.

Podemos notar neste trecho uma intenção favorável à divulgação das línguas angolanas, sobretudo da língua kimbundu que nessa altura tinha maior número de falantes do que os de língua portuguesa, conforme reporta Inverno (2009: 2):

No norte de Angola, a situação linguística era dominada pelo kimbundu, no interior controlada pelos portugueses, a língua portuguesa era usada como língua franca entre os chefes e comerciantes, mas a maioria da população falava o kimbundu, especialmente após o fracasso do reino do Congo, Os escravos exportados a partir de Luanda, independentemente da sua proveniência, aprendiam algumas noções de kimbundu e eram batizados nessa língua antes de embarcarem para o Brasil ou para qualquer ponto do mundo.

Mingas (2000: 36), ao apontar António de Assis Júnior, autor de um dicionário da língua kimbundu, alude ao facto de que a elite angolana também estava preocupada com a difusão da língua kimbundu, já que, para além do português, essa era a língua predominante na região de Luanda.

Relativamente ao que dissemos acima, Chatelain (1888-89: XIII) realça que o kimbundu, nessa época, era a língua de indígenas em parte semi-civilizados em relação aos outros povos considerados de gentios. Emílio Bonvini (2008: 34) acrescenta que o primeiro livro a ser impresso em línguas africanas foi a *Arte da Língua de Angola*, do Padre Pedro Dias. Bonvini considera-o um homem com tripla dimensão: agia como sacerdote onde houvesse necessidade de expansão de evangelho, como jurista, quando os direitos humanos fossem violados e como médico, quando a saúde física dos semelhantes estivesse em risco. Pedro Dias conciliou o interesse em salvar vidas humanas com a justiça. Assinalou-se como homem de afetuosa caridade para com os pobres e negros na condição de escravos. Por essa empatia com os negros, decidiu aprender o kimbundu ou língua de Angola, conforme era designada.

Pedro Dias era conhecido como o Padre dos pobres e negros no Brasil, uma vez que defendia o interesse e a dignidade da pessoa humana, sem restrição de raça ou cor, contrariamente aos outros padres, nomeadamente António Vieira. Segundo o que constatámos sobre o padre António Vieira, embora parecesse defensor dos direitos humanos, na verdade a sua luta foi sobretudo contra a escravatura dos índios.

A propósito de Pedro Dias, extraímos um excerto da sua carta presente em Bonvini (2008: 34), dirigida ao Padre Geral Tirso Gonzales, da Bahia (3/8/1694):

Concluiu a arte da língua de Angola, movido pela necessidade espiritual em que jaziam os angolanos. Compô-la segundo as regras da gramática e foi revista pelo Padre Miguel Cardoso, natural de Angola, muito versado nessa língua, e a manda agora o Provincial para se imprimir, pedindo ao Geral a indispensável licença. Estão a espera de muitos novos e velhos, que trabalham com estes miserabilíssimos e ignorantíssimos homens, e não se acha nenhuma gramática desta língua, nem no Brasil nem no Reino de Angola. Tinha também começado um *Vocabulário Portugês-Angolano*; e logo que o concluir vai compor o *Vocabulário Angolano-Português*. Assim se acabará a dificuldade em aprender esta língua.

Na versão de Bonvini (2008: 35), Pedro Dias terá aprendido o kimbundu na cidade de Rio de Janeiro, onde se dedicava e convivia com muitos escravos negros angolanos no colégio da Companhia de Jesus. À medida que tratava aqueles pobres e miseráveis negros provenientes de Angola, sobretudo falantes do kimbundu, pouco a pouco aprendeu a falar a língua dos seus pacientes, tendo tido, por isso, a ideia de escrever uma gramática dessa língua de modo a torná-la mais prática e difundida. Bovini (2008: 36) diz:

Outros dados permitem introduzir que o kimbundu era utilizado pelos jesuítas em outros lugares do Brasil e que o critério do conhecimento ou a prática dessa língua condicionava a designação do pessoal, testemunhando assim, desde essa época, o verdadeiro estabelecimento de uma política linguística em grande escala.

O relato acima mostra quão generoso foi Pedro Dias; esta generosidade fez dele um padre amado por quase todos os escravos negros que se encontravam na Companhia de Jesus, quer do Rio de Janeiro, quer de Salvador da Bahia. Bonvini (2008: 34), citando o Padre Serafim Leite (1947: 9-11), diz que “quando Pedro Dias faleceu na Bahia, a 25 de janeiro de 1700, os negros correram em multidão à igreja do colégio e teve o que hoje se diz funerais nacionais”. Dias deixou uma marca indelével na arena linguística, demonstrou sua sapiência ao delinear as estruturas gramaticais do kimbundu, servindo de base para as línguas similares.

Em Inverno (2009: 2), percebemos que

O período compreendido entre 1620 e 1750 caracterizou-se pelo fortalecimento do kimbundu enquanto língua mais usada em praticamente todos os lares de Luanda e na vida diária da cidade. O factor que mais contribuiu para esta situação foi o estabelecimento de uma elite afro-portuguesa que viria a ocupar os principais cargos da administração pública nos centros urbanos e agir no interior como capturadora de escravos, protectora das rotas comerciais e mantedora da paz.

Esta elite era formada pelos falantes nativos do kimbundu ou do kikongo, as duas línguas mais faladas nas áreas dirigidas pelos colonizadores. A autora ainda diz que esta elite afro-portuguesa tinha também um bom conhecimento da língua portuguesa que, na época, era usada como língua franca, ou seja, uma língua que servia para comunicação entre as diferentes línguas maternas ou entre os portugueses e as populações locais.

Na opinião de Chatelain (1888-89: XIII), os habitantes de Luanda (falantes do kimbundu) eram constituídos por funcionários públicos ligados aos brancos com diversas ocupações como: criados, caixeiros, traficantes, aventureiros, pescadores da ilha de Luanda, os “*axi-Luanda*”, que não tinham o domínio perfeito do kimbundu, por não serem verdadeiros kimbundus, ou seja, da terra firme, e os “*akua-Luanda*”, que, conforme o nome “*akua-Luanda*” formavam uma espécie de aristocracia que não se confundia com o povo caótico da capital situado no continente.

2.3.1. O catecismo no contexto da difusão das línguas

Conforme asseverámos, o cristianismo era um dos instrumentos primordiais para a penetração massiva dos europeus nos territórios recém-descobertos. Em cada expedição europeia destinada às terras extraeuropeias havia um grupo de missionários

para mobilizar os povos em nome de Deus. David Lopes e Luís de Matos (1969: XVII-XVIII), no preâmbulo da sua obra *Expansão da Língua portuguesa no Oriente nos Séculos XVI*, afirmam:

O missionário ia aonde ia o mercador ousado, este para os bens terrenos, o outro para ganhar as almas. Também eles procuravam espalhar a fé na própria língua dos catequizados, compondo obras adequadas nela, como as protestantes. O missionário que não sabe a língua de suas ovelhas não pode ser missionário.

A expansão comercial e marítima de Portugal teve como importante aliada a igreja católica, pois esta legitimava a ocupação de novas terras com o propósito de conservação do gentio pagão ao cristianismo. A igreja católica tornou-se como uma força auxiliadora na conquista e implantação das colónias, acobertando-se como enviados dos céus para a salvação do homem perdido no pecado, mas em contrapartida, a verdadeira intenção era a exploração do homem. Note-se a este respeito Robson Costa (*apud* Ferreira 2011: 19):

Neste contexto, Igreja e Coroa Portuguesa estreitavam suas relações, unindo forças na conquista das riquezas e das almas além-mar. Isso porque, a colonização e a evangelização faziam parte de um grande empreendimento, no qual a cruz e a espada configuravam-se como elementos indissociáveis na conquista da América. Dessa forma, a igreja surge como principal legitimadora das ações das Coroas Ibéricas, incluindo a escravização dos africanos.

O mesmo autor (*apud* Ferreira 2011: 19) aclara que essa união indissolúvel da cruz e da espada estava exemplificada no exercício do Padroado Real da Igreja no ultramar.

O Padroado foi um instrumento imprescindível na conquista das terras além-mar, e durante sua longa e tempestuosa história na luta pelas almas foi muitas vezes a causa de disputas árduas entre missionários portugueses e os de outras nações católicas romanas.

Segundo António Dias Madureira (2001: 128), havia sempre conflitos entre missionários católicos de diferentes países. No Congo, por exemplo, protagonizou-se uma disputa de natureza política na ocupação efetiva da região de Lândana. Houve grande conflito entre missionários franceses e missionários portugueses. Refere o autor (2001: 129) que:

Do lado português entendia-se que o Padroado se estendesse a todos os territórios, onde subsistiam títulos de primeira descoberta, evangelização e fundação cristã; que a Diocese de Angola e Congo, por bula de criação de 20 de maio de 1596, de papa Clemente VIII, abrangia todo o Reino do Congo e Angola. Em abono da posição portuguesa, testemunhavam certos documentos apresentados ao papa Bendito XIV, em 1843, e que indicavam os limites do padroado. Por parte do padroado francês entendia que, Portugal não podia impor a essa zona qualquer jurisdição política ou administrativa.

Aqui, denota-se que o verdadeiro interesse não era a expansão do cristianismo e, conseqüentemente, a salvação de almas do obscurantismo religioso. A luta pela ocupação de terras, entre padres da mesma igreja, mostra-nos que o interesse era material e não espiritual; cada país envolvido na dita catequização tinha um objetivo a atingir, a obtenção dos recursos que posteriormente visassem ao enriquecimento e acumulação de capital. Outrossim, as declarações acima revelam-nos que a política expansionista era um projeto do chefe da igreja católica em conexão com os reis europeus. Nada ocorria nos territórios ocupados sem o conhecimento ou a autorização prévia do Vaticano.

Como é sabido, a difusão do evangelho estava a cargo da igreja católica e posteriormente da igreja protestante. Neste contexto, os missionários tinham como principal tarefa a pregação do evangelho. Contudo, o principal desafio era o domínio das línguas locais de forma a facilitar as atividades missionárias. Para o cumprimento dessa nobre e difícil tarefa, diversos apelos foram emanados no sentido de que todos os missionários aprendessem as línguas locais. Fonseca (2006: 80) corrobora que “em matéria de comunicação, era aos nativos já cristianizados e alfabetizados, bem como aos peritos nas línguas estrangeiras, que cabia a função de línguas ou intérpretes no momento das primeiras trocas de palavras com as populações desconhecidas”. Ainda nesta senda, Fonseca (2006: 80) acrescenta:

A necessidade dos intérpretes e, por outro lado, as notícias carreadas pelos missionários sobre o poderoso meio de evangelização que era falar a língua indígena, condicionaram a política educativa ultramarina a agir em duas frentes: o ensino do português e a aprendizagem, quer das línguas que o P. ° Luís Fróis qualificou de copiosas e abundantes de vocábulos (Garcia 1997: I, 416v), quer das que o P. ° António Vieira epitetou de “bárbaras e incógnitas” (1959:V, 382), referindo-se às ágrafas do Novo Mundo. Longe de progredirem à margem uma da outra, as trajectórias das duas frentes de acção confluíram no processo de sistematização gramatical das línguas exóticas, primeiro agenciado no plano do apostolado da língua materna, mais tarde, passada a época mental da cruzada, valorizado de *per si* no quadro das actividades de missionários franciscanos e jesuítas.

As dificuldades no campo missionário eram comuns quase em todas as regiões conquistadas pelos portugueses. No Congo os missionários tiveram inúmeras situações grotescas. Anguiano Mateo (1957: XI) realça o seguinte:

Allí trabajaron sin descanso, y casi podíamos decir sin medida, y antes de sucumbir vitimas unos del clima martirizador y otros sacrificados por el fanatismo de los fetichistas, muchos de esos héroes supieron juntar al celo apostólico del misionero la fina observación del explorador y la inteligente actividad del sabio. Trabajando ya

entonces en regiones aun hoy día desconocidas, supieron estudiar la lengua de los indígenas, la historia y la geografía, pretando a la ciência muy señalados favores.

Embora por detrás do cristianismo houvesse outras intenções subversivas, todavia, um dos principais objetivos era a difusão do evangelho de Cristo. A expansão da catequese foi a maior preocupação dos missionários. E para que esta tarefa fosse concretizada, a aprendizagem das línguas era fundamental, quer fosse por evangelistas, quer fosse por evangelizados. Por exemplo, David Lopes e Luís de Matos (1969: 65) acrescem o seguinte:

Depois de 1692 a superintendência do ensino religioso foi confiada pelos Directores da Companhia aos capelões, a quem se exigia o conhecimento do português e do *tâmul* para o desempenho do seu ministério. À nova carta concedida à companhia em 1698 assim o preceituava nestes termos:

Todos os ministros serão obrigados a aprender a língua portuguesa dentro dum ano depois da sua chegada e procurarão aprender também a língua do país onde residirem, para que possam instruir na religião protestante os Gentios que forem servos ou escravos da companhia ou dos seus agentes.

As missões protestantes no Oriente haviam recebido orientações para que todos os missionários aprendessem as línguas, ou seja, fossem no mínimo bilingues, isto é, que dominassem a língua portuguesa e uma indígena que permitisse a rápida difusão da palavra de Deus.

Pouco antes dessas datas, o gramático português Amaro de Roboredo já havia defendido na sua obra intitulada *Methodo Grammatical para todas as línguas* (1619), que os alunos deviam começar a estudar as línguas estrangeiras, depois de adquirirem as noções básicas e essenciais da sua língua materna (Roboredo, 2007: XXIV).

Denota-se aqui uma visão virada para o ensino da língua do aprendiz em primeiro lugar, isto é, para que ao passar para a nova língua, não tivesse dificuldades de adaptabilidade. Quanto a esse método, Roboredo (2007: XXVI) reporta: “esta he a causa, porque hum discípulo anda tanto tempo na arte cego, e perdido; porq̃ lhe metem na mão não a sua arte para aprender, mas a do Mestre para ensinar, que excede sua capacidade, havendo se lhe de dar a sua arte mui proporcionada a sua reduza”.

A nosso ver, essa teoria metodológica publicada por Roboredo terá influenciado muitos líderes religiosos ao incentivar todos os missionários para que dominassem as línguas dos seus catequizados, e posteriormente ensiná-los nas suas próprias línguas. Relativamente a esta temática, novamente David Lopes e Luís de Matos (1969: 65) afirmam que “no ano 1715, Grundler, missionário em Transquebar, submetia ao

governador do forte de S. Jorge e igualmente ao governador do forte de S. David, um plano de escolas a criar que dizia assim na parte portuguesa”:

1. Atendendo a que os escravos pertencentes aos moradores ingleses desta praça têm muitos filhos de que não podem cuidar, antes são mantidos na ignorância completa da religião cristã, respeitosamente proponho que se crie um asilo no qual as crianças pobres serão ensinadas a ler e escrever a língua portuguesa – a única que elas compreendem – e instruídas e educadas inteiramente no conhecimento prático da religião e na verdadeira doutrina do Evangelho...

5. Que sejam autorizados esses administradores a edificar ou comprar dois edifícios escolares, um para escola portuguesa no interior da cidade inglesa e a outro para a escola malabar na cidade indígena.

Estas medidas não foram tomadas somente na Ásia, mas em todos os territórios recém-descobertos; muitos decretos a favor das línguas nativas tinham sido consignados. Vejamos Fonseca (2006: 85):

Uma vez cultivada, a língua tornar-se-ia apta para veicular qualquer conteúdo. Em lugar de seu desarreigo, por força da militância do português, a situação que agora se depara é a defesa por igual de uma pedagogia gramatical do nosso vernáculo e das línguas das terras descobertas, através de um estudo comparativo que teria o português e o latim como línguas de confronto.

Para que os evangelistas fossem bem-sucedidos, vários decretos ou concílios foram aprovados e publicados, como forma de incentivar a aprendizagem das línguas indígenas. Fonseca (2006: 87) apresenta detalhes sobre algumas dessas decisões:

O 1º concílio, de 1567, “encomenda muito encarecidamente aos prelados procurarem ter em seus Bispados pessoas de confiança que aprendão as línguas, e possam ser sacerdotes”, uma vez que a pregação “será tanto mais frutuosa, quanto os pregadores tiverem maior notícia da língua daquelles a quem hão-de pregar”; (Rivara 1992: 10); no 2º concílio de 1575, recomendação idêntica é feita aos prelados, com vista à cristianização dos gentios na sua própria língua (Idem:9); o 3º concílio (1585), a propósito “Da doutrina e catecismo commum”, ordena “que se faça hum compendio da doutrina christã em língua portugueza, a qual se ensinará geralmente em todas as partes da índia (...) e esta se tresladará nas línguas das terras, onde houver conversão, e se ensinará nellas”, para além de outras disposições relativas a “Livros, que se hão de tresladar, e fazer de novo” (Idem:139,149); o 4º concílio (1592) repete a recomendação anterior e manda que as igrejas sejam providas de sacerdotes que “saibão bem a língua da mesma terra” (Idem:188); o 5º e último concílio, de 1606, dispunha expressamente que “nenhum sacerdote secular nem regular seja promovido a vigario de igreja alguma curada, sem saber a língua de seus freguezes, na qual será examinado, e aos que ao presente são vigarios sem a saberem, limita seis mezes de tempo da publicação deste Decreto para a aprenderem, depois dos quaes se a não tiverem sabido, os ha ipso facto por suspensos, e lhes tira toda a jurisdição sobre os ditos freguezes” (Idem: 226-227).

Desde o princípio da expansão marítima europeia, o catecismo sempre acompanhou a dinâmica de domínios das terras conquistadas. Por exemplo, tão logo se

estabeleceram relações comerciais e de amizade com o reino do Congo, dentre os produtos doados fizeram parte os catecismos. Fonseca (2006: 82) diz:

Em 1915, na embaixada de Duarte Galvão à Etiópia, “mandava ElRei D. Manuel de presente ao Negus, uma biblioteca de cerca de 2.500 volumes!” Entre as cartinhas, catecismos e outros livros; e já com as primeiras expedições que deram início à obra civilizadora do Congo, para além dos mestres e livros de que dá testemunho, Damião de Góis, até “dois impressores alemães de Estrasburgo e Norlingen, teriam resolvido ir para lá tentar fortuna”.

Notam-se aqui, inúmeros esforços envidados para que o catecismo fosse ensinado nas línguas dos territórios conquistados. Os católicos afirmavam que antes da morte de Cristo, as demais línguas eram bárbaras, pois, na cruz do calvário, três línguas estavam escritas: o hebraico, o grego e o latim. Entretanto, o evangelho devia ser expandido por todas as línguas, tribos, povos e nações. Estas declarações incentivaram muitos padres a enveredarem pela arte de tradução do catecismo e na escrita de gramáticas das diversas línguas nativas dos territórios extraeuropeus. Esta ideia também é corroborada por Fonseca (2006: 123).

Assim sendo, algumas iniciativas individuais na escrita de alguns documentos evangélicos, nas línguas locais ou indígenas, tornou-se um facto. Ainda na mesma senda, Fonseca (2006: 124-128) mostra que o empenho dos missionários cristãos facilitou o apostolado católico em imprimir disciplina gramatical a algumas das línguas indígenas.

Em primeiro lugar, percebe-se nas palavras do P^e António Vieira a dinâmica de um processo linguístico que, da segunda metade do século XVI ao final do século XVII, começou com a consciência das diferentes línguas nacionais do novo mapa político; passou depois pela adaptação do quadro gramatical latino aos vernáculos, em simultâneo com a defesa das gramáticas vulgares; chegou finalmente à fase do confronto de idiomas não europeus até há pouco desconhecidos, tão susceptíveis como os antigos latim, grego e hebraico, de reduzir a arte, fossem ou não providos de tradição escrita.

O incentivo à aprendizagem das línguas dos novos conversos facilitou de certa forma o trabalho missionário. O catecismo e outros instrumentos litúrgicos já eram apresentados nas línguas nativas. Cada vez mais, missionários católicos e não só sentiam-se entusiasmados na salvação de almas, usando esse grande instrumento “a língua”. No caso concreto do kimbundu, houve uma aceleração na sua divulgação e difusão. Para além da obra *a Arte da Língua de Angola*, surgiram outras em Kimbundu,

como *Mukunji*¹⁵, uma obra sem data e sem nome de autor. Retrata um livro de cânticos religiosos.

A dedicação e esforço desses missionários tiveram maior impacto na difusão das línguas não europeias. Por exemplo, no Brasil, para além do Padre Pedro Dias, muitos Padres de origem africana deram a sua contribuição para que o kimbundu fosse divulgado e preservado. Bonvini (2008: 36) apresenta um número de 280 nomes de sacerdotes africanos, entre os quais diz terem existido sete que tinham o conhecimento perfeito do kimbundu¹⁶.

Vê-se que, nessa época, já existiam muitos Sacerdotes que dominavam a língua de Angola. Muitas evidências anteriormente apresentadas mostram que o kimbundu já fazia parte da língua de expansão, pois o português não era a única língua na atividade expansionista portuguesa. O kimbundu era das línguas mais usadas em diferentes geografias africanas. Bonvini (2008: 36-37) afirma que o kimbundu era a língua africana de referência para a extensão geográfica que ia muito além da Bahia. O autor diz que havia um grande contingente de escravos na Bahia (cerca de 23.000 em 1660), todos catequizados em kimbundu, para além de outros escravos que se encontravam dispersos em todo o solo brasileiro.

Neste contexto científico, a obra de Padre Pedro Dias é de uma importância incontestável, tanto para a África, quanto para o Brasil. O interesse para África e, particularmente, para a história da linguística africana resulta, antes de mais, do facto de que se trata da primeira gramática sistemática do kimbundu, na qual se abordam variadíssimos temas, como as vogais finais (*a, e, i, o, u*) em todos os nomes e verbos, a identificação das doze partículas que servem para adjetivar os substantivos, conforme ele afirma: “oito são para o singular.v.g. Ri (di)¹⁷, v, i, qui, ca, cu, lu, tu. Para o plural

¹⁵ Mensageiro

¹⁶ 1-Jerónimo de Corte Real, natural de Angola, faleceu em Pernambuco em 1625, era excelente nas línguas latina e de Angola; 2- João de Araújo, angolano, entrou na Companhia na Baía, em 1764, com 15 anos de idade. Foi insigne na língua de Angola; 3- Manuel de Lima, natural de Luanda, deve ter nascido por 1667. Entrou na Companhia em 1683, na Baía. Sabia a língua dos pretos angolanos; 4- Miguel Cardoso, nasceu em Luanda em 1659. Entrou na Companhia em 1674. Foi reitor do colégio do Recife (1702) e do Rio de Janeiro (1716). Faleceu Provincial do Brasil, em Santos, com 62 anos, em 1721. Foi um dos mais ilustres filhos de Angola; 5- Francisco de Lima nasceu em Luanda, em 1664. Ingressou na Companhia, no colégio da Baía, em 1683. Foi conhecedor profundo da língua de Angola. Faleceu em Recife; 6- António Cardoso, natural de Luanda, nasceu 1669. Entrou na Companhia de Jesus no colégio da Baía em 1684. Sabia a língua dos negros de Angola. Foi Reitor do Seminário de Belém da Cachoeira (Baía) e duas vezes do colégio do Rio de Janeiro; 7- Francisco Vide. Oriundo de Luanda, tinha 27 anos em 1694. Alistou-se na Companhia, no Brasil, em 1686. Sabia com perfeição a língua de Angola. Consagrou a vida aos negros africanos na região do Rio de Janeiro.

¹⁷ Em kimbundu, não existe a consoante vibrante [r], mas sim a consoante [d]. Por influência da língua portuguesa, muitos dos nossos precursores fazem o uso do *ri* ao invés de *di*.

saõ as seguintes: A, i, gi, tu, v. g. Tata rinène (dionène), grande pay. Atuanène, pessoas grande” (Dias 1697: 2-3).

Quanto ao funcionamento da língua kimbundu, Pedro Dias (1697: 4) explicita o seguinte:

Naõ tem esta lingua declinações, nem casos; mas tem ſingular & plural, V.g. Nzambi, Deos. Gimzambi, Deoſes.
Regras para ſaber o plural pelo ſingular, & para adjectivar o ſubſtantivo com oadjectivo no singular, & plural.
Todos os nomes, que no ſingular começarem pelas ſyllabas, ou letras abaixo, começaraõ no plural em *Ma*, & ſeu adjectivo noſingular começará em *Ri*, & no plural em *A*, V.g. N бата rinène, caça grande, Mabata anène, caças grandes.
Ca Camba, amigo. Macamba, amigos que quehin, principio, ou rochedo. Maquehin, principios.

Ainda na mesma senda, e como já consideraram diversos investigadores, Dias apresenta outras temáticas, tais como os nominativos, os pronomes pessoais *eme* (“eu”), *eye* (“tu”), *mwene* (“ele”), *etu* (“nós”), *enu* (“vós”), *enè* (“eles”), os pronomes demonstrativos, os pronomes relativos, os nomes demonstrativos, a conjugação dos verbos, o verbo negativo, o verbo substantivo, os verbos defectivos “imperfeito”, os géneros, os pretéritos, os pretéritos mais que perfeitos, a composição do nome verbal, os aumentativos, sintaxe, regras do iminativo verbo infinitivo, nome adjetivo, relativo, os substantivos contínuos (posse), partitivos, superlativos, verbos neutros, verbos ativos, dativos e acusativos, verbos ablativos, verbos passivos, “*propria pagorum*” [locativos, gerundivos, advérbios, interjeição, conjunção (Dias, 1697: 4-48).

As declarações acima proferidas pela Superintendência, aquando da solicitação da sua publicação, demonstram que a obra de Padre Dias apresenta originalidade linguística e está redigida segundo as regras da Gramática. Outro facto mais relevante dessa obra é a apresentação das classes nominais, característica principal do kimbundu, mas também, de maneira mais ampla, das línguas *nigero-congolesas*.

Entendemos que Pedro Dias foi um dos grandes metodólogos e intérprete ao considerar que as línguas africanas, sobretudo bantu, são línguas de classes, ou seja, ao longo das suas investigações sobre o kimbundu, concluiu que a língua possui várias classes nominais em todas as suas funções. Assim, o gramático deu um grande contributo para o estudo da gramática do kimbundu, uma língua muito distante do latim, grego e hebraico, línguas que nesta altura tinham maior impacto no plano linguístico internacional.

Na mesma senda, Petter (2006: 127) ao referir-se a esta primeira gramática sistemática do kimbundu, considera que ela teve uma importância científica inegável,

em primeiro lugar, por ser a primeira gramática entre as línguas africanas; em segundo lugar, por apresentar uma pureza gramatical e inteiramente africana, próxima da que se fala em Angola, não sendo a língua descrita um pidgin nem um crioulo.

Como se pode ver, o kimbundu era cada vez mais divulgado. Com o surgimento da obra de Chatelain publicada em 1888, o kimbundu tornou-se hegemónico diante das outras línguas, quer fossem do mesmo grupo, quer de grupos distintos. À semelhança de Pedro Dias, Chatelain, que revolucionou a gramática do kimbundu, divide a sua obra em duas partes, a primeira das quais retrata os aspetos linguísticos e a segunda visa apresentar as riquezas culturais da literatura oral em kimbundu, começando pelos provérbios, canções, adivinhas e enigmas. Sem dúvidas, Chatelain deu um grande avanço ao desenvolvimento da linguística e da literatura angolana e a sua obra tornou-se uma referência fundamental no estudo da oratura, ou seja, da literatura oral africana, com particular realce para a literatura angolana. O autor conciliou a oralidade com a escrita e apresentou um trabalho com uma dupla dimensão, isto é, linguística e literária. Do ponto de vista literário, a sua investigação incidiu no estudo dos provérbios, enigmas e outros géneros da oralidade (Chatelain, 1888:131-149).

Provérbios “*jisabu*”

a) Provérbios

1- Sassa o ingo i ku tolole o xingu. “Cria a onça (que) ella te porta o pescoço.”

“Bring up the leopard, (that) it to thee break the neck”.

= “Por bem fazer mal haver”.

2- Xixikinia uatumine nzamba.

“A formiga (já) mandou (ao) elaphante”.

“The ant has ruled the elephant”.

= “O leão é, às vezes, manjar de pequenas aves”.

b) Enigmas

1- Muhatu um sokane umu mone o ifua iê!

“Mulher casa-te com ella, para conheceres os seus modos”.

“Woman, marry her, that you may know her waiys”.

= “Não louves, até que proves. Prova primeiro e falla derradeiro”.

2- Kamuxi mu munua kuba! Kirima “kijila”.

“Pauzinho na sala cabe. (planta vem com)”.

“Small stick in room, falls. (The plant comes with)”.

2.3.2. Línguas bantu no Brasil

Diversos autores como Azevedo (2011), Bonvini (2008), Boxer (1973), Mendell Ferreira (2011) e Vieira (2013) referem que milhares de africanos eram levados para a América, sobretudo para o Brasil; esses milhares de africanos durante a sua estada nas roças e fazendas comunicavam, naturalmente, nas suas línguas. Bonvini (2008: 30-31) apresenta duas grandes áreas de proveniência de línguas de escravos:

a) A área oeste-africana, caracterizada pelo maior número de línguas, tipologicamente muito diversificadas, conforme apresentadas no capítulo anterior.
atlântica: fula (fulfulde), uolofe, manjaco, balanta;
mandê (sobretudo, o mandinga); bambara, maninca, diúla;
gur: subfamília gurúnsi;
cuá (subgrupo gbe): eve, fon, gen, aja (designadas pelo termo jeje no Brasil);
ijóide: ijo;
benuê-conglesa:
defóide: falares iorubás designados no Brasil pelo termo nagô-queto;
edóide: edo;
nupóide: nupe (tapa);
ibóide: ibo;
cross-river: efique, ibíbio;
afro-asiático: chádica: hauçá;
nilo-saariano: saariana: canúri.

b) A área austral, essencialmente do subgrupo bantu – limitada à costa oeste (atuais república Democrática do Congo e Angola) e somente mais tarde estendendo-se à costa leste do (Moçambique) -, caracterizada por um número muito reduzido de línguas, tipologicamente homogêneas, mas faladas pelo maior número de activos:

H. 10 Congo (kikongo): kisolongo, kisikongo (kisingala), kizombo, kisundi (falado pelos bacongos, numa zona correspondente ao antigo reino do Congo) e kivili, iwoyo, kiyombe (falados em Cabinda e em Loango);

H. 20 Kimbundu (falado pelos ambundu, na região central de Angola, correspondendo ao antigo reino de Ndongo), kisama, kindongo;

H. 30 Iaca-holo: imbangala, chinji;

K. 10 Cokwe: ucokwe, ochingangela, chilucazi, luena (luvale);

L. 30 Luba: chiluba-cassai (lulua);

L. 50 Lunda: chilunda, urunda;

P. 30 Macua: omacua;

R.10 Umbundu (falado pelos ovimbundu na região centro sul de Angola): umbundu, olunianeca;

R. 20 Cuanianeca, indonga: ocicuanianeca, cuambi;

R. 30 Herero: ochiherero.

No que diz respeito à expansão das línguas africanas do tráfico, Yeda Pessoa (2001: 11) apresenta um mapa ilustrativo que indica os Estados brasileiros onde os grupos linguísticos africanos tiveram de conviver com as outras línguas, sobretudo a língua portuguesa; ao mesmo tempo, mostra as atividades que os escravos exerciam em

cada estado brasileiro. Desta feita, o mapa visa dissipar algumas dúvidas e opiniões distorcidas sobre o contributo das línguas africanas no português brasileiro (PB), com particular realce as bantu, cuja língua principal era o kimbundu, por razões anteriormente apresentadas. Para melhor compreensão, extraímos o mapa a seguir:

Figura nº 4: mapa de distribuição de grupos linguísticos africanos no Brasil



Fonte: Yeda Pessoa de Castro (2001: 11).

De acordo com os dados fornecidos por Yeda Pessoa (2001), de entre as línguas africanas do tráfico negreiro, no Brasil, as línguas bantu predominavam em todo o território brasileiro, sendo os Estados de Amazonas, Pará, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Alagoas, Sergipe, Espírito Santo, Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Rio Grande do Sul, maioritariamente bantu, ou seja, nesses Estados, para além do português e provavelmente algumas línguas dos índios de outros Estados, as informações espelhadas pela autora mostram que as línguas bantu estavam em todo território brasileiro, convivendo com as outras línguas de diferentes troncos linguísticos. Analisando esses dados, compreende-se de imediato que o grupo bantu estava espalhado por todo o Brasil, a seguir ao qual se notabilizaram os grupos linguísticos jeje-mina e nagô-iorubá

ou yoruba, que ao lado do bantu partilhavam o mesmo espaço territorial. Nos Estados de Maranhão, Pernambuco, Bahia e Minas Gerais, as línguas bantu coabitavam com o grupo jeje-mina; ao contrário dos anteriores Estados, no Rio de Janeiro, existiam três grupos linguísticos, nomeadamente o bantu, o jeje-mina e o nagô-iorubá. Enquanto na região nordestina, sobretudo em São Luís, Maranhão e Recife, predominavam os três grupos, bantu, jeje-mina e nagô-iorubá, em Salvador de Bahia, de acordo com o mapa, coabitavam quatro grupos linguísticos africanos, nomeadamente bantu, jeje-mina, nagô-iorubá e hauça.

As línguas africanas no Brasil refletem o facto de milhares de africanos terem alimentado o tráfico, sobretudo os da zona bantu. Os dados acima revelam, exatamente, que a zona bantu foi a que mais sofreu com o tráfico de escravos perpetrado pelos portugueses, pois por todas as localidades do Brasil existiam línguas do grupo bantu; relativamente a estes dados apresentados por Yeda, se por um lado, mostram uma hegemonia das línguas bantu no território brasileiro, ou seja, constituía um ganho para o Brasil, por outro lado, representam uma perda enorme para a região e a África em geral.

Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009: 27) acrescentam:

No plano linguístico, a contribuição dos segmentos indígenas e africanos para a formação da realidade linguística brasileira tem sido menosprezada, ora por razões ideológicas, determinadas por uma visão de “superioridade cultural” do colonizador europeu, ora por opções teóricas imanentistas, que circunscrevem à lógica interna do sistema linguístico as motivações para as suas mudanças.

Observando bem este trecho, podemos notar uma certa discriminação linguística. Até hoje, as criações africanas são muitas vezes relegadas à tradição.

De acordo com Alkmim e López (2009: 38), a falta de documentos históricos bem sistematizados a respeito das línguas africanas do tráfico de escravos no Brasil e a falta de um reconhecimento do contributo linguístico das línguas africanas no português do Brasil, constitui um grande desafio para os linguistas. Se considerarmos os milhares de africanos levados para o Brasil desde o século XVI até à fase de abolição de tráfico de escravos, é irrefutável o contributo das línguas africanas no português brasileiro.

Naro e Scherre (1993: 437-454) defendem que o português popular do Brasil resulta de uma convivência de causas:

(i) Reconhecem a participação de aloglotas, mas afirmam que *ela* chegou a constituir uma língua mista de português e de línguas africanas, de modo a justificar a existência de um pidgin ou crioulo; (ii) Suspeitam, no entanto, que a pidginização em si, quase endémica no Brasil desde o início da Colónia (e antes, tanto no caso da “língua de preto” da Europa e, provavelmente, das línguas gerais tupi e africanas), tenha influenciado no desenvolvimento do português brasileiro; (iii) Sublinham como sendo mais significativo que o impulso motor do desenvolvimento do

português do Brasil veio já embutido na deriva secular da língua de Portugal. Se as sementes trazidas de lá germinaram mais rápido e cresceram mais fortes é porque as condições, aqui, mostram-se mais propícias devido a uma confluência de motivos”.

Parafraseando Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009: 28), entre os séculos XVI e XIX, foram levados para o Brasil, cerca de 40% dos escravos africanos, sobretudo angolanos, produzindo situações de contacto linguístico.

A dimensão do contacto linguístico na proporção das situações desencadeadas pelo tráfico negreiro pode ser medida pelo facto de que, até meados do século XIX, os portugueses e seus descendentes diretos constituírem apenas um terço da população brasileira. Os outros dois terços eram constituídos por africanos e índios e seus descendentes, com larga predominância dos primeiros na maior parte do território brasileiro.

Através da informação fornecida por Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009), compreende-se que a grande maioria desses indivíduos tinha de aprender o português em situações precárias, uma vez que trabalhava como escravos nas grandes plantações do interior do país. Os escravos aprendiam a língua portuguesa com muitas insuficiências, pois não tinham tanto tempo para se dedicarem à nova língua. Havia muitas restrições e o vocabulário desses era diminuto, desprovido de estrutura gramatical. As crianças que nasciam nessas condições sub-humanas não tinham, normalmente, acesso à língua dos seus progenitores, muitas vezes falantes de línguas mutuamente indecifráveis, tendo aquelas de desenvolver a sua linguagem a partir do modelo que desvirtuava o português falado como sua L2.

O português brasileiro está carregado de muita influência das línguas africanas. Por isso, não se pode concordar com a posição de muitos investigadores brasileiros que quase anulam a influência das línguas africanas no falar brasileiro, limitando-se apenas a legar ao português alguns termos africanos. Para além dessa riqueza lexical, existem outros contributos africanos no PB, como a construção sintática, morfológica e fonética.

Quanto a esta situação, Bender (2013: 79-80) acresce:

A necessidade aguda de imigrantes se exacerbou com o fim do comércio de escravos, em 1850, e a abolição da escravatura, em 1888. Antes de 1850, o número anual de imigrantes raramente excedia os 1000, enquanto se importava uma média anual de 31 000 escravos (durante a primeira metade do século XIX). De 1853 a 1856, ano em que acabou definitivamente o tráfico de escravos, apenas se importara 512 escravos. O Brasil carecia desesperadamente de novas fontes de mão-de-obra. Este vasto país, maior do que o território dos EUA, tinha uma população de apenas 7 milhões, na altura em que o comércio de escravo acabou. Felizmente para o Brasil, a sua maior necessidade de novos imigrantes coincidiu com a agitação política na Europa, que empurrou milhões de europeus para o Novo Mundo em busca de uma vida melhor. Durante o século seguinte, a fama do Brasil pela prosperidade e oportunidade encorajou quase 5 milhões destes emigrantes a escolher o Brasil como sua nova pátria.

Bonvini (2008:19) apresenta as teses de Gregory Guy (1981) e John Holm (1987) apoiadas em dados sócio-históricos e demográficos do Brasil:

O Brasil absorveu aproximadamente 40% dos escravos transportados para as Américas, isto é, cerca de 3,6 milhões de indivíduos; a abolição de escravos no Brasil só ocorreu tardiamente, em 1888. Em certas regiões, houve concentrações demográficas afro-brasileiras bastante elevadas, de maneira que, em certos períodos, a população afro-brasileira era nitidamente superior à europeia.

Há, pois, muitas evidências que nos levam a refutar as ideias que anulam a influência das línguas africanas na formação do PB. Os dados de Bender (2013: 83) sobre as comunidades que imigraram para o Brasil entre 1850 e 1950 mostram que a língua portuguesa resultou de um sistema multiculturalista e multirracial. Sabe-se que o português brasileiro deriva da fusão das diversas línguas que coabitaram com a língua portuguesa durante o período referenciado. No contexto brasileiro, a cultura deixada por escravos africanos é hoje relegada para a tradição. Da bibliografia a que tivemos acesso, apenas há registos de práticas de feitiçarias e outros traços ligados aos rituais de escravos africanos. Quanto ao ponto de vista linguístico, apenas encontramos expressões desajustadas dos negros, recém-chegados, com pouco tempo de contacto com a língua portuguesa.

Com base em Alkmim e López (2009: 42), muitos teóricos justificam o seu não reconhecimento da influência das línguas africanas do tráfico na construção do português brasileiro. Todavia, quer haja reconhecimento, quer não, o contexto sócio-histórico em si tem uma resposta clara e evidente. Do ponto de vista social, a convivência entre os europeus e africanos, durante séculos de tráfico, produziu várias mudanças nas diversas áreas da vida humana, de que são exemplo os contactos amorosos entre brancos com mulheres negras, que resultou na existência de uma raça intermédia hoje conhecida por “mestiça”.

Ora, vejamos, se não se pode negar a existência dessa raça, também, não se podem negar as influências linguísticas provenientes do contacto das línguas africanas com o português ao longo da sua convivência. Aliás, entre os humanos, o elemento da unidade é a língua, que une pessoas de diferentes etnias e raças. Por isso, em contexto linguístico não existem línguas superiores; existem sim, variantes diastráticas.

Nesta perspetiva, apoiamo-nos em Alkmim e López (2009: 40), segundo as quais a linguagem distorcida da fala dos negros encontrada em fontes literárias terá sido exagerada, conduzindo a estereótipos que atribuem aos personagens negros erros e

distorções nem sempre autênticos. Acrescentam as mesmas autoras que esta produção de estereótipos resulta, ora de razões ideológicas, ora de recursos humorísticos.

Na umbanda¹⁸ os pretos-velhos são espíritos de velhos escravos africanos que se manifestam durante o transe de possessão. Ao representarem a memória da escravidão, eles revelam um comportamento linguístico associado a essa condição: uma fala como deveria ser a fala de um velho escravo africano, marcada por um conjunto de traços linguísticos que se caracterizam como desviantes em relação ao português brasileiro. Existiu também, a partir dos finais do século XIX, um ciclo de histórias em torno do personagem pai João. Um velho escravo africano, também usuário de uma variedade de português que contrasta com o português brasileiro (Alkmim e López, 2009: 37).

Azevedo (2003: 65) afirma que existiu uma “tradição representativa estereotipada a partir do momento em que houve, em sociedades lusófonas, a presença de africanos que aprendiam o português como segunda língua, desde os séculos XV-XVI”. Relativamente às influências das línguas africanas no PB, Aragão (2011:8) diz que, durante muito tempo, a análise sobre a problemática das línguas africanas, no Brasil, se restringiu, apenas a tópicos introdutórios da história da língua. Para uma contribuição concisa e científica, os factos históricos baseados numa realidade não estereotípica devem prevalecer; se assim for será um ganho para a ciência. Os preconceitos de superioridade linguística e racial devem ser postos de lado e vincar somente a realidade científica. Na nossa investigação, constatámos que apenas no século XX, as pesquisas sobre a importância dos africanismos para a língua portuguesa passaram a ter um carácter mais científico, com os estudos desenvolvidos por académicos africanos e afro- brasileiros.

Relativamente a este assunto, Alkmim e Petter (2009:150) afirmam:

Se por um lado, aumenta o número de termos de origem africana no PB, por outro lado, os estudos passam a focalizar a diversidade do uso regional desses vocábulos. De pouco mais de uma centena de itens lexicais, registados no século XIX, passa-se a mais de 300 na primeira metade do século XX, ultrapassando 2000 itens nos dicionários especializados publicados no final do século XX.

Quanto a esta problemática, Bonvini (*apud* Aragão (2011:8) refere que quanto aos empréstimos e inovações semânticas das palavras africanas, existem três situações distintas:

¹⁸ Magia negra.

- a- Palavras de origem africana que chegaram ao Brasil e se mantiveram, integral ou parcialmente, sem som e sem sentido inicial de portador;
- b- Palavras de origem africana que chegaram ao Brasil, mas desprovidas de seu sentido “africano” inicial, tendo adquirido, desde sua chegada, um sentido diferente e novo. Por isso seu sentido de origem, não tendo chegado ao Brasil, teria ficado do outro lado do Atlântico;
- c- O sentido inicial de partida, isto é, aquele atestado no continente africano, teria chegado ao Brasil, mas sem o vocabulário africano que lhe servia de suporte, que teria ficado na África.

Conforme realçámos no princípio deste capítulo, a língua é cultura, logo ao analisarmos o papel das línguas africanas no Brasil, necessariamente envolvemos aspetos culturais da população negra levada no tráfico de escravos. Segundo Aragão (2011: 9), “apesar da situação de escravidão, de submissão e de degradação a que os negros foram submetidos, as marcas de sua cultura estão visíveis e bastante fortalecidas na cultura brasileira dos dias atuais”. A identidade cultural dos africanos levados para o Brasil era bastante diversificada, já que para lá foram diferentes africanos de áreas linguístico-culturais distintas.

Apesar de tudo, a herança cultural africana na cultura brasileira encontra-se permanentemente enraizada em diferentes áreas, como na religião, na música, na culinária, nos folgedos populares, costumes e tradições, como menciona Cristóvão (2011: 80-81), fazendo uso do discurso de Padre António Vieira:

Quem vos sustenta no Brasil, senão, os vossos escravos? [...]. Que importa, porém, que Senhores os não admitam à sua mesa, se Deus os convida a regala com a sua? Da mesma maneira se deve dizer, não há cultura brasileira sem influências africanas, o sustento não foi somente alimentício, mas em todas as esferas do quotidiano brasileiro, sobretudo no contexto linguístico.

Qualquer análise sobre a influência das línguas africanas, no PB tem de incluir o kimbundu. Tendo em conta a própria história, esta língua está ligada à escravatura durante o período de colonização. Por ser a língua da região onde se situa a capital do país, ou seja, a região onde se encontrava o maior forte de tráfico de escravos, brancos e negros envolvidos nesse comércio desumano interessavam-se em aprendê-la, quer fosse no Brasil, quer em Angola, pois viria a servir de língua veicular do tráfico.

No que concerne à predominância das línguas bantu no Brasil, Lucchesi, Baxter e Ribeiro (2009: 65) dizem:

Esse predomínio banto, sobretudo nos séculos XVI e XVII, reflete-se na formação de línguas gerais africanas no Brasil, de modo que, nos dois primeiros séculos, o quicongo e o quimbundo, seguidos pelo umbundo, foram as línguas numericamente predominantes na maioria das senzalas ou as de maior prestígio sociológico.

Voltando às afirmações dos autores acima, é possível que as condições sociais, culturais e económicas estabelecidas no Brasil, na era do tráfico negreiro, tenham favorecido a adoção do kimbundu como língua franca entre africanos originários da área bantu.

O kimbundu, durante o tráfico no Brasil, exercia o papel de língua geral, pois servia de identidade cultural de muitos negros africanos de grupo bantu, sobretudo da região da África Austral. Segundo Nina Rodrigues (*apud* Bonvini 2008:47), “as línguas africanas faladas no Brasil sofreram para logo grandes alterações, já com a aprendizagem do português por parte dos escravos, já com a da língua africana adotada como língua geral pelos negros ou aclimados ou ladinos”. De facto, ninguém suporia que falassem a mesma língua todos os escravos pretos. Estas afirmações ilustram a unidade e determinação dos africanos levados para o tráfico em preservar o seu património cultural.

O kimbundu era uma língua veicular, todos os escravos que saíam de Luanda para o Brasil, necessariamente, passavam por uma aprendizagem do kimbundu, depois recebiam o batismo com um nome kimbundu ou kikongo. Isto, de facto, terá favorecido a pujança desta língua fora do seu meio natural, ou seja, mesmo estando fora de Angola, teve maior predominância linguística. Daí a existência de vários vestígios, ou, digamos, contributos para o PB.

2.4. Vestígios do kimbundu no português brasileiro

Com base em Luchesi, Baxter e Ribeiro (2009: 67), sabe-se que, de entre as demais línguas que conviveram no Brasil, dois grupos linguísticos tiveram maior pujança, nomeadamente o iorubá, língua africana, com maior número de falantes na República Federativa da Nigéria e o kimbundu, língua do grupo bantu, falado em Angola na região Centro Norte. Como o nosso foco neste trabalho é o kimbundu e o português, analisámos os vestígios do kimbundu no PB. Sem prejuízo de referências a outras línguas do século XX até à atualidade, diversos trabalhos têm sido levados a cabo sobre os vestígios dos africanismos no PB. Autores como Holm (1987), Bonvini (2008), Petter M. T. (2008), Azevedo (2003) têm escrito vários artigos sobre esta temática. No contexto lexical, o vocabulário do PB beneficiou de muitas importações de origem africana. Segundo Aragão (2011: 8-12), “Existem diferentes tipos de adaptações, transposições e empréstimos lexicais, semânticos e compostos em que um termo é

africano e o outro, português”.

Voltando a Aragão (2011: 8-12), os empréstimos do campo fonético e fonológico são vários, como a iotização do fonema /l/, a ausência de vocalização do /l/, a abertura das vogais pretônicas, a nasalização das vogais orais que antecedem as consoantes nasais; assim como, a dissimilação, monotongação, apócope, do /l/, /r/, e /s/ finais derivam das línguas africanas.

Seguem-se alguns exemplos:

- a) Abertura de vogais pretônicas: melodia > *meldia* [mɛldjɐ];
- b) Vocalização do /l/ final: Brasil > *brasiu* [braziu]; malvada > *mauvada* [mɛwvadɐ];
- c) Aférese: está > *tá* [ta], estava > *tava* [tavɐ].

As línguas africanas por natureza são compostas por classes, mas, por influência do longo período de convívio com o português, foram perdendo as suas características e pouco a pouco as classes nominais que as caracterizam foram abandonadas, tendo deixado marcas ou vestígios no PB. Por exemplo, nessas línguas, a característica do infinitivo é marcada por prefixo *Ku* e todos os verbos terminam em vogais. Ao serem suplantadas pela língua portuguesa, os seus falantes transferiram algumas marcas para a língua portuguesa, pois, para os falantes das línguas bantu, todos os nomes têm uma vogal final e nunca uma consoante. Daí o surgimento da supressão do -r, quase em todos os verbos, pois, para um brasileiro de origem bantu, sobretudo do kimbundu, os verbos terminam em vogais. Exemplos: colher [kuje].

No que concerne à fonética e fonologia, em kimbundu, regista-se uma convergência fonética e fonológica, isto é, não ocorre nenhuma divergência entre a pronúncia e a grafia. Esta é uma das razões da convergência fonética e fonológica do PB. É verdade que muitos pesquisadores não reconhecem este pormenor e, se o reconhecem, não o atribuem à verdadeira origem.

Encontra-se muita influência africana em quase todos os campos da sociedade brasileira. Na culinária, encontramos os pratos típicos africanos, especialmente na região nordestina e baiana, por exemplo, a famosa “comida de santo”, como caruru, abará, mucotó, vatapá, muqueca, entre outros; é difícil não destacar a influência africana, uma vez que os escravos para se distraírem e mitigarem as agruras da vida

¹⁹*Mbuku*, em kimbundu, significa “mutilado”, “aleijado”; *buku* significa “partido”, “quebrado”.

usavam o canto, a dança e as representações artístico-culturais de sua terra de origem, que ainda hoje, permanecem na cultura brasileira. Por exemplo, na maior festa cultural brasileira, “o carnaval”, encontra-se a dança samba, herança cultural africana de origem Angolana (“*semba*” termo derivado da “*disemba*”), que em kimbundu significa “ensoberbecer-se” durante a dança. O vocábulo sofreu uma ligeira alteração fonético-fonológica, mas permanece o seu valor semântico da cultura angolana. O termo “samba”, também significa: “adorar”, “galgar”, “vibrar”.

Mendonça (2012: 97) faz a seguinte afirmação:

Quase todos os tipos de danças de origem africana já foram apresentados na música erudita, seja em amplos painéis orquestrais, seja em miniaturas para piano solo. Em ambos os setores, os compositores brasileiros revelaram-nos, de preferência, o negro em seu aspeto exterior, quase primitivo, num bailado sem fim. Na canção, possuímos obras do ciclo negro com texto africano (Exemplo: Xangô, de Heitor Villa-Lobos) ou com palavras portuguesas, alternadas pela pronúncia dos pretos no Brasil.

Ainda sobre os vestígios das línguas bantu no PB, destacam-se os *ideofones*, características das línguas africanas que dão uma certa ênfase às frases. Expressam noções de quantidade, qualidade, ação ou estado.

(35) Exemplos:

- a. *Bulubulu* < *bululú* < *bwebwelé* < *bwé* (“demasiado”);
- b. *Ngwingwi* (“vermelhão”);
- c. *Kalakálé* (“muito trabalho”);
- d. *Hèhé* (“atenção”);
- e. *Kyokyò* (“odorante”)
- f. *Wowó* (“repreensão”);
- g. *Kofelefele* (pequeníssimo) (“tamanho, dimensão”)
- h. *Olóló* (“sublimação”)²⁰

Para Mendonça (2012: 95-96), *ideofones* são sons reproduzidos pela vibração dos instrumentos musicais de origem africana, como a *canzá* ou *ganzá*, feitos de cana, com orifícios e talhas transversais, cuia, xeque-xeque ou chequerê, puita e marimba. O autor não faz referência à duplicidade e tonalidade das expressões idiomáticas das canções e a sua carga semântica; contudo, refere-se ao *xeque-xeque* ou *chequerê* e outros instrumentos; faz alusão aos gêneros de danças africanas, sobretudo kimbundu,

²⁰ Palavras da nossa autoria, enquanto falantes do kimbundu.

como o *tango*, o *samba*, o *maxixe*, que embora estejam modernizados, fazem do carnaval brasileiro a maior festa da América do Sul.

De acordo com Andrade (2007: 127), o conceito de ideofone foi estudado por Welms (1973) em várias línguas africanas e é um termo criado por Doke (1935), que designa “a representação vivida de uma ideia com sons”. É uma palavra que descreve um predicado, qualificativo ou advérbio, relativamente ao modo, à cor, ao cheiro, à intensidade, à dor, ao tamanho, etc. O autor acrescenta que é como se fosse uma onomatopeia ou uma interjeição. Sendo expressivos, alguns são ambíguos e só o contexto pode dar uma interpretação correta. Os ideofones tendem a ser icónicos e a ter um comportamento sonoro simbólico.

Segundo Ntongo (2015: 212), “ideofones são vocábulos que transmitem uma impressão sensorial ou moral complexa”. Não se trata de interjeições, pois as interjeições têm, às vezes, a possibilidade de expressão limitada, tipicamente isoladas. Os ideofones são utilizados marginalmente isolados e participam normalmente na construção de frases. As músicas sertanenses que hoje fazem muito sucesso, nos palcos brasileiros e na lusofonia em geral, têm como elemento distintivo o prolongamento ou duplicidade das vogais, um dos traços das línguas africanas, os *ideofones*.

Como já se disse, o contacto do kimbundu com o PB provocou mudanças lexicais e conseqüentemente uma reestruturação do sistema morfossintático de ambas as línguas (PB e kimbundu, mas também do yoruba), fruto do aparecimento de novas palavras e do desaparecimento progressivo de outras. Embora a nacionalização do português fosse importante para a unidade do povo brasileiro, para os escravos acostumados a falar as línguas gerais, implicou novamente uma mudança de hábitos e costumes, ou seja, seriam forçados a falar a língua portuguesa. Assim, na passagem dos seus vocábulos para a língua portuguesa, ocorrem diversos processos fonéticos.

Quanto à mudança lexical que as línguas africanas sofreram, Mendonça (2012: 68-69) menciona a ocorrência de diversos fenómenos. Alguns termos do kimbundu ao passarem para português sofreram os seguintes processos fonéticos:

(36) Síncope de pré-tónica:

a. *Kadikunda*²¹ > *caricúnda* > *carcunda*²²;

²¹ Em kimbundu, *ka* é uma partícula diminutiva, enquanto o *di* é um prefixo nominal. Neste caso, houve ocorrência de uma assimilação, o prefixo *di* por aportuguesamento e finalmente ocorreu uma síncope, caindo a letra *i* que deu origem à palavra “carcunda”.

- b. Assimilação: *kassule* > *cazule* > caçula;
- c. Dissimulação: *kijila* > quezila; *kitútu* > quitute;
- d. Ou final passa a surdo em português, *u* medial gera *i* algumas vezes:
Makutu > macuto;
Lubambu > libambo;
- e. Desnasalização:
Ndende > dendê > dendém;
Ndengue > dengue;
Nsumbi > sumbi;
Ntanga/thanga > tanga
Kingombo > *kigobo* > *kiyobo* > kyabo > quiabo;
Jimbu > jimbo > zimbo; por analogia ao kicongo.

Conforme dissemos no capítulo anterior, nas línguas bantu não existem dígrafos, pouco menos encontros consonânticos como no português, onde se observam as consoantes mudas; igualmente, em kimbundu, a consoante é sempre seguida de uma vogal. Na nossa investigação, constatámos estes vestígios do grupo bantu (kimbundu), no PB; as consoantes mudas no português brasileiro não são pronunciadas, em alguns casos, inserem-se uma vogal entre as duas consoantes (epêntese) e noutros casos sofrem síncope.

(37) Exemplo:

- a. Pneu > *peneu* [peneu];
- b. Psicológico > *pissicologia* [pissicologiku];
- c. Ignorar > *iguinorar* [iginorar];
- d. Facto > *fato* [fetu];
- e. Indemnizar > *indenizar* [idenizar].

Como se pode ver, existem muitos vestígios das línguas africanas no PB, os mais notáveis são os do âmbito lexical e fonético, como mais adiante veremos. Neste ponto, limitamo-nos a ilustrar simplifadamente tais vestígios. No terceiro capítulo, apresenta-se a evolução fonética e fonológica do português em Angola, do período colonial até a

²² Pessoa que tem corcunda, ou deformidade da coluna vertebral do homem com acentuada curvatura nas costas, e não raro no peito, causada por cifose, ou resultante da idade; formação saliente no dorso dos animais.

atualidade; abordam-se, ainda, neste capítulo, as contribuições lexicais do kimbundu no português em Angola.

2.5. Línguas bantu em contacto com o português em Angola

Como dissemos no capítulo anterior, Angola é um mosaico cultural constituído por diferentes grupos etnolinguísticos, mas ligados por uma língua de origem neolatina, o português.

Alguns estudos levados a cabo por vários investigadores mostram que o território angolano foi sempre habitado por dois grupos distintos, os bantu e os não bantu. A chegada dos europeus fortificou a diversidade linguística, dessa feita, passaram a coexistir três grupos linguísticos, isto é, o grupo bantu, o grupo não bantu e o grupo neolatino. A descoberta do Congo despertou maior atenção aos governantes portugueses, que para aí enviaram população, cujo crescimento favoreceu a implementação da língua no seio de uma população maioritariamente bantu.

Tendo em conta o contexto histórico, J. Redinha (1974: 18) diz que a população angolana é constituída por povos bantu, não bantu e europeus dos quais o grupo bantu e o neolatino exercem a hegemonia linguística no país. Como é sabido, antes da conferência do Berlim que deu azo à ocupação efetiva da África, Angola era constituída por um conjunto de reinos, ou seja, um aglomerado de estados semiautónomos que, conforme vimos, às vezes, eram considerados vassalos do Reino do Congo, já que esse era o mais poderoso de ponto de vista político e militar.

2.5.1. Distribuição de Línguas Bantu em Angola

Quanto à composição e distribuição das línguas bantu, a população angolana é composta maioritariamente por línguas do grupo bantu, cuja distribuição obedece às seguintes regiões do país: *kicongo* ocupa as províncias de Uíge, Zaire e Cabinda. Na última que pertence à zona bakongo, fala-se o kiyombe, kiwoyo, kisundi e kivili; o *kimbundu* ocupa a região centro norte do país, constituída por Luanda, Bengo, Cuanza-Norte, Cuanza-Sul e Malanje; o *cokwe* ocupa a região leste de Angola composta por Lunda-Norte, Lunda-Sul e Moxico; o *umbundu* ocupa o centro e sul do país,

nomeadamente Huambo, Bié, Benguela, Cuanza-Sul, Huíla e Namibe; o *ngangela*²³ ocupa o sudoeste de Angola, concretamente a província de Cuando Cubango; o *nyaneka-humbi* ocupa uma parte da região sul, sobretudo as províncias da Huíla e Namibe; o kwanyama ocupa a região sul de Angola, mais propriamente na província de Cunene.

Para melhor destrição, a seguir apresentamos um quadro ilustrativo baseado em dados definitivos do censo populacional e habitação divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística, Caderno de resultados do censo populacional (2014: 27).

Quadro nº 27: Distribuição de línguas bantu por províncias

	Línguas	Províncias
Tronco linguístico Bantu	Kikongo fiote ²⁴	Zaire
		Uíge
		Cabinda
	Kimbundu	Luanda
		Bengo
		Cuanza-Norte
		Cuanza-Sul
		Malanje
	Umbundo	Bié
		Benguela
		Cuanza-Sul
		Huambo
		Huíla
		Namibe
	Cokwe	Lunda-Norte
		Lunda-Sul
		Moxico
	Nyaneka	Huíla

²³ Lê-se “nganguela”; nas línguas bantu o *ge* é pronunciado como o *guê* português; contudo, o *j* é pronunciado como *ge*, por exemplo, Malanje e não Malange.

²⁴ Como vimos, nessa região do país, fala-se o kiyombe, kiwoyo, kisundi e kivili, mas por razões óbvias, ou seja, respeitando a opinião da publicação do Instituto Nacional de Estatística, permanece a palavra “fiote” como língua de Cabinda.

		Namibe
	Kwanyama	Cunene
	Luvale	Cuando Cubango e Moxico
	Ngangela	

De acordo com os resultados definitivos do censo populacional e habitacional, atualmente o português é a língua mais falada com cerca de 71,1% da população angolana, seguindo-se o umbundu com 23%, o kikongo e kimbundu, cada com 8%, enquanto as demais línguas têm entre 1% a 6% da população falante.

2.5.2. Marcas de português na oralidade do kimbundu (fenómeno de kimbunduguês)

Como é óbvio, a coabitação do português com as línguas bantu, em Angola, deu origem a vários fenómenos linguísticos em ambas as línguas. Assim, o kimbundu foi afetado pela convivência com o português, sobretudo nos discursos orais.

Segundo Garmadi. J. (1983: 14), compreende-se que as interferências entre línguas de troncos diferentes são inevitáveis. Ao mesmo tempo, afirma que quando há sistemas linguísticos em contacto, a interferência pode dar-se a todos os níveis: tanto ao nível de mais débil estruturação que é o léxico como ao nível gramatical, em que a sintaxe estará tão implicada como os inventários de formas.

No que se refere às influências linguísticas, em Angola, constata-se que não só as línguas bantu influenciam as estruturas fráscas do português, mas também a própria língua portuguesa tem deixado marcas indestrutíveis nas línguas bantu, sobretudo na língua Kimbundu, marcas essas que vão desde o léxico aos aspetos morfossintáticos e fonéticos, quer na escrita, quer na oralidade.

No tocante a estes aspetos, é constante ouvir um falante do kimbundu a construir estruturas fráscas híbridas, que consideramos como fenómeno de kimbunduguês, porquanto é formado por uma base lexical mista entre o kimbundu e o português. Nestes termos, o kimbunduguês consiste na construção fráscica híbrida, isto é, frases constituídas por elementos do kimbundu e do português. O kimbunduguês pode ser entendido como uma forma de transformar ou aproximar as estruturas do kimbundu ao português. Para Mingas (2000: 24), os empréstimos do português ao kimbundu sofreram alterações fonológicas e morfossintáticas nas suas estruturas fráscas.

Os exemplos a seguir atestam a ocorrência do fenómeno acima²⁵:

Quadro nº 28: Marcas de português na oralidade do Kimbundu

Frases		
Frases híbridas	Sem hibridismo	Português
<i>Ngaile bu mercado ku banga ji compra.</i>	Ngaile bu kitanda kusumba.	Fui ao mercado fazer compras.
<i>Ó ji jove jay ku congresso.</i>	Mizangala yai ku kyongue.	Os jovens foram ao congresso.
<i>Eme ngi bana graça kwa Jesus Cristo.</i>	Eme ngi bana kyadi kwa jezu kidixitu.	Dou graças a Jesus Cristo.
<i>Papá way ku trabalho.</i>	Tata way kusalu.	O pai foi ao trabalho.
<i>Mungu kizuwa kya kuvotala.</i>	Mungu kizwa kya kusola.	Amanhã será o dia das eleições ou do voto.
<i>Menina a mu nganala kwala ó jovem.</i>	Kilumba a ki nganala kwala muzangala.	A menina foi atraída (enganada) por um jovem.

Na verdade, onde há coabitação linguística são claras tais interferências, mas quanto ao fenómeno em análise, pelo que nos parece, os que assim falam aportuguesam o kimbundu, sem que haja necessidade de o fazer, pois só seria necessário para aqueles casos em que não existam correspondentes lexicais em kimbundu.

2.5.3. Marcas morfológicas do português no kimbundu

Como é sabido, a maior parte das línguas bantu são orais, existindo poucos registos escritos; sendo assim, concentramos esta análise em registos orais, fruto da nossa experiência enquanto falantes dessa língua, embora tenhamos encontrado alguns excertos kimbundu em obras, como de António Costa (2006: 195), que, por conseguinte, faz uso dessas marcas na ortografia do kimbundu.

(38)

- a. “Ele devia começar a ler o livro”. *Mwene weji ku mateka kutanga ó divulu.*
- b. “Ele começaria a ler o livro, se não tivesse saído”. *Mwene weji ku mateka ku tanga ó divulu, se ka tundile.*

Nas frases acima, (38a) e (38b), ocorrem marcas do português. Como vimos, ao contrário do português, onde o artigo aparece para determinar o nome, em kimbundu o

²⁵ Enquanto utentes dessa língua, recorreremos à oralidade.

artigo é inexistente, salvo em casos como em (38a), onde há interferência do português; relativamente ao condicional, em kimbundu, usa-se a partícula *ni* equivalente ao *se* em português, ou seja, todas as frases correspondentes ao condicional, em kimbundu, são introduzidas por *ni*, o uso de *se* resulta da interferência morfológica do português ao kimbundu.

No caso dos exemplos (38a) e (38b), por norma deviam obedecer à seguinte estrutura:

a) *Mwene weji ku tanga divulu*. “Ele devia começar a ler o livro”.

b) *Mwene weji ku mateka ku tanga divulu, ni ka tundile*. “Ele começaria a ler o livro, se não tivesse saído”.

Pode-se notar, ainda, uma outra marca fonológica na estrutura dos nomes de plantas ou árvores angolanas, incorporados na língua portuguesa. Como poderemos demonstrar, os nomes em kimbundu obedecem a um critério de classes nominais. Conforme especificámos no capítulo anterior, para estes casos usa-se o prefixo concordante *mu* para o singular e *mi* para o plural. Exemplo: *mulemba*, *milemba*; *mufuma*, *mifuma*; *muxixe*, *mixixe*²⁶; todavia, esta planta, atualmente, em kimbundu, passou para *muxixeira*. O falante de kimbundu, em vez de dizer *muxixe* ou *mixixe*, já usa a palavra com o sufixo *eira*, particularidade da língua portuguesa.

(39) A seguir mostramos alguns exemplos extraídos de José Luandino Vieira (1985: 37, 61, 64 e 116)

- a. “E a luz veio com madrugada e os pardais cantando nos *muxixeiros*”;
- b. “Por detrás da agricultura existia a grande floresta. Grande floresta para nós miúdos de oito anos que fizemos dela o centro do mundo, a sede do nosso grupo de «cóbois». *Mafumeiras*²⁷ gigantes, cheias de picos, habitadas por sardões (...)”.
- c. “O chefe que conseguiu subir a uma *mafumeira*”.
- d. “A infância aparecia diluída numa cidade de casas de pau-a-pique, zinco e luandos, às sombras de frescas *mulembeiras* onde negras lavavam a roupa e à noite se entregavam”.

²⁶ Espécie de uma figueira europeia.

²⁷ Por se tratar de plural, aplicando o critério das classes nominais, seria *mifumeiras* em vez de *mafumeiras*.

Como se pode ver, o convívio do português com o kimbundu trouxe uma certa alteração na estrutura morfológica dos nomes de plantas kimbundu; os nomes como *mulemba*, *mufuma*, *muxixe*, *mbondo* passaram a ser sufixados.

(40) Exemplo:

Mulemba (mulembeira), *mufuma* (mufumeira), *muxixe* (muxixeira), *mbondo* (imbondeiro).

2.5.4. Marcas sintáticas

Como dissemos, as interferências ocorrem em todas as estruturas. Em sintaxe constata-se também algumas interferências do português no Kimbundu. Os falantes do kimbundu aplicam as estruturas sintáticas do português no kimbundu, invertendo o sentido da ordem em Kimbundu; em kimbundu, as frases interrogativas começam por um sintagma verbal, contrariamente ao português que começam por um morfema interrogativo. Os exemplos do quadro abaixo são prova disto:

Quadro nº 29: Marcas sintáticas do português no Kimbundu

Kimundo sem interferências ²⁸	Kimundo com interferências
<i>Walu ya kwehi?</i> (Vais aonde?)	<i>Kwehi walu ya?</i> (“Aonde vais?”)
<i>Watungu kwebi?</i> (Moras aonde?)	<i>Kwebi ku wantungu?</i> (“Onde moras?”)
<i>Wabixila kitangana kyebi?</i> (Chegaste que hora?)	<i>Hola yebi iwabixila?</i> (“A que hora chegaste?”)

2.5.5. Marcas fonéticas e fonológicas

Não é nossa pretensão, neste item, proceder a transcrição fonética, mas apenas mostrar como o português tem interferido no contexto fónico de palavras de origem bantu, sobretudo as do kimbundu, quer seja oralmente, quer seja graficamente. Por um lado, constatamos que a ausência de consoantes pré-nasais no português e, por outro, a nasalização das vogais orais em kimbundu terá estado na base dessas interferências fónicas que se registam no léxico do kimbundu incorporado no português.

²⁸ Em Angola, ambas as frases são usadas.

Para o efeito, a seguir discriminamos uma série de palavras kimbundu com a ocorrência de traços fónicos portugueses.

Quadro nº 30: Traços fónicos portugueses

Kimbandu sem alteração	Kimbandu aportuguesado
Kalandula [ka'lãdula]	Calandula [kalã'dula]
Ngola [l~gɔla]	Gola [l'gɔla]
Nzumba [l~zũba]	Zumba [l'zũba]
Ndondo [l~dõdɔ]	Dondo [l'dõdɔ]
Ngulungu [~gulũgu]	Gulungo [l'gulũgo]
Ngongo [l~gõgɔ]	Gongo [l'gõgu]
Ndala [l~dala]	Dala [l'dala]
Njinga [l~zĩga]	Ginga/Zinga [l'zĩga]
Njimbu [l~zĩ~u]	Jimbo/zimbo [l'zĩbu]
Hebu [l~ɛbu]	Ebo [l'ɛbu]
Nyanga [l'njãga]	Nhanga [l'ɲãga]
Ngolome [~gɔ'lɔmɛ]	Golome [gɔ'lɔmɛ]
Mbaka [l~baka]	Ambaca [ã'baka]
Malanji [ma'lãzi]	Malange [ma'lãzɛ]
Ngumba [l~gũba]	Gumba [l'gũba]
Nzanji [l~zaɓi]	Zage [l'zaɓi]
Mbondo [l~bõdɔ]	Bondo [l'bõdɔ]
Mbengu [l~bẽgu]	Bengo [l'bẽgu]
Ndanji [l~dãzi]	Dange [l'dãzɛ]
Ndembu [l~dẽbu]	Dembo [l'dẽbu]
Ndombo [l~dõbɔ]	Dombo [l'dõbɔ]
Ndongo [l~dõgɔ]	Dongo [l'dõgɔ]
Nzenza [l~zẽza]	Zenza [l'zẽza]
Nsungu [~sũgu]	Musungo [mu'sũgu]
Mbongo [l~bõgɔ]	Bongo [l'bõgɔ]
Mvula [l~vula]	Vula [l'vula]
Mvunda [l~vũda]	Vunda [l'vũda]

Fonte: Topónimos retirados do *corpus*: conservatórias centrais de registo de nascimento das Províncias de Cuanza-Norte e de Malanje, conforme anexo A.

Perante a transcrição, é visível a diferença fonética entre as palavras aportuguesadas e as do kimbundu. Por exemplo, na palavra *kalandula*, a sua tonicidade

encontra-se na segunda sílaba, ao contrário do português em que a sua tónica recai na penúltima posição. Aliás, na língua portuguesa, as palavras obedecem a um critério de acentuação, ao contrário do kimbundu.

2.5.6. Marcas lexicais

Ao contrário de alguns autores, como L. Hjelmslev (1971), citado por Maria Beatriz Nizza da Silva (1974:889), que considera o léxico como um vazio da linguística, nós considerámo-lo como um parente rico de qualquer língua em contacto. Para Mingas (2000: 59) o léxico é, entre todos os fenómenos, o mais rico em interferências, pois os seus elementos são os mais vulneráveis à interferência numa situação em contacto de línguas.

Segundo Ntondo (2006: 67-68), “as palavras de origem portuguesa são mais numerosas na língua do que as procedentes das variantes ou línguas vizinhas. A sua introdução na língua tende a fazer desaparecer algumas palavras de origem bantu pela sua frequência em detrimento destas últimas”. Sem dúvida, as línguas bantu incorporaram diversas unidades lexicais de origem portuguesa, concretamente, em kimbundu, todos os nomes de origem neolatina sofreram uma ligeira alteração fonética.

Assim sendo, apresentamos um conjunto de lexemas portugueses adaptados em kimbundu.

Quadro nº31: Lexemas portugueses adaptados em Kimbundu

Kimbundu		Português	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>aparelu/apalelyu</i>	<i>Jyapallelyu</i>	Aparelho	aparelhos
<i>Avyau</i>	<i>jyavya</i>	Avião	aviões
<i>Baylu</i>	<i>jibaylu</i>	Bairro	bairros
<i>Basya</i>	<i>jibasya</i>	Bacia	bacias
<i>Botaw</i>	<i>jibotaw</i>	Botão	botões
<i>Lapi</i>	<i>jilapi</i>	Lápis	lápis
<i>Lumalyu</i>	<i>malumadyu</i>	Armário	armários
<i>lumazé/alumazé</i>	<i>malumazé</i>	Armazém	armazéns

<i>kadelunu/kadernu</i>	<i>jikadernu</i>	caderno	cadernos
<i>konviti</i>	<i>jikonviti</i>	convite	convites
<i>ndombe</i>	<i>jindombe</i>	adobe	adobes

Fonte: Adaptado de Chicuna (2015: 215-219)

Relativamente a esta incorporação das palavras portuguesas nas línguas bantu, Chicuna (2015: 80) entende tratar-se de portuguesismos nas línguas bantu. Na verdade, nessas línguas, o empréstimo surge como um recurso ou estratégia que permite aos falantes a simplificação do sistema linguístico, ou seja, na falta de equivalentes lexicais, os falantes recorrem a empréstimos adaptados à morfologia da sua língua.

Paradoxalmente ao que dissemos acima, não se trata de simples marcas lexicais, mas de um conjunto de vocábulos portugueses que, por inexistência de seus equivalentes nas línguas bantu, foram incorporados e modificados de acordo com cada sistema linguístico em diferentes campos lexicais. Dado o elevado número de lexemas distribuídos por diversos campos, apresentamo-los no anexo C.

Neste capítulo, apontamos os contactos entre línguas de diferentes troncos linguísticos; o caso do contacto do kimbundu, uma das línguas de família linguística bantu e a língua portuguesa de tronco linguístico neolatino. Vimos que ao longo da sua coabitação ocorreram diversos empréstimos recíprocos, sobretudo no campo lexical. Ainda neste capítulo, apresentamos uma breve historiografia linguística portuguesa e kimbundu na era do tráfico negreiro no Brasil; salientou-se que esse contacto linguístico serve como um meio de socialização e aculturação entre os povos antes desconhecidos.

No próximo capítulo abordaremos a variedade sociolinguística do português falado em Angola e o contributo morfossintático, fonético e lexical do kimbundu no português, desde os primórdios da sua convivência à atualidade.

CAPÍTULO III
O PORTUGUÊS EM ANGOLA: ASPETOS MORFOSSINTÁTICOS,
FONÉTICOS E LEXICAIS

3.1. Breve resenha histórica sobre o português em Angola

Desde a proclamação da independência nacional a 11 de novembro de 1975, Angola sempre adotou, embora não de forma oficial, a língua portuguesa como única língua de escolaridade e de unidade nacional. Durante muito tempo, o português desempenhou o papel de uma língua veicular para a população angolana. Salienta-se que, apesar de a independência nacional ter sido proclamada em português, pelo primeiro presidente de Angola, António Agostinho Neto, durante muito tempo, a lei constitucional, que vigorou em Angola, não fazia referência ao estatuto do português. Apenas, com a promulgação da constituição angolana em 2010, no seu artigo 19, ponto 1 dá-lhe um estatuto: “A língua oficial da República de Angola é o português” (*Constituição Angolana*, 2010: 11). Tal como o que acontece noutros países africanos ou ex-colónias portuguesas em África, o português é língua institucional, do ensino e de produção literária. No âmbito do ensino do português, Angola segue a mesma norma europeia.²⁹ Contudo, existe, atualmente, uma disparidade ortográfica, pois, desde a ratificação do novo acordo ortográfico, ao contrário de Portugal e outras nações da lusofonia, Angola, por decisões políticas, ainda não aderiu ao novo acordo em vigor.

Conforme referimos, entende-se como norma padrão uma variedade social de uma língua legitimada historicamente enquanto meio de comunicação de uma comunidade linguística. Norma padrão não é nada mais do que a sobrevalorização de uma variedade que se destaca e é escolhida pela sociedade como paradigma de uma língua.

O português, em Angola, goza de privilégio. É a língua mais falada no país, pois expande-se a todo o território nacional, sendo, hoje, língua materna de muitos angolanos, sobretudo da população jovem com maior realce para os habitantes de zonas urbanas. Para além dos resultados estatísticos do censo populacional e de habitação realizado em 2014, que apontam estes factos, os inquéritos que realizámos no campo, cujos exemplares se encontram no anexo B deste trabalho, demonstram esta tendência, isto é, a maior parte dos inquiridos tem-na como sua língua materna.

Em Angola, o português é a única língua usada no ensino e aprendizagem, na administração pública e nas relações internacionais. É, sem dúvida, a língua com maior prestígio no país; língua materna de maioria da

²⁹ Considera-se norma europeia, a variedade das classes média e alta de Lisboa; contudo, não significa que essa variedade seja melhor do que as outras, mas que teve mais aceitação como modelo desta língua na sociedade portuguesa, tornando-se como meio de identificação histórica, cultural e religiosa.

população angolana. Ao longo da nossa investigação, constatou-se que, apesar de os pronunciamentos políticos terem consignado as demais línguas faladas em Angola como línguas nacionais, do ponto de vista constitucional, nenhuma é considerada língua nacional. Simplesmente, a Constituição no artigo acima citado, no seu item dois, diz que “o estado valoriza e promove o estudo, o ensino e a utilização das demais línguas de Angola, bem como das principais línguas de comunicação internacional” (*Constituição Angolana*, 2010: 11).

O uso do português em todas as esferas sociais promove, cada vez mais, a sua sobreposição face às línguas autóctones; constata-se que o português tem sido o meio mais usado, quer em ambientes familiares, quer em ambientes extrafamiliares; contudo, atendendo à sua coabitação com as línguas autóctones, embora se siga a norma padrão europeia, em Angola, a realidade é diferente.

A falta de uma conceção de políticas públicas que clarifiquem as políticas linguísticas em Angola, leva-nos a refletir que o facto de a constituição angolana, no horizonte de dezenas de línguas angolanas, ter consignado somente o português como língua oficial de Angola, tende a considerar que o país é monolíngue, opondo-se ao sistema plurilíngue que compõe o mosaico do sistema linguístico angolano. Notando esta tendência de o estado promover a língua portuguesa, atendendo ao número elevado de falantes que a têm como sua língua materna e observando a grande disparidade existente entre o português europeu e o falado em Angola, constatamos a necessidade de se reverem as políticas linguísticas angolanas.

Fazendo uma reflexão, com base em Firmino (2002: 18), sobre as políticas levadas a cabo em Moçambique, constata-se que as realidades de adoção do português como língua oficial são as mesmas seguidas em Angola. A política linguística oficializou a língua portuguesa sem a nacionalizar e nacionalizou as línguas autóctones sem as oficializar, tendo resultado numa política linguística menos conformada com a realidade sociolinguística de Angola.

Quando numa região coabitam várias línguas, é natural que ocorram influências recíprocas e surjam, nesse caso, mudanças graduais nas estruturas de ambas as línguas. Assim, aconteceu com o português falado em Angola. A existência de várias línguas bantu contribuiu para a mudança estrutural do português nesse país. Mais adiante, poderemos ver que o português se impôs perante as línguas autóctones de Angola, mas não conseguiu desarreigar certas influências das línguas bantu; daí a existência de uma variedade sociolinguística angolana diferente da norma padrão europeia.

Em Angola, o falar e escrever convenientemente a língua portuguesa pressupõe, exatamente, falar e escrever em conformidade com a norma padrão europeia, difundida nas escolas e na administração pública; todavia, isto não corresponde à realidade da vida quotidiana angolana. Quer em meio familiar, quer em ambiente extrafamiliar, não se pratica o que é ensinado na escola como sendo o modelo certo de falar e escrever o português. Na prática, sem exceção de classes, o exigido e ensinado na escola como norma correta é menos usado e, se usado, é com muito esforço.

Em nossa opinião, quando se trata de português na diversidade, estes aspetos são importantes. Sendo o português também um património cultural do povo angolano, deve ser ensinado de acordo com as peculiaridades que compõem o contexto histórico-cultural e religioso de todos os grupos. Assim como acontece com as duas normas, portuguesa e brasileira, urge a necessidade de se criar a norma do português angolano (PA). Aliás, somos de opinião que existem diversas variedades africanas, pelo que nos pareceria melhor designá-las diferentemente: variedade angolana, variedade cabo-verdiana, variedade guineense, variedade moçambicana e variedade santomense.

Como é óbvio, o português, sendo uma língua viva, tem evoluído em diferentes direções, tendo em conta as diversas regiões geográficas em que está inserido.

3.2. O português no período colonial

Uma abordagem histórica do português em Angola leva-nos a apontar os momentos da idade pré-colonial. A ocupação colonial portuguesa neste território, como é sabido, não foi fácil, pois povos do território que hoje se chama Angola sempre resistiram à presença e à ocupação estrangeira.

Como sabemos, a expansão marítima europeia deu origem a um longo período de aproximadamente cinco séculos de colonização em Angola. Como é óbvio, a língua foi um dos elementos essenciais para essa expansão. Eugénia Rodrigues (2003: 45) diz que “a imposição da língua portuguesa, integrada no regime colonial português em Angola, funcionou como um instrumento de dominação colonial”.

Entretanto, em Angola ocorreu uma intensa disseminação do português entre a população, tendo surgido uma parte da população que tem como única língua o português, uma herança herdada do colonizador. Quanto a este fenómeno, podemos mencionar várias causas que explicam esse processo, sendo a principal a implementação coerciva de uma política assimiladora que visava a adoção, pelos angolanos, de hábitos

e costumes portugueses, entre os quais se considerava o domínio perfeito da língua portuguesa. Por outro lado, a existência de muitos portugueses que se encontravam espalhados por todas as partes do território angolano, facilitou a evolução desse fenómeno.

Para Petter (2008: 15), no período da expansão, os portugueses tiveram que promover uma estratégia linguística de abordagem do continente africano, com a finalidade de dar solução ao impasse da comunicação com os habitantes do território invadido. Durante a colonização de Angola, a potência colonial portuguesa implementou a língua da sua metrópole como modelo. Forçando a implementação da língua portuguesa, tentou, concomitantemente, anular e substituir as línguas locais existentes no território e justificando-se como uma suposta ação civilizadora, impôs medidas oficiais contra os indígenas³⁰.

Depois do acordo de Berlim em 1885, as potências coloniais haviam adotado dois sistemas de governação: para os ingleses e belgas uma governação baseada na diferenciação; ao passo que, para os portugueses e franceses uma política de assimilação. Nesta perspetiva, Chicuna (2003: 18) entende o seguinte:

As políticas linguísticas das potências colonizadoras, em África, foram, grosso modo, de dois tipos: a de inglês e belga que introduziu línguas africanas na escolaridade e de tipo francês e português que apenas permitiu o uso da língua de colonização não somente na escola, como também nas situações do domínio público.

Neste âmbito, Rodrigues (2003: 52) comenta o seguinte: “a administração colonial não só enveredava pela discriminação racial como recorria a argumentos racistas”. Segundo Rodrigues (2003: 52), “a população nativa viu-se, ainda, afectada pelo acirrar do racismo com a implementação do decreto nº 77, os portugueses tendiam a menosprezar os angolanos e tratá-los, a todos, de igual modo”.

O regime colonial pretendia, através dessa imposição, por um lado, uma construção em Angola de uma formação unificada como província ultramarina portuguesa e, por outro lado, uma estratificação de poderes por meio do uso diferencial da língua. Por se tratar de uma colónia estratégica e rica em recursos naturais, o governo português sempre procurou apoderar-se do território angolano. Conforme se referiu, para atingir os seus propósitos, impôs a sua língua e tentou extinguir as línguas nativas.

³⁰ O Decreto nº 77, de Norton de Matos, publicado em 1921 proibia o uso das línguas nativas, quer por escrito ou por qualquer forma que fosse.

Em Bender (2004: 185), compreendemos que, somente na década 60 do século XX, se concretizou o sonho de generalização do português a todo o território angolano. Com a ocupação efetiva do país, a maioria da população foi forçada a dominar a língua portuguesa. Bender diz que “na década de 60, em resposta à influência crescente dos movimentos nacionalistas em Angola, Portugal investiu imenso na intensificação da sua presença no interior, através de grandes colonatos agrícolas”.

Rodrigues (2003: 19), ainda, afirma que “os costumes europeizados alargavam-se aos estratos mais baixos nos quais, apesar de mais africanizados, os homens vestiam à moda europeia, enquanto no vestuário feminino se compreendiam as sedas”.

O processo de importação, estabelecimento e apropriação da língua portuguesa em Angola, refletiu diferentes estratégias enquadradas em contextos distintos. O povo angolano, desde a chegada dos portugueses ao território, mostrou o seu descontentamento e desagrado. Para tal, este mesmo espírito se ressurgiu no momento em que os portugueses manifestaram esta tendência de estratificação do povo angolano por meio de língua portuguesa.

De acordo com Rodrigues (2003: 11), a revolta contra o colonialismo terá começado com os descendentes europeus e africanos que eram tidos como classe da elite ou assimilados. A autora diz:

A partir de 1930, os angolanos já assimilados, sobretudo as camadas urbanas de nativos, na tentativa de reverter a situação, através da imprensa e da literatura, exprimiam o seu descontentamento. Estes tornaram-se os precursores da revolução que eclodiu sob forma de movimentos nacionais de libertação, nos anos 60. Estas revoltas resultaram da consciência do contexto desigual implementado pelo governo colonial em Angola.

Entretanto, apesar de toda essa estratégia colonial, um número significativo da população angolana viria a ter contacto permanente com a língua portuguesa e maior interesse pela sua aprendizagem, apenas na segunda metade do século XX, sobretudo com a proclamação da independência nacional, como adiante veremos.

3. 3. Peculiaridades do Português em Angola (marcas das línguas bantu na oralidade do português)

O estalar da guerra civil a partir da década de 80 do século XX proporcionou caminhos para o desenvolvimento e a difusão do português em todo o território nacional. A maior parte da população do interior teve de abandonar as suas regiões,

procurando refúgio e melhores condições nos grandes centros urbanos, onde havia estabilidade política e militar.

Antes da época em referência, o português era a língua com um número irrisório de falantes e com o eclodir da guerra passou a modelar o sistema linguístico, tornou-se o grande meio de comunicação e de unidade nacional; o meio pelo qual os cidadãos de todo o território deviam entrar em contacto. Dali em diante as línguas do grupo bantu começaram a perder o seu real lugar na sociedade.

O facto de a assimilação da língua portuguesa ser obrigatória e ser a condição necessária para a promoção social, criou entre os angolanos um esforço para aprendizagem desta língua e daí as interferências nela existentes. Como é sabido, as interferências resultam dos contactos entre duas ou mais línguas, derivando novas pronúncias.

No momento da implementação desta língua, a população angolana quase na sua totalidade era analfabeta. Isto permitiu maior tendência para adaptar as estruturas das línguas bantu ao português, criando uma convergência linguística nas interações idiomáticas que constituem hoje o ponto assente da interferência das línguas angolanas de origem bantu no português.

Como sublinhámos, a forma tão agressiva como o português entrou em muitas comunidades angolanas provocou mudanças que ainda hoje são notáveis. A coabitação do português com as línguas bantu fez com que existissem as particularidades e os erros no português falado em Angola, em comparação com o português padrão. Neste envolvimento do português no meio das línguas bantu, produziram-se algumas alterações a nível fonológico, lexical e morfossintático.

O contacto entre o kimbundu e o português produziu muitas alterações nas estruturas das duas línguas, atendendo ao longo tempo da sua coabitação. Na verdade, a falta de um reconhecimento oficial da língua materna como um instrumento de ensino e aprendizagem nessa região constitui a principal causa de atropelos das fronteiras linguísticas de ambas as línguas. O português falado em Angola pela maioria da população é o resultado de uma interferência entre as línguas nacionais. Devido ao fenómeno de adaptação constante e frequente da estrutura das línguas nacionais à da língua portuguesa constata-se diversas modificações fonéticas e morfossintática no português falado em Angola. Temos ainda a outra situação que advém do grande êxodo populacional, durante o período conturbado do conflito armado, sendo que muitas famílias se viram obrigadas a abandonar as suas regiões linguísticas. Como se não

bastasse, fora das suas localidades geraram filhos que nem falam as línguas maternas dos seus progenitores. Esses filhos, por natureza, têm o português como sua primeira língua, contudo, a influência das línguas nacionais faladas pelos seus pais tem um grande reflexo no uso da língua portuguesa no seu quotidiano. Por isso, um estudo sobre a língua portuguesa em Angola implica um exame minucioso, tendo em conta os fatores históricos, sociais e linguísticos que caracterizam este país.

Portanto, o português falado em Angola apresenta muitas alterações a nível morfosintático e semântico, principalmente na língua corrente e popular. A título de exemplo, a estrutura da frase abaixo do PVA oral demonstra uma variante linguística:

1. PVA: O colega comeu o meu dinheiro.

PE: O colega gastou o meu dinheiro.

Em kimbundu, o verbo *kudiya* equivale aos verbos portugueses (“gastar”) e (“comer”), donde o uso da expressão *comer o dinheiro* no PVA. Reparemos nas seguintes frases com os verbos *kudya* (“comer”) e *kwiva* (“ouvir”), apresentando diferentes significados:

(41)

- a. *Ngadi kyavulu* (“comi muito”);
- b. *Ngadi kitadi kyavulu* (“gastei muito dinheiro”);
- c. *Ngivu milumangu* (“ouvi um estrondo”);
- d. *Ngivu dizumba* (“senti o cheiro”).

Marques (1983: 25), debruçando-se sobre esta perspetiva sintática, diz o seguinte:

As línguas bantu possuem geralmente, para cada noção espacial, um locativo. O complemento circunstancial de lugar onde ou de lugar para onde expressa-se da mesma maneira, sem distinção de preposições na maioria das línguas bantu, que usam uma flexão especial, chamada locativo. Este serve para designar o lugar onde, para onde ou aonde.

Mingas defende (1998: 115) o seguinte:

Uma nova realidade linguística em Angola, a que chamamos de “português de Angola”, à semelhança do que aconteceu ao brasileiro ou ao crioulo. Embora em estado embrionário, o “angolano” apresenta já especificidades próprias. [...] Pensamos que, no nosso país o “português de Angola” sobrepor-se-á ao português padrão “como língua segunda dos angolanos.

Observando as declarações de Mingas, o tempo em que foram pronunciadas e os resultados do censo populacional realizado no ano de 2014, pensamos que já se pode dizer sem receio que atualmente metade da população angolana tem o português como sua língua primeira, apesar de possuir características das línguas bantu. Afirmam-no diversos autores, como Hagemeijer (2016: 46), mais recentemente; e autores como Marques (1983), Mendes (1985) e Gärtner (1989) corroboram que a estrutura do português falado em Angola é nitidamente diferente do português europeu.

Ao contrário de muitos discursos que visam a sobreposição da norma do português europeu usado e ensinado aos alunos nas escolas do país, o dia-a-dia dos angolanos demonstra uma realidade diferente, na medida em que se verificam muitas roturas estruturais em relação à língua padrão. Os que falam e escrevem segundo o padrão europeu são, muitas vezes, considerados conservadores; como se não bastasse, nas escolas, os resultados da disciplina de Língua Portuguesa são lamentáveis, pois ocorre sempre um contraste entre o que é exigido, ou seja, entre a norma europeia e a realidade quotidiana dos utentes dessa língua. Os factos indicam que os angolanos necessitam de uma norma própria que possa ir ao encontro da sua realidade linguística. Um ensino na variante sociolinguística de Angola serviria de alavanca para o desenvolvimento linguístico da população angolana, com particular realce para o desenvolvimento técnico-científico da nação.

Desta forma, para a consolidação dessas ideias, analisámos um inquérito linguístico que realizámos nas três províncias que compõem o nosso campo de investigação, nomeadamente Luanda, Cuanza-Norte e Malanje. Os dados apresentados, com exceção dos que foram recolhidos fora do círculo escolar, provêm de material escrito recolhido em 2016, em três escolas do II ciclo secundário das províncias supracitadas. Por exemplo, da pesquisa feita, constatou-se que a maioria dos inquiridos confunde os morfemas adverbiais *onde* e *aonde*, concretamente, quando se proferem frases interrogativas³¹.

Armindo (2012: 53), referindo-se à influência sintática do kimbundu no português falado em Angola, apresenta a diferença existente entre a sintaxe no português da variante angolana (PVA) e no português europeu (PE), afirmando que o PVA contém muitas alterações a nível sintático, tendo evidenciado um leque de morfemas

³¹ Cf. Anexo nº 1, inquérito linguístico.

interrogativos que apresentam uma deslocação da posição pré-verbal para uma posição pós-verbal:

(42)

PVA: *Devo quanto*³²...?

PE: Quanto devo...?

Segundo Armindo (2012: 54), “em kimbundu, as frases interrogativas começam pelo verbo, cabendo ao morfema interrogativo ficar na posição final da frase, assim como”:

(43)

a. *Walu tunda kwehi/ kwé?* “Donde vens”?

b. *Watungu kwehi?* “Onde moras”?

Nesta perspetiva, o autor recorre às afirmações de Durão (1999:29) que afirma “Al aprender una lengua extranjera tendemos a transferir a esa lengua nuestros fonemas y sus variantes, nuestros modelos de acentuación y ritmo, nuestras transiciones, nuestra entonación”.

3.3.1. Nível morfossintático

No português da variante angolana ocorre com maior frequência a omissão de artigo, sobretudo nas frases onde se incorporam os pronomes indefinidos *todo (s) /toda (s)* e os morfemas *ambos/ ambas*. Regra geral, no português europeu estes morfemas são seguidos de artigos. Vejam-se, por exemplo, as seguintes frases:

(44)

a. PE: Convocam-se todos os trabalhadores.

PVA: *Convocam-se todos trabalhadores.*

b. PE: Todas as pessoas são sujeitas a lei.

PVA: *Todas pessoas são sujeitas a lei.*

c. PE: Ambas as partes cometeram erros.

PVA: *Ambas partes cometeram erros...*

d. PE: O meu pai é camponês...

PVA: *Meu pai é camponês.*

³² Contrariamente ao PE, em que o seu uso é informal, em Angola usa-se quer em contexto informal, quer em contexto formal.

Para aclararmos a questão ligada à omissão de artigos no PVA, no sentido de associar a oralidade à escrita, selecionaram-se duas frases de obras literárias angolanas que demonstram esta realidade:

(45)

- a. Estes homens cometeram crime grave (Uanhenga Xitu 1979: 127);
- b. Quando é que porcos deixam de andar na cidade? (Rui 2013:39).

De igual modo, na variante do português falado em Angola, o modo conjuntivo é suprimido. Como é sabido, o conjuntivo exprime uma possibilidade ou uma aspiração. Pertence à oração subordinada, exprimindo ordem ou desejo. Tal como em português, o modo conjuntivo exprime no kimbundu uma ação dependente e subordinada a outra.

(46)

- a. *Ngui dilonge* “que eu estude”
- b. *Eye dilonge* “que tu estudes”
- c. *Mwene a dilonge* “que ele estude”
- d. *Etu tu dilonge* “que estudemos”
- e. *Enu dilongyenu* “estudai”
- f. *Ene a dilonge* “que eles estudem”

(47) Em kimbundu, o presente do conjuntivo emprega-se:

- a. Para exprimir a ordem positiva, nas pessoas que faltam ao imperativo:
Twende ku polo! “Vamos para frente!”
Tunda baba! “Saia daqui!”
- b. Para exprimir ordem, nas frases negativas:
Ki ubange kiki! “Não faças isto!”
Ki wambe tatenu! “Não ralhe o seu pai!”
- c. Para indicar possibilidade e dúvida: *Anga utunda* “talvez saia!”

(48) Em kimbundu, emprega-se o imperfeito do conjuntivo nas seguintes condições:

- a. Para exprimir condição: *Ni gadi longele ngendu kala njimu!* “Se estudasse seria sábio!”

Segundo Oliveira (2013: 533-534), “os tempos do conjuntivo surgem tipicamente na oração subordinada de frases complexas, embora, em certos contextos, possam

também ocorrer em frases simples ou em orações principais, com interpretações particulares”. Em kimbundu, o modo conjuntivo tem a mesma funcionalidade que na língua portuguesa, ainda que, como já atestou. Adriano Soma (2014: 294), os contextos de ocorrência não sejam os mesmos. Para além disto, há frequentes erros de conjugação de tempos do conjuntivo com os verbos *estar*, *ver* e *ser*.

Observemos os seguintes exemplos extraídos da ficha do inquérito, anexo B, grupo II, (4, 5 e 6).

(49)

- a. PE: Estejamos sentados...
PVA: *Estejemos sentados...*
- b. PE: Vejamos bem...
PVA: *Vejemos bem...*
- c. PE: Sejam bem-vindos...
PVA: *Sejem bem-vindos...*

Na mesma perspetiva, Soma (2014: 299) acrescenta que “importa afirmar que há, no português coloquial em Angola, sobretudo no de falantes pouco ou não escolarizados, imensas dificuldades em distinguir o verbo *vir* do verbo *ver* no futuro imperfeito do modo conjuntivo, resultando daí algumas analogias”.

Na verdade, os falantes de PVA confundem sempre o conjuntivo com o modo indicativo. Por vezes, usam um verbo no modo conjuntivo como auxiliar (sendo o mais comum o verbo *vir*) mais o verbo principal no modo infinitivo, conforme o exemplo abaixo extraído do anexo B, grupo II, nº 11:

(50)

- a. PE: Oxalá não nos peçam muitas avultadas...
PVA: *Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos venham pedir muitas avultadas.*

3.3.2. Ausência de marcação de número no núcleo de sintagma

Como vimos, todas as línguas bantu são constituídas por uma base concordante, ou seja, um prefixo de acordo mais nome. Assim, todas as classes gramaticais das línguas bantu são compostas por um prefixo de acordo que as distinguem do português,

cuja estrutura, por exemplo, na marcação de número distingue entre dois valores numéricos, sendo o plural marcado pelo acréscimo do morfema gramatical.

Na estrutura frásica nas línguas bantu, o número é marcado através do prefixo de acordo, colocado antes de cada elemento de qualquer frase.

(51) Ji sala *jiyoso aji jika*...

a. PVA: *Todas salas estão fechada*...

b. PE: *Todas as estão fechadas*...

No que concerne à concordância nominal e verbal, o PVA é influenciado pelas línguas bantu, nomeadamente o kimbundu, onde a marcação do plural não apresenta marcas de redundância no sintagma ou enunciado. O facto de o pronome indicar a pluralidade, não implica que os demais elementos à sua direita sejam pluralizados. Seguindo esta estrutura, a maior parte dos falantes bantu transferem isto para o português, criando certas interferências sintáticas no PVA.

Observemos as seguintes frases:

(52) *Etu twa sumbu dikalu dimoxi*.

a. PVA: *Nós compramo um carro*.

b. PE: *Nós compramos um carro*.

(53) *Etu twa mono ilailai*.

a. PVA: *Nós vimo o filme*.

b. PE: *Nós vimos o filme*.

(54) *Tumbonga twai kuxikola*.

a. PVA: *As criança foram na escola*.

b. PE: *As crianças foram à escola*.

As diferenças entre o PVA e o PE são visíveis, nas frases acima: a marca de plural só está presente no primeiro sintagma nominal, não sendo pluralizados nem o segundo sintagma nominal, nem o sintagma verbal, salvo se estiver na terceira pessoa do plural.

Um falante nativo de uma língua bantu, sobretudo o kimbundu, tem no seu subconsciente uma estrutura concordante baseada na sua língua materna, cuja marcação de número é anteposta a cada elemento da frase, ou seja, para um falante de português em Angola, o núcleo do sintagma nominal dificilmente recebe marcação do número. A pluralização é indicada por acréscimo do sufixo -s apenas aos elementos não nucleares

que precedem o sintagma nominal. Ainda em conformidade com esta perspetiva, Marques (1983: 205-223) diz que a falta de marcação de número no núcleo do SN resulta do facto de nas línguas bantu esta categoria ser marcada nos nomes através de prefixos e não de sufixos. Quanto o nome ocorre com outros elementos no sintagma nominal SN, todos os elementos não nucleares recebem o mesmo prefixo, o qual concorda em número e classe com prefixo marcado no núcleo.

Para mais detalhes, analisemos as seguintes sequências frásicas escritas, quer no português europeu (PE), quer no PVA:

(55) PE: Entregue estes documentos ao chefe...

PVA: *Entregue estes documento no chefe...*

Marques (*apud* Inverno 2009: 94) considera que os angolanos, ao adquirirem o português, terão interpretado os nomes portugueses como invariáveis, uma vez que não ocorre nenhuma alteração no início das palavras e terão interpretado os artigos portugueses como equivalentes dos prefixos bantu. Assim:

(56) *Tata wasumbu ma lalanza a vulu* ... “O pai comprou muitas laranjas”.

Neste exemplo, o importante é a concordância entre os prefixos nominais, no caso *ma-* que precede *lalanza* e o prefixo *a-* de *vulu*.

Gostaríamos de deixar claro que, embora tenham ocorrido fenómenos semelhantes no português arcaico, conforme afirmam Naro e Scherre (2000:241), todavia, defendemos que o português da variante angolana não tem influências dessas, pois a expansão da colonização portuguesa, em Angola, somente foi efetiva em meados do século XX. Dali em diante a população angolana passou a manter um contacto permanente com a língua portuguesa. Assim, descarta-se a hipótese de que o português arcaico tenha influenciado o uso dos sufixos concordantes no PVA.

No que tange à ocupação efetiva de Angola, Gonçalves (2013: 158-159) acrescenta:

A posição periférica de Angola e Moçambique durante grande parte do período colonial implicou um atraso considerável no controlo político-militar destes territórios e no processo da sua colonização em geral. Com efeito, a ocupação efetiva destas colónias teve início apenas a partir da segunda metade do séc. XIX, altura em que são desencadeadas as chamadas campanhas de “pacificação”. A colonização maciça de Angola e Moçambique, por sua vez, ocorre já em meados do séc. XX. Por exemplo, nos anos 50-60, chegam a Moçambique cerca de 140 000 colonos, e nos anos 60-65, chegam 270 000 colonos a Angola.

Os dados históricos acima levam-nos a considerar que o português arcaico não terá influenciado o português da variante angolana, pois antes desse período a língua portuguesa não se tinha difundido em Angola. A falta de marcação de número no PVA resulta da influência das línguas bantu, com particular realce para o kimbundu, em que raramente o núcleo do sintagma nominal recebe marcação de número. Tal como ocorre no kimbundu, no PVA a pluralização é feita por acrescentamento do sufixo *-s* no penúltimo elemento da frase. Como se viu, a marcação de número em kimbundu ocorre à esquerda do radical nominal por meio de um prefixo de acordo ou classes concordantes que têm a função de atrair todos os elementos da segunda parte da frase. Observemos os seguintes exemplos:

(57)

- a. *Zuwa wa zumbu ima ya vulu*. “O João comprou muitos objetos”.
- b. *Kweza ajitu a vulu*. “Chegaram muitos visitantes”.
- c. *Twana twami*. “Os meus filhos”.
- d. *Atu a vulu*. “Muitas pessoas”.

Contrariamente ao português, em kimbundu, toda a partícula que indica a pluralidade é colocada à esquerda de cada palavra, para que haja uma combinação perfeita entre as classes nominais.

3.3.3. Substituição dos possessivos por preposição “de” mais o pronome pessoal “ele”

Quanto a este aspeto, o valor do possessivo em kimbundu não apresenta nenhuma alteração relativamente ao português. Contudo, a sua forma de colocação na estrutura frásica do kimbundu diferencia-se do português. Assim, os falantes do kimbundu ao usar em possessivo, sobretudo na 3ª pessoa, tendem a utilizar a preposição “de” seguida dos pronomes pessoais *ele (s)*, *ela (s)*, como no exemplo a seguir:

(58)

- a. PVA: *O carro dele está avariado*.
PE: O seu carro está avariado...

No kimbundu, o possessivo ocupa uma posição pós-nominal, nunca aparecendo antes do nome:

(59) *Dikalú dyai dya zanganya*. (“Carro *dele* está avariado”).

Desta forma, o falante do PVA ainda que não fale o kimbundu, é levado, pelo simples facto de dominar uma língua bantu, a seguir o mesmo modelo. Para os falantes ambundu, o pronome “seus” pressupõe estar em presença da pessoa com quem se pretende falar, ou seja, a ideia que se tem é que o pronome possessivo *seu, sua* só se usa para indicar pessoas que estejam próximas do falante, sendo que o *dele* serve para indicar alguém que esteja ausente.

3.4. Nível Sintático

3.4.1. Substituição dos pronomes clíticos de objeto direto por pronomes pessoais

Quanto aos pronomes clíticos, em Angola a maioria da população substitui de objeto direto *o, a, os, as*, por pronomes pessoais *eu, tu, ele, eles* ou *elas*, como se pode ver nas frases abaixo extraídas do inquérito linguístico, “grupo IV: Uso de pronomes”:

(60)

a. PVA: *Visitei ele ontem*.

PE: Visitei-o ontem.

b. PVA: *Avisei eles todos*.

PE: Avisei-os todos.

c. PVA: *Deixa ele explicar*.

PE: Deixa-o explicar.

d. PVA: *Não vi ela*.

PE: Não a vi...

Apesar de, por razões históricas, os pronomes pessoais *ele/ela* do PE poderem ter uma função enfática, por vezes em posição pós-verbal, como se pode encontrar em Bechara (2002: 175) no exemplo “olha *ele!*”, ou ainda em Nunes (1989: 238), entendemos que a ocorrência deste fenómeno no PVA é de origem bantu.

Para melhor esclarecimento, mais uma vez, extraímos algumas frases do inquérito linguístico³³:

(61)

a. *Eha mwene azwele.*

PVA: *Deixa ele falar.*

PE: Deixa-o falar.

b. *Mazá nga mukundu.*

PVA: *Ontem visitei ele*³⁴

PE: Visitei-o ontem...

• **Substituição do pronome clítico de objeto direto por pronome complemento indireto**

No PVA, ocorre uma inversão dos pronomes clíticos de objeto direto por pronomes complemento indiretos. Pela exemplificação feita neste trabalho, o fenómeno em causa tem a sua origem nas línguas bantu, pois sobretudo em kimbundu não há distinção entre complemento direto e complemento indireto, e se existe poucos terão noção disto. Daí a constante violação desta regra, pois no português falado em Angola é comum a inversão dos pronomes clíticos, como nas seguintes sequências:

Frases afirmativas:

(62)

a. PVA: *Visitei-lhe ontem...*

PE: Visitei-o ontem.

b. PVA: *Deixa-lhe ir.*

PE: Deixa-o ir.

c. PVA: *Avisei-lhes.*

PE: Avisei-os.

d. PVA: *Vi-lhes.*

PE: Vi-os.

e. PVA: *Xé! Salvaram-lhe!* (Monteiro, 2013:41).

PE: (...) Salvaram-no!

³³ Anexo nº 1, grupo IV: uso de pronomes.

³⁴ O advérbio de tempo, em kimbundu, está sempre na posição pós-verbal, ao contrário do português em que o advérbio pode mudar de posição.

Frases negativas:

(63)

a. PVA: *Não lhe visitei ontem.*

PE: Não o visitei ontem.

b. PVA: *Não lhe deixa ir.*

PE: Não o deixa ir.

c. PVA: *Não lhes avisei.*

PE: Não os avisei.

d. PVA: *Não lhes vi.*

PE: Não os vi.

Salienta-se que nas línguas bantu não há ocorrências de ditongos, desta forma, para se evitar situações similares, todas as vogais próximas são obstruídas, dando lugar a uma consonantização. Possivelmente, por esta razão, os utentes do PVA recorrem ao pronome *lhe* ou a *a+ele/ela*, como nos exemplos abaixo:

(64)

a. PE: Telefonei **à mãe**... /Telefonei-**lhe**...

PVA: *Telefonei a ela*... /*Lhe telefonei*...

b. PE: Disse **ao colega**.../Disse-**lhe**...

PVA: *Disse a ele/lhe disse*...

Certas vezes, o complemento indireto é transformado em complemento de objeto direto:

(65)

a. *Telefonei-o ontem*, por (“Telefonei-lhe ontem”).

b. *Foi à cidadela assistir o jogo*, em vez de (“Foi à cidadela assistir ao jogo”).

c. *Os subordinados obedecem o chefe*, ao invés de (“Os subordinados obedecem ao chefe”).

Outro aspeto de influência no PVA reside no facto de os verbos bantu, particularmente os do kimbundu, serem reflexivos, conforme aponta Armindo (2012: 89-90). Assim, os falantes, sobretudo em casos de menor grau de escolaridade, tendem a

considerar todos os verbos portugueses segundo este padrão da reflexividade, como se pode ver no exemplo a seguir:

(66) PVA: Ingressei-me *nas forças armadas*.

Ao contrário do português, o verbo “ingressar” é reflexivo em kimbundu, razão por que esta é a ocorrência mais generalizada, sendo por vezes o pronome colocado em posição proclítica.

• **O emprego da preposição**

No português falado em Angola, nem sempre o uso das preposições segue a norma do PE. Para uma breve demonstração selecionamos algumas frases com as preposições *de*, *a* e *com*:

Preposição *de*:

(67)

- PVA: *Despediu os avós a saída*.

PE: Despediu-se **dos** avós à saída.

- PVA: *O pai saiu com a viatura*.

PE: O pai saiu de viatura.

- PVA: *Houve um alvoroço, depois de ter saído na escola*.

PE: Houve um alvoroço, depois de ter saído **da** escola.

- PVA: *Dissociou-se no grupo, por publicar imagens obscenas*

PE: Dissociou-se **do** grupo, por publicar imagens obscenas.

Preposição *a*:

(68)

- a. PVA: *Dedicou-se na profissão, para não padecer*.

PE: Dedicou-se **à** profissão, para não padecer.

- b. PVA: *O artista dedicou a obra nos seus pais*.

PE: O artista dedicou a obra **aos** seus pais.

- c. PVA: *A situação chegou num ponto crítico*.

PE: A situação chegou **a** um ponto crítico.

- d. PVA: *Entreguei os documentos no chefe*.

- PE: Entreguei os documentos **ao** chefe.
- e. PVA: Este assunto respeita *os* políticos.
PE: Este assunto respeita **aos** políticos.

Preposição *em*:

(69)

- a. “Depois fez o sinal. Correram para o elevador. E mal chegaram *no* sétimo andar deram encontro com o pai e a mãe sentados à porta do apartamento” (Monteiro, 2013: 41).
- b. “A mão de Zeca tremia quando entregou a chave *na* mão da mãe” (Monteiro, 2013: 41).

Como se observa, o emprego das preposições no PVA não obedece à regra do português padrão europeu.

c. Formas de tratamento

Quanto às formas de tratamento, como é sabido o português padrão usa os pronomes *tu* informal e a 3.^a pessoa (“o/a senhor (a)” / “você”) para o tratamento formal (Cintra 1986).

Da mesma forma, o pronome *tu* é usado em Angola no trato familiar, entre pessoas íntimas ou da mesma congregação (social, política, religiosa) ou ainda de superior para o inferior (como de pai para o filho) e nunca o inverso. Por influência da cultura bantu, formas como *kota*, *pange*, *sekulu*, *mwinixi*, *ngana* ou *mwadikime* acompanham o tratamento formal, sofrendo uma tradução direta, como por exemplo: *sekulu* (“tio”), *mwadikime* (“mais velho”), *kota* (“mano mais velho”). Saliente-se que, por influência religiosa, pessoas da mesma igreja, quer estejam num ambiente religioso, quer não, usam a forma de tratamento “irmão/irmã”; e entre membros de partidos políticos é frequente o termo *camarada* e os atributos bantu, *sekulu* e *mwadikime* (“tio” e “mais velho”) no seio do partido UNITA.

Vejamos os seguintes exemplos, demonstrando as diversas formas de tratamento acima referenciadas:

(70)

- a. *Camarada professor*;
- b. *Irmão pastor*;
- c. *Mais velho* “fulano.”

Conforme se fez referência no primeiro capítulo deste trabalho, os bantu são essencialmente matrilineares, ou seja, os tios exercem um grande poder sobre os seus sobrinhos. Para os bantu, o termo *tio* é somente atribuído ao irmão da mãe, assim como o termo *pai* é também atribuído aos irmãos e sobrinhos do pai. De igual modo, o tratamento de *manos* é usado entre primos.

Para um bantu, é desrespeito tratar alguém mais velho ou superior pelo seu próprio nome, sem o uso das formas de tratamento *mano*, *mana*, *tio*, *tia*, *kota*, *paizinho*, *mãezinha* ou *mais velho/ mais velha*. Do nosso contacto com várias pessoas de diferentes estratos sociais, constatámos também que para muitos detentores de cargos públicos, tratá-los por senhores fulanos, sem o atributo “chefe”, subentende-se como uma falta ao respeito.

d. Nivel lexical

O português, apesar de assumir a hegemonia linguística nas ex-colónias em África, recebeu inúmeros empréstimos lexicais das línguas bantu; esses empréstimos, como diz Juliette Garmadi (1983: 144), permanecem como um efémero facto de discurso, quer seja por se lhes encontrar um equivalente exato ou aproximativo preexistente à língua primeira, quer por qualquer outra razão.

Depois da panorâmica sobre a inovação lexical do português, importa perceber o que é o léxico e que papel exerce numa língua, uma vez que, tal como afirma Garmadi (1983: 147), “em situação bilingue e plurilingue, a interferência lexical e empréstimos tornam-se recursos possíveis da renovação”. Por exemplo, o português importou numerosas unidades lexicais das línguas africanas: *caju*, *jinguba*, *muamba*, *dendêm*, *missanga*, *carimbo*, *girafa*, *banana*, *jangada*, *bombo* são algumas das inúmeras palavras africanas incorporadas no léxico português.

No capítulo anterior vimos que, após a abolição do tráfico de escravos, o Brasil sentiu-se obrigado a abrir as suas portas à entrada de diferentes povos europeus, tais como alemães, italianos, romenos, holandeses, etc., que, gradualmente, foram introduzindo por meio da língua oral unidades lexicais que provocaram inovações do léxico português, especialmente

na área de gastronomia, tendo sido incorporado de tal forma que ninguém os sente mais como estrangeirismos. Na visão de Alves (1990: 72), a incorporação de elementos estrangeiros no novo sistema linguístico é notada como um corpo estranho, pois permanecem distintos quer do ponto de vista gráfico, quer foneticamente. Por sua vez, Gramadi (1983:141), ao fazer alusão ao contacto do francês com o português, diz que “é difícil evitar interferência entre sistemas muito diferentes um de outro como evitá-la entre sistemas aparentados ou entre variedades de um mesmo sistema”. A mesma autora afirma:

Quando há sistemas linguísticos em contacto, a influência pode dar-se a todos os níveis: tanto ao nível de mais débil estruturação que é o léxico como ao nível gramatical, em que a sintaxe estará tão implicada como os inventários de formas e em que a sua estreita estruturação já não protegerá o nível fonológico.

Num povo em situação de bilinguismo ou plurilinguístico, como o angolano, torna-se inevitável a interferência lexical, pois os empréstimos e as interferências acabam por se tornar recursos possíveis para a evolução do léxico; tendo em conta que o léxico é o nível mais frágil da estrutura do sistema linguístico, à medida que locutores de diferentes línguas interagem, diversas palavras são adaptadas a novas realidades.

A partir dos conceitos apresentados por diversos precursores desta ciência, entende-se que o léxico é um conjunto de unidades linguísticas, ou seja, um conjunto de morfemas, palavras e locuções próprias de uma língua numa dada comunidade humana. Para António Matoso (2003: 167), a “lexicologia é a ciência que estuda as palavras consideradas nos seus elementos de formação, no seu valor representativo e em todos os elementos que concorrem para aperfeiçoamento da organização do léxico”. De acordo com Teresa Lino (1979: 12), “o léxico de uma língua é organizável a partir de leis estruturais.” A autora acrescenta que “o léxico não é simples aglomerado de vocábulos isolados, mas um sistema de unidades significativas”.

O léxico pode ser entendido como ramo da lexicologia que se ocupa do estudo de renovação e estruturação do sistema lexical de uma língua. A lexicologia pode ser definida como a ciência do léxico de uma língua, tendo como objeto de estudo o relacionamento do léxico com restantes subsistemas da língua incluindo a análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações. A mesma ideia é partilhada por Gallisson e Coste (1983: 433) ao afirmarem o seguinte:

O léxico é constituído por unidades virtuais: os lexemas. Quando os lexemas se actualizam no discurso, tornam-se vocábulos. O conjunto dos vocábulos é o vocabulário. O vocabulário está necessariamente ligado a um texto, escrito ou falado, curto ou extenso, homogéneo ou compósito, enquanto o léxico, transcendendo o texto, está ligado a um ou vários locutores.

Gllisson e Coste (1983: 433) acrescentam que “o par léxico-vocabulário decorre precisamente das oposições langue/parole – língua/fala (terminologia de Saussure) e langue/discours – terminologia de G. Guillaume): léxico diz respeito a língua e vocabulário ao discurso”.

Quanto ao léxico, Martinet (1995: 170) afirma que:

O léxico põe problemas sensivelmente diferentes. Já não se trata – como na fonologia e gramática – de fornecer ao utente os instrumentos que lhe permitirão identificar e ordenar os elementos significativos, mas sim de lhe dar os meios de comunicar da melhor forma possível, todas as variedades e todos os cambiantes da sua experiência.

O mesmo autor (1995: 170) acrescenta que “o léxico parece apresentar um domínio tão finito como a gramática, as letras da grafia e o que podem imaginar relativamente aos sons da linguagem”.

No que tange ao léxico, Ducrot e Todorov (1976: 251) são da seguinte opinião:

Muitas vezes a procura de uma ordem regular no interior de uma língua parece implicar, entre outras tarefas, a classificação dos elementos dessa língua. Se se considera a palavra como o elemento linguístico fundamental, um dos primeiros deveres do linguista deve então ser o de estabelecer uma classificação das palavras.

Como é óbvio, o léxico não é nada mais de que um conjunto de palavras que compõem uma língua de uma determinada sociedade. Logo, a afirmação acima tem razão de ser, porque as palavras estão classificadas por categorias ou grupos como substantivos, verbos, adjetivos, que por sua vez podem dar origem a outras palavras por meio da composição e derivação.

- **Vocábulos kimbundu no Português (kimbundismo)**

Existe uma imensidão de vocábulos kimbundu no português. O título meramente ilustrativo, exemplificamos alguns, remetendo-os para o anexo C maior ilustração de vocábulos, quer do português falado em Angola, quer do padrão europeu, quer ainda do português brasileiro. Como já dissemos, o kimbundu é uma das línguas bantu com maior influência lexical no português. Para melhor demonstração, recorreremos a alguns autores como Machado (1967), Houaiss e Villar (2003), Mendonça (2012), Ribas (2002: 343-374), que apresentam diversas palavras kimbundu incorporadas no português.

Tal como as línguas bantu recorrem à língua portuguesa a fim de incorporar vocábulos inexistentes, o português incorporou no seu léxico diversos vocábulos bantu, sobretudo os de

kimbundu. Contrariamente ao fenómeno do *kimbunduguês*, onde ocorre o hibridismo, o *kimbundismo* é nada mais do que o uso de vocábulos kimbundu incorporados no léxico português. Os enunciados a seguir, retirados dos autores indicados neste trabalho são exemplos concretos disto:

(71)

- a. *Alembamento/ alambamento*: dote, casamento africano.
- b. *Bengala*, do substantivo kimbundu *mbangala*: bastão pequeno.
- c. *Bunda / mbunda*: nádegas. Deste vocábulo, que sofreu uma desnasalação do grupo consonântico inicial *mb*, deriva o termo *desbundar* ou “perder qualquer domínio sobre si mesmo; gastar somas avultadas em brincadeiras, sem medir as consequências”.
- d. *Cachaça (kaxaxa ou kaxalamba)*: nome de bebida forte feita de raízes ou de milho germinado, que passa por um processo de fervura e por meio de uma canalização rudimentar, donde se extrai um vapor em espécie de aguardente.
- e. *Cafuné (kifunate)*: entorse, torcedura.
- f. *Carimbo*: do kimbundu *ka* (prefixo diminutivo) + *rimbo* “marca” (Machado, 1967). Segundo Mendonça (2012: 138), “são os Tumbeiros que de presídio a presídio, levam o bando de escravos, que por sordidez vão nus, e marcados a ferro em brasa com o carimbo, para o caso de fuga”.

• **Topónimos Bantu (kimbundu) na Administração Pública**

Ao longo da explanação salientou-se que o contacto de línguas é salutar para o seu desenvolvimento. Desses contactos, ganha-se uma riqueza imensurável ao nível do léxico, mais especificamente no que respeita topónimos e antropónimos.

Raposo *et al.* (2013: 1005) afirmam o seguinte:

Topónimos são os nomes de lugar, nomeadamente os atribuídos a aglomerados de dimensões variadas e criadas pelos seres humanos e onde estes vivem em comunidade, incluindo os que nomeiam partes estruturais desses aglomerados. São também topónimos os nomes de acidentes geográficos naturais de vários tipos. O primeiro grupo inclui, entre outros, nomes de cidades (...), de vilas (...), de aldeias (...), de ruas, avenidas, praças (...) e de países. O segundo grupo inclui, entre outros, nomes de montanhas (...), de serras (...), de cordilheiras (...), de lagos (...), de rios (...), de oceanos (...) e de continentes (...).

Segundo António Matoso (2003: 198), “onomástica é a ciência que estuda a etimologia, transformações e classificação dos nomes próprios das pessoas e lugares”. Por sua

vez, o dicionário da Academia das Ciências de Lisboa (2001: 2668) define-a como um “ramo da lexicologia que tem como objeto de estudo os nomes próprios de pessoas e de lugares”. A onomástica divide-se em dois campos: o da antroponímia e a toponímia. Ainda quanto à mesma abordagem, Houaiss (2003: 2678) entende que a Onomástica compreende várias subdivisões, como a antroponímia, a astronímia, a mitonímia, a toponímia etc. Ainda diz que a onomástica é uma parte de lexicologia que trata dos nomes próprios. Relativamente à sua etimologia, Houaiss (2003: 2678) diz que o termo deriva do “feminino substantivo do adjetivo grego *onomastikós, é, ón* > *bě onomastikě’a arte de denominar’; onoma-*”. A onomástica entende-se como um ramo da linguística que se ocupa do estudo dos topónimos e antropónimos, ou seja, uma parte da lexicologia composta por duas áreas de estudo dos nomes de lugares e dos nomes de pessoas.

Em Angola, sobretudo na região ambundu, os nomes refletem uma realidade social, histórica, política ou económica. Segundo dados adquiridos oralmente, certos nomes de algumas regiões surgiram mediante factos ocorridos nessas sociedades. Por exemplo, os nomes *Cacuzo*, *Pungua Ndongo* e *Luanda*, segundo nossos informantes³⁵, têm repercussão social. O primeiro terá surgido das dificuldades que os primeiros construtores dessa Vila enfrentaram, isto é, pela demora que tiveram, os trabalhadores ambundu resmungavam, dizendo *kakuzu*³⁶, ou seja, “estamos encravados”. A partir dessa expressão, os portugueses denominaram esta comunidade de “Cacuzo”; relativamente ao segundo topónimo, o termo proveio da designação da Corte Real (Pungu a Ndongo), o nome que correspondia à Capital política do Reino do Ndongo, antes da chegada dos portugueses à região; no que se refere ao terceiro topónimo, proveio do termo *Lwanda*, que em kimbundu significa “cidade oculta, cidade de maldade, cidade misteriosa”.

Conforme referimos, os nomes ambundu têm significado, aliás, apesar de este item falar de topónimos, gostaríamos de abrir um parênteses sobre antropónimos para dizer que algumas pessoas têm nomes que coincidem com os dias da semana, por analogia aos dias dos seus nascimentos: Sabalu, para quem nasceu num sábado, Lumingu, quem nasceu domingo, Segunda, por nascer segunda-feira, Telesa/Katelesa, quem nasceu terça-feira, Kwalata/Kakwalata, nascido quarta-feira, Kinda/Kakinda, quem nasceu quinta-feira e Sesa, pessoa que

³⁵Informação concedida por duas entidades religiosas em 4 de agosto de 2016, nomeadamente Mom Senhor Inácio, Paroco da Igreja Católica Sagrado Coração de Jesus /Malanje e o senhor Bispo, José Quipungo, da igreja Metodista Unida em Malanje.

³⁶O termo *cacuzo* provém do vocábulo kimbundu “Kakuzu”, topónimo que deriva do verbo *kukuzuka*, significando “soterrados, cadeia, encravados ou encurralados”.

nasceu sexta-feira. Para Raposo e Bacelar (2013: 1007), “os topónimos podem também ser classificados de acordo com o campo semântico que os motiva etimologicamente”.

Assim, os topónimos que são motivados em nomes de animais chamam-se zootopónimos, por exemplo, *Gulungo Alto* (ngulungu); os que se motivam em nomes de plantas chamam-se fitotopónimos, como *Dondo* “ndondo”; os que são motivados por nomes ligados à religião chamam-se hagiotopónimos, entre os quais os que designam edifícios religiosos, por exemplo *Mamã Muxima* (Nossa Senhora da Muxima), e os que são nomes dos Santos, caso de “Bairro Santo António. Ainda sobre esta perspetiva, Tizio (2009: 31-32), baseado em Dick (1990), apresenta um modelo de classificação dos nomes, tendo em conta o contacto entre o homem e o meio em que está inserido, quer seja do ponto de vista geográfico, social, quer seja cultural ou de natureza antropológica. As necessidades humanas estão na base da diversificação toponímica. Para dar resposta a isto, o homem atribuiu nomes a diferentes áreas, quer sejam do âmbito cultural e social, quer sejam do âmbito político e económico. Desta feita, enquanto instrumento de interação humana, a língua torna-se mais dinâmica e rica em léxico; acresce que este enriquecimento pode ter um impacto na estrutura morfosintática, semântica e fonética de qualquer língua viva.

No que tange à realidade angolana, desde o momento em que o país adotou a língua portuguesa como sua língua oficial, era de esperar que, sendo uma língua com registos escritos de certa forma iria suplantiar as línguas bantu que, até à altura, poucas possuíam registo escrito e se o tinham, era com muitas insuficiências. Desta feita, para além de influenciar as estruturas gramaticais dessas línguas, o uso da língua metropolitana afetava também as estruturas lexicais ou toponímicas; aliás, atendendo à posição e pujança institucional e funcional do português no mundo, a ortografia da toponímia angolana, sem uma normalização, conheceria certas modificações, quer na administração pública angolana, quer no contexto conjuntural da lusofonia.

Os topónimos bantu aportuguesados não têm uma grafia harmonizada. Na pesquisa realizada nas três províncias que compõem a área de estudo, constatámos existir diversidade gráfica para um único topónimo. Quanto a isto, a nossa preocupação não está no facto de aportuguesamento ou “desaportuguesamento” dos topónimos bantu ou kimbundu incorporados na administração pública, mas consiste na uniformização da sua grafia. Consideramos equívoco um topónimo ter grafias diferentes, tendo o mesmo significado e origem, embora, em alguns casos, seja aplicado para contextos distintos, como o que acontece com o topónimo “kwanza” que atualmente, em Angola, é escrito de formas diferentes: para a

designação da moeda nacional, o topónimo é grafado com “*Kw*” e para designar as províncias com o mesmo nome, o topónimo é escrito com “*Cu*”, no caso, Província de Cuanza-Norte e Província de Cuanza-Sul. Os nomes nas línguas bantu, sobretudo em kimbundu, são atribuídos em função de uma realidade histórica, sociocultural ou geográfica. Por isso, uma mudança na estrutura gráfica desses topónimos requer uma análise profunda.

Não sendo nosso propósito fazer uma descrição de toda a toponímia bantu na administração pública angolana, selecionamos, no entanto, alguns topónimos que nos permitirão aferir o grau de complexidade, diversidade gráfica e suas respectivas alterações lexicais:

Quadro nº 32: Perda de de consonantização³⁷, dando lugar a vocalização

Grafia não aportuguesada	Grafia aportuguesada
<i>Kwanza</i>	Cuanza
<i>Kwale</i>	Cuale
<i>Kwangu</i>	Cuango
<i>Lwanda</i>	Luanda
<i>Lwandu</i>	Luando

Quadro nº 33: Desnasalização do grupo consonântico pré-nasal

Grafia não aportuguesada	Grafia aportuguesada
<i>Ndongo</i>	Dongo
<i>Ngola</i>	Gola
<i>Ngolome</i>	Golome
<i>Ngulungu</i>	Gulungo
<i>Mbengu</i>	Bengo

³⁷ É fenómeno pelo qual se evita a ditongação, ou encontro entre semivogais *i*, *u*, ou ainda o encontro entre vogais fracas e vogais fortes, pois nas línguas bantu não ocorrem ditongos.

Quadro nº 34: Duplicação de /s/ intervocalálico³⁸

Grafia não aportuguesada	Grafia aportuguesada
<i>Masangu</i>	Massangu
<i>Kisanga</i>	Quissanga
<i>Kisumwa</i>	Quissumwa
<i>Kisunga</i>	Quissunga
<i>Kasanji</i>	Cassange
<i>Kisama</i>	Quissama / Quiçama

Quadro nº 35: Pluralização dos topónimos e gentílicos bantu ao serem incorporados na língua portuguesa

Grafia não aportuguesada	Grafia aportuguesada
<i>Ndongo</i>	Os ndongos, os mandongos, os de Dongo
<i>Ngola</i>	Os golas/ ngolas/ os de Ngola
<i>Ngolome</i>	Os ngolomes/ os de Golome
<i>Ngulungu</i>	Os gulungos/ os de Gulungo
<i>Mbengu</i>	Os bengos / os de Bengo
<i>Kasanji</i>	Os cassanges; os de Cassange
<i>Kimbundu</i>	Os quimbundos/ os ambundos
<i>Bantu</i>	Os bantos
<i>Kisama</i>	Os quiçamas, os de Quiçama
<i>Masangu</i>	Os massangos, os de Massango
<i>Kisanga</i>	Os quissangas, os de Quissanga

³⁸ Regra geral, nas línguas bantu, sobretudo em kimbundu, usa-se simplesmente um /s/ para dar o som [s], ao contrário do português onde a consoante /s/ intervocal toma o som [z], que não existe em kimbundu.

<i>Kisumwa</i>	Os quissumuas, os de Quissumua
<i>Kisunga</i>	Os quisungas, os de Quissunga
<i>Ndala</i>	Os dalas, os de Dala
<i>Kizanga</i>	Os quizangas, os de Quizanga
<i>Kazengu</i>	Os cazengos, os de Cazengo
<i>Kizenga</i>	Os Quizengas, os de Quizenga
<i>Lenge</i>	Os lenges, os malengues, os do Lenge
<i>Mbaka</i>	Os ambacas, os de Ambaca
<i>Songu</i>	Os songos, os massongos, os de Songo
<i>Mbangala</i>	Os Bângalas, os imbangalas; os de Bangala
<i>Bakongo</i>	Os bakongos, os de Quicongo
<i>Cokwe</i>	Os cokwes, os de Cokwe
<i>Ovimbundu</i>	Os ovimbundos, os de Umbundo
<i>Ngagela</i>	Os ganguelas, os de Ganguela
<i>Kwanyama</i>	Os cuanhamas, os de Cuanhama
<i>Hungu</i>	Os hungos, os de Dihungo
<i>Soso</i>	Os sossos, os de Sosso
<i>Ndembu</i>	Os Dembos, os de Dembo
<i>Humbi</i>	Os humbis
<i>Nyaneka</i>	Os nhanecas
<i>Holu</i>	Os holos, maholos, os de Holo

<i>Mukubale</i>	Os mucubais, os de Mucubale
<i>Mwimwila</i>	Os muimuilas
<i>Kamusekele</i>	Os camussequeles
<i>Kalwanda</i>	Os caluandas, os de Luanda
<i>Kibala</i>	Os quibalas, os de Quibala
<i>Mbalundu</i>	Os balundos, os de Bailundo

Quadro nº 36: Uso de /g/ intervocálico ao invés de /j/ em conformidade com a grafia

Grafia não aportuguesada	Grafia aportuguesada
<i>Malanje</i>	Malange
<i>Kilwanji</i>	Quiluanje
<i>Kasanji</i>	Cassange

No que tange à toponímia, Raposo e Bacelar (2013: 1006) afirmam o seguinte:

A forte dominação romana teve também como consequência a alteração de nomes de localidades já existentes, ou a sua modificação através do acrescentamento de uma palavra ou morfema de origem latina, dando lugar, nesses casos, a nomes híbridos. É disso exemplo o topónimo *Portugal*, composto formado a partir do latim *portu-* ‚porto’ e do topónimo pré-latino *cale* (possivelmente um topónimo celta com o mesmo significado etimológico de ‚porto’ ou ‚enseada’).

À semelhança de Portugal, como já referimos anteriormente, em Angola, durante a sua ocupação, vários nomes foram alterados ou modificados adequando-os à realidade da língua portuguesa, tornando-se híbridos. Para se pôr cobro a esta situação, em 2003 o governo angolano criou uma comissão multissetorial com o objetivo de uniformizar a grafia toponímica, tendo produzido as seguintes recomendações³⁹:

Adequar a ortografia dos topónimos à fonologia das línguas nacionais em que são expressos os mesmos, isto é, conformar a ortografia simultaneamente à fonética e à

³⁹Ministério de administração do Território da República de Angola. Grupo Técnico da Comissão Multissetorial para harmonização da ortografia da Toponímia da divisão político-administrativa. [Conforme documento interno nº 1180/04.03.00/GAB.SCM/2003], 2005, Luanda, relatório final.

escrita das línguas angolanas de origem africana tal como os seus alfabetos preconizam;

Uniformizar a escrita de todos os sons idênticos que se verificam nas línguas angolanas de origem africana, de forma a evitar a diversidade e heterogeneidade ortográfica.

Com base em Malcom Guthrie (1948), proceder-se-á a repartição das línguas bantu de Angola em três zonas linguísticas H, K, R. Cabendo a zona H abranger as línguas Kikongo e Kimbundu, sendo a zona K todas as línguas faladas na parte oriental do país (Cokwe, Ngangela, Luvale, Lucazi, Mbunda ...) e a zona R as línguas do centro-sul (Umbundu, Nyaneka-humbi, Oxikwanyama, etc).

Em kimbundu, os nomes são caracterizados pela preposição dos morfemas flexionais, isto é, os nomes são prefixados ao morfema lexical, e não sufixados como em português. Os nomes não apresentam oposição entre masculino e feminino, sendo os mesmos neutros ou caracterizados pelo oposto *diyala*, *muhatu*, em correspondência a macho ou fêmea.

Guthrie (1948: 11), na sua intervenção sobre as línguas bantu, refere que os substantivos dessas línguas estão integrados num sistema de géneros. Isto é, géneros com duas classes ou binários e com uma só classe ou unitário. Cada género corresponde a dois prefixos e cada prefixo indica uma classe; sendo o género unitário representado por um único prefixo tanto no plural como no singular.

e. Estrutura morfológica dos nomes: classificação dos morfemas

Segundo Celso Cunha e Lindley Cintra (2005:76), “quanto à natureza da significação, os morfemas classificam-se em lexicais e gramaticais”. Considera-se morfema lexical (radical ou lexema) a unidade que contém o sentido básico da palavra, ou seja, a parte externa com significado extralinguístico; o morfema gramatical associa-se ao radical, permitindo a flexão das palavras variáveis. É a parte que deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua.

De igual modo, em kimbundu, os nomes são compostos por morfemas lexionais e morfemas flexionais ou gramaticais; contudo, nesta língua, os nomes nunca são sufixados, a menos que tenham sofrido um aportuguesamento, como o que ocorre na palavra *mufumeira*. Neste caso, o sufixo *-eira* não faz parte dos nomes kimbundu. Como vimos, o número dos nomes em kimbundu é determinado por um sistema de classes ou prefixos nominais.

As palavras a seguir refletem a realidade acima exposta.

Quadro n° 37: Morfemas flexionais ou gramaticais

Morfemas flexionais ou gramaticais				Morfemas lexicais	
Morfema diminutivo	Significado	Morfema aumentativo	Significado		
Ca (ka)		Qui (ki)			
<u>Cacuaco</u>	Mãozinha	<u>Quicabo</u>	Caiu	Cuaco (Kwaku)	Kabu
<u>Caculama</u>	Suspenso	<u>Quiçama</u>	Animal	Culama (kulama)	Içama
<u>Cacuzo</u>	Enclausurado	<u>Quiminha</u>	Espinho	Cuzu (kuzu)	Minha
<u>Cangandala</u>	Querer	<u>Quibaxi</u>	Tartaruga	Ngandala	Baxi
<u>Calandula</u>	Seguir	<u>Quiculungo</u>	Descida	Landula	Kulungu
<u>Cambambe</u>	Frio; cerva	<u>Quilombo</u>	Aldeia	Mbambe	Lombo
<u>Cambondo</u>	Imbondeiro	<u>Quifuata</u>	Ervas	Mbondo	Ifwata
<u>Cambaxi</u>	Cágado	Quipaulo	Bairro Paulo	Mbaxi	Paulo
<u>Camatombe</u>	Palmeira	<u>Quipedro</u>	Bairro Pedro	Matombe	Pedro
<u>Cangola</u>	Nobreza	<u>Quizenga</u>	Analista	Ngola	Zenga
<u>Canhoca</u>	Cobra	<u>Quiwaba</u>	Belo, gacioso	Nhoca (nyoka)	Waba
<u>Caombo</u>	Cabra			Ombo	
<u>Cazenga</u>	Confrontar			Zenga	

Contrariamente à língua portuguesa, em kimbundu usam-se as classes nominais ou prefixos concordantes dispostos em pares singular e plural, indicando o número as classes a que cada nome pertence.

Quadro n° 38: Topónimos prefixados

Topónimos	Prefixo concordante	Classes	Radical	Estrutura morfológica dos topónimos
Cacuaco	Ka	12^a	Cuaco	Substantivo
Caculama			Culama	Verbo
Cacuzo			Cuzo	Verbo
Cangandala			Ngandala	Verbo
Calandula			Landula	Verbo
Cambambe			Mbambe	Substantivo

Cambondo			Mbondo	Substantivo
Cambaxi			Mbaxi	Substantivo
Camatombe			Matombe	Substantivo
Cangola			Ngola	Substantivo
Canhoca			Nhoca	Substantivo
Caombo			Ombo	Substantivo
Cazenga			Zenga	Verbo
Quicabo			Cabo	Verbo
Quiçama			Sama	Substantivo
Quiminha			Minha	Substantivo
Quibaxi			Baxi	Substantivo
Quiculungo			Culungo	Substantivo
Quilombo	Ki	7^a	Lombo	Substantivo
Quifuata			Fuata	Substantivo
Quipaulo			Paulo	Substantivo
Quipedro			Pedro	Substantivo
Quizenga			Zenga	Verbo
Quiwaba			Waba	Adjetivo

Os morfemas gramaticais permitem, ainda, a formação de novas palavras, através da fusão de afixos (sufixos e prefixos) a uma base.

- **Formação de palavras e processo de enriquecimento do léxico**

Em kimbundu, a composição recorre à união de duas ou mais bases, isto é, dois ou mais radicais. As palavras podem ser compostas por aglutinação e por justaposição⁴⁰.

⁴⁰ O quadro apresenta topónimos de certas localidades administrativas de Angola, nomeadamente Municípios, Vilas, comunas e Aldeias.

Quadro nº 39: Composição de palavras em kimbundu

Justaposição	
Forma bantu	Forma portuguesa
Bula a Tumba	Bula-Atumba
Kakulama muhadi	Caculama-Mucari
Kakulu kabasa	Caculo-Cabaça
Kapenda ka Mulemba	Capenda- Kamulemba
Kunda Dya baze	Cunda – Diabase
Kwanza ya tunda	Cuanza-Norte
Kwanza ya Luji	Cuanza-Sul
Kilamba kya Xi	Kilamba-kiaxi
Kiwaba a Nzoji	Quiuaba-Nzogi
Kwilu Futa	Cuilo- Futa
Kwilu Pombu	Cuilo-Pombo
Kwitu ya Kwanavale	Cuito- Cuanavale
Lubala a Ngimbu	Lubala-Nguimbo
Lunda a Cokwe	Lunda-Chokwe (Lunda-Norte, Lunda-Sul)
Mbuku Nzau	Buco-Zau
Ndanji a Menya	Danji -Ia –Menha
Nambwa a Ngongo	Nambua- Angongo
Pango a Lukene	Pango- Aluquém
Pungo a Ndongo	Pungo-Andongo
Waku a Kungu	Waco-Cungo
Ngulungu a Leba	Gulungo-Alto
Samba a Kaju	Samba-Caju
Samba a Lukala	Samba-Lucala
Samba a Senda	Samba-Senda

Como afirmam Correia e Lemos (2009: 7), as palavras da língua assumem muitas outras formas:

- existem palavras de dimensão superior à palavra gráfica – compostos sintagmáticos constituídos por mais do que uma palavra (*exs.: casa de banho, sala de jantar*); locuções, que podem ser preposicionais, conjuncionais e adverbiais (*exs.: por cima de, visto que, de cor*);
- existem palavras de dimensão inferior à palavra gráfica – as chamadas palavras não-autónomas, que, apesar de terem todas as características de uma palavra (significante e significado lexical associados de forma estável, categoria morfossintáctica), não podem ocupar

posições sintáticas, podendo ocorrer, apenas, como elementos de construção de outras palavras (*exs.: psic-, log-, metr-*).

Existem em kimbundu, palavras de dimensão superior, ou seja, palavras constituídas por mais de uma unidade gráfica descritas ao quadro acima, *Samba a Senda, Bula a tumba, Kapenda ka Mulemba, Pungu a Ndongu* etc. Contudo, estas palavras, ao serem incorporadas no português tornaram-se justapostas: *Bula-Tumba, Capenda-Camulemba, Pungo-Andongo, Samba- Caju, etc.*

- **Dimensões neológicas**

Conforme salientámos, todas as línguas estão sujeitas a mudanças e inovações lexicais. Sendo a língua um fator dinamizador, evolui necessariamente ao longo dos tempos e se não apresentar dinamismo tornar-se-á uma língua morta. Como é sabido, o léxico de uma língua é um dos elementos mais vulneráveis a estas mudanças linguísticas e tal mudança baseia-se em razões extralinguísticas.

Assim, o português, sendo uma língua em convívio com as restantes línguas bantu, apresenta novas palavras ou palavras já existentes cujo significado muda, isto é, são palavras sentidas como novas pela comunidade linguística. Fazendo referência a Guilbert (1975), Correia e Lemos (2009: 16-18) entendem que “este importante teorizador da inovação lexical apresentava o sentimento de novidade dos neologismos, critério de natureza psicológica, como determinante para a sua identificação”. Para as mesmas autoras (2009: 17-18) os neologismos apresentam vários níveis ou tipos de novidades:

- Novidade formal (a sua forma significante é nova): quando o neologismo apresenta uma forma não atestada no estágio anterior do registo de língua; - novidade semântica: quando o neologismo corresponde a uma nova associação significado-significante, isto é, uma palavra já existente adquire uma nova acepção; - novidade pragmática: quando a neologia resulta da passagem de uma palavra previamente usada num dado registo para outro registo da mesma língua.

Os neologismos são palavras novas incorporadas na língua, seja por via de um processo interno ou externo. São neologismos internos as novas palavras criadas dentro do mesmo sistema linguístico, ou seja, unidades lexicais já existentes, que adquirem novos significados; os neologismos externos são empréstimos, isto é, palavras incorporadas num sistema linguístico para responder a novas necessidades de comunicação o português falado em Angola apresenta alguns desvios neológicos em relação ao português europeu, considerando que a sua evolução se faz de forma natural e adaptada a novos contextos

histórico, social, cultural e etnolinguístico. Cardoso e Celso Cunha (1978: 179) acrescentam o seguinte:

Não podendo, por sua natureza, pertencer a camada hereditária do vocabulário de uma língua, os neologismos só podem provir de duas fontes – a da formação interna, principalmente através dos processos de derivação (*motorista, fiteiro, jornadear*) e composição (*para-choque, radiativo, astronauta*), e a dos empréstimos, pela adaptação de vocábulos de línguas estrangeiras (*esport, estepe, abajur*). Num e noutro caso, hão de conformar-se ao gênio da língua, quer no que respeita à estrutura das palavras simples e primitivas, quer no que atende à construção das derivadas e compostas.

Dubois *et al.* (1973:430) corroboram a ideia ao afirmarem que “a neologia é o processo de formação de novas unidades lexicais ou adoção de algumas que já existem, para designar novas realidades”.

Designamos por dimensões lexicais o conjunto de palavras que representam uma determinada área da realidade. Dimensão neológica remete para a área de aplicação das novas palavras, sendo que esta dimensão difere do conceito de campo semântico, constituído pelos contextos em que a palavra aparece e os significados que aí apresenta, por exemplo:

(72)

- a. Decorre a reunião do *conselho* pedagógico.
- b. O *conselho* que me deste foi valioso.

Os neologismos apresentam diversas dimensões, desde as políticas, socioculturais e económicas e outras. De acordo com o grupo étnico-linguístico a que os falantes pertencem, os neologismos vão representar o seu contexto sociocultural, económico e político. Nesta perspetiva, Louis Guilbert (1975: 80) afirma que “les mots ont un statut défini par l’usage prédominant ou exclusif qui en est fait dans chacun des groupements sociaux”. O contexto em que Angola assumiu o português como sua língua oficial permitiu que várias palavras das línguas nativas fossem introduzidas no português e adaptadas a novas realidades. Por exemplo, em função da ideologia política seguida na época, surgiram palavras e sintagmas, como “loja do povo”, “lojas francas”, “cartão de abastecimento”, “deslocados”, “recua”, “nação coragem”, que assumiram novas significações, diferentes das dicionarizadas.

Assim, os neologismos resultam, quer da realidade sociológica, quer do contexto étnico-linguístico, que, no caso das línguas nativas de Angola conduziram a várias alterações semânticas em diversas dimensões.

Já aludimos ao facto de, após a independência nacional, as necessidades comunicativas dos angolanos terem provocado alterações semânticas de certas expressões das línguas bantu. A expressão “colonialista português” passou a “imperialista português”; os

“anti-revolucionários” passaram a restringir-se a quem não compactuasse com o pensamento ideológico do poder. Para melhor compreensão, selecionámos algumas palavras do âmbito político e militar:

(73)

- a. *Comandante em Chefe*: título atribuído ao Presidente da República, por assumir simultaneamente, o comando das forças armadas nacionais.
- b. *Executivo*: partido que governa o país.
- c. *Chefe do Executivo*: presidente do partido no poder.
- d. *Arqui-enganador*: o chefe da oposição, designação que durante muito tempo denominava o presidente do movimento da oposição.
- e. *Antimonti*: nome atribuído pela UNITA a todos os elementos que tinham ligação com o MPLA ao longo da guerra fria.
- f. *Kwacha/ canhamba*: nomes atribuídos aos soldados da UNITA, na fase do conflito militar.
- g. *Desmobilizado*: militar desafeto ao serviço militar.
- h. *Retornado, langa*: pessoa que em tempo de paz regressa ao país.
- i. *Processo cinquenta*: nome por que ficou conhecido um movimento (constituído por 50 membros do MPLA) de oposição à potência colonial.

Consideram-se neologismos de carácter social todas as expressões forjadas no convívio social, de modo a dar resposta a uma necessidade lexical dos falantes de uma determinada língua. No caso angolano, espontaneamente surgiram diversas palavras, tais como:

(74)

- a. *Diambeiro/ liambeiro*: usuário de droga, particularmente estupefacientes.
- b. *Barroqueiro*: um vagabundo que vive em barrocas, pessoas sem teto, criminosos que se dedicam ao roubo.
- c. *Cupapateiros*: pessoas que se dedicam a atividade de moto-táxi.
- d. *Engarrafamento*: congestionamento de trânsito.
- e. *Mbaiou (dar mbaia)*: é conduzir fora da faixa de rodagem, conduzir pela berma ou pelo passeio; ultrapassagem perigosa feita à direita de outros automobilistas, violação do código de estrada.
- f. *Pedar*: libertar gases nobres.

- g. *Bufo*: é um traidor, espia.
- h. *Alembamento*: dote dado pelo noivo à família da noiva no casamento tradicional angolano.
- i. *Coofertar*: dar dote, dar-se em casamento.
- j. *Bate porta*: pedido de noivado, um ato que ocorre antes do alembamento.
- k. *Camanga/ pedrinhas* ou *feijão branco*: significa diamante.
- l. *Matabicho*: pequeno-almoço.
- m. *Muadié*: companheiro, compadre.
- n. Varrer: beber; limpar; exonerar.
- o. *Grego*: em Angola, significa criminoso.
- p. *Pula*: significa não só “verbo pular na 3ª pessoa do singular presente do indicativo”, mas também cidadão português.
- q. *Trabalhador*: para além de significar alguém que gosta de trabalhar ou a pessoa que exerce determinado emprego, em Angola, significa alguém que transporta mercadorias de um carro de mão; bagageiro ou trabalhador de mão.
- r. *Facilita*: em Angola, significa não só “verbo facilitar na 3ª pessoa do singular presente do indicativo”, mas também chinelo.

Observa-se algum deslizamento de sentido em alguns casos. Por exemplo, as palavras *pula* e *facilita*, que ocorrem no português falado em Angola, perderam os seus significados reais. Como se pode ver, estes vocábulos derivam dos verbos *pular* e *facilitar*, todavia, nesse país, passam a ser usados como substantivos.

Consideram-se neologismos comerciais ou económicos, as novas palavras incorporadas na língua para designar matérias de negócios:

(75)

- a. *Camanguista*: pessoa que se dedica à exploração de diamante ou aquele que se dedica à compra e venda de diamante.
- b. *Amamadú*: comerciantes muçulmanos em Angola.
- c. *Pambalar/ pambala/ pambaleiro*: fazer negócio/ intermediário comercial.
- d. *Muambeiro*: intermediário, pessoa que se dedica ao negócio ilícito.
- e. *Candongá/ candongueiro*: negócio/ comerciante ilegal.
- f. *Micha*: ganho ilícito, suborno.
- g. *Gasosa*: bebida refrigerante com gás. Semanticamente, em Angola ganhou um novo significado, gasosa significa suborno, gorjeta.

- h. *Pente*: Semanticamente, em Angola, “pente” ou “pentear” significa não só objeto de compor o cabelo, mas também, fazer uma rusga, ato policial de controlar a identidade dos cidadãos, pedindo-lhes valores não estabelecidos pela lei.
- i. *Zungar*: deambular, passear, zungueiro, vendedor ambulante.
- j. *Quinguila* pessoas que se dedicam ao câmbio informal de moedas estrangeiras.
- k. *Quilapeiro*: credor, devedor.
- l. *Quilape/ quixiquila*: significa fiança.
- m. *Banco yeto (yetu)*: agência bancária cujo nome significa “nosso banco.
- n. *Kixicrédito/ quixicrédito/ xikilamoney*: agências fiadoras.
- o. *Cantineiros*: proprietários de pequenas superfícies comerciais.

Neologismo cultural e medicinal, corresponde a toda a palavra de domínio cultural e medicinal de tradição oral angolana incorporada na língua portuguesa. Neste contexto, veremos algumas palavras que designam costumes, religião, cura e gastronomia.

(76)

- a. *Sungular*: pernoitar.
- b. *Cubata*: casa, choupana.
- c. *Funge, pirão*: prato típico de Angola, pasta de farinha de mandioca ou de milho usada como base principal da dieta dos angolanos.
- d. *Jinguba*: significa amendoim; maruvo bebida proveniente da seiva de palmeira e suas espécies.
- e. *Missangas*: joias, pulseiras tradicionais angolanas.
- f. *Brututo*: raízes da planta “mbulututu” servem para curar certas doenças infecciosas e fígado.
- g. *Quimbanda/ kimbandeiro/ curandeiro*: pessoa que se dedica a feitiçaria, terapeuta, especialista em medicina natural;
- h. *Mucotó*: pé de animal como, cabra, vaca, porco, etc. Normalmente, serve para confeccionar sopa e feijoada, faz parte da gastronomia angolana;
- i. *Pau de Cabinda*: planta da floresta de Mayombe cujas raízes e cascas servem para curar doenças renais e infecciosas.

Terminada esta abordagem, no capítulo a seguir apresentamos uma proposta didático-metodológica para o ensino de português numa perspectiva contrastiva.

CAPÍTULO IV
ANÁLISE E TRATAMENTO DE DADOS

O presente capítulo visa explicar a metodologia e propostas didático-metodológicas do ensino do português em Angola. Procurou-se dar respostas a questões colocadas e atingir as principais metas preconizadas no início deste trabalho.

Perceção e justificação do problema:

Identificar diversos aspetos linguísticos do português que, por se diferenciarem ou se assemelharem aos do kimbundu, causam dificuldades aos falantes do português em Angola. A pretensão, neste trabalho, é abrir caminho para o estudo das demais línguas de Angola e analisar o seu contributo em situação de coabitação com o português.

Para este trabalho, formularam-se as seguintes questões:

- Que contributo a língua kimbundu tem dado ao português ao longo da sua coabitação?

- Que relações há entre as estruturas morfossintáticas de ambas as línguas?

- Que procedimentos se devem tomar para que a língua portuguesa seja ensinada na diversidade, atendendo às particularidades linguísticas de cada país que a tem como um património cultural?

Os objetivos a que nos propusemos foram os seguintes:

Objetivo geral:

- Demonstrar e fundamentar as vantagens e desvantagens da coabitação linguística do português e kimbundu.

Objetivos específicos:

- Diferenciar o português, língua neolatina, do kimbundu, língua angolana de origem bantu, para estudo da sua relação.

- Caracterizar aspetos das estruturas morfossintáticas do português e Kimbundu que dão origem a fenómenos de *kimbunduguês*.

- Identificar bantuísmos, *kimbundismos* e portuguesismos;

- Apresentar propostas para um ensino / aprendizagem do português na diversidade, atendendo ao meio e ao espaço geolinguístico. Delimitamos o tema da seguinte forma:

O estudo foi restringido apenas a três províncias, nomeadamente Luanda, Cuanza-Norte e Malanje. O êxodo migratório causou maior concentração populacional em Luanda do que noutras regiões linguísticas do kimbundu. Não seria possível analisar todos os aspetos linguísticos que de forma direta ou indireta influenciam o funcionamento da língua portuguesa no território plurilingue que é Angola, sem a necessária compartimentação da investigação.

4.1. O ensino do português como L2

A necessidade de comunicação entre indivíduos de grupos linguísticos diferentes está na base de aprendizagem de uma língua segunda ou mais línguas. Contudo, o seu ensino deve ser feito cuidadosamente, aplicando metodologias que visem respeitar as diferenças. O aprendente de L2 é já conhecedor de uma estrutura gramatical oral ou escrita da sua língua primeira. Assim sendo, nessa aprendizagem surgirão diversas reduções nos sistemas gramaticais de ambas as línguas. Tratando-se do ensino de uma língua com realidades diferentes, haverá divergência nas suas categorias lexicais, sintáticas e morfológicas. Entretanto, existem sempre alguns elementos comuns que podem ser comparáveis. Assim acontece com o ensino do Português em Angola. Assim sendo, o domínio da língua materna contribui bastante para o ensino e aprendizagem de L2.

Sasse, (*apud* Kembo Sure 1998: 96), diz que “no momento em que a língua intrusiva expande o seu domínio de uso em detrimento da língua indígena, cresce a pressão económico-sócio-psicológica sobre os utentes da L1, provocando neles uma atitude negativa em relação à sua língua”. Por isso, não basta as famílias incentivarem o papel das línguas maternas, mas a maior responsabilidade deve recair nas instituições competentes vocacionadas para as políticas do ensino. É verdade que a aprendizagem da língua primeira parte do lar; contudo, é tarefa das autoridades competentes incentivar a sua manutenção, para se impedir a ameaça ou o seu declínio. Assim, defendemos que o primeiro passo no processo de ensino e aprendizagem deve ser dado na língua materna, uma vez que, quer o funcionamento cognitivo, quer o gramatical de uma L2 dependem diretamente do domínio da língua materna. No que tange a esta temática, Stroud & Tuzine (1998: 17) encoraja as famílias a continuar a fazer o uso das línguas maternas em contextos mais amplos para que não se verifique o seu desaparecimento total.

Na mesma linha de pensamento, António Costa (2006: 41) considera o seguinte:

A integração activa da língua materna do falante na pedagogia da língua segunda leva-nos a acreditar nas possibilidades que a introspecção confere ao indivíduo implicado no processo de bilinguização, permitindo-lhe a criação de estratégias, que conduzam a uma mais eficaz e segura interiorização dos mecanismos de funcionamento da nova língua com a qual entra em contacto.

A língua materna ajuda a salvaguardar a identidade cultural da criança; o uso da língua materna promove uma harmonia entre a casa e a escola.

É certo que a tarefa de aprendizagem de L2 não se confunde com a de aquisição da língua materna. Quanto a isso, António Costa (2006: 41) afirma que a “análise dos dados

psicolinguísticos leva-nos a concluir que o indivíduo colocado perante uma língua segunda não manifesta um comportamento idêntico ao que revela no seu relacionamento com a língua materna”.

No capítulo anterior, vimos que um dos fatores de hegemonia do português em Angola foi o êxodo populacional resultante da guerra civil. Entretanto, devemos recordar que a população angolana é constituída por diferentes comunidades etnolinguísticas e a sua aglutinação nos grandes centros urbanos fez com que, pouco a pouco, usassem a língua portuguesa como único meio de contacto, facto que a catapultou para uma língua da maioria. A partir dessa altura o português passou de uma língua dos cidadãos para uma língua veicular⁴¹, o meio de ligação entre os povos de diferentes grupos etnolinguísticos. Assim, a língua portuguesa foi sujeita a interferências e modificações a todos os níveis.

Helena Miguel (2003: 52), ao referir-se a esta situação, diz que:

O falante angolano que aprenda o português tardiamente tem um uso prolongado da sua língua materna, e sofre, inconscientemente, pressão do seu sistema linguístico, face à intrusão do outro, agora privilegiado por razões de ordem política, económica e social. Os dois sistemas misturam-se e as interferências são inevitáveis. Nalguns indivíduos, as interferências são inevitáveis.

Nalguns casos, as interferências são de tal sorte numerosas e profundas que quase anulam as fronteiras entre as duas línguas. Utilizam, assim, uma forma linguística híbrida.

Quanto às deficiências na aprendizagem da língua portuguesa como L2 no sistema escolar angolano, Miguel (2003: 32-33) entende que “a questão linguística é apontada, e com razão, como um dos factores de maior impacto no insucesso escolar a todos os níveis de ensino. A língua oficial que é também língua de ensino co-ocorre com várias línguas africanas, nestas condições:

- 1 - A língua portuguesa não é a língua materna da maior parte das crianças, sobretudo das do meio rural;
- 2 - A maioria das crianças, especialmente as do campo, desconhece a língua portuguesa quando entra na escola;
- 3 - Os programas de português estão perspectivados para o ensino desta língua materna;
- 4 - As turmas estão quase sempre sobrelotadas;
- 5 - Os professores que leccionam português possuem, na maior parte dos casos, uma formação deficiente, quer pedagógica, quer linguística;
- 6 - Nos primeiros anos de independência, a cooperação estrangeira que leccionou em Angola, de nacionalidades muito variadas (...) raramente chegavam a falar português: usavam o Espanhol como língua de escolaridade ou pelo menos aquela a que muitos chamavam *portunhol*. Nestas condições, as oportunidades de os alunos encontrarem modelos linguísticos eram muito escassas;
- 7- Na maior parte das escolas assiste-se a uma gritante precariedade de condições e os docentes, muitas vezes, estão privados dos mais elementos auxiliares pedagógicos”.

⁴¹A língua veicular é a língua utilizada para a comunicação entre grupos que não têm a mesma língua primeira.

O trabalho de ensino e aprendizagem de uma língua é, sem dúvidas, uma tarefa dura e difícil. Torna-se ainda mais pesado quando se trata de ensinar uma L2 a alguém que já domina a sua língua materna. Desta forma, quer o aprendiz, quer o professor precisam de estar munidos de métodos viáveis que os ajudem a concretizar esse processo. As experiências demonstram que falantes de uma LM, quando submetidos ao uso de uma L2, têm tendência a transferir as estratégias de discurso adquiridas na sua língua materna para a L2.

Em função dessa complexidade no ensino e aprendizagem de L2, Stroud, C. & Tuzine, A. (1998: 16) afirmam que “o ser ensinado na língua materna parece então ter algumas ramificações positivas. Contudo, em muitas partes do mundo, as crianças vivenciam uma transferência da língua da escola para a língua de casa”. Os autores acrescentam que “elas aprendem o conteúdo acadêmico numa língua com a qual podem não estar familiarizadas antes da entrada na escola”.

Gostaríamos de salientar que o processo de transferência ocorre quando o aprendiz de uma L2 utiliza os conhecimentos linguísticos e as habilidades comunicativas da língua materna ao produzir e compreender os enunciados em L2. Nesse processo é recorrente a produção de erros, principalmente em estágio inicial de aprendizagem.

Há que ter em conta muitos fatores para que o ensino de uma L2 tenha sucesso. Isto quer dizer que quanto mais o professor estiver preparado acadêmica e pedagogicamente, maior será a possibilidade de inculcar no aluno as melhores vias que o habilite à nova língua; assim como o aluno que tenha aprendido bem LM ao ser submetido a L2 saberá determinar os limites entre ambas as línguas.

Quanto a isso, somos de opinião de que o professor deve saber usar a pedagogia do diferencial linguístico entre a LM do aluno e L2. Comparando-as, o professor terá a oportunidade de identificar não só as possíveis dificuldades dos alunos como também os seus erros mais frequentes durante o processo de aprendizagem da L2.

Como já se frisou, a tarefa de aprendizagem de uma língua é difícil. Não se aprende uma língua num abrir e fechar de vistas, os alunos passam por vários níveis de conhecimento da língua alvo, percorrendo uma longa caminhada, desde a altura em que se propõem a aprender uma língua segunda. Importa aqui dizer que o professor deve procurar estancar os erros permanentes cometidos por seus alunos, pois esses erros originam interferências negativas para a L2.

4.1.1. Percurso metodológico

Com o objetivo de analisar o contributo morfossintático e lexical do kimbundu no português falado em Angola, fizemos um inquérito linguístico em quatro escolas do ensino secundário do II ciclo e médio nas três províncias que compõem o nosso campo de investigação, nomeadamente Luanda, Cuanza-Norte e Malanje, sendo duas escolas em Luanda e uma em cada das outras províncias. Ainda neste âmbito, efetuámos um levantamento de dados nas conservatórias do registo de nascimento nas províncias de Cuanza-Norte e de Malanje, para além da seleção de algumas obras literárias que permitem identificar as interferências das línguas bantu do português em Angola.

No que diz respeito ao inquérito linguístico, inquirimos alunos da 12^a classe, por se tratar de uma classe intermédia, ou seja, uma classe finalista que está entre o nível fundamental e o superior, permitindo assim inferir, de certa forma, como o português é falado nessa região. Das quatro escolas inquiridas, tivemos acesso a oito turmas, isto é, quatro turmas em Luanda, duas no Cuanza-Norte e duas em Malanje. Relativamente a isto, inquirimos duas escolas em Luanda, uma no Cuanza-Norte e uma em Malanje. Sendo as turmas constituídas por 45 alunos, o total de informantes foi de 180 alunos em Luanda, 90 no Cuanza-Norte e 90 em Malanje. A idade dos alunos informantes abrange o intervalo entre os 17 a 25 anos, maioritariamente do curso de Ciências Jurídicas e Económicas com um total de 180 alunos, sendo os outros 180 inquiridos constituídos por 90 alunos do curso de Ciências Físicas e Biológicas e uma turma de 90 alunos de curso de Ciências Humanas, totalizando 360 alunos inquiridos nas três províncias.

Para que pudéssemos aferir possíveis diferenças ou dissemelhanças nas construções frásicas decorrente do uso do português, selecionámos alunos de diferentes províncias e cursos. Quanto à abordagem, procedemos da seguinte maneira: solicitamos os alunos que preenchessem as lacunas existentes nas frases que compõem o nosso inquérito, a perceção que têm sobre o uso quotidiano da língua portuguesa. Os alunos deviam responder da maneira que a entendessem melhor.

A fim de verificarmos a forma como são constituídas as estruturas frásicas do português em Angola e para se evitarem interferências e aferir o grau de conhecimento linguístico no preenchimento das lacunas contidas no inquérito, pedimos aos respetivos professores que nos ajudassem a controlar os alunos, enquanto prestávamos esclarecimentos relativos ao inquérito. Dessa forma, os alunos preenchiam o inquérito constituído por diferentes matérias, relativas a vários aspetos gramaticais, nomeadamente os pronomes, os

interrogativos, tempos e modos verbais, regências preposicionais e a problemática da diversidade ortográfica do léxico bantu, sobretudo os topónimos incorporados no português.

Construímos um conjunto de 360 inquéritos que foram produzidos pelos alunos das três províncias referidas. Como já se disse, o inquérito foi realizado em quatro escolas diferentes, sendo duas em Luanda, uma no Cuanza-Norte e uma em Malanje. Construímos mais inquéritos em Luanda, por ser a maior praça populacional com diversos grupos etnolinguísticos. Por questões de natureza metodológica não foi possível digitalizar na íntegra todo o corpus. Assim, apresentamos apenas uma amostra deste corpus, em número de 10, embora possamos disponibilizar todo o corpus em caso de necessidade.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inquiridos

Ensino secundário Classe: _____

Idade _____ **Província:** Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, apelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contêm as respostas que considere corretas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. □ Você está distraído. □
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. □ Colega, se lhe ver chama-o. □ Colega, se o vir, chama-o. □
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. □ Estaremos folgados, se o João vier à escola. □
- 4 - Estejamos sentados. □ Estejemos sentados. □
- 5 - Vejamos bem. □ Vejemos bem. □
- 6- Sejem bem-vindos. □ Sejam bem-vindos. □
- 7 - Embora está a chover irei à escola. □ Embora esteja a chover irei à escola. □
- 8 - Deus queira que não chove! □ Deus queira que não chova! □
- 9 - Talvez se tem esquecido. □ Talvez se tenha esquecido. □
- 10 - É possível que ele traz mais livros. □ É possível que ele traga mais livros. □
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. □ Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/
Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas. □
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? □ Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? □
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. □ Caros utentes, batam à porta antes de entrar. □
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. □ Senhor, mantenha a porta fechada. □

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. □ A Joana cuidou da mãe até à morte. □
- 2 - A mãe foi no mercado. □ A mãe foi ao mercado. □
- 3 - Telefona o pai. □ Telefona ao pai. □
- 4- O pai saiu com a viatura. □ O pai saiu de viatura. □
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído na escola. □ Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. □
- 5 - Dissociou-se no grupo, por publicar imagens obscenas. □ Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. □
- 7 - Dedicou-se na profissão, para não padecer. □ Dedicou-se à profissão, para não padecer. □
- 8 - O artista dedicou a obra nos seus pais. □ O artista dedicou a obra aos seus pais. □
- 9- A situação chegou num ponto crítico. □ A situação chegou a um ponto crítico. □
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. □ Entreguei os documentos ao chefe. □
- 11 - Este assunto respeita os políticos. □ Este assunto respeita aos políticos. □

- 12 - Despediu os avós a saída. □ Despediu-se dos avós à saída. □
13 - Telefonei à mãe. □ Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei. □
14 - Falei ao colega. □ Falei a ele/ lhe falei. □

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. □ Vou te queixar ao pai. □ Vou queixar-me de ti ao pai. □
2 - O pai não telefonou-me. □ O pai não me telefonou. □
3 - Porque preocuparmo-nos com isso? □ Porque nos preocupamos com isso? □
4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. □ Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde. □
5- Visitei-o ontem. □ Lhe visitei/ visitei ele ontem. □ Visitei-lhe ontem. □
6 - Deixa-lhe ir. □ Deixa-o ir. □ Deixa ele ir/lhe deixa ir. □
7 - Avisei-lhes. □ Avisei eles/lhes avisei. □ Avisei-os. □
8 - Vi-lhes. □ Lhes vi / vi eles. □ Vi-os. □

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

- 1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. □ O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. □ O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama. □
2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. □ A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje. □
3- A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. □ A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte. □

O inquérito acima serviu como uma base de amostra da população universo deste trabalho. Fundamentando-nos em Marconi e Lakatos (2010: 147), entende-se a amostra como uma parcela convenientemente selecionada do universo (população) ou um subconjunto do universo.

Assim sendo, constituímos como amostragem um conjunto de estudantes finalistas do ensino médio do curso de ciências económicas e jurídicas.

Tabela nº1: População (universo)

População (universo)	Estudantes finalistas do ensino médio (ciências económicas /jurídicas)
Amostra	180 Estudantes
Unidades de amostragem	4 Escolas públicas
Unidades de análise	Cada um dos 360 estudantes inquiridos

Sendo a amostragem ilustrativa do universo ou população, neste trabalho selecionaram-se 360 estudantes de três províncias, nomeadamente Cuanza-norte, Luanda e Malanje, para servir de um indicador. Como indicam Marconi e Lakatos (2010: 147), para o referido trabalho, utilizamos a amostragem probabilística.

Segundo os critérios de seleção, técnicas e tratamentos de dados traçados por Marconi e Lakatos (2010: 150-154), todos os dados coletados foram tratados interpretados, selecionados e organizados. Os inquiridos são maioritariamente estudantes da 12ª classe com idades compreendidas entre 17 a 25 anos de idade, como se pode ver nas tabelas abaixo.

Tabela nº2: Frequência / Cuanza-Norte

Variante de resposta (idade)	Frequência	%
De 17 a 20 anos de idade	32	36
De 21 a 25 anos de idade	58	64
Total	90	100

De acordo com os dados da província do Cuanza-Norte, a maioria dos estudantes tem idades compreendidas entre 21 a 25 anos. Isto demonstra que as crianças nessa província começam a frequentar a escola muito tarde.

Tabela nº3: Frequência / Luanda

Variante de resposta (idade)	Frequência	%
De 17 a 20 anos de idade	137	76
De 21 a 25 anos de idade	43	24
Total	180	100

Contrariamente ao Cuanza-Norte, em Luanda o índice de alunos com idade entre 17 a 20 anos a terminar o ensino médio é superior, o que significa que os alunos dessa província são inseridos no sistema de ensino muito cedo.

Tabela nº 4: Frequência / Malanje

Variante de resposta (idade)	Frequência	%
De 17 a 20 anos de idade	34	38
De 21 a 25 anos de idade	56	62
Total	90	100

Há qui um dado preocupante. No interior do país, parece que as crianças iniciam a atividade escolar com uma idade superior a 6 anos, razão pela qual a maior parte dos estudantes finalistas do ensino médio tem idades compreendidas entre 21 a 25 anos.

Para a realização do inquérito, foi apresentado um questionário construído por cinco grupos com diferentes categorias gramaticais. A ficha de inquérito está organizada da seguinte forma: quatro frases interrogativas, dezassete frases com modos e tempos verbais, três frases com regência preposicional, quatro frases pronominais e três frases com diversidades gráficas. A amostra de resultados do inquérito linguístico realizado no corredor Luanda/ Malanje é representado por categorias frásicas, como se pode ver nas tabelas abaixo.

Tabela nº 5: Frases interrogativas

Grupo I: frases interrogativas		Valores correspondentes a respostas seleccionadas por Províncias			Frequência	%
Variantes	Frases seleccionadas	C z. Norte	Luanda	Malanje		
PE	1- Aonde vais? 2- Onde moras? 3- De que estás a rir? 4- O que queres? 5- O que fizeste?	29	56	33	118	32,7
PVA	1- Vais aonde?/ Onde vais? 2- Moras aonde?/ Aonde moras? 3- Estás a rir o quê? 4- Queres o quê? 5- Fizeste o quê?	54	112	52	218	60,5
Indecisos		7	12	5	24	6,6
Total		90	180	90	360	100

Nota-se que a maior parte dos estudantes não usa corretamente a norma europeia, uma vez que dos 360 inquiridos, apenas 118 seguem a norma europeia, correspondendo a 32,7% do PE, 60,5 % do PVA e 6,6% indecisos.

Tabela nº 6: Tempos verbais

Grupo II: Tempos verbais		Valores correspondentes a respostas seleccionadas por províncias			Frequência	%
Variantes	Frases seleccionadas	Cz. Norte	Luanda	Malanje		
PE	1- Você está distraído. 2- Colega, se o vir chama-o. 3- Estaremos folgados, se o João vier à escola. 4- Estejamos sentados. 5- Vejamos bem. 6- Sejam bem-vindos. 7- Embora esteja a chover irei à escola. 8- Deus queira que não chova. 9- Talvez se tenha esquecido. 10- É possível que ele traga mais livros. 11- Oxalá não nos peçam muitas avultadas. 12- Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? 13- Caros utentes, batam à porta antes de entrar. 14- Senhor, mantenha a porta fechada.	39	66	38	143	39,7

PVA	1- Você estás distraído. 2- Colega, se lhe ver chama-lhe. 3- Estaremos folgados, se o João vir à escola. 4- Estejemos sentados. 5- Vejemos bem. 6- Sejem bem-vindos 7- Embora está a chover, irei à escola. 8- Deus queira que não chove. 9- Talvez, se tem esquecido. 10- É possível que ele traz mais livros. 11- Oxalá não que não nos pedem muitas avultadas. 12- Crês que a secretaria ainda está abertaa esta hora? 13- Caros utentes, batem à porta antes de entrar. 14- Senhor, mantém a porta fechada.	51	103	50	204	56,6
Indecisos		—	11	02	13	3,6
Total		90	180	90	360	100

Quanto à amostragem desta tabela, os resultados revelam um fraco uso da norma portuguesa, considerando a diferença de valores dos totais de resposta. Na verdade, mais de 50% de inquiridos (um total de 204) seleciona frases de PVA.

Tabela nº 7: Regência preposicional

Grupo III: Regência preposicional		Valores correspondentes a respostas seleccionadas por províncias			Frequência	%
Variante	Frases seleccionadas	Cz. Norte	Luanda	Malanje		
PE	1- A Joana cuidou da mãe até à morte. 2- A mãe foi ao mercado. 3- Telefona ao pai. 4- O pai saiu com a viatura. 5- Houve um alvoroço, depois de ter saído na escola. 6- Dissociou-se no grupo, por publicar imagens obscenas. 7- Dedicou-se na profissão, para não padecer. 8- O artista dedicou a obra nos seus pais. 9- A situação chegou num ponto crítico. 10- Entreguei os documentos no chefe. 11- Falei ao colega.	27	72	36	135	37,5
PVA	1- A Joana cuidou a mãe até a morte. 2- A mãe foi no mercado. 3- Telefona o pai. 4- O pai saiu de viatura. 5- Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. 6- Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. 7- Dedicou-se à profissão, para não padecer. 8- O artista dedicou a obra aos seus pais. 9- A situação chegou a um ponto crítico.	60	104	51	215	59,7

	10- Entreguei os documentos ao chefe. 11 - Falei a ele/ lhe falei.					
Indecisos		3	4	3	10	2,7
Total		90	180	90	360	100

Relativamente à regência preposicional, a tabela acima mostra-nos que 215 estudantes efetuam substituições desviantes, havendo 10 estudantes indecisos e 135 que seguem a norma padrão. Como se pode ver, apenas 38 % dos estudantes demonstraram ter domínio da norma europeia.

Tabela nº8: Uso de pronome

Grupo IV: uso de pronomes		Valores correspondentes a respostas seleccionadas por Províncias			Frequência	%
Variantes	Frases seleccionadas	Cz. Norte	Luanda	Malanje		
PE	1- Vou queixar-me de ti ao pai? 2- O pai não me telefonou. 3- Porque nos preocu-pamos com isso? 4- Os vidros estão sujos, lavá-los-ei logo à tarde.	43	76	38	157	43,6
PVA	1- Vou te queixar ao pai. 2- O pai não telefonou-me. 3- Porque preocuparmos-nos com isso. 4- Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde.	47	104	49	200	55,5
Indecisos		—	—	3	3	0,8
Total		90	180	90	360	100

No que toca ao uso dos pronomes, nota-se um contínuo desvio de norma europeia, uma vez que a tabela acima indica que apenas 44% dos inquiridos segue o PE, sendo que os demais efetuam construções frásicas desviantes.

Tabela nº 9: Grafia do léxico bantu (topónimos)

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)		Valores correspondentes a respostas selecionadas por províncias			Frequência	%
Variantes	Frases selecionadas	Cz. Norte	Luanda	Malanje		
PE	1- O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no município da Quiçama. 2- A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange 3- A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kuanza, na província de Cuanza-norte.	38	102	44	184	51
PVA	1- O santuário Nossa senhora da Muxima situa-se no município da Quissama/ Kisama. 2- A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje. 3- A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kuanza na província do Kuanza-norte.	52	78	46	176	48,8
Indecisos		—	—	—	—	—
Total		90	180	90	360	100

Em conformidade com a tabela acima, 184 estudantes, correspondente a 51%, efetuam construções não desviantes. Contrariamente às demais tabelas, verifica-se aqui uma conformidade com a norma do português europeu.

Tabela nº 10: Línguas maternas dos inquiridos

Língua materna dos inquiridos (variante de resposta)	Cz. Norte	Luanda	Malanje	Total	%
Português	47	116	42	205	57
Kimbundu	29	23	36	88	24
Outras línguas bantu	14	41	12	67	19
Total	90	180	90	360	100

A tabela a seguir apresenta os dados linguísticos das três províncias por género:

Tabela nº 11: Resultados de dados por género

Inquérito	Províncias	Masculino						Feminino					
		Variantes						Variantes					
		PE	%	PVA	%	Indec. ⁴²	%	PE	%	PVA	%	Ind.	%
Grupo I	Cz. Norte	12	13	25	28	3	3	17	19	29	32	4	4
	Luanda	24	13	40	22	5	3	32	18	72	40	7	4
	Malanje	14	16	22	24	3	3	19	21	30	33	2	2
Grupo II	Cz. Norte	16	18	24	27	___	___	23	26	27	30	___	___
	Luanda	25	14	40	22	4	2	41	23	63	35	7	4
	Malanje	15	17	22	24	2	2	23	26	28	31	___	___
Grupo III	Cz. Norte	10	11	27	30	3	3	17	19	33	37	___	----
	Luanda	29	16	40	22	___	___	43	26	64	36	4	___
	Malanje	16	18	23	26	___	___	20	22	28	31	3	3
Grupo IV	Cz. Norte	25	28	15	17	___	___	18	20	32	36	___	___
	Luanda	30	17	39	22	___	___	46	26	65	36	___	___
	Malanje	16	18	20	22	3	3	22	24	29	32	___	___
Grupo V	Cz. Norte	18	20	22	24	___	___	20	22	30	33	___	___
	Luanda	39	22	30	17	___	___	63	35	48	27	___	___
	Malanje	20	22	19	21	___	___	24	27	27	30	___	___

Para maior esclarecimento, seguem-se os mesmos resultados em valores numéricos globais, apresentados em quadros e gráficos por cada província.

⁴² São considerados indecisos todos os informantes que sinalizaram mais de um espaço para uma única resposta.

Tabela 12: Dados linguísticos da província de Cuanza-Norte

Província	Variante linguística	Grupos de inquiridos						%
		I	II	III	IV	V	Total	
Cuanza-Norte	PE	29	39	27	43	38	176	39
	PVA	54	51	60	47	52	264	59
	Indecisos	7	—	3	—	—	10	2
	Total	90	90	90	90	90	450	100

De acordo com estes dados, temos os seguintes indicativos percentuais: dos 90 alunos inquiridos na província do Cuanza-Norte, no primeiro grupo de questionário 29 usam o PE 54 falam o PVA e há 7 indecisos; no segundo grupo, 39 são utentes do PE e 51 utentes do PVA; no terceiro grupo, 27 falam o PE, 60 usam o PVA e há 3 indecisos; no quarto grupo, 43 usam o PE e 47 são falantes do PVA; no quinto grupo, 38 falam o PE e 52 usam o PVA, perfazendo 39% do PE, 59% do PVA e 2% dos indecisos.

Podemos deduzir que a interferência das línguas bantu está na base destes desvios da norma padrão. A maior parte dos alunos inquiridos transfere a estrutura do kimbundu para o português.

Gráfico nº1 correspondente à tabela nº12

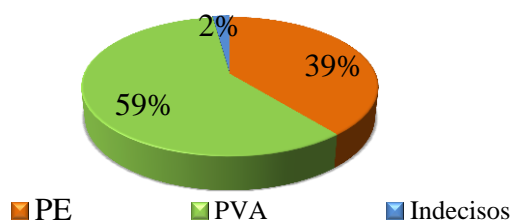


Tabela nº13: Dados linguísticos da província de Luanda

Província	Variante linguística	Grupos de inquiridos						%
		I	II	III	IV	V	Total	
Luanda	PE	56	66	72	76	102	372	41
	PVA	112	103	104	104	78	501	56
	Indecisos	12	11	4	—	—	27	3
	Total	180	180	180	180	180	900	100

Relativamente a Luanda e aos 180 alunos inquiridos, os dados indicam o seguinte: no primeiro grupo, 56 utilizam o PE, 112 o PVA e há 12 indecisos; no segundo grupo, 66 falam o PE, 103 PVA e 11 indecisos; no terceiro grupo, 72 usam o PE, 104 usam o PVA e 4

indecisos; no quarto grupo, 76 falam PE e 104 falam o PVA; no quinto grupo, 102 são utentes do PE e 78 utentes do PVA, correspondendo a 41% de PE, 56% PVA e 3 indecisos.

Os dados acima apresentados mostram que, embora Luanda seja a cidade com maior número de falantes da língua portuguesa em Angola, a influência das línguas bantu, particularmente o kimbundu, ainda, provoca muita interferência no português falado nesta região.

Gráfico n°2 correspondente à tabela n°13

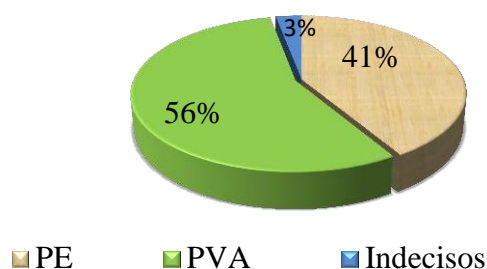


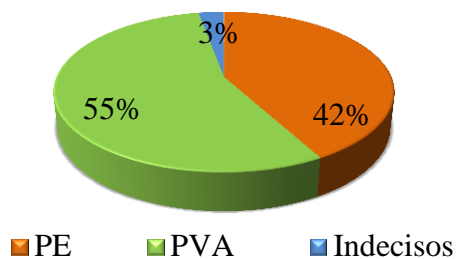
Tabela n°14: Dados linguísticos da província de Malanje

Província	Variante Linguística	Grupos de inquéritos						%
		I	II	III	IV	V	Total	
Malanje	PE	33	38	36	38	44	189	42
	PVA	52	50	51	49	46	248	55
	Indecisos	5	2	3	3	—	13	3
	Total	90	90	90	90	90	450	100

Quanto à província de Malanje e aos 90 alunos inquiridos, os indicadores mostram o seguinte: no primeiro grupo, 33 utilizam o PE, 52 o PVA e há 5 indecisos; no segundo grupo, 38 usam o PE, 50 usam o PVA e 2 indecisos; no terceiro grupo, 36 seguem o PE, 51 usam o PVA e 3 são indecisos; no quarto grupo, 38 usam o PE, 49 são utentes do PVA e 3 indecisos; no quinto grupo, verificou-se que 44 utilizam o do PE e 46 correspondem a PVA, o que totaliza 42% do PE, 55% do PVA e 3 indecisos.

À semelhança das demais províncias, Malanje apresenta um maior índice de interferências do Kimbundu no português. Segundo os dados acima, a maior parte dos falantes da língua portuguesa, nessa província, transferem algumas estruturas do Kimbundu L1 para o português L2, o que de certa forma provoca vários desvios da norma padrão.

Gráfico n°3 correspondente à tabela n°14



Dados linguísticos por géneros:

Tabela n°15: Dados por género, província de Cuanza-Norte

Género	Número	%
Masculino	40	44
Feminino	50	56
Total	90	100

Em conformidade com a tabela, dos 90 estudantes inquiridos na província do Cuanza-Norte, registaram-se 40 estudantes de género masculino e 50 do género feminino, o que perfaz 44% do género masculino e 56% do género feminino.

Gráfico n°4 correspondente à tabela n°15

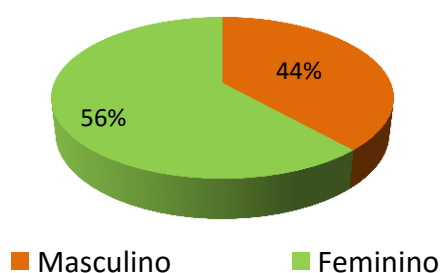


Tabela nº16: Dados por género, província de Luanda

Género	Número	%
Masculino	69	38
Feminino	111	62
Total	180	100

Em Luanda, dos 180 estudantes 69 são do género masculino e 111 do género feminino, respetivamente 38% e 62%.

Gráfico nº5 correspondente à tabela nº16

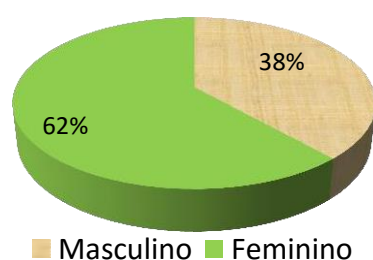
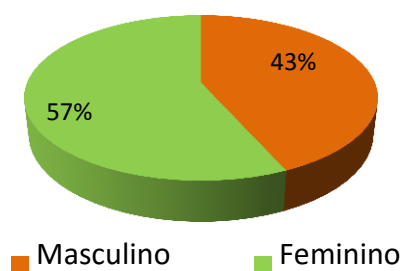


Tabela nº17: Dados linguísticos da província de Malanje

Género	Número	%
Masculino	39	43
Feminino	51	57
Total	90	100

À semelhança da província de Cuanza-Norte, em Malanje, foram inquiridos 90 estudantes, 39 do sexo masculino e 51 do sexo feminino, respetivamente 43% e 57%.

Gráfico nº6 correspondente à tabela nº17



No que concerne ao levantamento de dados efetuados nas conservatórias de registo de nascimento, tivemos acesso a 4 livros em conservatórias centrais, isto é, dois livros em cada província. Como dissemos, atendendo à relação incontornável entre topónimos e antropónimos, analisámos esses livros com o objetivo de constatar a diversidade ortográfica. No entanto, constatou-se que a maior parte dos nomes são portugueses, sobretudo os antropónimos. Relativamente aos topónimos, verificou-se uma divergência gráfica, por exemplo, nos topónimos Cuanza-Norte, Malanje, Calandula, Lucala, etc. Notou-se a existência de duas grafias: *Kwanza Norte*, *Malange*, *Kalandula*, *Lukala*. Dessa forma, compreende-se a necessidade premente de uniformização gráfica⁴³.

Assim, podemos afirmar que o PVA ocupa maior espaço nos lares da região ambundu. Os dados acima indicam que, embora o português europeu seja o padrão a seguir, na prática, a língua usada pela maioria da população não corresponde à norma do PE. Poucos são os falantes que fazem uso da norma europeia e os que a usam fazem-no com muito esforço, pois a sua realidade linguística difere da forma padrão.

Desta maneira, o uso recorrente dos empréstimos kimbundu no português provoca alterações no próprio sistema estrutural do português. Para responder às necessidades comunicativas, quando se trata de observância das normas da língua padrão, os utentes recorrem ao sistema linguístico kimbundu.

O padrão linguístico ensinado nas escolas não corresponde à variedade sociolinguística mais predominante nessa região. De uma maneira geral, verifica-se que o português falado em Angola se demarca, cada vez mais, da norma do PE que é exigida na escola. As políticas linguísticas adotadas para a oficialização do português não se adequaram à predominância das línguas bantu, que compõem o maior mosaico cultural do país.

Defendemos neste trabalho que o português seja falado na diversidade, isto é, à semelhança do Brasil, onde a língua assumiu um padrão diferente da norma europeia. Angola, pelo seu contexto geográfico e cultural, pode ser mais um caso de padronização da sua variante linguística. Mas isto não implicará liberdade de transgressão de normas gramaticais, apenas desenvolvimento de uma variante da língua, que não é estática, como já dissemos.

⁴³ Relativamente aos dados obtidos nas conservatórias do registo de nascimento, por se tratar de nomes de cidadãos, apesar de termos autorização superior (anexo A), entendemos não publicá-los por razões de preservação de direitos de personalidade.

Os dados e resultados que apresentámos nas linhas anteriores permitem concluir que, apesar de não existir uma norma do PVA, observa-se uma realidade linguística diferente da norma europeia.

4.2. Nacionalização da língua portuguesa em Angola: um facto necessário

A nacionalização de uma língua está intrinsecamente ligada à política e planificação linguística. Como é sabido, o estabelecimento de uma política linguística é uma responsabilidade do Estado. Sendo a língua um produto social e identificador da cultura de um povo, cabe ao poder executivo determinar o estatuto e as funções sociais de uma língua. Em qualquer sociedade humana, as grandes decisões sobre as línguas e seu uso dependem de quem governa. Pelo que nos parece, a política linguística é indissociável da planificação linguística, ambas andam em paralelo, ou seja, a planificação linguística só é efetiva se as políticas linguísticas estabelecidas pelo Estado forem favoráveis ao desenvolvimento das línguas.

Segundo Robert Cooper (1997: 47),

La planificación lingüística generalmente responde a objetivos no lingüísticos, como la protección del consumidor, el intercambio científico, la integración nacional, el control político, el desarrollo económico, la creación de nuevas elites o el mantenimiento de las existentes, la pacificación o asimilación de grupos minoritarios y la movilización masiva de movimientos nacionales o políticos.

Para nós, política linguística é um conjunto de decisões atinentes ao desenvolvimento, uso e funcionamento sistemático de uma língua, seja ela nacional, oficial ou estrangeira. Assim sendo, a normalização de uma língua pode ser entendida como uma política linguística ou decisões políticas que visam manter a ordem ou regras que uma língua impõe. Uma língua normalizada torna-se uma base de identidade cultural e patrimonial de uma nação. No caso de Angola, apesar de existirem diversas línguas de origem bantu e não bantu, a forma como o português se propagou precisa de uma instrumentalização normativa, isto é, de uma revisão linguística que lhe possa atribuir uma norma capaz de corresponder às expetativas dos seus falantes.

No traçado das políticas públicas, a língua não deve ser esquecida ou posta em segundo lugar. Ela é o garante de qualquer desenvolvimento de uma sociedade. O português deve ser adaptado à realidade angolana, capaz de realizar os anseios da população local.

Como se pode notar, a política colonial que excluía as línguas nativas de Angola no ensino e aprendizagem, hoje tem reflexos nefastos no desenvolvimento linguístico. É um erro

considerar que o português falado em Angola é o da norma europeia, ainda que nas escolas se ensine a norma do PE. De certa forma, alguns académicos poderão não concordar connosco, mas, na verdade, se se fizer um estudo mais apurado, constatar-se-á que ainda haja angolanos que falem e escrevam segundo a norma europeia, a maioria dos que compõe os mais de 24 milhões de habitantes tem um fraco domínio linguístico do padrão europeu. Aliás, mesmo os que têm um sólido domínio do português europeu, pela força do contexto social e cultural, são influenciados pelo uso de estruturas do português da variante angolana. Defender a padronização do português em Angola não é vulgarizar a língua. Aliás, a existência de duas normas nesta língua demonstra que a língua deve ser falada na diversidade. Discordamos da ideia segundo a qual, a existência de várias normas provoca uma perturbação linguística, pelo contrário aumenta o leque de conhecimentos. Quanto a isto, Robert L. Cooper (1997: 163) diz que “una lengua normalizada ayuda a mantener un dique contra el mar de baja moral que amenaza arrasar el orden social, y con él el orden moral.”

Em qualquer lugar do mundo lusófono, o português da variante angolana é foneticamente identificável. No entanto, não importa somente esta forma oral. Para que essa variante falada seja reconhecida, é necessária a sua normalização gráfica. Como é sabido, a língua exerce um papel unificador de um estado ou nação, por isso, a normalização do português angolano seria um fator de solidificação de noção de Estado-nação.

A respeito de normalização linguística, Luis González Nieto (2001:141) considera que “así pues, la principal función de la lengua estándar es simbólica; facilita la identificación de una comunidad como tal, se convierte en lengua nacional, en lengua de la enseñanza y desempeña un papel unificador del Estado”. Na verdade, há que ter em conta que o exercício de normalização de uma língua não é uma tarefa fácil, mas requer conjugação de muitos esforços e cooperação multissetorial. Não é uma simples tarefa do governo e dos linguistas, mas deve envolver quase todas as classes sociais, desde instituições académicas, religiosas, fundações ou associações filantrópicas, a comunicação social, etc. Na mesma perspetiva, Luis González Nieto (2001:141) acrescenta:

Dada la codificación como un objetivo, se formula y se presenta a toda la comunidad lingüística o a parte de ella como un bien deseado mediante gramáticas, diccionarios,

ortografías, estilísticas y textos ilustrados, escritos u orales. Finalmente se promociona la variedad de lengua codificada (es decir, estandarizada) por medio de agentes y autoridades como gobiernos, sistemas educativos, medios de comunicación, instituciones religiosas y el mismo «sistema» cultural.

Conforme explicámos no capítulo anterior, uma língua tem de ser dinâmica. Como se sabe, à medida que é utilizada como um instrumento de comunicação humana, acompanha o dinamismo dos seus utentes; essas mudanças linguísticas podem ser influenciadas por diversos fatores geográficos, históricos e políticos. No caso angolano, temos de analisá-la quanto aos aspetos geográficos e históricos. Como fator geográfico, aponta-se a existência de diversas línguas bantu e não bantu que exercem maior influência no português. Quanto a fator histórico, sabe-se que a implementação de português, em Angola, não obedeceu aos critérios didático-pedagógicos de ensino de L2, o português foi introduzido na escola como que se fosse uma língua materna de todos os angolanos, dali a existência de uma variante linguística associada à realidade sociocultural da população angolana.

Robert Cooper (1997: 166), quanto a este assunto, entende que:

Por lo general, la normalización de las variedades escritas ha dado más resultado que la normalización de las variedades habladas. Ello obedece a varios motivos: la necesidad de una sola variedad escrita normalizada es mayor que la necesidad de una sola variedad hablada normalizada; probablemente sea más fácil impartir mediante la escolarización una variedad normalizada escrita, que los alumnos adquieren más o menos juntos desde el comienzo de sus estudios, que pretender normalizar variedades ya habladas por los alumnos cuando entran a la escuela; por último, los escritores en general pueden ejercer un mejor control de su escritura que los hablantes de su habla.

Os resultados do inquérito linguístico por nós realizado em 2016, nas províncias de Luanda, Cuanza-Norte e Malanje, demonstram que a maior parte dos alunos inquiridos eram utentes de PVA. Apesar de serem finalistas do II ciclo do ensino secundário e médio, os dados mostram que a maioria dos estudantes realiza construções frásicas desviantes.

CONCLUSÃO

No início deste trabalho, propusemo-nos abordar a coabitação linguística entre o português e kimbundu em Angola, tendo perspectivado sobretudo o contributo do kimbundu no português falado em Angola, quer no contexto morfossintático, quer no contexto lexical. Atendendo à distância existente entre o kimbundu, língua bantu, e o português, língua neolatina, abordámos aspetos linguísticos de ambas as línguas, a fim de aferirmos as dissemelhanças ou eventuais relações nas suas estruturas. Sendo línguas de grupos linguísticos diferentes, apresentam características nitidamente distintas: o kimbundu é caracterizado por um sistema de classes nominais ou prefixos concordantes, sendo um dos maiores traços de todas as línguas bantu; o português apresenta desinências.

A situação linguística angolana é caracterizada pela presença de dois importantes grupos linguísticos: o grupo bantu e o neolatino (o Português). Esses dois grupos modelam, embora de forma diferente, toda a história e cultura dos povos de Angola. A história secular desses dois grupos linguísticos como meio e principal veículo cultural confere a ambos o estatuto de património cultural aceite pela maioria. Neste trabalho, vimos o contraste existente entre as estruturas gramaticais do português e do kimbundu. A coabitação entre as duas línguas tem provocado, de certa forma, construções desviantes no português falado em Angola. Vimos ainda diversos traços do português na oralidade do kimbundu, como também traços do kimbundu na oralidade da língua portuguesa. Após uma incursão sobre as famílias de línguas, apesar de terem origens diferentes, quer em português, quer em kimbundu, os verbos flexionam-se em número, pessoa, modo e tempo. Quanto ao contraste, em português, a vogal temática identifica o paradigma da flexão verbal a que um verbo pertence (1.^a, 2.^a e 3.^a conjugações), ao passo que em kimbundu existem cinco conjugações e o respetivo tema é constituído por um radical mais a vogal final. Verificámos que, por influência das línguas bantu, sobretudo o kimbundu, a maior parte dos falantes tende a suprimir as desinências finais: -s, -r. Assim sendo, os falantes de língua portuguesa, na condição de uma L2, normalmente transferem a estrutura do kimbundu para o Português. Neste caso, as estruturas divergentes do kimbundu interferem na língua portuguesa. Assim, o falante do kimbundu transfere para o português características das suas línguas maternas (o kimbundu, nomeadamente), provocando alterações na estrutura gramatical da língua portuguesa.

Depois da abordagem entre kimbundu e português em Angola, vimos que os primeiros contactos entre os portugueses e os *ambundu* não foram fáceis, uma vez que houve muitas resistências. Os *ambundu* travaram muitas lutas contra a permanência portuguesa na sua região; todavia, os portugueses, para atingirem os seus objetivos, usavam a palavra de Deus como um escudo ou meio de penetração e posterior instalação. Numa breve historiografia linguística do kimbundu e o português, abordámos a história da expansão linguística por meio da evangelização cristã, com maior destaque para o catecismo que servia de um grande instrumento para a penetração em territórios africanos. Os factos históricos indicam que, durante a colonização, se estabeleceu uma classe de elite afro-portuguesa que ocupava os principais cargos da administração pública e estava envolvida no tráfico de escravos; essa classe tinha como língua materna o kimbundu, facto que a tornou numa língua com maior prestígio, sendo a mais usada em quase todos os lares de Luanda e na vida quotidiana da cidade.

Durante o tráfico no Brasil, o kimbundu exercia o papel de língua geral, pois servia de identidade cultural de muitos negros africanos de grupo bantu, sobretudo da região da África Austral. Como vimos, as línguas africanas, no Brasil, são uma consequência dos milhares de africanos levados para o tráfico, sobretudo os da zona bantu. Os dados demonstraram que a zona bantu foi a que mais sofreu com o tráfico de escravos, pois por todas as localidades do Brasil existiam línguas do grupo bantu. Assim sendo, o contacto do português com o kimbundu no Brasil, deu origem a diversas transformações. Neste contexto, a formação do português como língua nacional do Brasil assinalou diversas mudanças, com particular realce para as línguas gerais dos escravos como o kimbundu e yoruba.

O contacto entre o kimbundu com o português deu origem a alguns fenómenos linguísticos relevantes, nomeadamente o *bantuísmo* (fenómeno de incorporação lexical das línguas bantu na língua portuguesa), *kimbundismo* (léxico do kimbundu presente no sistema linguístico da variante do português de Angola); *kimbunduguês* (construção frásica híbrida ou frases constituídas por elementos do kimbundu e do português) e os portuguesismos (conjunto de unidades lexicais de línguas neolatinas incorporadas nas línguas bantu). A coabitação entre o português e o kimbundu, em Angola, permitiu o surgimento de uma variante sociolinguística diferente. Atendendo à multiplicidade de línguas locais, o português falado em Angola aos poucos tem demarcado do português europeu. Sendo a língua um património cultural imaterial, esta dinâmica que a língua tem atingido nesse território, leva a perceber que o português cresceu de uma simples língua franca para uma língua oficial, que tende para uma

língua nacional, tendo em conta o número de angolanos que a têm como sua língua materna. Assim, o português em Angola, a par das línguas africanas, ocupa o papel de uma língua nacional, embora pareça ridículo para muitos que ainda a consideram língua dos colonizadores. O português nunca ocupou tão vasto espaço como hoje; dizer que esta língua não é angolana, só pelo facto de ser uma língua imposta pela ex-potência colonial, não seria a melhor via.

O contributo lexical fez-nos refletir sobre alguns topónimos de línguas bantu de Angola, particularmente os de Kimbundu, que apresentam mais de uma grafia. A ortografia do kimbundu foi deturpada, pois cada autor adotava o seu sistema ortográfico. Concluiu-se que as diversas grafias toponímicas têm provocado grandes dificuldades na sua escrita, quer no contexto político-administrativo, quer no âmbito escolar. As políticas linguísticas estabelecidas no período colonial, que visavam valorizar a língua portuguesa em detrimento das línguas nativas, se, por um lado, pareceram benéficas para o desenvolvimento e expansão da língua do colonizador, por outro lado, tiveram demasiadas consequências para as línguas locais. O acentuado distanciamento entre o PVA e o PE atribui-se à proibição de uso das línguas autóctones nas instituições de ensino, administração e nos meios de comunicação; as pessoas procuraram aprender a língua da metrópole nas suas diversas vertentes, sob protesto de se tornarem assimilados e deixaram de lado o interesse em aprender com precisão as línguas maternas. Essa política linguística levada a cabo pela potência colonial, hoje, tem consequências drásticas no português falado em Angola.

Desde a independência nacional, em 1975, as políticas públicas angolanas sempre favoreceram a língua portuguesa; as línguas angolanas sempre foram postas de lado, sem um estatuto. Vimos também que adoção do português como língua oficial foi um processo comum em quase todos os países africanos. Entretanto, em Angola deu-se o facto comum de uma intensa disseminação do português entre a população, a ponto de haver uma expressiva parcela de população que a tem como sua única língua.

Na medida em que diversas opiniões vão surgindo sobre a padronização ou nacionalização do português angolano, achamos que para algumas localidades onde as línguas autóctones são mais predominantes, o ensino do português carece de uma metodologia didático-pedagógica, ou seja, nessas regiões, a língua portuguesa deveria ser ensinada como L2, pois a maioria dos seus habitantes só a falam no contexto escolar ou administrativo. Sendo um país plurilingue, a criação de uma norma do português angolano proporcionaria aos seus utentes mais valências e domínio de ambas as estruturas do sistema linguístico, sem que

houvesse interferências ruidosas entre as línguas, embora este tipo de fenómeno seja incontornável entre línguas em coabitação.

A ideologia segundo a qual um Estado corresponde uma só língua oficial, no contexto angolano não encontra fundamentos, tendo em conta a sua diversidade linguística. O ensino bilingue é o mais adequado para a realidade de Angola. O bilinguismo facilitaria o aceleração do desenvolvimento da língua portuguesa, se considerarmos que os falantes já possuem certas regras da gramática implícita das suas línguas nativas. O uso das demais línguas maternas no sistema do ensino ajudaria a salvaguardar a identidade cultural dos povos; as línguas maternas poderiam ser um fator essencial na promoção de um melhor ajustamento entre a educação informal e a formal. Na aprendizagem de uma língua há que se ter em conta alguns fatores que podem condicionar o seu desenvolvimento. Ao ensinar uma língua segunda deve-se considerar as habilidades que o aprendente tem sobre a sua língua primeira, pois, quanto maior for o domínio de L1, maior será a facilidade de apreensão das regras gramaticais da língua segunda.

Em Angola a língua de origem ocidental é a mais prestigiada, neste caso, não se pode dizer que existe bilinguismo ou multilinguismo; o que existe é uma diglossia. As línguas nativas são relegadas para segundo ou terceiro plano, caso haja necessidade de as usar.

BIBLIOGRAFIA

- Adriano, P. S. (2014). *Tratamento Morfossintático de Expressões e Estruturas Frásicas do Português em Angola: Divergências em Relação à Norma Europeia*. (Tese de doutoramento em Linguística). Portugal: Escola de Ciências Sociais, Departamento de Linguística. Universidade de Évora.
- Alkmim, T., & López, L. A. (2009). *Registros da escravidão: as falas de preto velho e de Pai João*. *Stockholm Review of Latin American Studies* (p.37- 47). Issue No. 4, March.
- Almeida C. J. (2011). *Vieira e África. Padre António Vieira o Tempo e os seus Hemisférios*. Lisboa: Edições Colibri.
- Altuna, A. (1993). *Cultura Tradicional Bantu*. Luanda: (2ª Ed.). Secretariado Arquidiocesano de Pastoral.
- Alves, I. M. (1990). *Neologismo. Criação Lexical*. São Paulo: Ática.
- Anguiano, Mateo (1957). *Misiones Capuchinas en Africa, I - La Mision del Congo*. Vol. VII. Madrid: Biblioteca “Missionalia Hispanica” Instituto Santo Toribio de Mogrovejo.
- Aragão, S. S. (2011). Africanismos no Português do Brasil. *Revista de Letras*. Universidade de Ceará, Universidade Federal de Paraíba.
- Armindo, V. (2008). *Uso do Provérbio Kimbundu, na Região Lenge-Malanje, Reflexões Sobre o Valor Pedagógico das Máximas Populares* (trabalho de fim de curso de licenciatura em Ciências da Educação não editado). Universidade Agostinho Neto, Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda (ISCED).
- _____ (2012). *Estrutura Morfossintática dos Verbos Portugueses e Kimbundu, sua Implicação no Ensino* (Dissertação do Mestrado não editada). Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda.
- Azevedo, M. (2003). *Vozes em branco e preto: a representação literária da fala não-padrão*. São Paulo: Edpus.
- Azevedo, A. M. (2011). O Padre António Vieira e a Conversão do Gentio. In: Maria do Rosário Pimental e Maria do Rosário Monteiro (coord.), *Padre António Vieira o Tempo e os seus Hemisférios*. Lisboa: Edições Colibri.
- Barroso G. (1947). *Através de todos os folklores*. Cendrars (Blaise) – Anthologienègre. Paris: Editions Corrêa.

- Batalha, G. N. (1982). *Língua e Cultura Portuguesas Em Goa “Estado Actual”*. Macau: Edição de Serviços de Educação e Cultura de Macau.
- Baxter, Alan (1996). Línguas pidgin e crioulas. In: Faria, Isabel Hub. & Pedro, E. R., Duarte, I., Gouveia, C. A. M. (org.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Bechara, Evanildo (2002) [1999]. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editorial Lucerna (37ª edição, revista e alargada).
- Bender, G. (2004). *Angola sob Domínio Português Mitos e realidade*. Luanda. (Coleção ensaio). Editorial Nzila.
- _____ (2013). *Angola sob Domínio Português Mitos e realidade*. Luanda. (2ª Edição). Mayamba Editora
- Benveniste, E. (1966). *Problèmes de Linguistique Générale*. Paris: Gallimard.
- Biderman, M. T. C. (2001). *Terminologia e Lexicologia*. Brasil: Universidade Estadual Paulista (UNESP).
- Bonvini, E. (2008). Línguas africanas e português falado no Brasil. São Paulo: In: José Luís Fionin e Margarida Petter (org.), *Africa no Brasil A Formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editorial Contexto, pp.15-62. Contexto.
- Boubacar, D. (1987). *Gramática Mbunda*. Luanda-Angola: UNESCO, ILN.
- Boxer, C. R. (1973). *Salvador de Sá e a luta pelo Brasil e Angola. 19602-1686*. Trad. Oliveira Pinto. São Paulo: Nacional/Edusp.
- Calvet, L. J. (2002). *Sociolinguística, uma Introdução Crítica* (4ª Edição). (Trad. Marcos Macionilo). São Paulo: Parábola Editorial.
- Cardoso, Hugo C., Hegemeijeir, Tjerk & Alexandre, Nélia (2015). Crioulos de base lexical portuguesa. In: Maria Iliescu & Eugén Roegiest (eds.), *Manuel des Anthologies, Corpus et Textes Romans* (pp. 670-692). Dordrech: De Gruyter.
- Cardoso, W. & Cunha, C. (1978). *Estilística e Gramática Histórica*. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro.
- Carreira, António (1982). *O Crioulo de Cabo Verde. Surto e Expansão*. Portugal: Gráfica Europam, LDA.
- Carvalhinos, P. A. & Lesandra, M (2007). *Princípios Teóricos da Toponímia e Antroponímia: A Questão do Nome Próprio*. Rio de Janeiro: [s.n.].
- Carvalho, A. M. (org.) (2009). *Português em contacto*. Madrid. Editorial Vervuert.

- Castilho (2002). Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: B. Marcos, *Linguística da Norma* (p.27-35). São Paulo: Ed. Layoca.
- Černý, Jiří (2006) *História da Linguística*. Extremadura: Universidade de Extremadura.
- Charles, B, & Albert, S. (2009). *Ferdinand de Saussure Curso de Linguística Geral*. (3ª Reimpressão). Madrid: Ed. Akal.
- Chatelain, H. (1888-1889). *Kimbundu Grammar: Gramática elementar de kimbundu ou língua de Angola*. Genebra.
- Chavagne, J. P. (2005). *La langue portugaise d'Angola. Etude des écarts par rapport à la norme européenne du portugais*. (Tese de doutoramento não publicada). Lyon: Université Lumière Lyon, Faculté de langues.
- Chicuna, A. M. (2003). *Léxico Português-Kiyombe do Corpo Humano: Particularidade dos Morfemas Flexionais* (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade Nova de Lisboa.
- _____. (2015). *Portuguesismos nas Línguas Buntu. Para um Dicionário Português Kiyombe*. Lisboa: Colibri.
- Cintra, Luís F. Lindley (1986). *Sobre “formas de tratamento” na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Cole, D. Doke's (1961). Classification of Bantu Languages: *in: Contributions to the History of Bantu Linguistics. Papers contributed by C.M. Doke and D. T. Cole* (1935-1960) Witwatersrand University Press.
- Cooper, Robert (1997). *La Planificación Lingüística y el Cambio Social*. Madrid: Cambridge University Press.
- Couto, Hildo Honório do (2009). O português e o crioulo na Guiné-Bissau. In: Ana M. Carvalho Ana, M. C. (org.). *Português em Contacto*. Madrid, Frankfurt: Editorial Vervuet.
- Coseriu, Eugénio (1979). *Sistema, Norma e fala. In teoria da linguagem e linguística geral: cinco estudos*. São Paulo: Edusp.
- Costa, A. F. Da (2006). *Rupturas Estruturais do Português e Línguas Bantu em Angola*. Luanda: Universidade Católica de Angola.
- Correia, M. & Lemos, L. S. P. (2009). *Inovação lexical em português*. Lisboa: Edições Colibri.
- Cristóvão, F. (2011). Vieira: Um Homem à Medida de Um Sonho! In: *Padre António Vieira o Tempo e os seus Hemisférios*. Lisboa: Edições Colibri.

- Cunha, C. & Cintra, L. (2005). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. (18ª Edição). Lisboa: Edições João de Sá da Costa.
- Cruz, Mariana Espindola da (2009). *Revista Voz das Letras*. Universidade do Contestado (UNC).
- Derek, Nurse (2008). *Tense and Aspect in Bantu*. Oxford: Oxford University Press.
- Dias, Pedro (1697). *Arte da Língua de Angola*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.
- ____ (2010). *Arte da Língua de Angola*. Edição de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial (1ª ed. 1697).
- Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1980). *A Motivação Topômica. Princípios Teóricos e Modelos Taxionômicos*, Tese de Doutorado USP, Brasil: Universidade de São Paulo.
- Dipietro, R. J. (1986). *Estruturas Linguísticas en Contraste*. (Trad: Siegen, F.M.P. de). Madrid: Gredos.
- Durão, A. B. A. B. (1999). *Análisis de Errores e Interlengua de Brasileños aprendices de español y de Españoles Aprendices de português*. Londrina: Ed. Uel.
- Faraco, C. A. (2005). *Linguística Histórica: uma Introdução ao estudo da História das línguas*. São Paulo: Parábola.
- Faria, Isabel Hub. & Pedro, E. R., Duarte, I., Gouveia, C. A. M. (1996). *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Fernandes, J. & Ntongo, Z. (2002). *Angola Povos e Línguas*. Luanda: Nzila.
- Fernandes, X. I. (1941). *Topónimos e Gentílicos*. (Vol. I). Porto: Educação Nacional.
- Ferreira, Mendell (2011). *O papel da Igreja frente à escravidão indígena e africana nos Séculos XVII e XVIII: um olhar sob a perspectiva dos Padres António Vieira e João António Andreoni (Antonil)*. (tese de doutoramento não editada). Brasil: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências humanas, Faculdade de História.
- Firmino, Gregório (2005). *A Questão linguística na África pós-colonial. O caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Textos Editores.
- Fonseca M. C. (2006). *Historiografia Linguística Portuguesa e Missionária Preposições e posposições no séc. XVIII*. Lisboa: Ed. Colibri.
- Garmadi, J. (1983). *Introdução à Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Moderna. Publicações Dom Quixote.
- Gärtner, E. (1989). “Remarques sur la syntaxe du portugais en Angola e au Mozambique”, in: Massa, Jean-Michel/Perl, Mathias (eds.): *La langue portugaise en Afrique*. Rennes: Université de Haute Bretagne.

- Gleason, H. A. (1985). *Introdução à Linguística Descritiva*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gomes, Edson José (2005). *A Regência dos Verbos falar, sonhar, agradecer, pensar, colaborar e protestar do português e do Francês Sob a Óptica da Linguística Contrastiva*. Brasil: Universidade Estadual de Maringá (UEM).
- Gonçalves, P. (2013). O Português em África. In: *A Gramática do português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Gonzaga, Norberto (1963). *História de Angola*, Lisboa: Ed. CIT.A Fundo de turismo e publicação.
- Guy, Gregory (1981). *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History*. Ph D. Dissertation. University of Pennsylvania.
- Guilbert, Louis (1975). *La Créativité Lexicale*. Paris: Librairie Larousse.
- Guthrie, M. (1948). *The Classification of the Bantu languages*. London: Oxford University Press.
- _____(1967-1971). *Comparative Bantu*. Vols. I-IV. Clarendon: Oxford University Press.
- Hagemeyer, Tjerk (2016). O português em contacto em África. In: Martins, Ana Maria e Ernestina, Carrilho (eds.). *Manual de linguística portuguesa*. Berlim/Boston: De Gruyter, pp. 43-67.
- Heine, B. & Derek, N. (2000). *African languages: an introduction*. Cambridge University press.
- Holm, J. (1987). Creole Influence on popular Brazilian Portuguese. In: Gilbert, G. (ed.). *Pidgin and Creole Languages*. P. 406-429. Honolulu: University of Hawaii Press.
- Isquierdo, A. N. & Krieger, M. G. (2004) *As Ciências do Léxico (II Volume)*. Campo Grande do Sul: Editora UFMS.
- Instituto Nacional de Línguas (1980). *Histórico Sobre a Criação dos Alfabetos em Línguas nacionais*. Luanda: INALD.
- _____(1984). *Introdução à Linguística Bantu*. Luanda: Departamento de Investigação Científica Secretariado de Estado de Cultura.
- Inverno, Liliana (2009). A transição de Angola para o português vernáculo: estudo morfossintático do sintagma nominal. In: Ana M. Carvalho Ana, M. C. (org.). *Português em Contacto*. Madrid, Frankfurt: Editorial Vervuet.
- Jakobson, R. (1969). *Essais de Linguistique Générale*. Paris: Éditions de Minuit.

- José Luís Fiorin e Margarida Petter (orgs.) (2008). *África no Brasil. A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto.
- José, G. H. C. (1983). *Teoria da Língua: Natureza do Fenómeno Linguístico e Análise das Línguas*, (volume 1, 6ª Edição). Coimbra Editora, LDA.
- Kamabaya, Gaspar Moisés (2014). *O Renascimento da Personalidade Africana*. Luanda: Mayamba Editora.
- Kaplan, Abraham (1975). *A Conduta na pesquisa: metodologia para as ciências do comportamento*. São Paulo: (2ª edição). EPU: EDUSP.
- Kukanda, V. (1988). *Introdução à Sociolinguística*. Lubango: Centro de Documentação e Informação, Instituto Superior de Ciências da Educação.
- Lado, R. (1972). *Introdução à lingüística aplicada*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Lapa, R. (1984). *Estilística da Língua Portuguesa*. (11ª Edição). Coimbra Editora, Lda.
- Leite, S. (1947). Padre Pedro Dias, autor da “Arte da língua de Angola”, Apóstolo dos negros no Brasil. *Portugal em África IV* (Segunda série).
- Lesma, I. B. (1973). Errores y aprendizaje. In: SGEL. 2001. *Lingüística Contrastiva. Lenguas y Culturas*. (Trad. J. A. Fernandez). Madrid: Ediciones Alcalá.
- Lima, R. (2010). *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. (48ª Edição). Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Lino, T. M. (1979). *Importância de uma Lexicologia Contrastiva*. in Letras Soltas (vol. 1., p.11-16). Lisboa: Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa.
- _____ (1991). Terminologia da 1. Lexicologia e Lexicografia 2. Terminografia, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Lipski J. M. (2009). Os primeiros contatos afro-portugueses: Implicações para a expansão da língua. In: Ana, M. C. (org.). *O português em Contato*. Madrid: Editorial Vervuet.
- Lopes, D. & Matos, Luís de (1969). *Expansão da língua portuguesa no Oriente nos Séculos XVI. XVII e XVIII*. Porto: Portucalense Editora.
- Lopes, I. S. (1961). *Da Interrogação em Quimbundo, Povos e línguas “bantu”*. Lisboa: Agência Geral do Ultramar.
- Lucchesi, D. (1998). *Sistema, Linguagem e Mudança: Um Percorso da Linguística neste século*. Lisboa: Edições Colibri.
- Lucchesi, D., Baxter, A. & Ribeiro, I. (2009). *O português afro-brasileiro*. Brasil: Universidade de Bahia, EDUFBA.
- Madureira, A. D. (2001). *Histórias de Portugal*. Lisboa: Editorial Estampa.

- Maia, A. S. (1957). *Lições de Gramática de Quimbundo*. (2ª Edição). Missões Cucujães.
- Malumbu, M. (2007). *Gramática Umbundu-português*. Luanda: Paulinas.
- Manuel, M. J. M. (2017). *Conhecimento das diferenças sintáticas entre a língua portuguesa e a língua kimbundu*. (Dissertação de Mestrado não editada). Universidade da Beira Interior.
- Marconi, Marina A. & Lakatos, Eva M. (2010). *Fundamentos de Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Marques *et al.* (1979). *Letras Soltas 1*: Universidade Nova de Lisboa.
- Marques, I. G. (1983). Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola. *Actas do congresso sobre a situação actual da língua portuguesa no mundo* (vol. 1, 2ª edição, p. 205-224). Lisboa: Instituto de cultura e língua portuguesa.
- Marques, A. H. de Oliveira (2001). *Breve história de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.
- Mateus, M. H. M. et al. (2002). *As línguas da península Ibérica*. Lisboa: Ed. Colibri.
- _____(2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- _____(2005). *A Língua Portuguesa em Mudança*. Lisboa: Editorial Caminho.
- _____(2007). *Norma e variação*. Luanda: Editorial Nzila.
- Martinet, André, (1995). *Função e Dinâmica das Línguas*. Tradução portuguesa de Jorge de Moraes Barbosa & Maria Joana Viera Santos. Coimbra: Livraria Almedina.
- Martínez, F. Lerma (2003). *Antropologia Cultural Guia para Estudo*. IMC (4ª Edição). Edições Paulista.
- Mendes, B. C. (1985). *Contribuição para o Estudo da Língua portuguesa em Angola*. Lisboa: Publicações do Instituto de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Mendonça, Renato (2012). *A Influência Africana no Português do Brasil*. Instituto de Pesquisa de relações internacional. Brasília: Fundação Alexandre Gusmão.
- Miguel, M. H. (2003). *Dinâmica da Pronominalização no Português de Luanda*. Luanda: Nzila.
- Mingas A. A. (1998). “O português em Angola: reflexões”, in: *VIII Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa*, (Vol. 1, 109 -126). Macau: Centro Cultural da universidade de Macau.
- _____(2000). *Interferência do Kimbundu no Português falado em Lwanda*. Luanda: Chá de Caxinde.

- Monteiro, M. R. do & Pimentel, M. R. do (2011). *Padre António Vieira o Tempo e os seu Hemisférios*. Lisboa: Edições Colibri.
- Moreno Cabrera J.C. (2004). *Introducción a la Lingüística, Enfoque tipológico y universalista*. (2ª Edición aumentada y revisada). Madrid: Editorial Síntesis.
- Mota, M. A. C. (1996). Línguas em contacto. In: Faria, Isabel Hub. & Pedro, E. R., Duarte, I., Gouveia, C. A. M. (org.), *Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Mounin, G. (1968). *Saussure presentación y textos*, Barcelona: Ed. Anagrama.
- _____(1997). *Introdução à Lingüística*, Lisboa: Ed. Livros Horizontes.
- Moura, V. (2015). Políticas da Língua Portuguesa. In: *A Língua Portuguesa: Presente e futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mouro (2015). Políticas da língua portuguesa. In: *A Língua portuguesa: Presente e Futuro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Naro, A. & Scherre, Marta (1993). Sobre as origens do português popular do Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* São Paulo, 9, n. especial: 437-454.
- Nieto, L. González (2001). *Teoría Lingüística y Enseñanza de la Lengua (Lingüística para profesores)*. Madrid: Ediciones Cátedra.
- Ngunga, A. (2004). *Introdução à Lingüística Bantu*. Moçambique: Imprensa Universitária, Universidade Eduardo Mondlane.
- Ntondo, Z. (2006). *Morfologia e Sintaxe do Ngangela*. Luanda: Nzila.
- _____(2015). *Morfologia do Oshikwanyama*. Luanda: Mayamba Editora.
- Nunes, J. J., (1989). *Compêndio de gramática histórica portuguesa*. (9ª Edição). Lisboa: Clássica Editora.
- Obenga, T. (1985). *Les Bantu: Langues, peuples et civilisations*. Paris: présence africaine.
- Oliveira, Fátima de (2013). Tempo verbal. In: Eduardo Buzzaglo Paiva Raposo *et al.*, *Gramática do português*. Lisboa: FCG, pp. 509-553.
- Oliveira, Luís. R. Cardoso de (2002). *Direito Legal e Insultos Moral: Dilemas da Cidadania no Brasil, Quebec e EUA*. Relume Duma: Rio de Janeiro.
- Oliveira, M. P. P. & Isquerdo (2001). *As ciências de Léxico, Lexicologia Lexicografia Terminologia*. (2ª Edição). Brasil: Universidade de Campo Grande do Sul, UFMS.
- _____(2004). *Ciências do Léxico: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia*. Campo Grande: UFMS.

- Paul, H. (1966). *Princípios Fundamentais da História da Língua*. (2ª Edição). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Pedro, J. D. (1987). *Systématique Phonologique et Grammaticale du kimbundu*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Paris.
- Pélessier, R., & Wheeler, D. (2013). *História de Angola*. Lisboa: Ed. Tinta-da China, Lda.
- Perreira, Dulce (1996). O crioulo de Cabo Verde. In: Faria, Isabel Hub. & Pedro, E. R., Duarte, I., Gouveia, C. A. M. (org.), *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Pessoa, Yeda C. (1976). *De l'integration des apports africains dans les parlers de Bahia au Brésil*. Tese de doutorado. Université Nationale du Zaïre, 2v.
- _____(2001). *Falares africanos na Bahia (um vocabulário afro-brasileiro)*. Rio de Janeiro: Topbooks.
- Petter, M. M. T. (2004). A negação em algumas línguas do grupo banto. In: *Estudos Lingüísticos XXXIII*, p. 268-273. Brasil.
- _____(2007). Línguas Africanas no Brasil. In *África: Revista do Centro de estudos Africanos* (p. 27-28; 63-89). São Paulo: USP.
- _____(2008). *Variedades lingüísticas em contato: português angolano, português brasileiro e português moçambicano*. Universidade de São Paulo: São Paulo.
- Pimentel, Maria do R. (2011). Vieira e a Escravatura: «Cativeiro Temporal» e «Liberdade Eterna» Resumo: In: *Padre António Vieira o Tempo e os seus Hemisférios* p. 45. Lisboa: Edições Colibri.
- Quipungo, J. (2003). *Akwaxi “Somos nós Angolanos”*. Portugal: Queluz. Centro de publicações Cristãs, Lda.
- Randles W.G. L. (1968). *L'ancien royaume du Congo des origines à la fin du XIX^e siècle*. Paris / La Haye: Mouton.
- Raposo, E. B. & Nascimento, Maria Fernanda Bacelar do, Mota, Maria Antónia Coelho da, Segura, Luísa, Mendes, Amália (2013). *Gramática do Português*, vol. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Redinha, J. (1974). *Etnias e Culturas de Angola*: Instituto de Investigação Científica de Angola.
- Reguera, L. V. (1999). *Contacto entre línguas, o crioulo e o “Castrapo”*: especial referência ao caso da Galiza. Galiza: Associação Galega de língua AGAL.

- Rego, S. V. (2000). *Contributo para a constituição de um corpus de portuguesismos em Nyungwe*. (Dissertação do Mestrado não editada). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- _____(2012). *Descrição Sistemático-funcional da gramática do modo oracional das orações em Nyungwe*. (Tese de doutoramento não publicada). Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras.
- Reis, V. (2006). *Sociolinguística, Dinâmica Funcional VS problemas Funcionais da Língua*. Luanda: Nzila.
- Roboredo, Amaro de (2007). *Methodo gramatical para todas as línguas*. (Edição Facsimilada). Centro de Estudos em Letras da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Raposo, Eduardo (1992). *Teoria da Gramática. A Faculdade da linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- Rodrigues, E. (2003). *A Geração Silenciada, A Liga Nacional Africana e a Representação do Branco em Angola na década de 30*. Portugal: Afrontamento.
- Rosa, M. C. (2013). *Uma Língua Africana no Brasil: O Quimbundo ou Língua Africana de Angola na Arte de Pedro Dias*. Rio de Janeiro: Letras.
- Santos, António dos Cavaleiros: A. Santos (2007). *Línguas africanas: breve introdução à fonologia e à morfologia*. Lisboa, A Santos.
- Saussure de F. (1971). *Curso de Linguística Geral*. Por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução: José Victor Adragão. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- _____(2009). *Curso de Lingüística General*. Baily, Ch., & Sechehaye, A. (3ª Reimpressão). Madrid: Ed. Akal.
- Silva, H. M. (2008). *A periferia esquerda da oração em oshikwanyama* (Dissertação do Mestrado não editada). Universidade Federal de Rio de Janeiro.
- Silva, M. B. Nizza (1974). História e Linguística. In: *Separata dos Anais do VII Simpósio Nacional da ANPUH*. Brasil: São Paulo.
- Sure, Kembo (1998). Educação Bilingue num ambiente desigual: o caso queniano. In: *Stroud, C. & Tuzine, A. (orgs.), Uso de línguas africanas no ensino: problemas e perspectivas*. Maputo: INDE.
- Stroud, C. & Tuzine, A. (orgs.) (1998). *Uso de línguas africanas no ensino: problemas e perspectivas*. Maputo: INDE.
- Tarallo, F. & T. Alkmin (1987). *Falares Crioulos. Línguas em Contato*. São Paulo: Editora Ática.

Tizio, Iberê Luiz Di (2009). *Santo André. A causa toponímica na denominação dos seus bairros*. Tese de doutoramento. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Thomason, K. (1988). *Language Contact, Creolization, and Genetic Linguistics*. Berkeley: University of California Press.

UNESCO, Ministério da Educação (2010). *História Geral da África IV*. Representação do Brasil: Universidade Federal de São Carlos.

Vieira, A. (2013). *Sermões do Rosário Maria Rosa Mística II, obra completa do Padre António Vieira*. 2ª Parte Ciclo Mariano Volume IX, Direção: José Eduardo Francisco e Pedro Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores.

Venâncio, J. C. (1996). *A economia de Luanda e Hinterland no século XVIII – um estudo de sociologia histórica*. Lisboa: Editorial Estampa.

Vilela, M. (1979). *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*. Porto: Livraria Civilização Editora.

_____ (1994). *Tradução e Análise Contrastiva: Teoria e Aplicação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Villalva, Alina (2000). *Estruturas morfológicas, unidades e hierarquias nas palavras do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Weeb, Vic (1998). Ensino Multicultural da Língua. In: *Stroud, C. & Tuzine, A. (orgs.), Uso de línguas africanas no ensino: problemas e perspectivas*. Maputo: INDE.

Dicionários

Academia das Ciências de Lisboa (2001). *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*. I- II Vol. Lisboa: Editorial Verbo.

Dubois, J. et al (1973). *Dicionário de Lingüística*. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo: Editora Cultrix.

_____ (1973). *Dictionnaire de Linguistique*. Paris: Librairie Larousse.

Ducrot, O. & Todorov, Tzvetan, (1976). *Dicionário das Ciências da Linguagem*, 3ª edição. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Galisson e Coste (1983). *Dicionário de Didáctica das línguas*, Coimbra: Almedina.

Houaiss, A. & Villar, Mauro de Salles, (2003). *Dicionário Houaiss da Língua portuguesa, Tomo I a III Mer-Zzz, Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa*. Lisboa: Temas e Debates.

Machado, J. P. (1967). *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. Vol. I a III (2ª Edição). Lisboa: Editorial Confluência.

Maia, A. S. (1989). *Dicionário Rudimentar Português-Kimbundu*. Missões Cucujães.

Matoso, A. (2003). *Dicionário da Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Quarteto Editora.

Literatura:

Uanhenga Xitu (1979), *Maka na Sanzala*. Lisboa: Edições 70.

Ribas, O. (2009). *Temas da Vida Angolana e suas Incidências*. (2ª Edição). Luanda: Chá de Caxinde.

Rui, M. (2013). *Quem me dera ser onda*. (1ª Edição). Luanda: Mayamba Editora.

Vieira, j. L. (1975/1985). *A Cidade e a Infância*. (3ª Edição). Luanda: União dos Escritores Angolanos.

Romero S. (1897). *Contos populares do Brasil*. Van Gennepe – LeFolklore.

Outras Fontes:

Constituição da República de Angola (2010). Luanda: Imprensa Nacional – E.P.

Estatuto Orgânico do Ministério da Administração do Território, art. 12-2-2013.

Instituto Nacional de Estatística (2014). *Resultados definitivos do recenseamento geral da populacional e da habitação de Angola*. Luanda: ENE.

Internet:

<http://www.isp.msu.edu/AfrLang/AfrLangMap.htm>... Acesso em 15- 03- 2018.

www.angop.ao/angola/pt_pt/noticias/politica/2006/8/37/Integra-discurso-presidente-Republica-por-ocasio-III-Simposio-Sobre-Cultura,efbaf2f-7019-4cda-93df-14;

Acesso em 21-04-2019.

<https://www.ethnologue.com>, consultado... Acesso em 2019.

<https://www.publico.pt>>opinião... Acesso em 21-04-2019.

www.effaangola.org/AngolaCensus2014-ResultadosDefinitivos-Mar2016.pdf... Acesso em 25- 04- 2019.

ANEXOS

Anexo – A

Autorização de pesquisa

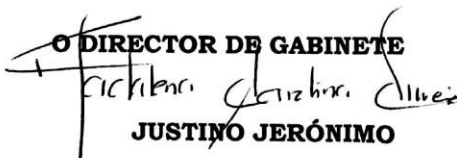


REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GABINETE DO MINISTRO

CREDECIAL

Para os devidos efeitos, dá-se a conhecer às Autoridades Cíveis, Militares e outras a quem o conhecimento desta competir que o Senhor **VICTORIANO ARMINDO** faz parte da *Comissão Multisectorial para a Rectificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, com Vista à sua Ratificação*, está devidamente autorizado por S. Ex.^a Ministro da Educação, **Dr. Pinda Simão**, a contactar, dentro das horas normais de expediente, **as Instituições do Ministério da Justiça, do Ministério da Cultura, do Ministério da Comunicação Social, do Ministério dos Transportes, do Ministério da Indústria, do Ministério de Petróleos e as Administrações Provinciais, Municipais, Distritais e Comunas**, das Províncias de Luanda, do Cuanza Norte e de Malanje para a colecta de dados sobre o tema: *Contributo de Kimbundu no Português em Angola (Aspectos Lexicais)*.

GABINETE DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, EM LUANDA, AOS 19 DE JULHO DE 2016.

O DIRECTOR DE GABINETE

JUSTINO JERÓNIMO



REPÚBLICA DE ANGOLA
GOVERNO PROVINCIAL DO CUANZA NORTE
SECRETARIA

CREDENCIAL

Por esta Credencial, se faz constar às autoridades aquem o conhecimento desta competir, que o Governo Provincial do Cuanza Norte, autoriza que o estudante Doutorando em Língua Portuguesa, **Victoriano Armindo**, proceda à colecta de dados relativos a Tese com o tema "**Contributo de Kimbundo no Português em Angola (Aspectos Lexicais)**" na Delegação Provincial da Justiça, Direcção Provincial da Cultura, Direcção Provincial da Comunicação Social, Direcção Provincial dos Transportes, Direcção Provincial da Indústria, Direcção Provincial da Educação, Administração Municipal do Cazengo, Administração Municipal do Lucala e Administrações Comunsais.

E, para que se lhe não imponha qualquer impedimento, passou-se a presente Credencial que vai assinada e autenticada com o carimbo a óleo em uso nesta Secretaria.

"CUANZA NORTE, O RENASCER DA ESPERANÇA"

SECRETARIA DO GOVERNO PROVINCIAL DO CUANZA NORTE, EM
NDALATANDO, 01 DE AGOSTO DE 2016.-


MANUEL RUI DIOGO DA SILVA

ELABORADO POR: ANTÓNIO PEDRO

Credencial visada pelo governo provincial de Malanje

Autoriza
O Conservador

Mal. 04-08-026



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
GABINETE DO MINISTRO

Autoriza
Paulo Jorge Fernandes
04/07/016

CREDECIAL

Para os devidos efeitos, dá-se a conhecer às Autoridades Civas, Militares e outras a quem o conhecimento desta competir que o Senhor **VICTORIANO ARMINDO** faz parte da *Comissão Multisectorial para a Rectificação do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, com Vista à sua Ratificação*, está devidamente autorizado por S. Ex.^a Ministro da Educação, **Dr. Pinda Simão**, a contactar, dentro das horas normais de expediente, **as Instituições do Ministério da Justiça, do Ministério da Cultura, do Ministério da Comunicação Social, do Ministério dos Transportes, do Ministério da Indústria, do Ministério de Petróleos e as Administrações Provinciais, Municipais, Distritais e Comunas**, das Províncias de Luanda, do Cuanza Norte e de Malanje para a colecta de dados sobre o tema: *Contributo de Kimbundu no Português em Angola (Aspectos Lexicais)*.

GABINETE DO MINISTRO DA EDUCAÇÃO, EM LUANDA, AOS 19 DE JULHO DE 2016.

O DIRECTOR DE GABINETE
Justino Jerónimo
JUSTINO JERÓNIMO





REPÚBLICA DE ANGOLA

Ministério da Justiça

REGISTO E NOTARIADO

Conservatória do Registo Civil de _____

* * *

ASSENTOS DE NASCIMENTO

N.º 1

Ano 2016

Termo de Abertura

Ha-de servir este livro para nele se efectuarem os ASSENTOS DE NASCIMENTO na.....do Registo Civil de..... e contém o número de folhas que constar no termo de encerramento.

..... de..... de.....

O

.....



REPÚBLICA DE ANGOLA

Ministério da Justiça

REGISTO E NOTARIADO

Conservatória do Registo Civil de _____

* * *

ASSENTOS DE NASCIMENTO

N.º 5

Ano 2016

Termo de Abertura

Ha-de servir este livro para nele se efectuarem os ASSENTOS DE NASCIMENTO na.....do Registo Civil de..... e contém o número de folhas que constar no termo de encerramento.

.....,de.....de.....

O,

.....



REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

ASSENTOS DE NASCIMENTO

ANO 1998

Termo de Abertura

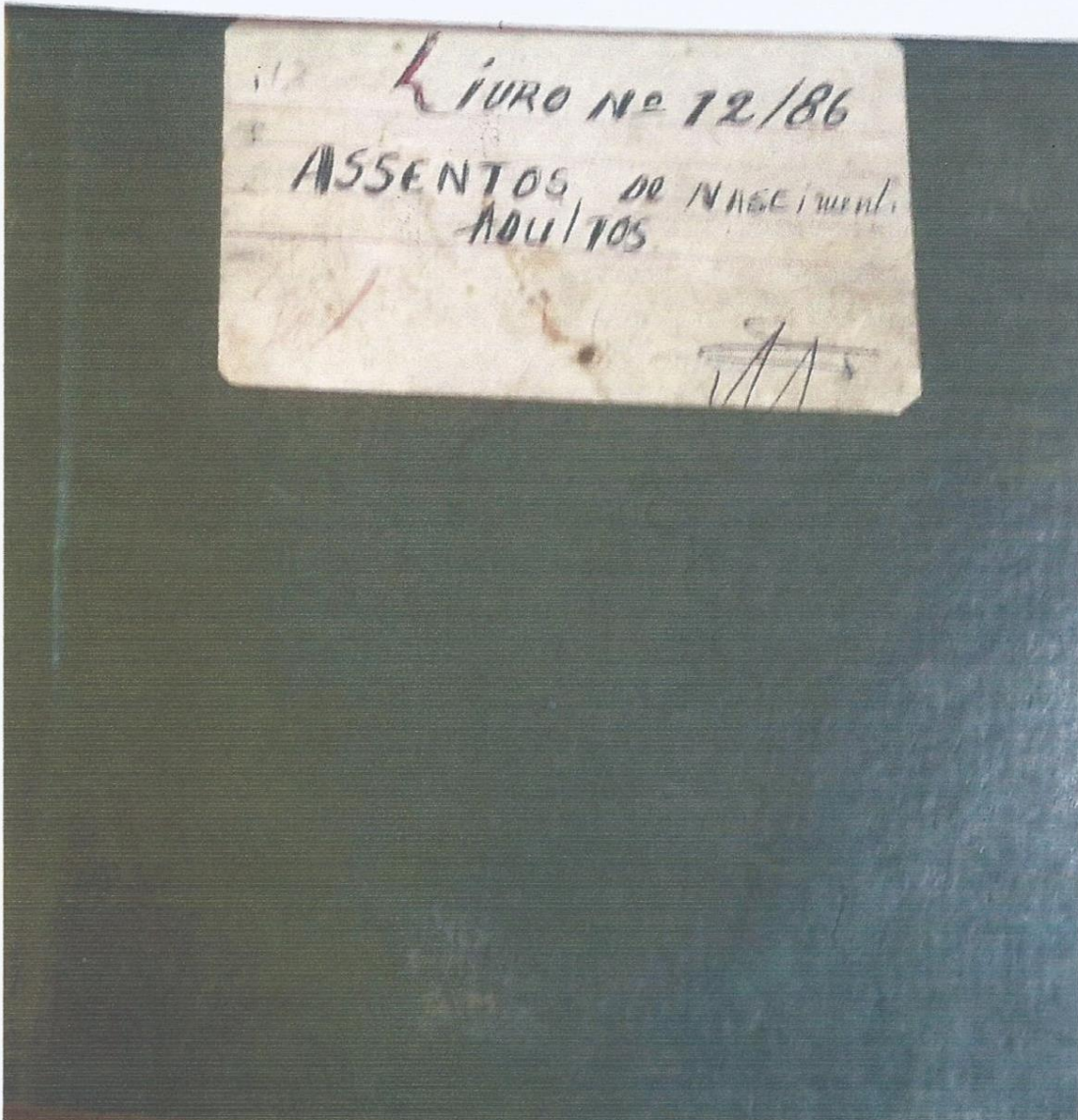
Há-de servir este livro para nele se efectuarem os ASSENTOS DE NASCIMENTO na Conservatória..... do Registo Civil de P. U. A. N. S. A. e contém o número de folhas que constar no termo de encerramento.

N. de A. U. A. N. S. A. de Junho..... de 1998

O Juiz de Direito



REPÚBLICA DE ANGOLA
MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E DOS DIREITOS HUMANOS
CONSERVATÓRIA DOS REGISTOS DA COMARCA DE MALANJE





REPÚBLICA POPULAR DE ANGOLA

ASSENTOS DE NASCIMENTO

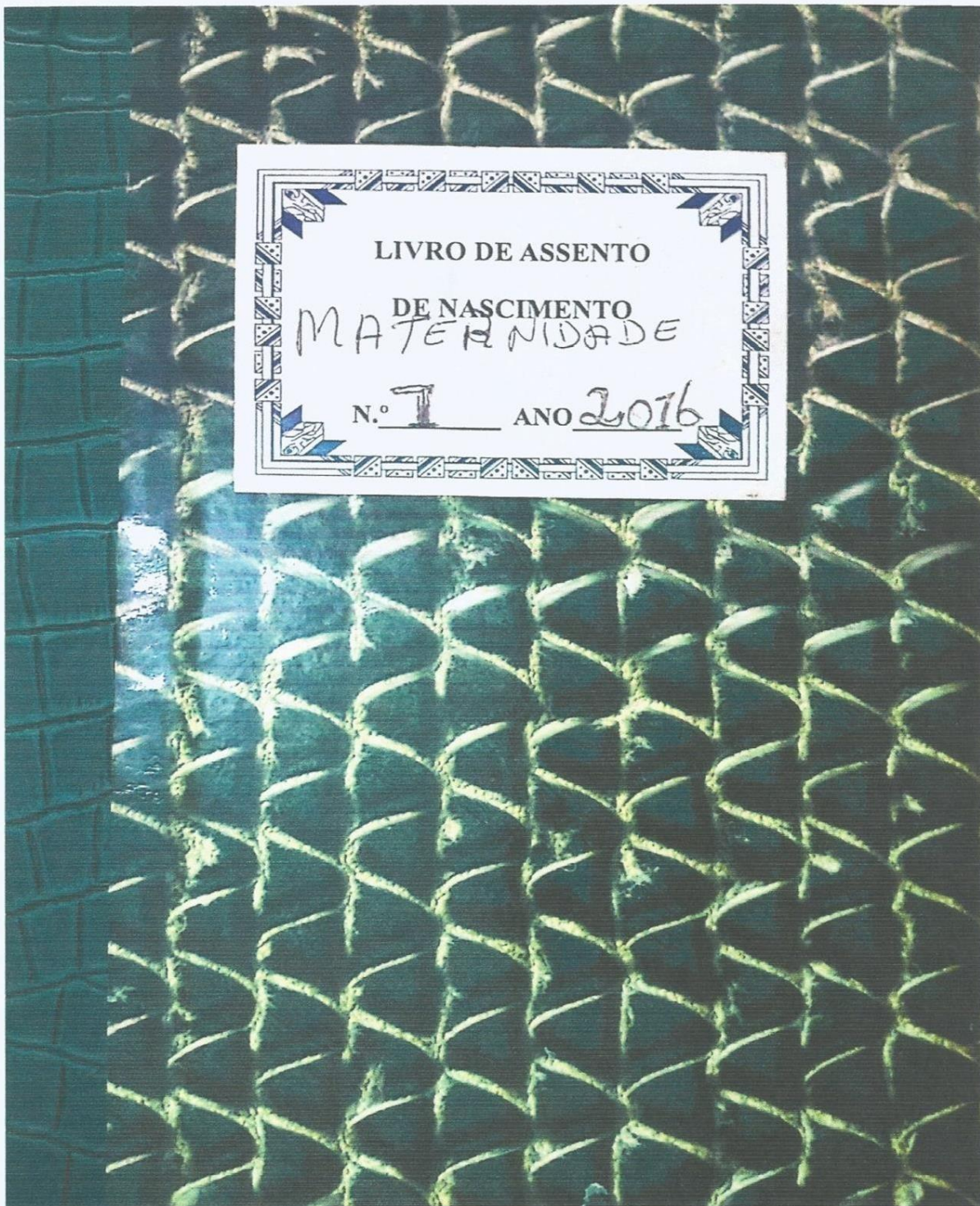
N.º 12

ANO 1966

Termo de Abertura

Há-de servir este livro para nele se efectuarem os ASSENTOS DE NASCIMENTO na Conservatória do Registo Civil de Luanda e contém o número de folhas que constar no termo de encerramento.

Luanda, 12 de Junho de 1966
José de Sá





REPÚBLICA DE ANGOLA

Ministério da Justiça

REGISTO E NOTARIADO

Conservatória do Registo Civil de

Malanje

* * *

ASSENTOS DE NASCIMENTO

N.º 28

Ano 2016

Termo de Abertura

Há-de servir este livro para nele se efectuarem os ASSENTOS DE NASCIMENTO na Conservatória do Registo Civil de Malanje e contém o número de folhas que constar no termo de encerramento.

Malanje, 09 de Julho de 2016
o Conservador

Anexo – B

Inquérito Linguístico

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^a

Idade 23 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6 - Sejem bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! ✗ Deus queira que não chova! □
- 9 - Talvez se tem esquecido. ✗ Talvez se tenha esquecido. □
- 10 - É possível que ele traz mais livros. □ É possível que ele traga mais livros. ✗
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. □ Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas. ✗
- 12 - Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? □ Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? ✗
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. □ Caros utentes, batam à porta antes de entrar. □
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. ✗ Senhor, mantenha a porta fechada. □

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. ✗ A Joana cuidou da mãe até à morte. □
- 2 - A mãe foi no mercado. □ A mãe foi ao mercado. ✗
- 3 - Telefona o pai. □ Telefona ao pai. ✗
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. □ O pai saiu de viatura. ✗
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. □ Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. ✗
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. □ Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. ✗
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. □ Dedicou-se à profissão, para não padecer. ✗
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. □ O artista dedicou a obra aos seus pais. ✗
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. □ A situação chegou a um ponto crítico. ✗
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. □ Entreguei os documentos ao chefe. ✗
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. □ Este assunto respeita aos políticos. ✗
- 12 - Despediu *os* avós a saída. □ Despediu-se dos avós à saída. ✗
- 13 - Telefonei à mãe. ✗ Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei. □
- 14 - Falei ao colega. ✗ Falei a ele/ lhe falei. □

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. ✗ Vou te queixar ao pai. □ Vou queixar-me de ti ao pai. □
- 2 - O pai não telefonou-me. ✗ O pai não me telefonou. □
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? □ Porque nos preocupamos com isso? ✗

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange.

A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^a

Idade 18 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6- Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! ✗ Deus queira que não chova! □
- 9 - Talvez se tem esquecido. ✗ Talvez se tenha esquecido. □
- 10 - É possível que ele traz mais livros. □ É possível que ele traga mais livros. ✗
- 11 - Oxalá não nos peçam multas avultadas. □ Oxalá que não nos pedem multas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir multas avultadas. ✗
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? □ Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? ✗
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. ✗ Caros utentes, batam à porta antes de entrar. □
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. ✗ Senhor, mantenha a porta fechada. □

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. ✗ A Joana cuidou da mãe até à morte. □
- 2 - A mãe foi no mercado. □ A mãe foi ao mercado. ✗
- 3 - Telefona o pai. □ Telefona ao pai. ✗
- 4- O pai saiu *com* a viatura. □ O pai saiu de viatura. ✗
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. □ Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. ✗
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. □ Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. ✗
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. □ Dedicou-se à profissão, para não padecer. ✗
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. □ O artista dedicou a obra aos seus pais. ✗
- 9- A situação chegou *num* ponto crítico. □ A situação chegou a um ponto crítico. ✗
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. □ Entreguei os documentos ao chefe. ✗
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. □ Este assunto respeita aos políticos. ✗
- 12 - Despediu *os* avós a saída. □ Despediu-se dos avós à saída. ✗
- 13 - Telefonei à mãe. ✗ Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei. □
- 14 - Falei ao colega. ✗ Falei a ele/ lhe falei. □

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. ✗ Vou te queixar ao pai. □ Vou queixar-me de ti ao pai. □
- 2 - O pai não telefonou-me. ✗ O pai não me telefonou. □
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? □ Porque nos preocupamos com isso? ✗

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12.º

Idade 21 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejamos bem.
- 6- Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7- Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não chova!
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3- Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisej-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange.

A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroelétrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^a

Idade 21 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6- Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! ✗ Deus queira que não chova! □
- 9 - Talvez se tem esquecido. ✗ Talvez se tenha esquecido. □
- 10 - É possível que ele traz mais livros. ✗ É possível que ele traga mais livros. □
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. □ Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas. ✗
- 12 - Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? ✗ Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? □
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. ✗ Caros utentes, batam à porta antes de entrar. □
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. □ Senhor, mantenha a porta fechada. □

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. ✗ A Joana cuidou da mãe até à morte. □
- 2 - A mãe foi no mercado. ✗ A mãe foi ao mercado. □
- 3 - Telefona o pai. □ Telefona ao pai. □
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. ✗ O pai saiu de viatura. □
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. ✗ Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. □
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. □ Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. ✗
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. ✗ Dedicou-se à profissão, para não padecer. □
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. ✗ O artista dedicou a obra aos seus pais. □
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. ✗ A situação chegou a um ponto crítico. □
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. □ Entreguei os documentos ao chefe. ✗
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. ✗ Este assunto respeita aos políticos. □
- 12 - Despediu *os* avós a saída. □ Despediu-se dos avós à saída. □
- 13 - Telefonei à mãe. ✗ Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonci. □
- 14 - Falei ao colega. ✗ Falei a ele/ lhe falei. □

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. □ Vou te queixar ao pai. □ Vou queixar-me de ti ao pai. ✗
- 2 - O pai não telefonou-me. □ O pai não me telefonou. ✗
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? □ Porque nos preocupamos com isso? □

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12a

Idade 25 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6- Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não chova!
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9- A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonci.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3- Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5 - Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1 - O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange.

A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^a

Idade 24 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6 - Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! ✗ Deus queira que não chova! □
- 9 - Talvez se tem esquecido. ✗ Talvez se tenha esquecido. □
- 10 - É possível que ele traz mais livros. ✗ É possível que ele traga mais livros. □
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. ✗ Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas. □
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? ✗ Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora? □
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. ✗ Caros utentes, batam à porta antes de entrar. □
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. ✗ Senhor, mantenha a porta fechada. □

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. ✗ A Joana cuidou da mãe até à morte. □
- 2 - A mãe foi no mercado. ✗ A mãe foi ao mercado. □
- 3 - Telefona o pai. ✗ Telefona ao pai. □
- 4- O pai saiu *com* a viatura. ✗ O pai saiu de viatura. □
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. ✗ Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola. □
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. ✗ Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas. □
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. ✗ Dedicou-se à profissão, para não padecer. □
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. ✗ O artista dedicou a obra aos seus pais. □
- 9- A situação chegou *num* ponto crítico. ✗ A situação chegou a um ponto crítico. □
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. ✗ Entreguei os documentos ao chefe. □
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. ✗ Este assunto respeita aos políticos. □
- 12 - Despediu *os* avós a saída. ✗ Despediu-se dos avós à saída. □
- 13 - Telefonei à mãe. ✗ Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei. □
- 14 - Falei ao colega. ✗ Falei a ele/ lhe falei. □

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. ✗ Vou te queixar ao pai. □ Vou queixar-me de ti ao pai. □
- 2 - O pai não telefonou-me. ✗ O pai não me telefonou. □
- 3- Porque preocupamo-nos com isso? ✗ Porque nos preocupamos com isso? □

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5 - Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1 - O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^a

Idade 19 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O que queres?
- 6 - Fizeste o quê? O que fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6 - Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não chova!
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4- O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9- A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonci.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3- Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange.

A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^o

Idade 23 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6 - Sejam bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não chova!
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12^o

Idade 21 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6- Sejem bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não choval
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5- Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1- O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange.

A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Inquérito Linguístico

2016

Dados dos inqueridos

Ensino secundário Classe: 12A

Idade 20 Província: Luanda Cuanza-Norte Malanje

Sexo: masculino feminino

Língua materna: kimbundu portuguesa outra

Pretendemos, com este trabalho, enriquecer a nossa tese no âmbito de doutoramento em linguística na Universidade de Évora/Portugal. Para tal, pelamos à sua contribuição. Como utente da língua portuguesa, o seu contributo para o sucesso desse trabalho é importante.

Para o efeito, solicitamos que assinale com (x) as afirmações que contém as respostas que considere correctas.

Grupo I: Frases interrogativas

- 1 - Vais aonde? Onde vais? Aonde vais?
- 2 - Moras aonde? Aonde moras? Onde moras?
- 3 - Estás a rir o quê? De que estás a rir? O que estás a rir?
- 5 - Queres o quê? O quê queres?
- 6 - Fizeste o quê? O quê fizeste?

Grupo II: Tempos verbais

- 1 - Você estás distraído. Você está distraído.
- 2 - Colega, se o ver chama-lhe. Colega, se lhe ver chama-o. Colega, se o vir, chama-o.
- 3 - Estaremos folgados, se o João vir à escola. Estaremos folgados, se o João vier à escola.
- 4 - Estejamos sentados. Estejemos sentados.
- 5 - Vejamos bem. Vejemos bem.
- 6- Sejem bem-vindos. Sejam bem-vindos.
- 7 - Embora está a chover irei à escola. Embora esteja a chover irei à escola.

- 8 - Deus queira que não chove! Deus queira que não chova!
- 9 - Talvez se tem esquecido. Talvez se tenha esquecido.
- 10 - É possível que ele traz mais livros. É possível que ele traga mais livros.
- 11 - Oxalá não nos peçam muitas avultadas. Oxalá que não nos pedem muitas avultadas/ Oxalá que não nos *venham* pedir muitas avultadas.
- 12- Crês que a secretaria ainda está aberta a esta hora? Crês que a secretaria ainda esteja aberta a esta hora?
- 13 - Caros utentes, batem à porta antes de entrar. Caros utentes, batam à porta antes de entrar.
- 14 - Senhor, mantém a porta fechada. Senhor, mantenha a porta fechada.

Grupo III: Regência preposicional

- 1 - A Joana cuidou da mãe até a morte. A Joana cuidou da mãe até à morte.
- 2 - A mãe foi no mercado. A mãe foi ao mercado.
- 3 - Telefona o pai. Telefona ao pai.
- 4 - O pai saiu *com* a viatura. O pai saiu de viatura.
- 5 - Houve um alvoroço, depois de ter saído *na* escola. Houve um alvoroço, depois de ter saído da escola.
- 5 - Dissociou-se *no* grupo, por publicar imagens obscenas. Dissociou-se do grupo, por publicar imagens obscenas.
- 7 - Dedicou-se *na* profissão, para não padecer. Dedicou-se à profissão, para não padecer.
- 8 - O artista dedicou a obra *nos* seus pais. O artista dedicou a obra aos seus pais.
- 9 - A situação chegou *num* ponto crítico. A situação chegou a um ponto crítico.
- 10 - Entreguei os documentos no chefe. Entreguei os documentos ao chefe.
- 11 - Este assunto respeita *os* políticos. Este assunto respeita aos políticos.
- 12 - Despediu *os* avós a saída. Despediu-se dos avós à saída.
- 13 - Telefonei à mãe. Telefonei-lhe / Telefonei a ela/ lhe telefonei.
- 14 - Falei ao colega. Falei a ele/ lhe falei.

Grupo IV: Uso de pronomes

- 1 - Vou queixar-te ao pai. Vou te queixar ao pai. Vou queixar-me de ti ao pai.
- 2 - O pai não telefonou-me. O pai não me telefonou.
- 3 - Porque preocupamo-nos com isso? Porque nos preocupamos com isso?

4 - Os vidros estão sujos. Lavarei os vidros logo à tarde. Os vidros estão sujos. Lavá-los-ei logo à tarde.

5 - Visitei-o ontem. Lhe visitei/ visitei ele ontem. Visitei-lhe ontem.

6 - Deixa-lhe ir. Deixa-o ir. Deixa ele ir/lhe deixa ir.

7 - Avisei-lhes. Avisei eles/lhes avisei. Avisei-os.

8 - Vi-lhes. Lhes vi / vi eles. Vi-os.

Grupo V: Grafia do léxico bantu (topónimos)

1 - O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quissama. O santuário nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da Quiçama. O santuário Nossa Senhora da Muxima situa-se no Município da kisama.

2 - A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malange. A palanca negra gigante tem seu habitat no parque nacional de Cangandala-Malanje.

3 - A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza, na província de Kwanza-Norte. A barragem hidroeléctrica de Cambambe encontra-se no rio Kwanza na província de Cuanza-Norte.

Anexo – c

Lexemas

C 1: Lexemas portugueses adaptados na língua Kimbundu			
<i>Pezu</i>	(“peso”)	<i>Lukulu</i>	(“lucro”)
<i>pelesu</i>	(“preço”)	<i>lendimendu</i>	(“rendimento”)
<i>kalu</i>	(“caro”)	<i>pelejuizu</i>	(“prejuízo”)
<i>balatu</i>	(“barato”)	<i>toloku</i>	(“troco”)
<i>diskondu</i>	(desconto”)	<i>vinsimendu</i>	(“vencimento”)
<i>fatula</i>	(fatura”)	<i>xeke</i>	(“cheque”)
<i>kidyente“</i>	(“cliente”)	<i>keliditu</i>	(credito”)
<i>kofidi</i>	(cofre”)	<i>bangu</i>	(“banco”)
<i>konda</i>	(conta”)		
<i>ningoso</i>	(“negócio”)		
2- Campo lexical da alimentação			
<i>bolu, mbolo</i>	(“bolo), (pão)	<i>Loso</i>	(“arroz”)
<i>Lumosu</i>	(“almoço”)	<i>sukidi, suka</i>	(“açúcar”)
<i>matabixu</i>	(“pequeno almoço”)	<i>sebola</i>	(“cebola”)
<i>mandeka</i>	(“manteiga”)	<i>senola</i>	(“cenoura”)
<i>Kazoza</i>	(“gasosa”)	<i>seleveja</i>	(“cerveja”)
<i>Sumu</i>	(“sumo”)	<i>vinakele</i>	(“vinagre”)
<i>Dimá</i>	(“limão”)	<i>xa</i>	(“chá”)
<i>Dilalanza</i>	(“laranja”)	<i>keju</i>	(“queijo”)
<i>Bakalyá</i>	(“bacalhau”)	<i>salasa</i>	(“salsa”)
<i>Kovi</i>	(“couve”)	<i>masá</i>	(“maçã”)
<i>Dipolyo</i>	(“repolho”)	<i>fabilika</i>	(“fábrica”)
<i>Salada</i>	(“salada”)	<i>padalya</i>	(“padaria”)
<i>Sopa</i>	(“sopa”)	<i>lumazé</i>	(“armazém”)

3- Campo lexical de habitação

Consideramos no campo lexical de habitação todos os vocábulos relacionados com a construção civil, isto é, desde os elementos que constituem a própria casa aos materiais de construção.

<i>Kaboko</i>	(“cabouco”)	<i>Kuzinya</i>	(“cozinha”)
<i>Diselese</i>	(“alicerce”)	<i>teya</i>	(“telha”)
<i>Andale</i>	(“andar”)	<i>fexadula</i>	(“fechadura”)
<i>Peledyu</i>	(“prédio”)	<i>nvalanda</i>	(“varanda”)
<i>Simendu</i>	(“cimento”)	<i>tijolu</i>	(“tijolo”)
<i>Maletelu</i>	(“martelo”)	<i>koledole</i>	(“corredor”)
<i>fita ya metulu</i>	(“fita métrica”)	<i>ngalaje</i>	(“garagem”)
<i>Xikata</i>	(“escada”)	<i>kaza dibanyu</i>	(“casa de banho”)
<i>Háma</i>	(“cama”)	<i>lambada</i>	(“lâmpada”)
<i>Janela</i>	(“janela”)	<i>tomada</i>	(“tomada”)
<i>Polotaw</i>	(“portão”)	<i>inteluputole</i>	(“interruptor”)
<i>Sala</i>	(“salão”)	<i>kadiyelu</i>	(“candeeiro”)
4- Campo do léxico escolar			
<i>Xikola</i>	(“escola”)	<i>Polova</i>	(“prova”)
<i>Diletole</i>	(“director”)	<i>ixami</i>	(“exame”)
<i>Kabinete</i>	(“gabinete”)	<i>kaletela</i>	(“carteira”)
<i>Lapixi</i>	(“lápiz”)	<i>papela</i>	(“papel”)
<i>Lapizela</i>	(“lapiseira”)	<i>legwa</i>	(“régua”)
<i>Kadelunu</i>	(“caderno”)	<i>dixipidina</i>	(“disciplina”)
<i>Divulu</i>	(“livro”)	<i>matimátika</i>	(“matemática”)
<i>Falata</i>	(“falta”)	<i>putu</i>	(“português”)
<i>Pulusole</i>	(“professor”)		

5- Campo do léxico de saúde			
<i>Jipitale</i>	("hospital")	<i>Jipilina</i>	("aspirina")
<i>maternidade</i>	("maternidade")	<i>palasetamole</i>	("paracetamol")
<i>labolatole</i>	("laboratório")	<i>nguya</i>	("agulha")
<i>kilinika</i>	("clínica")	<i>injesá</i>	("injecção")
<i>lukole</i>	("álcool")	<i>xidinga</i>	("seringa")
<i>paludismu</i>	("paludismo")	<i>kupusula</i>	("cápsula")
		<i>legadula</i>	("ligadura")
6- Campo lexical de Administração Pública e comunicação social			
<i>pelejidende</i>	("presidente")	<i>Sédula</i>	("cédula")
<i>ngogernu</i>	("governo")	<i>bilyete</i>	("bilhete")
<i>ngovelenadole</i>	("governador")	<i>padilinyu</i>	("padrinho")
<i>minixitulu</i>	("ministro")	<i>madilinya</i>	("madrinha")
<i>dimixi</i>	("administrador")	<i>invexitikasá</i>	("investigação")
<i>jítadu</i>	("estado")	<i>ilesá</i>	("eleições")
<i>bandela</i>	("bandeira")	<i>kolonadole</i>	("coordenador")
<i>dipanda</i>	("independência")	<i>vila</i>	("vila")
<i>votu</i>	("voto")	<i>zona</i>	("zona")
<i>deputadu</i>	("deputado")	<i>kwalitelá</i>	("quarteirão")
<i>divokadu</i>	("advogado")	<i>provinsa</i>	("província")
<i>tilibunale</i>	("tribunal")	<i>munixipu</i>	("município")
<i>juíji</i>	("juiz")	<i>luwa</i>	("rua")
<i>conselevatolya</i>	("conservatória")	<i>talavesa</i>	("travessa")
<i>idendifikasá</i>	("identificação")	<i>komisu</i>	("comício")
<i>notalyu</i>	("notário")	<i>olode</i>	("ordem")
<i>jolonale</i>	("jornal")	<i>Televizá</i>	("televisão")
<i>notixa</i>	("notícia")	<i>telejolonale</i>	("telejornal")
<i>notisiyadu</i>	("noticiário")	<i>telefone</i>	("telefone")
<i>ladyu</i>	("rádio")	<i>kumbutadole</i>	("computador")

7- Campo lexical militar

<i>Batalya</i>	(“batalhão”)	<i>Militale</i>	(“militar”)
<i>bomba</i>	(“bomba”)	<i>kapitá</i>	(“capitão”)
<i>disoladi</i>	(“soldado”)	<i>manjole</i>	(“major”)
<i>ngalanada</i>	(“granada”)	<i>kolonele</i>	(“coronel”)
<i>ngwalata</i>	(“guarda”)	<i>jenelale</i>	(“general”)
<i>kutakala</i>	(“atacar”)	<i>mina</i>	(“mina”)

C2: Vocábulos portugueses adaptados por classes nominais

Kimbundu		Português	
Singular	Plural	Singular	Plural
<i>Kelexa</i>	<i>jikelexa</i>	(“creche”)	(“creches”)
<i>Bola</i>	<i>jibola</i>	(“bola”)	(“ bolas”)
<i>jokadole</i>	<i>jijokadole</i>	(“jogador”)	(“jogadores”)
<i>makina</i>	<i>jimakina</i>	(“máquina”)	(“máquinas”)
<i>televizá</i>	<i>jitelevizá</i>	(“televisão”)	(“televisões”)
<i>Ladyu</i>	<i>jiladyu</i>	(“rádio”)	(“rádios”)
<i>lumalyu</i>	<i>malumadyu</i>	(“armário”)	(“armários”)
<i>Kazaku</i>	<i>jikazaku</i>	(“casaco”)	(“casacos”)
<i>dimatuka</i>	<i>jimatuka</i>	(“tomate”)	(“tomates”)
<i>kambinza</i>	<i>jimbinza</i>	(“camisa”)	(“camisas”)
<i>Xindu</i>	<i>jixindu</i>	(“cinto”)	(“cintos”)
<i>Xapé</i>	<i>jixape</i>	(“chapéu”)	(“chapéus”)
<i>lalanza</i>	<i>malalanza</i>	(“laranja”)	(“laranjas”)
<i>Dimá</i>	<i>madimá</i>	(“ limão”)	(“limãos”)
<i>Janela</i>	<i>jijanela</i>	(“janela”)	(“janelas”)
<i>ngalafa</i>	<i>jingalafa</i>	(“garrafa”)	(“garrafas”)
<i>ngalalá</i>	<i>jingalalá</i>	(“garrafão”)	(“garrafãos”)
<i>Bidô</i>	<i>jibidô</i>	(“bidão”)	(“bidãos”)
<i>Kopu</i>	<i>jikopu</i>	(“copo”)	(“copos”)
<i>ngalufu</i>	<i>jingalufu</i>	(“garfo”)	(“garfos”)

<i>banyela</i>	<i>jibanyela</i>	(“banheira”)	(“banheiras”)
<i>xikata</i>	<i>jixikata</i>	(“escada”)	(“escadas”)
<i>divulu</i>	<i>madivulu</i>	(“livro”)	(“livros”)
<i>kaminyá</i>	<i>jikaminyá</i>	(“camião”)	(“camiões”)
<i>mota</i>	<i>jimota</i>	(“motorizada”)	(“motorizadas”)
<i>dikalú</i>	<i>makalu</i>	(“carro”)	(“carros”)
<i>bixi</i>	<i>jibixi</i>	(“bicicleta”)	(“bicicletas”)
<i>aviá</i>	<i>jiviá</i>	(“avião”)	(“aviões”)
<i>mala</i>	<i>jimala</i>	(“mala”)	(“malas”)
<i>ngaveta</i>	<i>jingaveta</i>	(“gaveta”)	(“gavetas”)
<i>kadelunu</i>	<i>jikadelunu</i>	(“caderno”)	(“cadernos”)
<i>bota</i>	<i>jibota</i>	(“bota”)	(“botas”)
<i>bata</i>	<i>jibata</i>	(“bata”)	(“batas”)
<i>sabatu</i>	<i>jisabatu</i>	(“sapato”)	(“sapatos”)
<i>sabalu</i>	<i>jisabalu</i>	(“sábado”)	(“sábados”)
<i>lambada</i>	<i>jilambada</i>	(“lâmpada”)	(“lâmpadas”)
<i>balaji</i>	<i>jibalaji</i>	(“barragem”)	(“barragens”)
<i>peledyu</i>	<i>jipeledyu</i>	(“prédio”)	(“prédios”)
<i>lupolotu</i>	<i>madipolotu</i>	(“aeroporto”)	(“aeroportos”)
<i>palaya</i>	<i>jipalaya</i>	(“praia”)	(“praias”)
<i>bangu</i>	<i>jibangu</i>	(“banco”)	(“bancos”)
<i>diloja</i>	<i>maloja</i>	(“loja”)	(“lojas”)
<i>otokalu</i>	<i>mautokalu</i>	(“autocarro”)	(“autocarros”)
<i>lumingú</i>	<i>malumingú</i>	(“domingo”)	(“domingos”)
<i>sesa</i>	<i>jisesa</i>	(“sexta”)	(“sextas”)
<i>sekunda</i>	<i>jisekunda</i>	(“segunda”)	(“segundas”)
<i>talesa</i>	<i>jitelesa</i>	(“terça”)	(“terças”)
<i>kwalata</i>	<i>jikwalata</i>	(“quarta”)	(“quartas”)
<i>kindá</i>	<i>jikindá</i>	(“quinta”)	(“quintas”)
<i>fexita</i>	<i>jifexita</i>	(“festa”)	(“festas”)
<i>kazoza</i>	<i>jikazoza</i>	(“gasosa”)	(“gasosas”)
<i>kalasá</i>	<i>jikalasá</i>	(“calças”)	(“calçass”)
<i>pende</i>	<i>jipende</i>	(“pente”)	(“pentes”)

<i>dyamande</i>	<i>madyamande</i>	(“diamante”)	(“diamantes”)
<i>olu</i>	_____	(“ouro”)	(“ouros”)
<i>felu</i>	<i>jifelu</i>	(“ferro”)	(“ferros”)
<i>disoladi</i>	<i>masoladi</i>	(“soldado”)	(“soldados”)
<i>ngaji</i>	_____	(“gás”)	_____
<i>teya</i>	<i>jiteya</i>	(“telha”)	(“telhas”)
<i>ale kondisyunale</i>	_____	(“ar condicional”)	_____
<i>kulusu</i>	<i>jikulu</i>	(“curso”)	(“cursos”)
<i>twaya</i>	<i>matwaya</i>	(“toalha”)	(“toalhas”)
<i>pidimu</i>	<i>jipidimu</i>	(“primo”)	(“primos”)
<i>leloju</i>	<i>jileloju</i>	(“relógio”)	(“relógios”)
<i>simendu</i>	_____	(“cimento”)	_____
<i>papela</i>	<i>jipapela</i>	(“papel”)	(“papeis”)
<i>papelá</i>	<i>jipapelá</i>	(“papelão”)	(“papelões”)
<i>vidulu</i>	<i>jividulu</i>	(“vidros”)	(“vidros”)
<i>ingalafamendu</i>	<i>jingalafamendu</i>	(“engarramento”)	(“engarramentos”)
<i>kambu</i>	<i>jikambu</i>	(“campo”)	(“campos”)

C 3: Lexemas kimbundu adaptados na língua portuguesa

Campo de arte e cultura:			
<i>alambamento</i>	(“dote”)	<i>Calunga</i>	(“mar; morte”)
<i>bungular</i>	(“enclinar-se”)	<i>cacimba</i>	(“estação seca”)
<i>calundu</i>	(“espiritismo”)	<i>caximbu</i>	(“charuto”)
<i>canza</i>	(“instrumento musical”)	<i>candongar</i>	(“vender”)
<i>carimbo</i>	(“selo”)	<i>cochilar</i>	(“cabecear”)
<i>carimbar</i>	(“selar”)	<i>imamba</i>	(“coisas”)
<i>caçumbular</i>	(“amigar-se”)	<i>gingar</i>	(“envaidecer-se”)
<i>capoeira</i>	(“prática de capoeira”)	<i>maka</i>	(“problema”)
<i>capoeirista</i>	(“combatente”)	<i>muxima</i>	(“coração”)

<i>comba</i>	(“maçonismo”)	<i>muxoxo</i>	(“avas”)
<i>macumba</i>	(“dispersar”)	<i>puíta</i>	(“instumento musical”)
<i>comba</i>	(“bijutarias”)	<i>quinda</i>	(“cesto”)
<i>miçanga</i>	(“género de dança”)	<i>soba</i>	(“rei”)
<i>samba</i>	(“género de dança”)	<i>soberano</i>	(“relativo a soba, rei”)
<i>semba</i>	(“feitiçaria”)	<i>soberania</i>	(“domínio, império”)
<i>umbanda</i>	(“apimentar”)	<i>sungar</i>	(“puxar”)
<i>ajindungar</i>	(“viver em quilombo”)	<i>sunguilar</i>	(“pernoitar; “pausar”)
<i>aquilombar</i>	(“palpar”)	<i>tanga</i>	(“pano, túnica”)
<i>babatar</i>	(“carregar”)	<i>xingar</i>	(“injuriar”)
<i>bacular</i>	(“pensar”)	<i>zunzum</i>	(“rumor”)
<i>banzar</i>	(“achar”)	<i>zombar</i>	(“insultar”)
<i>bongar</i>	(“alvorço”)	<i>zangar</i>	(“irritar-se”)
<i>boato</i>		<i>bué</i>	(“muito”)
Campo de Comércio, economia e finanças			
<i>Cadonga</i>			(“negócio, comércio”)
<i>candongueiro</i>			(“vendedor ambulante”)
<i>jimbo</i>			(“dinheiro, moeda”)
<i>muamba</i>			(“manteiga de amendoim”)
<i>quixiquila</i>			(“adiantado”)
<i>quilapi</i>			(“fiado”)
<i>zungueiro</i>			(“negociante”)
0.Campo de alimentação, bebidas e plantas			

<i>Burututu</i>	(“raiz medicinal”)	<i>Jipepe</i>	(“espécie de
<i>candumba</i>	(“farinha de batata doce”)	<i>liamba</i>	pimenta”)
<i>cachaça</i>	(“aguardente caseira”)	<i>maconha</i>	(“estupefaciente”)
<i>cacuço</i>	(“peixe de cor vermelha”)	<i>macunde</i>	(“tabaco”)
<i>canjica</i>	(“caldo de milho”)	<i>massa-</i>	(“feijão-frade”)
<i>dendê</i>	(“fruto de palmeir”)	<i>ambala</i>	(“espécie de trigo”)
<i>dondo</i>	(“raiz ou legume comestível”)	<i>matete</i>	(“papa de milho”)
<i>fuba</i>	(“farinha de mandioca”)	<i>mulembeira</i>	(“árvore frondosa”)
<i>funge</i>	(“massa de mandioca ou milho”)	<i>mucotó</i>	(“Osso, tibia de
<i>inhame</i>	(“espécie de batata africana”)	<i>múcua</i>	vaca”)
<i>imbondeiro</i>	(“árvore de mucua”)	<i>muteta</i>	(“fruto do
<i>jifongo</i>	(“espécie de ameixa”)	<i>quitaba</i>	embondeiro”)
<i>jindungo</i>	(“picante, pimenta”)	<i>quitute</i>	(“sementes de
<i>jimboa</i>	(“legume comestível”)		abóbora”)
<i>jinguenga</i>	(“fruto silvestre de Angola”)		(“manteiga de
			amendoim”)
			(“gastronomia”)

Campos ligados aos seres humanos e animais	
<i>cangamba</i>	(“solitário”)
<i>cagundo</i>	(“aventureiro”)
<i>carcunda/ corcunda</i>	(“deformidade”)
<i>Cota</i>	(“mais velho, superior”)
<i>ndengue</i>	(“menor”)
<i>Cabaça</i>	(“gêmeo que nasce em segundo lugar”)
<i>capanga</i>	(“serviçal”)
<i>Caculo</i>	(“gêmeo que nasce em primeiro lugar”)
<i>Caçula</i>	(“último(a) filho(a)”)
<i>caçumuna</i>	(“formiginha picadora”)

<i>camba</i>	(“amigo”)
<i>candondo</i>	(“ratinho”)
<i>camundongo</i>	(“ratinho; natural de ndongo”)
<i>caranguejo</i>	(“caranguejo”)
<i>gambá</i>	(“escravo”)
<i>jingongo</i>	(“gêmeos”)
<i>kimbanda</i>	(“praticante de maçonaria”)
<i>kisonde</i>	(“formigas castanhas”)
<i>marimbondo</i>	(“insectos, vespa”)
<i>muambeiro</i>	(“negociante ilegal”)
<i>muata</i>	(“endinheirado”)
<i>quilombola</i>	(“chefe do quilombo”)
<i>minhoca</i>	(“cobra pequena; vermes)

